

# ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 11 2003



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS  
2003

**ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS**  
Volume 11 • 2003      ISSN: 0872-6086

COORDENADOR E  
RESPONSÁVEL CIENTÍFICO – João Luís Cardoso  
DESENHO – Bernardo Ferreira, salvo os casos  
devidamente assinalados  
PRODUÇÃO – Gabinete de Comunicação / CMO  
CORRESPONDÊNCIA – Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras  
Fábrica da Pólvora de Barcarena  
Estrada das Fontainhas  
2745-615 BARCARENA

Aceita-se permuta  
*On prie l'échange*  
*Exchange wanted*  
*Tauschverkehr erwünscht*

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E  
REVISÃO DE PROVAS – João Luís Cardoso  
MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO – Palma, Artes Gráficas, Lda. - Tel. 244 447 120 - Mira de Aire  
DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

**Estudos Arqueológicos de Oeiras,**  
11, Oeiras, Câmara Municipal, 2003, p. 97-228

## **O POVOADO CALCOLÍTICO DO OUTEIRO DE SÃO MAMEDE (BOMBARRAL): ESTUDO DO ESPÓLIO DAS ESCAVAÇÕES DE BERNARDO DE SÁ (1903/1905)**

João Luís Cardoso<sup>1</sup>  
Júlio Roque Carreira

### **1 - INTRODUÇÃO**

O povoado pré-histórico conhecido pelo nome de Outeiro de São Mamede, localiza-se na colina alongada, de orientação aproximada Norte-Sul, bem demarcada na paisagem, e pontuada de rochedos na sua parte mais alta, formando nalguns lugares escarpa vertical, sobre o fértil vale adjacente, designada por Cabeço da Raposa, na Carta Militar de Portugal, na escala da 1/25 000. Trata-se de afloramentos de calcários dolomíticos do Jurássico Inferior (Infralias). Administrativamente, pertence à freguesia de Roliça, concelho de Bombarral (Fig. 1).

Uma designação alternativa é a de Cabeço das Guerras, apresentada por Nery Delgado no seu caderno de campo, aquando de uma breve passagem pelo local, em trabalhos de reconhecimento geológico da região, realizados em 29 de Junho de 1862. Com efeito, este topónimo é condizente com um outro, referido pelo explorador do povoado pré-histórico, Bernardo António de Sá, numa carta para Leite de Vasconcelos de 6/6/1904, mencionando “uma antiga ermida sob a invocação de Nossa Senhora da Batalha” que teria existido no sítio mais elevado do Outeiro, da qual, porém, não encontrou quaisquer vestígios.

Os testemunhos arqueológicos concentravam-se, segundo os resultados obtidos por aquele funcionário da então Comissão do Serviço Geológico de Portugal, destacado no Museu Ethnologico Portuguez, na parte meridional do Outeiro, constituindo uma pequena elevação, em cujo cume existe um marco geodésico. Para Sul, o terreno desenvolve-se em três socalcos, delimitados do lado oriental por uma parede rochosa. Foi nesta zona que Bernardo de Sá concentrou as escavações, cuja planta esquemática

---

<sup>1</sup>*Agregado em Pré-História. Professor da Universidade Aberta. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). Académico de Número da Academia Portuguesa da História.*

(Fig. 2, nº. 1), inserta nas notas de exploração por ele legadas, foi apresentada em trabalho escolar não publicado, de Salvador das Dores Alves (dissertação de Licenciatura em Ciências Históricas e Filosóficas, orientada pelo Prof. Manuel Heleno), a que se teve acesso através do exemplar que pertenceu à Prof. Virgínia Rau (ALVES, 1956/1957).

## 2 - HISTÓRIA DAS INVESTIGAÇÕES

Deve-se a Maximiano Apolinário o primeiro reconhecimento do castro. No seu caderno de campo de 1895, pode ler-se: “Outeiro de S. Mamede / Pesquisa na encosta oriental junto ao cabeço. Na camada de terra vegetal, machado de pedra, pesos de barro, cerâmica ornamentada, pedras de funda, mós etc.” Os materiais encontrados nessas primeiras prospeções deram logo entrada no então Museu Ethnographico Português, conforme consta da notícia publicada por J. Leite de Vasconcelos, a seguir transcrita (VASCONCELOS, 1895, p. 220):

“O adjunto do Museu Ethnographico, o Sr. Maximiano Apollinario, tendo procedido a um reconhecimento archeologico no Outeiro de S. Mamede de Obidos, onde ha um “castro”, trouxe de lá para o Museu os seguintes objectos:

Uma mão de mó (?) (...);

Um pêso de barro e um fragmento de outro, analogos aos que appareceram no “castello” de Pragança (Cadaval), e que supponho serem pre-romanos;

Cinco fragmentos ceramicos, com ornamentação analoga á que se observou no referido “castello” de Pragança;

Cinco machados de pedra polida;

Varios fragmentos de barro grosseiro.”

Nesta nota histórica, importa referir sumariamente a trajectória de alguns dos funcionários do Museu Ethnographico intervenientes na recolha do copioso espólio recolhido no Museu Nacional de Arqueologia desde finais do século XIX e que, por razões inexplicáveis, tendo presente a sua evidente relevância científica, jamais foi objecto de publicação.

Maximiliano Apolinário (VASCONCELOS, 1915: 316) ingressou no Museu Etnológico a 20 de Dezembro de 1893, pouco tempo após a sua fundação, onde permaneceu até 6 de Agosto de 1896, altura em que, nas palavras de Leite de Vasconcelos trocou a Arqueologia pelas Matemáticas, ingressando na Universidade de Liège para cursar Engenharia. Foi, na prática, o primeiro colaborador de Leite de Vasconcelos no Museu por este fundado. Do seu currículo de escavações contam-se numerosas e importantes intervenções de campo, das quais existem notícia nas páginas de “O Arqueólogo Português”, conforme o levantamento bibliográfico realizado (RIBEIRO, 1973). Assim, são de referir intervenções nas grutas do Furadouro na serra de Montejunto, em Agosto de 1894, no castro de Pragança em 1893 e 1894, e em diversas antas beirãs e, em Alguber, Cadaval; em 1895 em Açafora, Sintra, na importante necrópole

calcolítica de *tholoi* de S. Martinho de Sintra e ainda em diversos monumentos megalíticos da região de Vila Pouca de Aguiar; em Maio de 1896, no povoado pré-histórico da Rotura e na lapa da Rotura, Setúbal; ainda nesse ano, no castro de Pragança, para além das já mencionadas primeiras prospecções no Outeiro de São Mamede, realizadas em 1895.

Por razões diversas, a maioria das intervenções de campo por si executadas foram relativamente restritas, certamente em consequência dos escassos recursos do Museu.

É por via de Maximiano Apollinario que outro técnico ingressa no Museu, onde desempenhou papel de relevo nas explorações que viria a desenvolver no Outeiro de São Mamede: trata-se de Bernardo de Sá.

Bernardo António de Sá ingressou no Museu Etnológico em Março de 1903 por sugestão de Maximiliano Apolinário a Leite de Vasconcelos, com documenta sugestiva carta conservada no legado deste último, a qual pelo interesse que possui, a seguir se transcreve:

Evora 15 de Nov. (de 1902)

Meu caro Amigo

Circunstancias de ordem practica (?) me trouxeram a esta mui nobre Cidade, onde conto ainda demorar-me 2 dias.

Hoje de manhã, á luz do sol, encontrei o seu homem. Imagine que está aqui um rapaz, conductor das Obras Públicas, um certo Bernardo de Sá, pessoa que eu conheço um pouco, que me diz ter desejo de servir no Museu Etnológico.

Elle procura, affirmou-mo, essa comissão, porque ao mesmo tempo satisfaz a vantagem que lhe traz o ter residencia em Lisboa por ter ahí familia, e lhe dá ensejo de estudar assumptos para os quaes elle sente um certo pendor (?).

Creio que é este o homem que lhe convém. É um rapaz muito commedido, posto que tenha, creio eu, ideias políticas ultra-avanzadas, que afinal professa muito pacificamente, e é pessoa capaz de se applicar a estudar.

Por estas razões recommendo-lho vivamente.

Elle ja fez um requerimento no sentido de ser transferido d'aqui p<sup>a</sup> o Museu.- Se o Amigo quizer o rapaz sabe que lhe basta fazer um gesto.- Faça-o e depois me dirá se está satisfeito com o tê-lo feito. Creia-me sempre . seu am<sup>o</sup>

Max Apollinario

P.S- Se quizer escrever ao Bernardo de Sá- elle mora na Rua dos Infantes 44- Évora  
seu Max

Bernardo de Sá permaneceu no Museu até Outubro de 1906, tendo participado entre outras nas escavações no Outeiro de S. Mamede, no cemitério de Mértola (1904), nas efectuadas em Colares e em outras, como no Marco (Junho e Julho de 1903); No final de Novembro e início de Dezembro de 1903 deslocou-se a Aljustrel, para finalizar a escavação ali iniciada por Almeida Carvalhaes, outro funcionário

do Museu.

Ainda em Março 1904 explorou a necrópole pré-histórica da Torre, e o cemitério romano de Alcaria. Tal como se verificou com o seu antecessor, as referidas intervenções arqueológicas encontram-se devidamente documentadas nas páginas da revista oficial do Museu.

No acervo da correspondência recebida por Leite de Vasconcelos, conservam-se algumas cartas de Bernardo de Sá relativas às explorações arqueológicas que efectuou no Outeiro de São Mamede em 1903, 1904 e 1905, as quais, por constituírem interessante achega para o conhecimento dos trabalhos pioneiros ali efectuados, se transcrevem a seguir na íntegra. De acordo com apontamento de Leite de Vasconcelos, junto á documentação das explorações do Outeiro de São Mamede, as sucessivas campanhas arqueológicas ali realizadas tiveram lugar entre (ALVES, 1956/1957, p. 54):

1903 - Fins de Outubro a 23 de Novembro;

1904 - 25 de Maio até pouco depois de 6 de Junho;

1905 - 13 de Fevereiro a 3 de Março;

1906 - Junho e Julho (?).

A primeira carta foi escrita na sequência da realização da primeira campanha de escavações, em Maio de 1903.

#### **Carta nº. 1**

26 Outubro de 1903 ( 27 Outubro data de Correio)

Ex mo Sr.

Eis-me finalmente em S. Mamede....a chuva que tem caído ininterruptamente não me permitiu ainda iniciar os trabalhos.

Procurei o Sr. Castro (Joaquim) logo que cheguei acomodando-me na estalagem á sahida da estação em casa de Luiz da Costa a onde poderá V. Ex<sup>a</sup> dirigir-se a seu primo a quem procurei recomenda se mt.

De V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup>

Att<sup>o</sup>.

B. Ant<sup>o</sup> de Sá

#### **Carta nº. 2**

Exmo S. Dr. J. Leite de Vasconcelos

Biblioteca Nacional

Lisbôa

6 Nov de 1903

Exmo Sr.

Acabei a exploração do (?) voltando-me novamente p<sup>a</sup> o castro, hoje colhi mt. cacos ornamentados alem dos outros que contem bem 2 caixotes, encontrei também pontas de seta e um novo machadinho, um peso com 4 braços, uma lança de cobre e um bocado de uma faca de pederneira isto é bôa colheita, o tempo está

ameaçando mas não chovendo continuar-se-ha. Estimei saber as notícias que V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup> me deu no seu postal ultimo. Recomendo-me a (?)

De V. Ex<sup>a</sup>

B. Ant<sup>o</sup> de Sá

### **Carta n.º 3**

Exmo S. Dr. J. Leite de Vasconcelos

Biblioteca Nacional

Lisbôa

9 de Novembro de 1903

Exmo. Sr.

Respondo ao ultimo de V Ex<sup>a</sup>. Tenho informado a V. Ex<sup>a</sup> dos resultados da minha exploração, se não tenho enviado mais detalhados informes é porque os guardo para quando entregar a V. Ex<sup>a</sup> as minhas notas. Hoje comecei crivando a terra feita no córte que exceptuando uns cacos ornamentados já colhidos nada mais deu continuarei entretanto conforme as suas ordens.

De V. Ex<sup>a</sup>

B. Ant<sup>o</sup> de Sá

### **Carta n.º 4**

Exmo S. Dr. J. Leite de Vasconcelos

Biblioteca Nacional

Lisbôa

18 de Novembro de 1903

Exmo Sr.

Já estamos a meio da semana e ainda não tive resposta ao meu pedido em carta ao Sr. Campos. Lido o postal de V. Ex<sup>a</sup> fico sciente de que não vem 5<sup>a</sup> feira como eu esperava, peço portanto a fineza de me enviar os 25\$000 reis que pedi pois necessito satisfazer as dívidas contraídas e as jornas da semana que decorre. Sobre o castro tenho a dizer que o julgo quasi esgotado, tenho mt. cacos que enchem bem 2 caixotes grandes, (?) e um cheio de materiais de construção, mais algumas settas, machados (uns 6) e pezos quadrados (7). O trabalho marcha com rapidez pois a rocha aflora a superficie sendo o corte maior com 1,30 m de altura media

De V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup>

B. Ant<sup>o</sup> de Sá

### **Carta n.º 5**

Exmo S. Dr. J. Leite de Vasconcelos

Biblioteca Nacional

Lisbôa

21 Novembro de 1903

Exmo Sr.

Recebi o vale que V. Ex<sup>a</sup> me enviou. Faço tenção de me apresentar na proxima 3<sup>a</sup> feira, pois necessito estar aqui ainda 2<sup>a</sup> para crivar um resto de terra, e regularizar o terreno das escavações. De cobre encontrei hontem uma lamina de bronze uns pedaços que me parece ser lança e uns pequenos pedaços que não posso encontrar o nome adequado, umas 2 goivas, mais umas 4 settas no crivo e uma pequena conta, o mais importante vae n`um pequeno caixote, o bronze, settas e uma placa de ardósia ornamentada levo-a comigo.

B. Ant. de Sá

As explorações continuaram no ano de 1904, como provam as seguintes cartas, enviadas nesse ano a Leite de Vasconcelos:

**Carta n.º 6**

26-5-904

Exmo Sr.

Iniciei hoje os trabalhos não onde (??) estão semeadas de batatas entretanto vou explorando o que tenho disponível a fim de não pagar indemnizações.

Entretanto com o que tenho colhido já dou por bem empregado o meu tempo.

De V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup>

B. Ant<sup>o</sup> de Sá

**Carta n.º 7**

2-6-904

Exmo Sr.

Tenho continuado a exploração não com tanta felicidade como no começo mas pelo menos com relativo exito contava explorar os (?) mas como já disse a V. Ex<sup>a</sup> estão plantados de batatas e os donos pedem demasiado pela expropriação, razão porque me não atrevo sem ordens de V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup> a faze-lo. Falando com o Sr. Leite (?) foi elle de opinião de voltar cá quando não houvesse plantação, entretanto ainda tenho campo explorável p<sup>a</sup> 8 ou 10 dias.

Nada de ferro e de cobre mt. pouco

De V. Ex<sup>a</sup>

Att<sup>o</sup> e Obrg<sup>o</sup>

B. Ant<sup>o</sup> de Sá



## Carta nº. 8

6-6-904

Exmo Sr.

Respondo á ultima de V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup>, tenho continuado com (?) as pesquisas, antehontem foi um dia feliz sobretudo em cacos ornamentados, (?) quasi metade d'um lindo vaso (?) além de vários fragmentos com desenho tenho com abundancia furadores d'osso, fragmentos de facas, serras, raspadores, machados etc. Desde já posso responder ao questionário de V. Ex<sup>a</sup>

1º O nome do morro é do Outeiro, o monte não apresenta vestígios de muralhas como o castro dos Arados algumas divisórias são segundo informes obtidos muros de vedação modernos não apresentando nenhuma regularidade nem qualquer característica especial, com este môrro é bastante alcantylado julgo pela sua própria configuração facilmente defensavel, quando mt. posso supôr que em pequenas obras como barricadas de penedos (?) e sou levado a pensar assim pois que pelas encostas tenho observado grandes fragas que evidentemente (?) pelas ditas.

2º Com respeito ás camadas a parte que tenho explorado mesmo bem apresenta pequenas profundidades não ha camadas pelo menos facilmente definidas, tenho me admirado de nunca ter notado o mais pequeno fragmento de carvão ou vestígios de cinzas, e não é engano mas pois que ja com o dos Arados não seria fácil.....tão pouco vestígios de habitações, so na parte mais alta e que tem vestigios de alicerces que a gente do logar atribue a uma antiga ermida sob a invocação de N. S da Batalha, escavando ainda não me deu senão alguns fragmentos ceramicos, não encontrando nenhum indício de haver sido de ermida.

poderei aproveitar bem os penedos a pique como (?) nas encostas do monte sobretudo a poente existem 3 lapas que já visitei, todas ellas totalmente revolvidas pelos pesquisadores de tesouros...

Segundo (?) n'uma esqueleto com caveira completa (?) e espalharam os ossos evidentemente uma sepultura porque fragmentos ceramicos peças usadas como espólio destas necrópoles (?) levo amostras de osso e conchas assim como fragmentos de machados, conforme V. Ex<sup>a</sup> me recomenda, o cobre é quase (?) excursão anterior. Paciência. Tenho notado que as zonas mais altas são sobretudo as (...) junto aos penedos que é (?).

De cerâmica não ornamentada levo sobretudo bordos ou fundos por onde facilmente se possa deduzir as formas do vaso e a sua (?) Eis o que (?) tenho a comunicar a V. Ex<sup>a</sup> os trabalhos da quantia de 18\$000 que V. Ex<sup>a</sup> a bondade de (?).

De V. Ex<sup>a</sup>

B. Ant<sup>o</sup> de Sá

Esta carta, de resposta a um questionário enviado por Leite de Vasconcelos tem, entre outros aspectos de interesse, o facto de mencionar algumas cavidades naturais na encosta alcantilada do Outeiro, as quais foram utilizadas como necrópoles pré-históricas; esta situação possui estreitos paralelos em outros povoados pré-históricos estremenhos, como o de Leceia e o de Carnaxide, Oeiras e o da Rotura, Setúbal. Merece também destaque a referência ao facto de os materiais arqueológicos abundarem nas zonas junto

aos penedos, sugerindo que estes poderiam ser utilizados como apoios às habitações.

Em 1905 as explorações continuaram; no final dessa campanha, foram redigidas as “Notas de Exploração” (que não se localizaram), pois estas terminam, segundo S. D. Alves, com a relação dos trabalhos efectuados nesse ano, com destaque para o esboço dos sectores objecto de exploração, a que já anteriormente se fez referência (Fig. 2, nº. 1).

#### **Carta nº. 9**

14-2-905

Comecei 2ª feira os trabalhos com 3 homens, as jornas estão altas por que os trabalhos de campo empregam agora mt. gente trago-os a 380. Já colhi alguma cousa mas nada de novidade, o costume furadores de osso, raspadores, cinzeis, machados etc.

Há aqui um pousio onde espero fazer uma boa colheita, mas está semeado de cevada, amanhã falarei com o dono e se elle não exigir exorbitancias .....começarei aqui as explorações no dito.

De Vª Exª

B. Antº de Sá

#### **Carta nº. 10**

Exmo Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos

Biblioteca Nacional

Lisbôa

19-2-905

Exmo Sr.

Os trabalhos continuam e bem, hoje dei com 2 lareiras bem caracterisadas no intervalo de 2 penedos ao pé eram abundantes os cacos, restos de grandes vasilhas e ossos largos de animais, a colheita foi de 1ª ordem, só settas colhi mais de 80, um grande número de furadores d'osso, alem de outros ossos aguçados em bisel, pequenas tijelinas, 2 partidas mas que se podem recompôr e 1 copo de barro forma cylindrica toscamente feito á mão mas inteiro, e uns 4 machados, tenho tambem arrançadas umas 6 mós e uma grande pia (?) Cobre nada, ferro nenhuns vestígios. O dono da cevada a que me referi não consente na exploração do seu terreno senão depois de arrancar a mesma, o que só tera logar para o fim de março, pois segundo elle diz é lhe mt precisa para o gado, entretanto consentiu nos trabalhos no terreno não semeado.

Sem mais assumpto

De Vª Exª

Att. e Obrg.

B. Ant de Sá

**Carta nº. 11**

Exmo Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos

Biblioteca Nacional

Lisbôa

24-2-905

Exmo Sr.

Recebi os folhetos que V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup> me enviou. A exploração tem continuado com bom (?). A camada de carvão que julgo ser de uma (?) cabana esta situada n'uma especie de covão com 8,0 m de largura e tem de comprimento uns 5,0 m fica abrigada de todos os lados por rochedos cortados quasi a prumo e é aberta só p<sup>a</sup> o lado sul fácil seria cobrir todo este espaço com um telhado e obter-se um abrigo com uns 2 m de altura profundidade a que levo o corte e aonde encontro carvão disposto por camadas de espessura varia e que seriam mt. presumivelmente restos de habitação incendiada. Isto é tudo pura hipótese mas que naturalmente ocorre ao analyzar o terreno e a disposição das camadas do terreno para o fundo cinzeiro é geral e assenta sobre um barro vermelho esteril que cobre a rocha, tenho encontrado com abundancia ossos e cacos hoje apareceram umas 4 mós e umas 80 settas sómente alguns machados 2 perfeitos, furadores e uma especie de prato quebrado mas que se reconstitue.

Sem mais assumpto

De V. Att..

B. Ant<sup>o</sup> de Sá

**Carta nº. 12**

Exmo S. Dr. J. Leite de Vasconcelos

Biblioteca Nacional

Lisbôa

27-2-905

Exmo Sr.

Concluidos os trabalhos da parte a que já me referi em anteriores bilhetes, passei p<sup>a</sup> outro sitio, mas a colheita tem sido quasi nulla pois a rocha anda muito á superficie, alguns cacos e ossos que quando se fôsse possivel explorar agora o campo de cevada de que já fallei a V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup> teria ainda trabalho p<sup>a</sup> uns 15 ou 20 dias e poder-se-hia segundo julgo dar por finda a exploração do "castro".

Tencionava pedir a V Ex<sup>a</sup> mais uns 5\$000 reis mas como V. Ex<sup>a</sup> me diz no seu postal ultimo que tenciona aqui vir pelo entrudo aguardo para então, devendo entretanto notar que o campo que tenho desponivel p<sup>a</sup> exploração não me deve levar mais de 4 ou 5 dias de trabalho.

Tenho crivado a terra e obtido uma rica messe em setas.

Enfim a colheita d'este ano já em nada é inferior à dos anos anteriores.

A cabana (?) forneceu por si só um museu completo.

De V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup>

Att. e Obrg do  
B. Antº de Sá

Esta foi a campanha mais profícua e certamente a mais interessante, sobretudo por ter sido escavada uma “cabana” com espólio abundantíssimo, conservado *in situ*. Na Fig. 2, nº. 2, apresenta-se o corte estratigráfico registado por Bernardo de Sá, que evidencia a existência de camadas arqueológicas não remexidas, muito carbonosas, em resultado de fogueiras ali efectuadas. Trata-se de um recinto rectangular, de 4,50 m por 3,60 m, limitado do lado poente pela escarpa natural e ao norte e nascente por outros rochedos, encontrando-se o espaço interior assim definido, completamente preenchido por depósitos antrópicos.

As “Notas de Exploração”, parcialmente transcritas (ALVES, 1956/1957, p. 64), indicam as condições de jazida de alguns dos materiais arqueológicos: “No fundo da cabana e numa pequena anfractuosidade encostada ao paredão, encontrei, em dois montículos pouco afastados um do outro, um tesouro de setas, e, do lado oposto, numa cavidade da fraga, um almofariz tendo ainda emborcada a respectiva mão”.

Em 1906 os trabalhos prosseguiram; com efeito, a carta anteriormente transcrita, de 27/2/1905 indica a existência de um campo semeado de cevada, que justificaria exploração; deve ter sido ali que se efectuaram os derradeiros trabalhos arqueológicos, visitados a 30 de Junho de 1906 por Leite de Vasconcelos. Os apontamentos deste último registam um corte, por certo ali efectuado, reproduzido na Fig. 2, nº. 3; foi nesse corte que se encontraram, nos locais assinalados, um martelo (1); um diadema de ouro (2); um caco ornamentado (3); uma ponta de seta, junto ao substrato geológico (4); e um fragmento de machado de pedra (5).

As “Notas de Escavação” de Bernardo de Sá, segundo S. D. Alves (ALVES, 1956/1957, p. 69), contém ainda outras informações de interesse no respeitante à distribuição de materiais e à correspondente estratigrafia dos mesmos; assim, o sector 2 da Fig. 2, nº. 1, corresponde a um recinto aberto para Sul, circundado por rochas, que uma cobertura bastaria para o transformar numa espécie de cabana, semelhante à já descrita. É desse local, cuja estratigrafia se registou ( Fig. 2, nº. 4 ), que provêm doze elementos de tear inteiros, além de fragmentos de outros, conferindo-lhe um estatuto de sítio especializado na tecelagem, aliás sublinhado pelas suas modestas dimensões. Idêntica conclusão é extensível a outra zona, assinalada na Fig. 2, nº. 1, onde a quantidade de machados era tanta que os trabalhadores a baptizaram como a “mina dos raios”, de acordo com as “Notas de Escavação”.

Apesar de não ter sido possível, como já se referiu, aceder às “Notas de Escavação” de Bernardo de Sá, verificou-se que o Arquivo do Museu Nacional de Arqueologia conserva ainda diversos apontamentos de campo de Bernardo de Sá, cuja transcrição, tal como a da correspondência acima, igualmente se justifica:

7-6-904

Escavação a 1,50 de profundidade terreno apresenta (?) camadas a 1ª de um metro de terra aravel de cor escura a 2ª d'uma 0,50 em media de uma terra fina amarelada n'alguns pontos tirante (?) pª vermelho, abundancia em ossos grossos e cacos de grande espessura bordos de talhas etc. sem efeites apareceram no fundo 2 machados pequenos os cacos apresentam pintas de carvão na 1ª camada apresentam-se tambem cacos não é possivel á simples vista achar as formas predominantes das camadas pois que com idênticas formas tanto se encontram no fundo como a superficie d'uma maneira geral pode-se dizer que os cacos ornamentados são mais superficiais, assim como os raros objectos em cobre que tem aparecido Aparecem alguns cacos grossos que parece de grandes talhas com pintas de carvão aderentes, a sua côr negra acinzentada mostra indícios de terem servido ao fogo.

27

Exploração do castro de S. Mamede (?) distante menos de 1 km do lugar de S. Mamede (?) cujas escarpas são para o poente aplanadas. Posto que não tenha encontrado em reconhecimento previo vestigios de muralhas é-se levado a crer que a N. deverá havê-las pois que por este lado o monte não apresenta o aspecto defensável que apresenta ao poente e ao nascente onde as próprias fragas escalabradas umas sobre as outras constituem por si só optima defesa. Foi nos planos (?) (a b c) que encontrei vestigios de bilhas ... e tijolos, o que me determinou imediatamente (?) iniciando os trabalhos no pequeno plano superior (b) onde no esquema (?) se pode considerar talvez como cidadella.

29

Iniciei trabalhos n'uma baixa (a) encostada ao contraforte do lado nascente e bastante abrigada começando por abrir um corte no terreno Este corte pouco fundo de 1,20 a 1,0 este corte apresenta uma camada de terra estéril encontram-se muitos cacos de barro negro alguns com detritos em quartzo, outro vermelho com camada negra ao centro, pelas formas fundos e bordos parecem pertencer a louça bastante primitiva vasos de forma de cabaça mas já talvez moldados à roda, pelo menos alguns dentro d'elles, encontrei bastantes seixos rolados que podem ser aplicados como martelos, duas pontas de flecha, Disseram-me que na fazenda do José Marques apareceram bastantes restos de tijelas, flechas, ossos de (?) etc., pedi e obtive licença para explorar o sítio.

30 de Outubro

A superficie na terra vegetal a telha e o tijolo. São abundantes as cascas de mariscos.

31

José Monteiro oferece tijollos cinco.

## Inventário da cabana

- 1 ponta de lança de sílex grande
- 2 fragmentos de lâminas de sílex retocadas
- 5 faquinhas de sílex
- 5 fragmentos de sílex retocados
- 4 facas de quartzo
- 262 pontas de seta de sílex
- 10 raspadores de sílex
- 14 pezos de tear
- 30 machados de pedra completos
- 1 enxó de pedra completa
- 31 fragmentos de machados
- 1 furador trabalhado com arte
- 22 furadores
- 6 raspadores (?) de osso
- 15 cinzéis (ossos aguçados em bisel) (?)
- 1 osso com dois furos
- 9 percurtores arredondados
- 1 idem, cilíndrico
- 1 fragmento d'outro
- 7 amoladores
- 1 nucleos de sílex
- 1 fragmento de placa de xisto
- 1 botão
- 1 conta
- 1 objecto indeterminado ornamentado
- conchas furadas
- 1 copo de barro inteiro (;) toda a louça foi encontrada no lugar da cabana
- diversos fragmentos de pesos, e de cacos ornamentados que foram quase todos achados à superfície do terreno aravel
- lascas de sílex sem sinal de trabalho
- ossos de animais diversos
- dentes

Este inventário encontra-se igualmente transcrito nas “Notas de Escavação” e reporta-se à “cabana” registada em planta (Fig. 2, n.º. 1) e em corte (Fig. 2, n.º. 2), a que já anteriormente se fez referência.

Pela correspondência enviada por Bernardo de Sá a Leite de Vasconcelos, e ainda pelos apontamentos que aquele fez das suas explorações no Outeiro de São Mamede, conclui-se que a abundância de materiais se relaciona directamente com uma ocupação importante do topo da elevação, onde foi possível identificar não apenas estratigrafia, como também a existência de estruturas habitacionais, com destaque para um provável fundo de cabana que forneceu tanto material (cujo inventário se apresentou acima), segundo o escavador, suficiente para constituir um museu...

É, pois, este conjunto estratigrafado e, em parte com localização definida – ao qual, já na época do estudo de S. D. Alves (ALVES, 1956/1957) se encontraria desfalcado de muitas das peças referidas por Bernardo de Sá – conquanto se encontre desprovido de informações mais precisas, que será objecto de estudo e caracterização neste trabalho. Cumpre agradecer desde já à Direcção do Museu Nacional de Arqueologia as facilidades concedidas (1995-1997) para o estudo desta importante colecção até ao presente inédita, bem como o acesso ao seu precioso arquivo documental, onde se conservam as cartas dirigidas por Bernardo de Sá a Leite de Vasconcelos, agora dadas a conhecer. Os desenhos que ilustram este trabalho são da autoria de Helena Figueiredo, Carlos Lemos, Bernardo L. Ferreira e de um de nós (J. R. C.).

## **2 - ESTUDO DO ESPÓLIO**

### **2.1 - Indústria de pedra polida e afeiçoada**

É assaz numeroso o espólio de pedra polida recolhida no Outeiro de S. Mamede, integrando tipos artefactuais bastante diversificados, alguns de relativa raridade. A escassa representação de fragmentos e de peças com extensas mutilações sugere triagem na sua recolha, prática comum na época, desprezando-se os fragmentos considerados de interesse menor.

Na sua larga maioria, os utensílios foram executados em anfiboloxistos de idêntica coloração e de textura fina, sugerindo uma fonte única de abastecimento desta matéria-prima, e, deste modo, uma ocupação breve mas muito intensa, ao menos da área explorada da estação.

A relevância do conjunto exumado mostra a existência de importantes actividades sobre o meio ambiente envolvente, designadamente a desflorestação (com o conseqüente trabalho da madeira) e a criação de áreas abertas, propícias a pastagens, na zona baixa e com abundância de água, na base do Outeiro.

#### **2.1.1 - Machados**

A exemplo de outros contextos domésticos calcolíticos, as lâminas polidas de machados, constituem

o utensílio numericamente dominante no cômputo total da indústria de pedra polida (Est. 3, nº. 1 a 5; Est. 4, nº. 1, 3 e 5; Est. 5, nº. 1 a 6; Est. 6, nº. 1 a 5 Est. 7, nº. 1 a 4; Est. 8, nº. 1, 3 e 4) .

No conjunto, dominam os machados de secção subrectangular e em menor proporção os de secção subelíptica, registando-se ainda a presença de martelos e escopros. Tem sido tradicional a atribuição dos segundos a uma fase neolítica anterior à plena afirmação dos machados de secção sub-restangular ou sub-quadrangular. No entanto, de machados com estas últimas características, curtos e espessos, como a maioria dos recolhidos no Outeiro de São Mamede, encontraram-se em contextos do Neolítico Antigo da gruta do Caldeirão, Tomar (ZILHÃO, 1992, Fig. 7.7) e, fora de contexto, mas pertencentes também provavelmente ao Neolítico Antigo, em outras grutas da Estremadura, como a da Casa da Moura (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002). No caso em apreço, é inquestionável a inclusão de uns e de outros no Calcolítico, por ter sido única fase cultural identificada, como se conclui das características do espólio cerâmico, adiante estudado.

Os gumes evidenciam frequentes vestígios de utilização: nos casos em que estes exibem reduzida amplitude, que não inviabilizaria a sua utilização cortante, manteve-se a designação de machado; porém, quando os massacramentos se apresentam de tal forma intensos, ocorrendo simultaneamente no talão e no antigo gume, inviabilizando a continuação da utilização deste, optou-se pela sua inclusão no grupo dos martelos/percutores, adiante estudados, sem prejuízo de corresponderem, via de regra, a reaproveitamentos de machados e, em menor escala, de enxós, destrinça que frequentemente é impossível, tal o estado de mutilação da zona cortante dos artefactos originais.

O polimento dos utensílios revela-se desenvolvido nas faces e nestas especialmente na extremidade activa, ao passo que nos flancos se afigura em regra sumário, resultando, em consequência, peças de secções relativamente assimétricas.

### **2.1.2 - Enxós**

Diferem dos machados sobretudo pela seu arqueamento lateral, extensível ao perfil dissimétrico do gume, em forma de bisel, constituindo este caracter o elemento principal de separação tradicionalmente considerado (Est. 4, nº. 2 e 4; Est. 8, nº. 2; Est. 9, nº. 1 a 3; Est. 10, nº. 1 a 5). As enxós apresentam-se, frequentemente, de formato espalmado, sendo muito menos pesadas que os machados, e de secções lenticulares, o que tem naturalmente a ver com a respectiva funcionalidade. Acessoriamente, possuem, muito mais frequentemente do que aqueles, polimento total ou quase, embora tal não seja a regra, como se verifica, no caso em apreço, pela grande enxó representada na Est. 9, nº. 2, onde é ainda perceptível o formato do lingote em bruto de onde foi talhada, por polimento da região distal (gume). A variabilidade de dimensões e, até, de formatos, faz crer que, sob a designação geral de “enxó”, existam diversos tipos de artefactos que pouco ou nada teriam a ver entre si, do ponto de vista funcional, a começar pela forma como seriam encabados. Sob este aspecto, é interessante lembrar que as pequenas peças polidas, tenham ou não gume dissimétrico (característico das enxós), poderiam nem sequer ser encabadas, como se deduz de



um exemplar polido de fibrolite, encastado numa manga de barro cosido, recolhido na anta 1 da herdade de Entreáguas, Pavia (CORREIA, 1921, Fig. 48; VASCONCELOS, 1922, Fig. 21). Como judiciosamente refere este último autor, “A folha ou lamina (...) é do tipo que usualmente denominamos machado ou machadinho, denominação puramente convencional, resultante da forma e nem sempre da serventia do objecto. Aqui a lamina servia de cortar ou de raspar (...)”.

### **2.1.3 - Goivas**

As duas goivas recolhidas por Bernardo de Sá na campanha de 1903 e por ele referidas na correspondência ora publicada com Leite de Vasconcelos, já não foram vistas por S. D. Alves (ALVES, 1956/1957, p. 88). Porém, foi possível identificar nas colecções do Museu Nacional de Arqueologia um exemplar inteiro (ao contrário do fragmento por aquele citado), de secção elipsoidal, totalmente polido, como é característico deste tipo artefactual (Est. 10, n.º 6). As goivas são sempre muito escassas, constituindo uma ínfima percentagem da utensilagem em pedra polida das estações do Neolítico e do Calcolítico da fachada atlântica, isto apesar de, já em 1886, E. Cartailhac (CARTAILHAC, 1886: 75) tê-las considerado como um utensílio caracteristicamente português.

### **2.1.4 - Artefactos com sulcos de fixação**

No conjunto da utensilagem de pedra polida de S. Mamede merecem atenção três utensílios com caneluras transversais, certamente destinadas a facilitar a fixação da lâmina lítica ao respectivo cabo. O primeiro exemplar mostra dois ténues sulcos paralelos numa das faces e um terceiro, na face oposta (Fig. 11, n.º 1). Possui evidentes analogias com um exemplar do povoado pré-histórico de Leceia, Oeiras (CARDOSO, 1999/2000, Fig. 42, n.º 2; Fig. 44). Trata-se de exemplar munido numa das faces de finos sulcos, obtidos por incisão e alargamento ulterior por abrasão; provém da Camada 2, do Calcolítico Pleno, época a que deverá também pertencer o exemplar do Outeiro de São Mamede, o qual foi ulteriormente transformado em martelo/percutor, atendendo às evidentes marcas existentes em ambas as extremidades. A sua utilização primária como machado não oferece dúvidas, tendo presente que se observam sulcos de fixação em ambas as faces maiores da peça. Dois outros exemplares, apresentam apenas um sulco, mais largos que os da peça anterior, na zona mediana de uma das faces, produzidos por abrasão e polimento (a menos que este último tivesse resultado apenas da fricção do cabo ou das fibras vegetais que garantiam a fixação da lâmina lítica (Fig. 11, n.º 2 e 3). Leite de Vasconcelos dedicou estudo ao modo de encabamento de alguns dos instrumentos de pedra pré-históricos (VASCONCELOS, 1922). No caso vertente, trata-se de dois machados, atendendo à simetria do perfil do gume, embora num dos casos reste apenas cerca de um quarto do volume original (Fig. 11, n.º 2) e o outro tenha sido reaproveitado como martelo ou sacho, dadas as marcas de choques violentos que ostenta na zona do gume (Fig. 11, n.º 3). Embora pouco comuns, a presença de lâminas líticas com sulcos de encabamento (mais frequentemente apenas um sulco numa

das faces), está longe de ser considerada rara, inscrevendo-se em fase avançada do Neolítico, ou já no Calcolítico.

### **2.1.5 - Martelos/percutores**

Nesta designação integram-se os utensílios que exibem uma ou ambas as extremidades massacradas por percussão, a tal ponto que, como atrás se referiu, os gumes das peças originais – fossem elas machados ou enxós – deixaram de desempenhar a função cortante (Fig. 12, n.º 1 a 4); frequentemente, a modificação que sobreveio foi tão intensa que dificulta a identificação da peça original (machado ou enxó ?).

### **2.1.6 - Escopros e formões**

Os escopros (também designados por cinzéis), correspondem a artefactos estreitos, em geral de secção sub-rectangular e bem polidos, sendo o gume simétrico, com perfil lateral idêntico ao dos machados (Fig. 13, n.º 1, 2, 4 a 8; Fig. 14, n.º 1 a 3 e 5 a 9). Ao contrário, sob a designação de formões, integram-se artefactos idênticos aos anteriores, mas frequentemente encurvados, e com gume de perfil assimétrico, idêntico ao das enxós (Fig. 13, n.º 3; Fig. 14, n.º 4). A distinção entre estes dois tipos, de carácter estritamente morfológico, poderia não ter as incidências funcionais implícitas a ambas as designações; estas, simplesmente, reflectem as analogias morfológicas com artefactos actuais, de ferro, com tais características, critério seguido em outros trabalhos (CARDOSO, 1999/2000). É provável que, nalguns casos, fossem encabados, designadamente quando apresentam a extremidade oposta ao gume em bruto ou, pelo contrário, polida e biselada (com bisel simples ou duplo), como é o caso dos exemplares da Fig. 13, n.º 1, 2, 6 a 8. Noutros casos, aquela extremidade mostra-se espessa e, por vezes, com indícios de percussão, sendo, deste modo, provável que a peça fosse utilizada sem encabamento (Fig. 13, n.º 3 a 5 e todos os exemplares da Fig. 14). Em um, observa-se um pequeno sulco transversal, que dificilmente se poderá relacionar com o encabamento (Fig. 14, n.º 5).

Relativamente frequentes em contextos domésticos, especialmente calcolíticos da região estremenha, como em Leceia, Oeiras, os escopros e os formões tornam-se mais raros em ambientes funerários, salientando o seu carácter profano e exclusivamente utilitário, desprovido de cunho simbólico, ao contrário do verificado com os machados e as enxós.

### **2.1.7 - Martelo de mina**

Na indústria lítica de pedra polida ou afeiçãoada, é de referir a existência de um martelo mineiro, realizado, como usualmente, em pesado calhau de quartzito, munido de um sulco transversal em todo o seu perímetro (Fig. 15, n.º 1). Ambas as extremidades denotam intensas marcas de percussão, tratando-se,

deste modo, de uma peça muito utilizada.

A simples presença desta peça – cuja longevidade tipológica se estendeu sem alterações do Calcolítico até pelo menos o final da Idade do Bronze – indica que, naquela época, se minerou galeria nas proximidades do povoado. Com efeito, martelos análogos foram identificados por Estácio da Veiga em diversas minas de cobre algarvias (VEIGA, 1889, 1891). Na região de Óbidos, o cobre é conhecido, nas formações da base do Jurássico (Infralias), conforme é referido por O. da Veiga Ferreira (FERREIRA, 1970: 100). Já anteriormente, A. do Paço que, conjuntamente com E. Jalhay colheu no povoado calcolítico fortificado de Vila Nova de São Pedro, Azambuja, 13,5 kg de mineral com incrustações de malaquite por tratar (JALHAY & PAÇO, 1945), tinha referido a existência de um registo antigo de uma mina de cobre, na freguesia de São Pedro, do concelho de Óbidos, com o nome de mina de Benjunco ou de Outeiro da Mina (PAÇO, 1955: 35). Esta mina consta, conforme nota infrapaginal daquele estudo, no inventário das minas concedidas desde Agosto de 1836 a Junho de 1946, editado neste último ano pela Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos.

Enfim, Jacinto Pedro Gomes (GOMES, 1896/1898), assinalou o cobre nativo, nas colecções da Direcção dos Trabalhos Geológicos de Portugal e da Escola Politécnica, proveniente da mina de Trás-do-Outeiro, relacionada com as formações do Infralias do vale Tifónico das Caldas da Rainha. Assim se explicaria, não apenas o martelo mineiro ali encontrado, mas também a invulgar colecção de artefactos de cobre recolhidos, alguns deles lingotes, associados a diversos restos de fundição e a crisóis, adiante estudados.

A importância da mina de cobre de Trás-do-Outeiro em tempos pré-históricos parece, aliás confirmar-se, pela referência de Félix Alves Pereira, no estudo que dedicou ao vizinho povoado do Outeiro da Assenta, Óbidos, de ter ali obtido cerca de sessenta machados polidos (PEREIRA, 1914, 1915), o maior número obtido entre todas as povoações dos concelhos de Óbidos e de Caldas da Rainha. Com efeito, sendo estes machados maioritariamente de anfibolitos de origem alentejana, a sua abundância só poderá explicar-se pela disponibilidade de outras produções – neste caso o cobre – susceptíveis de serem trocadas por aquela matéria-prima.

### **2.1.8 - Mós, dormentes e percutores**

Regista-se ainda a presença de diversos outros materiais arqueológicos de pedra afeiçãoada, pouco característicos e de amplo espectro cronológico: moventes e dormentes de mós manuais e alguns seixos truncados de talhe unifacial.

O elevado número dos elementos de moagem, dá conta do grau de sedentarização das comunidades sediadas no decurso do Calcolítico no Outeiro de São Mamede e indiciam, em particular, a importância da agricultura cerealífera na economia de então, recorrendo certamente ao aproveitamento dos campos imediatamente adjacentes ao cabeço e nele próprio, o qual poderia ser também agricultado, como aliás dá conta a correspondência de Bernardo de Sá para Leite de Vasconcelos.

A exemplo do verificado para outros povoados coevos do Centro de Portugal, o granito constitui a

matéria em que foram executadas as diversas mós exumadas no castro de tipo barquiforme, ou de movimento de vai-vem. Os abundantes exemplares recolhidos em S. Mamede, que possuem perfil subtriangular de base sumariamente desbastada e topo aplanado, por vezes ligeiramente encurvado, com a concavidade destinada à moagem indicam, pois, uma origem exógena, visto que os afloramentos graníticos mais próximos se situam na região da Berlenga. Os moventes são maioritariamente executados em calhaus rolados de quartzito.

Os calhaus talhados, de quartzo e, sobretudo, de quartzito, conhecidos em múltiplos ambientes do Neolítico Final/Calcolítico da baixa Estremadura, a exemplo do registado em Casas Velhas, Mafra (CARREIRA & LOPES, 1994), vem questionar as frequentes e quase automáticas atribuições ao Paleolítico destes artefactos, quando os seus contextos não se encontram esclarecidos.

Um calhau rolado de topo aplanado evidencia uma depressão, certamente aprofundada por massacramento resultante de utilização como percutor passivo (Fig. 15, n.º 2). Peças deste tipo, podem interpretar-se como bigornas de talhe de indústria microlítica. Com efeito, a presença de esquirolas e restos de talhe, frequentemente desprezadas nas antigas escavações sugere a existência de fabrico local.

## **2.2 - Indústria de pedra lascada**

A utensilagem de pedra lascada recolhida no Outeiro de São Mamede respeita os cânones usuais nos conjuntos homólogos do Calcolítico da Estremadura. A existência de sílex, sob a forma de nódulos, nos calcários mesosóicos das vizinhanças, explica a abundância de peças recolhidas, as quais, via de regra se encontram inteiras ou pouco fragmentadas, indiciando triagens no momento da colheita, aliás já identificadas ao nível do conjunto de pedra polida, como anteriormente se referiu. Do ponto de vista tipológico, podem considerar-se diversos grupos, a seguir caracterizados.

### **2.2.1 - Lamelas e fragmentos de lâminas não retocadas, ou com retoques marginais**

A Fig. 16 reproduz lamelas não retocadas (n.º 1 a 14) e fragmentos de lâminas, igualmente não retocadas ou possuindo retoques marginais, mais ou menos descontínuos, ou simples indícios de utilização (n.º 15 a 24), tendo uma delas um dos bordos denticulado (n.º 19). A presença de lamelas e de lâminas pouco ou nada retocadas é frequente em contextos do Neolítico Final e do Calcolítico da Estremadura, a par de produtos laminares com maior transformação dos bordos e das extremidades, adiante referidos. É provável que as lâminas que possuem as extremidades partidas, fossem utilizadas como segmentos, encastoadas em cabos de madeira, integrando de peças compósitas; nestes casos, tais fracturas teriam sido consequência de acto intencional e não de simples acidente, durante a preparação ou ulteriormente.

### **2.2.2 - Lâminas com retoque marginal contínuo, com extremidades distais utilizadas como raspadeiras, "bicos" e furadores**

Trata-se de grupo muito bem representado no conjunto instrumental de pedra lascada; tal como os exemplares do grupo anterior, possuem em geral secções sub-trapezoidais, diferenciando-se daqueles por exibirem retoque contínuo, em geral em ambos os bordos laterais (Fig. 17, n.º 1 a 14; Fig. 18, n.º 1 a 15; Fig. 19, n.º 1 a 5); excepcionalmente, o retoque circunscreve-se apenas a um dos bordos (Fig. 17, n.º 4). Tal como nos casos anteriores, são frequentes as lâminas partidas, com truncaturas direitas verticais, transversais ou oblíquas, desconhecendo-se, porém, se intencionais, ao menos nalguns casos.

As extremidades distais, quando conservadas, apresentam retoques idênticos aos dos bordos laterais, formando gumes fortemente convexos (Fig. 17, n.º 9; Fig. 18, n.º 9, 10 14 e 15; Fig. 19, n.º 1 a 3), ou sub-rectilíneos (Fig. 17, n.º 5; Fig. 18, n.º 7; Fig. 19, n.º 4 e 5), que poderiam ser utilizados como raspadeiras, utilização igualmente extensível a uma lâmina espessa, com levantamentos invasores sub-verticais, a única com tais características (Fig. 19, n.º 7).

Noutros casos, a extremidade distal apresenta-se apontada, do tipo "bico", talvez destinada a perfurações largas e pouco profundas, como sugere a robustez da ponta (Fig. 19, n.º 8 a 11). Estes exemplares correspondem a transição para os furadores sobre lâmina, de que se conhecem quatro exemplares (Fig. 19, n.º 12 a 15). Peças análogas recolheram-se em numerosos povoados do Neolítico Final e do Calcolítico da Estremadura: nuns casos, a ponta resultou do afilamento progressivo dos bordos laterais, com retoques abruptos contínuos; noutro (Fig. 19, n.º 14), deu-se um estrangulamento simétrico da largura da lâmina, no seu terço superior, originando uma ponta estreita, igualmente produzida por levantamentos abruptos.

### **2.2.3 - Peças de retoque plano, uni ou bifacial**

Objecto de numerosas designações, resultado, afinal, das diversas propostas de funcionalidade apresentadas por sucessivos autores ao longo do tempo (SERRÃO & VICENTE, 1980), os exemplares recolhidos no Outeiro de São Mamede atestam, por si só, a relevância da economia cerealífera destas populações, visto a sua utilização dever conotar-se, essencialmente, com a incorporação em foices com cabos de madeira, sem contudo se excluírem outras utilizações, como a de raspadores ou facas (Fig. 20, n.º 1 a 9; Fig. 21, n.º 1 a 9; Fig. 22, n.º 1 a 10). Estas peças peculiares, constituem um tipo lítico de cronologia indubitavelmente calcolítica, embora com antecedentes no Neolítico Final, como se comprova pela recolha de exemplares em estratigrafia no povoado pré-histórico de Leceia (CARDOSO, SOARES & SILVA, 1996). Dominam os exemplares de corpo foliáceo, de silhuetas essencialmente elípticas ou subrectangulares e retoque plano e invasor, embora se registem exemplares sub-quadrangulares.

No concernente às extremidades do grupo mais numeroso, correspondente às peças de contorno elíptico, reconheceram-se diversas variantes: convexas, côncavas, sub-rectilíneas e apontadas. Do mesmo

modo, o talhe afigura-se quase total numa das faces e parcial na outra, que conserva frequentemente a superfície primitiva da lasca de onde a peça foi obtida. Um caso extremo é representado pelo exemplar da Fig. 21, n.º 2, representando transformação mínima face ao suporte inicial, aliás reconhecível em outros exemplares (Fig. 21, n.º 1). Parece que a preparação destes artefactos era efectuada no próprio povoado, como sugere a presença de lascas de talhe (Fig. 19, n.º 6), ou de peças apenas esboçadas (Fig. 20, n.º 9); a sua escassez, face ao número das peças acabadas e utilizadas, pode explicar-se facilmente por corresponderem a fragmentos, ou a blocos mais ou menos informes, que não despertariam especial interesse, tendo presente a triagem efectuada na altura da recolha. Seja como for, os escassos indícios de talhe *in loco* concordam com o observado no povoado pré-histórico de Leceia, onde se identificou a sequência operatória completa (CARDOSO, 1997: 56).

A raridade destas peças em contextos funerários – de que se podem, não obstante, indicar algumas ocorrências pontuais, como as *tholoi* de Paimogo, Lourinhã (GALLAY *et al.*, 1973: n.º 331 a 334) e de Tituaria, Mafra (CARDOSO *et al.*, 1996, Fig. 40, n.º 9) e a Gruta II de Alapraia (JALHAY & PAÇO, 1941, Fig. 12, n.º 11) – reflecte o seu carácter essencialmente utilitário, sem especial conotação simbólica, situação que tem equivalente em outras categorias de espólio, como as cerâmicas com decoração em folha de acácia, muito comuns nos povoados, mas excepcionais nas necrópoles coevas.

A sua particular abundância em fases plenas do Calcolítico, como foi verificado no povoado pré-histórico de Leceia, Oeiras, mostra o sucesso da economia cerealífera então atingido.

#### 2.2.4 - Punhais

A colecção estudada integra um exemplar com um pedúnculo basal bem marcado (Fig. 22, n.º 11), característica pouco comum neste tipo de peças. Trata-se de uma das peças lascadas mais notáveis exumadas no Outeiro de São Mamede, tendo sido citada anteriormente por E. Jalhay, no seu estudo da alabarda do Casal da barba Pouca, Mação (JALHAY, 1947).

O. da Veiga Ferreira elaborou, com base nos exemplares das colecções dos Serviços Geológicos de Portugal, uma classificação tipológica para estas peças (FERREIRA, 1957). O exemplar do Outeiro de São Mamede, integra-se no Grupo C, “punhais alongados (...) retocados nas duas faces, de forma triangular com espigão ou lingueta de encabamento”, reportando a este grupo exemplares do dólmen de Monte Abraão, Sintra, gruta da Casa da Moura, Óbidos e sepultura da Folha das Barradas, Sintra. O espigão, de contorno sub-triangular, bem como a assimetria geral da base da peça, torna-a muito idêntica a exemplar da Casa da Moura (*op. cit.*, Est. III, n.º 12; CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 21, n.º 1), gruta que se situa muito próximo, a apenas cerca de 7,5 km para WSW.

Frequentemente, alguns exemplares exibem colorações rosadas, que denunciam a utilização de tratamentos térmicos nos estádios preparatórios ou terminais do talhe destas peças, correspondentes, respectivamente, ao levantamento de grandes lascas e ao retoque marginal, através da extracção, por pressão (?), de negativos estreitos e paralelos entre si, perpendicularmente aos bordos laterais.

Eugénio Jalhay (JALHAY, 1947: 20), em uma síntese pioneira sobre estes artefactos, citando G. Leisner, distingue duas variedades na execução das grandes folhas bifaciais, sejam de alabardas ou de punhais: umas, totalmente retocadas; outras, que apresentam as faces polidas, tendo retocada apenas a zona marginal, correspondente aos bordos. Esta segunda categoria, para o Autor, é mais abundante na Estremadura, sendo as inteiramente lascadas dominantes fora dela. O presente exemplar vem reforçar esta asserção, por conservar, tal como a maioria dos seus congéneres (alabardas incluídas), restos de polimento ao longo de uma faixa central, interrompido pelo lascamento centrípeto, a partir dos bordos laterais, feito ulteriormente ao polimento.

A finalidade deste tratamento explica-se pela necessidade de produzir folhas de fina espessura, o que poderia conseguir-se vantajosamente por recurso a esta técnica, apesar da sua morosidade; com efeito, o lascamento, mesmo utilizando pré-aquecimento e pressão orientada, produziria acidentes de talhe e fracturas frequentes. Acessoriamente, o polimento poderia desempenhar uma função estética.

A cronologia dos punhais e alabardas encontrados na Estremadura reporta-se, sobretudo, ao Neolítico Final (apesar da escassez de contextos fechados fiáveis), o que não significa que a produção destas peças não se tivesse prolongado pelo Calcolítico, como sugere a ocorrência deste exemplar, a par de alguns outros, como é o caso do punhal da *tholos* da Tituaria, Mafra (CARDOSO *et al.*, 1996, Fig. 40, n.º 11).

### 2.2.5 - Pontas de seta

As pontas de seta exumadas no Outeiro de S. Mamede, apesar de muito abundantes (Figs. 23 a 26) e de ser evidente a triagem realizada aquando da colheita, o que faria aumentar de várias vezes o seu número caso tivessem sido recolhidas as fragmentadas, constituem um grupo particularmente homogéneo, do ponto de vista tipológico.

Por outro lado, o espólio ora estudado é apenas uma parte do recolhido por Bernardo de Sá: como o próprio declara, só o fundo da cabana por ele explorado deu 262 pontas de seta, e S. D. Alves (ALVES, 1956/1957) menciona mais de trezentas, das quais restam apenas 116 exemplares, desconhecendo-se o paradeiro dos elementos em falta, bem como de outras peças entretando extraviadas. Faltam, por exemplo, alguns exemplares referidos e fotografados por aquele autor, de base pedunculada, triangular ou bicôncava (ALVES, 1956/1957, p. 85).

Uma tão elevada quantidade destes projecteis, concentrados em área circunscrita, recorda as referências de Afonso do Paço a ninhos de seta em Vila Nova de São Pedro, Azambuja, povoado onde, até meados da década de 1940, tinha recolhido mais de 2000 exemplares. A título de exemplo, num só dia (15 de Julho) da campanha de 1948, recolheu E. Jalhay 269 exemplares, acrescentando que as setas se encontravam “aos ninhos de 7, 10 e até 12, todas juntas” (PAÇO, 1954: 64), o que não pode deixar de evocar a hipótese de estarem contidas em carcazes.

Relativamente à geometria da base, tomando como ponto de partida anteriores classificações (CARDOSO, FERREIRA & CARREIRA, 1996; CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002), tem-se:

### **Pontas de seta de base sub-rectilínea.**

Representadas apenas por seis exemplares (Fig. 23, n.º. 1 a 4, 6 e 21). Os bordos laterais apresentam-se ligeiramente convexos sendo apenas num caso sub-rectilíneos. O último exemplar referido merece destaque, por possuir a particularidade da base corresponder a um volume sub-rectangular, lembrando a lingueta dos encabamentos dos punhais de cobre de época campaniforme, ou a de alguns punhais de sílex.

### **Pontas de base côncava**

Entre os exemplares de base côncava, observam-se diferenças quanto à geometria do respectivo contorno, correspondendo aos seguintes tipos:

*Pontas de seta de lados côncavos:* correspondem ao tipo dito "torre Eiffel", possuindo a ponta muito pronunciada e perfurante (Fig. 23, n.º. 5; 9 a 13); existe, no entanto um exemplar largo e curto (Fig. 23, n.º. 22).

*Pontas de seta de lados sub-rectilíneos:* menos alongadas que as anteriores, estão representadas por maior número de exemplares (Fig. 23, n.º. 7, 8, 14, 15, 17 a 20, 23, 26, 29 e 30; Est. 24, n.º. 18, 26). Tal como se verificou no grupo anterior, existem exemplares longos e estreitos e, em oposição, outros mais curtos e largos, o que poderá relacionar-se com a natureza da função pretendida.

*Pontas de seta de lados convexos:* frequentemente, as diferenças face ao grupo anterior são muito ténues, visto a convexidade dos bordos ser em geral pouco acentuada. Dada a semelhança de ambos os grupos – com a existência, também neste, de exemplares curtos e alongados – é natural que as funções desempenhadas, em ambos os casos, fossem as mesmas (Fig. 23, n.º. 16, 24, 25, 27 e 28; Fig. 24, n.º. 1 a 10; 12 a 17; 19 a 25; Fig. 25, n.º. 4 a 8 e 11). Neste grupo existem alguns exemplares de base profundamente cavada, a lembrar pontas de seta recolhidas por Estácio da Veiga em túmulos de Alcalar (VEIGA, 1889), como os representados na Fig. 24, n.º. 6 e 16. Neste mesmo grupo poderá integrar-se um grande exemplar, incompleto, ou, em alternativa, pertencer à categoria, pouco conhecida, das pontas de dardo (Fig. 24, n.º. 27).

### **Pontas de seta mitriformes**

Trata-se de um grupo característico do Calcolítico da Estremadura, assim designado pelo contorno se assemelhar à de uma mitra episcopal (Fig. 25, n.º. 1 a 3; 9 e 10; 12 a 29; Fig. 26, n.º. 1 a 30). As bases são em geral côncavas, mas podem, nalguns casos, apresentar-se rectilíneas ou mesmo levemente convexas; do mesmo modo, as extremidades basais podem ou não ser munidas de aletas laterais, mais ou menos pronunciadas ou divergentes. Quanto aos bordos laterais, em geral acentuadamente convexos, possuem, na parte superior, uma inflexão, produzindo uma extremidade distal muito fina e nalguns casos



particularmente proeminente, suficiente para atestar a extraordinária qualidade do talhe da pedra atingido no decurso do Calcolítico na Estremadura. Em casos, mais raros, os bordos laterais podem ser também levemente côncavos na parte inferior, realçando as aletas laterais. É evidente a expressão regional deste tipo – acantonado na área estremenha – embora com analogias às pontas alcalarenses e, por essa via, a exemplares mediterrâneos.

Em conclusão, se é certo terem diversos tipos de pontas de seta coexistido, em estádios avançados do Neolítico, tanto na Estremadura como na Beira Interior (CARDOSO, CANINAS & HENRIQUES, 1997), no Calcolítico, a variabilidade tipológica das pontas de seta na Estremadura, restringe-se; o conjunto do Outeiro de São Mamede evidencia particularmente este facto, sendo um argumento a somar a outros, quanto ao curto intervalo de tempo correspondente à ocupação pré-histórica do topo da elevação. De facto, uma tão evidente homogeneidade, em torno a um grupo de especificidades tipológicas como é o das pontas de seta mitriformes, para além de um curto período de produção, pode corresponder a uma escola de artífices, que se especializou na produção de tais exemplares (que incluem, dentro de uma aparente homogeneidade, diversas variantes).

### **2.3 - Indústrias de osso**

A utensilagem executada sobre osso revela-se particularmente abundante, possuindo grande diversidade de tipos, cujos melhores paralelos se encontram nos clássicos povoados calcolíticos de Vila Nova de S. Pedro, de Zambujal e de Leceia. Condições favoráveis de jazida possibilitaram a preservação em boas condições, mesmo das partes mais facilmente degradáveis, com as massas esponjosas e as extremidades, muito finas e frágeis, de certas peças. A riqueza das peças ósseas do Outeiro de São Mamede justificou que boa parte delas fosse reproduzida fotograficamente, dispostas em arranjo artístico, na época usual, por Mendes Corrêa, na síntese sobre a Pré-História de Portugal inserida na conhecida História de Portugal, dirigida por Damião Peres (CORRÊA, 1928: 125).

A determinação de cronologias finas para a utensilagem óssea resulta frequentemente problemática, quer pelos escassos estudos realizados neste domínio, com base em artefactos estratigrafados, quer, sobretudo, pela assinalável longevidade de alguns tipos, facilmente encontrados, por simples convergência funcional, em contextos bem diversos. A abundância dos artefactos de osso deve relacionar-se com o trabalho de peles (furadores, sovelas, agulhas, alisadores), ou da madeira, como os formões, ou ainda em actividades cinegéticas, como é o caso das prováveis pontas de projecteis, adiante referidas com maior detalhe. Mais raras são as peças atribuíveis a espátulas e a percutores ou retocadores; enfim, a indústria óssea em haste de veado merece também destaque.

No conjunto, identificaram-se os seguintes grupos de artefactos:

## Agulhas e sovelas

Trata-se de exemplares executados em esquirolas de ossos longos, sujeitas a intensa transformação, impedindo a identificação anatômica do segmento original. Em geral, apresentam-se totalmente polidas, conservando apenas nalguns casos o canal medular interno, com secções achatadas, elipsoidais, mais raramente subcirculares (Fig. 27, n.º 1 a 15; Fig. 28, n.º 1 a 15). A distinção entre agulhas e sovelas é arbitrária, entendendo-se que as primeiras são mais estreitas e de menores dimensões que as segundas, destinadas a esforços mais intensos. Nalguns casos, relativos a exemplares achatados, é provável a sua utilização na tecelagem, destinados a separar os fios da teia.

## Furadores

Corresponde a grupo muito diversificado e heterogéneo; nele podem considerar-se as seguintes variantes:

*Furadores espessos alongados e regulares, totalmente afeiçãoados:* apenas representados por um exemplar (Fig. 29, n.º 1) o qual, à semelhança de alguns outros exemplares, poderia ser considerado como sovela de grandes dimensões.

*Furadores realizados em esquirolas longitudinais irregulares de ossos longos:* correspondem a grupo muito numeroso, até pela facilidade com que eram produzidos; qualquer esquirola obtida pela fractura de um osso longo, teria pelo menos uma extremidade pontiaguda, a qual, por trabalho sumário, seria facilmente transformada em furador. Em geral, não é possível determinar o segmento anatômico original, o que se deve não à intensidade da transformação, mas à morfologia original das esquirolas utilizadas (Fig. 29, n.º 2, 4, 7 a 9; Fig. 30, n.º 2, 3, 5 a 9; Fig. 31, n.º 1 a 3; Fig. 32, n.º 2 e 3). Num caso, observa-se a existência de um furo, na extremidade proximal, que poderia ser utilizado para a fixação da fibra; neste caso, o artefacto destinar-se-ia a coser, o que parece contrariado pela assinalável largura que possui; mais provável seria a utilização desta perfuração para fixar a peça a um cabo de madeira (Fig. 31, n.º 2).

*Furadores realizados pelo seccionamento oblíquo de ossos longos:* trata-se de exemplares que conservam porções significativas das superfícies originais das peças ósseas, nalguns casos mesmo uma das suas extremidades articulares. A ponta perfurante foi obtida por polimento de uma superfície oblíqua ao eixo da peça, corresponde à zona da diáfise, como é o caso dos exemplares sobre tíbias de coelho (Fig. 29, n.º 3, 5), sobre metápodo de ovino/caprino (Fig. 31, n.º 4), ou sobre ossos longos indeterminados, na maioria pertencentes também a este grupo faunístico (Fig. 29, n.º 6; Fig. 31, n.º 5 a 9). Só muito raramente o seccionamento atingiu todo o comprimento da diáfise do osso longo, expondo longitudinalmente a cavidade medular (Fig. 32, n.º 1).

*Furadores sobre cúbitos de ovinos/caprinos e de bovinos:* trata-se de dois exemplares (Fig. 30, n.º 1 e 4), que representam no Outeiro de São Mamede um bem conhecido grupo de pontas ósseas, cujos maiores exemplares, sobre cúbitos de bovinos, são por vezes considerados como punhais; esta atribuição não é

dispicienda, porquanto a sua robustez permitiria tal uso (incluindo a caça), sendo nalguns casos reforçada pela existência de perfurações, no olecrâneo, que facilitavam a fixação destas peças a um cinto, como é o caso de dois exemplares recolhidos nos níveis calcolíticos de Leceia, Oeiras, e como tal admitidos (CARDOSO, 1997: 59), aliás na sequência dos critérios adoptados por E. Jalhay e A. do Paço, que, em Vila Nova de São Pedro, encontraram também alguns exemplares munidos de perfuração (JALHAY & PAÇO, 1945: 35). A preferência por estas peças ósseas justifica-se: por um lado, a sua morfologia propiciava a realização de uma ponta estreita mas robusta, com um investimento mínimo de trabalho, a partir da diáfise da peça óssea original; por outro, a zona do olecrâneo, incluindo a superfície articular com o humero, possui uma forma ergonómica propícia à fixação da peça na mão.

### **Peças sobre grandes esquirolas ósseas**

Podem considerar-se como artefactos de ocasião, dada a sua nula transformação, tendo sido utilizadas tal qual foram obtidas (Fig. 32, n.º 4 e 6). Em ambos os casos, a extremidade terminal, espessa e robusta, poderá justificar utilização em trabalhos de mineração. Com efeito, em diversas galerias de minas pré-históricas têm sido encontrados picos e maças sobre hastes de veado, cuja extremidade útil pode assimilar-se à destas duas peças (ver, por exemplo, BLAS CORTINA, 1989, Fig. 9). No entanto, outras finalidades são admissíveis; o segundo exemplar poderia ser utilizado como alisador ou como pico para perfurar o solo, desde que montado em adequado dispositivo de madeira.

### **Cabos**

Trata-se de grupo mal representado no conjunto da indústria óssea. O único exemplar (Fig. 34, n.º 5), inscreve-se no tipo mais comum, sendo também tradicionalmente reportado a cabos de artefactos de cobre do tipo punção ou sovela. Com efeito, em Vila Nova de São Pedro, Azambuja, recolheram-se dois cabos análogos, conservando ainda os correspondentes punções de cobre (PAÇO, 1960, Fig. 2, n.º 5, 6); mas existem outros, em estações onde o cobre falta em absoluto, pelo que será lícito considerar, pelo menos nalguns casos, outras funcionalidades.

### **Formões ou escopros**

Em geral, são esquirolas obtidas pelo seccionamento longitudinal de ossos longos e muito volumosos, nas quais uma ou excepcionalmente ambas as extremidades (Fig. 33, n.º 2; Fig. 34, n.º 1) foram cuidadosamente desbastadas por polimento, originando gumes robustos transversais ao eixo das peças ósseas cortantes e regulares, sub-rectilíneos ou convexos (Fig. 33, n.º 1 a 8; Fig. 34, n.º 1). Apenas em um caso o polimento foi mais extenso, cortando obliquamente a peça óssea, dando origem, tal como noutros casos, a gume muito robusto e curto (Fig. 34, n.º 2).

Nenhuma destas peças ostenta marcas de pancadas violentas: não se destinariam, por isso, a trabalhar à percussão; é provável que se destinassem, essencialmente, ao trabalho de desbaste da madeira, em trabalhos de minúcia, à maneira das goivas, ou ainda à esfolagem de peles e respectiva raspagem e limpeza. A designação adoptada resulta da morfologia do respectivo gume, obtido por biselamento simples ou duplo, à semelhança dos artefactos de pedra polida a que foi dado, respectivamente, o nome de formões e de escopros; no entanto, não se crê que, neste caso, tal diferença morfológica tenha incidências funcionais indiscutíveis.

### **Espátulas e alisadores**

São peças elaboradas sobre lascas relativamente alargadas, obtidas por seccionamento longitudinal de diáfises de ossos largos, cujos bordos foram boleados (Fig. 34, n.º 3). Noutros casos, correspondem a tábuas ósseas achatadas, embora de morfologia muito diferenciada, com o bordo distal boleado pela utilização, aproveitando frequentemente esquirolas de armações de veado (Fig. 34, n.º 4, 6 e 7; Fig. 35, n.º 1 a 3 e 6). Caso particular é o de duas pequenas peças, totalmente afeiçoadas por polimento (Fig. 36, n.º 4 e 5); a primeira, possui a extremidade alargada sendo possível que o espigão se destinasse ao encabamento.

### **Pontas de seta (?)**

A extremidade robusta, maciça e fusiforme, sempre aguçada e perfurante, de algumas das peças ósseas (Fig. 36, n.º 3, 6 a 10), sugeriu a diversos autores utilização como pontas de seta; entre outros, um de nós admitiu tal possibilidade, a propósito do estudo de alguns exemplares recolhidos nos níveis do Calcolítico Pleno do povoado de Leceia, Oeiras (CARDOSO, 1995 a), discutindo as alternativas e apresentando paralelos. Em detrimento desta hipótese, podem invocar-se os pedúnculos, compridos e volumosos, de alguns dos exemplares, que seriam desnecessários para assegurar a pretendida fixação à haste da seta: a extensão e robustez dos espigões de tais exemplares, afigura-se, assim, para outros autores, condizente com a utilização como furadores duplos ou alfinetes de cabelo curtos. Segundo a lista de ocorrências conhecidas, publicada por um de nós (J. L. C.), são frequentes em alguns povoados calcolíticos estremenhos, com destaque para o da Rotura, Setúbal, mas não em necrópoles, o que contrasta significativamente com a distribuição dos verdadeiros alfinetes, enquanto peças da indumentária funerária. A este propósito, é também de registar que a quase totalidade destas peças apresenta-se com a ponta fracturada, ou romba por pequenas percussões (caso dos dois exemplares recolhidos em Leceia, vg. CARDOSO, 1995 a, Fig. 2, A e B), compatível, como foi defendido, com o seu uso como projecteis.

## Diversos

De funcionalidade pouco evidente temos um placa sub-quadrangular com duas perfurações independentes num dos topos (Fig. 35, n.º 7). Não se pode afastar a hipótese de corresponder a um pendente de colar; mas a falta de paralelos impede considerandos mais desenvolvidos; De referir ainda uma lâmina de osso, de secção plano-convexa, com extenso e cuidado polimento na face dorsal, dando origem bordo lateral sub-rectilíneo, a qual poderia ser utilizada como espátula, pois a sua capacidade cortante seria nula, afastando a hipótese de faca (Fig. 35, n.º 5). Enfim, um fragmento de haste de veado, de secção quadrangular achatada, com extremidade distal em ponta boleada pelo uso, poderá ser considerado como furador (Fig. 35, n.º 4).

### 2.4 - Indústria metálica

A Estremadura portuguesa, e, em especial, as zonas envolventes dos estuários do Tejo e do Sado, é frequentemente referenciada na bibliografia arqueológica como um dos principais focos de actividade metalúrgica calcolítica peninsular. A metalurgia do cobre parece ter-se amplamente difundido, existindo abundantes provas da sua prática em numerosos povoados, para já não falar dos três sítios mais notáveis, o Zambujal, Vila Nova de São Pedro e Leceia, onde tal prática se encontra abundantemente demonstrada, tanto por estruturas destinadas à fusão do metal, como no Zambujal, como pela identificação de minério por tratar (Vila Nova de São Pedro), ou ainda pela descoberta de lingotes de cobre puro (Leceia). Em todos eles, e em muitos outros, reconheceram-se fragmentos de cadinhos de fundição (crisóis), escórias de fundição do cobre, e mesmo pingos de fundição, para além de um abundante, ainda que pouco diversificado, instrumental metálico; o Outeiro de São Mamede, pode, doravante, em resultado do espólio que se publica, incorporar o conjunto dos sítios estremenhos onde esta prática se revelou mais importante.

A metalurgia do cobre, assumiu, no Calcolítico, função exclusivamente utilitária, desconhecendo-se adornos, ou outras formas de expressão plástica, por via de regra mais tardios e de ouro. Mesmo em muitas actividades domésticas, o osso, o sílex e algumas rochas duras de grão fino, constituíram um conjunto de matérias-primas suficientes para as actividades do quotidiano, e onde para a maior parte das funções o uso do cobre não apresentava vantagens. O estabelecimento destes povoados, nalguns casos com notáveis estruturas defensivas, remonta claramente a uma etapa pré-metalúrgica, como ficou claramente demonstrado pela análise conjugada da estratigrafia (e do seu conteúdo arqueológico) e da correspondente sequência construtiva identificada em cada um deles, com destaque para o de Leceia, Oeiras, onde a referida correlação foi devidamente demonstrada (CARDOSO, 1994, 1997). Neste sentido, a construção de tais dispositivos, deve ser entendida como o resultado do desenvolvimento interno dessas populações, tanto do ponto de vista económico como social, denotando em especial o sucesso de uma economia agro-pastoril, potenciada pelas particulares aptidões naturais da região estremenha.

Os primórdios dessa metalurgia não são claros; em Leceia, tais vestígios indicam que a generalização

do uso do cobre se verificou apenas no Calcolítico Pleno, cujo início se pode ali situar, com relativa precisão, cerca de 2600 a.C. (CARDOSO & SOARES, 1996; SOARES & CARDOSO, 1995), de acordo com o espólio recolhido na camada correspondente (a Camada 2 de sequência geral), onde as cerâmicas campaniformes ocorrem apenas na sua parte superior; pode, pois, concluir-se ser aquela inovação tecnológica anterior à introdução das cerâmicas campaniformes e corresponder, apenas, a mais uma expressão da crescente especialização das produções (inseridas na chamada “Revolução dos Produtos Secundários”), que caracterizou todo o 3º. Milénio a.C., tanto na Estremadura como noutras regiões do País (CARDOSO, 2002). Também em Vila Nova de São Pedro, as escassas informações sobre a estratigrafia do sítio fornecidas nas publicações, sugerem que a camada basal daquela notável fortificação calcolítica, caracterizada pela presença dos clássicos “copos”, ali definidos pela primeira vez (PAÇO, 1959), que corporizam o Calcolítico Inicial na Estremadura, seria desprovida de peças metálicas: ao menos, H. N. Savory não as encontrou ali, no corte realizado em 1959 na muralha interna do dispositivo defensivo (SAVORY, 1970).

Outra das questões mais discutidas relativamente à metalurgia peninsular reside na intencionalidade dos conteúdos de arsénio presentes nos artefactos de cobre calcolíticos.

Nas 22 peças recolhidas em Leceia e submetidas a análise quantitativa por método não destrutivo – FNAA (“Fast Neutron Activation Analysis”) – permitiram concluir que os teores máximos de arsénio detectados são da ordem dos 5%, muito inferiores aos cerca de 11 % identificados, nas mesmas peças, com recurso à técnica de XRF (Fluorescência de Raios-X); privilegiando esta última técnica a análise próximo da superfície dos objectos, tal facto deve-se ao enriquecimento superficial daquele elemento, fenómeno, aliás, bem conhecido. O facto de os teores de arsénio nas peças analisadas de Leceia, se distribuírem uniformemente até cerca de 5 %, vem mostrar que este elemento fazia parte integrante do minério de origem, não resultando de qualquer adição intencional. Acima dos referidos 5 % de arsénio, é possível que se tenha procedido à sua adição, com o objectivo de endurecer as ligas de cobre, situação que se terá verificado não antes do final do Calcolítico; deste modo, os artefactos cupríferos da Estremadura pré-campaniformes, resultariam, sobretudo, da metalurgia de cobres nativos, onde aquele elemento se encontrava presente (CARDOSO & GUERRA, 1997/1998).

Sendo a metalurgia calcolítica do cobre de carácter utilitário, facilmente se compreende a nítida dominância de peças metálicas de pequenas dimensões, como furadores e sovelas de cobre de secção sub-retangular: com efeito, seriam essas as peças cujas funções os seus equivalentes líticos ou ósseos cumpririam com mais nítidas desvantagens; por outro lado, sendo o cobre uma matéria-prima de evidente valor na época, e por conseguinte escassa, tal seria razão acrescida para privilegiar a manufatura de peças utilitárias de pequenas dimensões.

Com efeito, não será pela via da eficácia funcional que se poderão justificar os grandes utensílios de cobre calcolíticos, como os machados de cobre, material cuja ductilidade inviabilizaria rapidamente o fio cortante dos respectivos gumes, tendo, deste modo, uma eficácia muito inferior aos machados de anfiboloxisto (Fig. 37, nº. 1, 2 e 7). É no quando da sua utilização como peças de prestígio, utilizadas

apenas em finalidades muito especiais, ou, simplesmente, como matéria-prima, que a sua ocorrência deverá ser interpretada. É neste último sentido que também aponta a presença de diversos gumes de machados, cortados por serragem ou puncionamento dos corpos dos machados correspondentes (Fig. 37, n.º 3 a 6). Com efeito, tais porções, como em trabalho anterior um de nós já referiu (CARDOSO & GUERRA, 1997/1998), poderão simplesmente ser interpretadas como pequenas tiras de cobre destinadas a serem transformadas, por martelagem, em punções ou outros artefactos de pequenas dimensões, que nos casos em apreço não chegaram a concretizar-se. Com efeito, se o propósito fosse simplesmente o reavivamento dos gumes dos machados, tal poderia vantajosamente fazer-se por martelagem a qual, aliás, conduziria a um aumento da dureza da parte cortante destas peças. Tal realidade só reforça a atribuição dos grandes machados planos de cobre a reservas de matéria-prima, sem prejuízo, no entanto, de poderem ser utilizados como verdadeiros machados. Peças idênticas recolheram-se tanto em Vila Nova de São Pedro (JALHAY & PAÇO, 1945, Lám. XVIII, 20), como no Zambujal (SANGMEISTER, 1995, Tf. 6); no Penedo (SPINDLER, 1970, Est. XVIII, n.º 430 e 431) e na Fórnea povoados da região de Torres Vedras (SPINDLER & GALLAY, 1973, Tf. 11, n.º 355) e, na área cultural do Sudoeste, no Monte da Tumba, Alcácer do Sal (SILVA & SOARES, 1987, Fig. 4).

Ao contrário do verificado nos povoados estremenhos, onde a metalurgia do cobre atingiu destacada importância, e onde, como produtos de tal actividade, dominam os pequenos artefactos utilitários, como sovelas, furadores e punções, no Outeiro de São Mamede, conquanto tais peças ocorram (Fig. 38, n.º 7; Fig. 39, n.º 1 a 7 e 13), nalguns casos copiando protótipos de osso (Fig. 38, n.º 7), são as massas de cobre fundidas e os pequenos rebotalhos destinados a fundição, incluindo chapas incaracterísticas (Fig. 39, n.º 9 a 12; Fig. 40, n.º 1 a 5; 7, a 15), além de verdadeiros lingotes (Fig. 39, n.º 8; Fig. 40, n.º 6), que se apresentam mais frequentes. Esta constatação sugere que o povoado se comportou, sobretudo, como um importante centro metalúrgico, cujas produções seriam, em boa parte, para consumo externo.

No capítulo dos pequenos artefactos utilitários, são de destacar dois punções de secção sub-quadrangular (Fig. 39, n.º 1 e 2). Punções análogamente dobrados em ângulo recto são conhecidos na gruta artificial da Ermegeira, Torres Vedras (LEISNER, 1965, Tf. 12, n.º 7) e em La Ataiela, Rioja, em contexto campaniforme (PÉREZ ARRONDO & CALLE CAMARA, 1986: 48). A sua ocorrência, poderia relacionar-se com uma utilização específica, não conhecida, que implicasse movimento de torsão.

A peça representada na Fig. 38, n.º 7, considerada como sovela, furador ou punção, merece também comentário desenvolvido. Com efeito, a extremidade distal, que se apresenta espatulada e com gume cortante, pressupõe a utilização como espátula ou, com menor probabilidade, como goiva ou mesmo como uma ponta de projectil de gume transversal. E. Sangmeister representa exemplar análogo, do Zambujal (SANGMEISTER, 1995, Tf. 2, n.º 8). De referir ainda outros dois paralelos, um do povoado de Chibanes, Setúbal, este com desenvolvimento muito mais acentuado da zona espatulada, que justifica, mais do que os dois restantes, tal designação (CARREIRA, 1998, Est. VII, n.º 9), outro com extremidade espatulada ainda mais desenvolvida, das grutas artificiais da Quinta do Anjo, Palmela (COSTA, 1908, Fig. 429).

Ainda no campo dos artefactos utilitários, são de referir três fragmentos de cobre; um deles

corresponde provavelmente a um pequeno formão ou escopro, com falta da extremidade útil, semelhante a exemplar encontrado encabado, com manga em osso, do Zambujal (SANGMEISTER, 1995, Tf. 1, n.º 1). Os dois restantes, poderão ser incluídos no grupo das facas, mas encontram-se demasiado incompletos para maiores certezas (Fig. 38, n.º 5, 6).

Os punhais nervurados constituem produções sobretudo associáveis à Idade do Bronze, embora a técnica de nervura central, obtida por martelagem, seja conhecida nos tempos calcolíticos. É o caso dos punhais recolhidos na sepultura 3 de Alcalar, Portimão, e publicados por Estácio da Veiga (VEIGA, 1889, Est. IX), que constituem o mais belo conjunto calcolítico deste tipo de peças do território português. Dois deste punhais possuem um nervura central longitudinal, de secção sub-retangular, idêntica à patenteada nos dois exemplares do Outeiro de São Mamede (Fig. 38, n.º 1 e 2), dos quais apenas um está completo. Trata-se, sem dúvida, de exemplar de tipologia evoluída, com base peltada, como outra peça, hoje desaparecida, de cronologia campaniforme do Outeiro de São Bernardo, Moura (CARDOSO, SOARES & ARAÚJO, 2002), e, tal como é comum nos punhais daquela fase, munido de lingueta de encabamento (no caso muito longa) e não de entalhes de encabamento, como os exemplares de Alcalar. Tal como nestes, as nervuras foram obtidas por martelagem, sendo evidente que se destinavam, para além de uma função estética, a reforçarem a robustez da lâmina.

Na Estremadura, foi referenciada peça análoga (tanto quanto se pode concluir pela reprodução fotográfica publicada), recolhida no povoado calcolítico fortificado da Pedra do Ouro, Alenquer (PAÇO, 1966: fig. 4, n.º 2), a qual possui também uma nervura longitudinal bastante robusta; enfim, no povoado pré-histórico da Fórnea (Torres Vedras), foi recolhida uma lâmina de cobre, de pequenas dimensões, possuindo uma nervura longitudinal no centro de ambas as faces (SPINDLER & GALLAY, 1973, Tf. 11, n.º 357).

Outra arma interessante é um punhal de base estrelada, munida de múltiplos entalhes, ou chanfros, para facilitarem a fixação ao cabo (Fig. 38, n.º 3). Trata-se do modo tradicional de encabamento das folhas metálicas calcolíticas, neste caso com a particularidade de se observarem também dois rebites, que se tornam apenas usuais na Idade do Bronze, com idêntico propósito. Deste modo, a ocorrência de um sistema de encabamento misto neste exemplar, corresponde a um raro exemplo de transição, compatível com uma fase muito avançada do Calcolítico, aliás já indicada pelas duas peças nervuradas supra estudadas.

A inusitada frequência de peças de cobre e, especialmente, das directamente relacionadas com as práticas da fundição, reforça o carácter metalúrgico desta ocupação pré-histórica, aliás ilustrado pela presença de fragmento de cadinho de fundição, adiante estudado. Relembre-se, a propósito, a ocorrência de mineralizações de cobre nas proximidades, que, como atrás se referiu, se encontram de há muito conhecidas, relacionadas com afloramentos do Infralías do vale tifónico das Caldas da Rainha. Trata-se de mineralizações de malaquite, cuprite e calcosite (THADEU, 1965).

Importa destacar a importância que neste âmbito, detêm os dois lingotes encontrados (Fig. 39, n.º 8; Fig. 40, n.º 6). Estas peças têm paralelo próximo em exemplares de Leceia (CARDOSO & FERNANDES,



1995; CARDOSO, 1997: 52) e corresponderão à forma usual como esta matéria-prima seria transportada e transaccionada (para além dos machados planos). Tendo presente a proximidade de mineralizações cupríferas, e as práticas metalúrgicas identificadas no local, é admissível terem tais lingotes sido produzidos localmente, para ulterior exportação. Com efeito, não se conhecem ocorrências cupríferas na Estremadura, para além das referidas susceptíveis de bastarem às necessidades das dezenas de povoados calcolíticos registados, realidade já por outros admitida (SCHUBART & SANGMEISTER, 1987).

De assinalar na panóplia dos utensílios de cobre a ausência de pontas de seta de tipo Palmela, tão frequentes em contextos do final do Calcolítico, possuam ou não vasos campaniformes, aliás presentes no Outeiro de São Mamede.

As análises metalográficas efectuadas dos artefactos de cobre do Outeiro de S. Mamede (JUNGHANS, SANGMEISTER & SCHRÖDER, 1960) evidenciaram, na globalidade, cobres com reduzidas impurezas de outros elementos, destacando-se nestes o arsénio, em proporções que se inscrevem entre as comumente detectadas na metalurgia coeva do Baixo Tejo. No conjunto das análises apresentadas, ressalta a preponderância do grupo C3, espécie metalográfica de grande desenvolvimento na Península a partir do Calcolítico Final e do Bronze Antigo (PEREZ ARRONDO & CALLE CAMARA, 1986: 200). Três dos utensílios pertencem ao grupo EO1A e um outro ao EOO, ambos referenciados em alguns dos contextos calcolíticos mais antigos do território peninsular. De salientar a ocorrência em três das análises de concentrações relativamente altas de arsénio, iguais ou superiores a 5%, associando-se numa delas o mais elevado destes conteúdos com o único registo de chumbo detectado.

## **2.5 - Objectos de adorno**

### **Alfinetes de osso de cabeça espatulada**

Dois exemplares podem ser assim classificados (Fig. 36, n.º 1 e 2), apesar de possuírem a haste de secção sub-retangular (e não circular, como é frequente naqueles exemplares). Porém, a extremidade distal é demasiado diminuta para ser considerada espátula – o que colocaria estes objectos na categoria dos utensílios de uso corrente – além de não possuir a forma fina e estreita, “em pá”, susceptível de poder suportar tal funcionalidade. De referir que, na vizinha gruta da Casa da Moura, se registou um exemplar que respeita tais características, pelo que foi classificado dentro daquele grupo de utensílios (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 26, n.º 6). A estes dois exemplares, acrescentar-se-ia um belo alfinete de cabeça torneada maciça, caracteristicamente calcolítico, referido por S. D. Alves (ALVES, 1956/1957, p. 173), mas que não foi localizado no Museu Nacional de Arqueologia.

### **Fita de Ouro**

A panóplia metálica inclui uma fita de ouro, desaparecida pouco depois de ter dado entrada no Museu,

correspondendo por certo a diadema.

A superior ductilidade do ouro proporcionou a confecção de finas lâminas obtidas por martelamento. As fitas de ouro batido seriam utilizadas, quer como aplicações, sobre diversos suportes, como o couro ou tecidos (PÉREZ ARRONDO, 1986: 134), quer como elementos de adorno isolados. Segundo Delibes de Castro (DELIBES DE CASTRO, 1977: 113) a existência deste tipo de peças não implica necessariamente a prática de uma verdadeira metalurgia. Com efeito, a martelagem a frio de pepitas de ouro nativo, poderia produzir, sem outros meios, folhas tão finas quanto o artífice pretendesse. Deste modo ter-se-ão produzido algumas das mais antigas peças da ourivesaria pré-histórica peninsular (DELIBES DE CASTRO, 1977: 113). A admissão de uma cronologia neolítica para o bem conhecido diadema de ouro de Cueva dos Murciélagos, Albuñol, Granada (GÓNGORA, 1868, Lám. 1, n.º. 1), associado ao clássico conjunto neolítico ali exumado, defendida por vários autores, não é opinião compartilhada em trabalhos mais recentes.

Deste modo, os elementos auríferos mais antigos até ao presente conhecidos, indicam uma cronologia calcolítica. A peça, provavelmente um diadema, desapareceu do Museu entre 1914 e 1935, visto ainda ser mencionada por Leite de Vasconcelos em 1915 (VASCONCELOS, 1915: 182), mas já se registar como desaparecida na segunda daquelas datas (HELENO, 1935: 230). Na hipótese de se tratar da fita de um diadema, o paralelo mais próximo é o exemplar de ouro batido e decorado, recolhido na sepultura da Quinta da Água Branca, Vila Nova de Cerveira (FORTES, 1905/1908, Fig. 6), situável no Calcolítico Final. Mas existem outras ocorrências, ainda que muito raras, de jóias auríferas em chapas marteladas de ouro, em geral de pequenas dimensões, que poderiam pertencer a diademas análogos, os quais, pela sua grande fragilidade, se teriam fragmentado. É o caso do achado, na gruta próxima da Cova da Moura, Torres Vedras (HELENO, 1935, Fig. 14), de um fragmento possuindo numa das extremidades diversas perfurações, tal como o diadema supra referido, destinado à sua fixação a uma base de tecido ou de couro, a menos que, simplesmente, fosse cingido na cabeça tal qual. Também nas grutas I e III de Palmela se encontraram diversas chapas de ouro batido, enroladas ou não (COSTA, 1907, Est. VI, Fig. 320 a 324; 387 a 389), presumivelmente elementos de pulseira ou de colar; no Algarve, salienta-se o descobrimento, na sepultura 4 de Alcalar, Portimão, de dois fragmentos de ouro batido, um deles correspondente a uma fita lisa, munida de dois furos numa das extremidades (VEIGA, 1891, Est. IV, 2 A), particularidade que confere a esta jóia analogias às anteriormente referidas. Em síntese, a desaparecida fita de ouro do Outeiro de São Mamede, tem paralelo em exemplares que podem atribuir-se a diademas, todos do final do Calcolítico, com distribuição geográfica alargada: um exemplar no Minho; dois na Estremadura; e um último no Algarve. Não cabe, naturalmente, neste trabalho, a descrição de outros adornos auríferos (anéis helicoidais, brincos, e diversos ornamentos) que mostram, ainda que timidamente, o pleno domínio do ouro martelado no decurso do Calcolítico, no território português. Do diadema de ouro do Outeiro de São Mamede, conhece-se apenas um molde de cartão (ALVES, 1956/1957, Fot. 72), indicando que se tratava de jóia filiforme de largura constante.

## **Contas de mineral verde**

No espólio conservado, apenas se identificaram, dentro desta categoria, duas contas discóides, de lados bombeados, de mineral verde (Fig. 72, n.º 7 e 8), provavelmente pertencente ao grupo da variscite, visto ser este o mais abundantemente representado, com base nas análises realizadas em materiais portugueses (GONÇALVES, 1979). Com efeito, os minerais verdes despertariam uma particular preferência por parte das populações calcólicas da Estremadura: sem que nesta região existam possibilidades de se obterem, a sua presença denuncia a existência de trocas a longa distância, quer com o Norte de Portugal, onde se reconheceram diversas ocorrências deste tipo mineralógico, em afloramentos silúricos (MEIRELES, FERREIRA & REIS, 1987), quer com a região de Huelva (Encinasola), onde se identificou mineração pré-histórica de variscite; trata-se, com efeito, da ocorrência geograficamente mais próxima da Estremadura portuguesa (EDO, VILLALBA & BLASCO, 1995; NOCETE, 2001).

## **Fóssil de *Cidaris* sp.**

S. D. Alves (ALVES, 1956/1957, p. 163) refere-se a um fóssil de crinóide do género referido, o qual teria sido encontrado no recinto da “cabana” (cf. Fig. 2). Embora tal peça não se tenha encontrado no conjunto do espólio, é interessante referi-la, porque constitui prova da colheita de fósseis pelo homem pré-histórico, ainda que a sua finalidade se desconheça: poderia ser simplesmente um adorno, uma curiosidade ou tomada como objecto de culto, dada a sua semelhança morfológica com as “pinhas” de calcário calcólicas, com as quais partilha a natureza da matéria-prima.

## **2.6 - Indústria cerâmica**

### **2.6.1 - Cerâmica lisa**

A escassa presença da olaria lisa, sobretudo representada por bordos, face à decorada, revela ter sido aquela negligenciada, fosse no decurso da escavação, fosse, posteriormente, aquando do transporte e depósito dos materiais no Museu, tal como o verificado em outras categorias do espólio, onde os materiais considerados “banais” não se encontram significativamente representados.

De um modo geral, a cerâmica lisa revela reduzida diversidade formas relativamente à decorada.

### **Taças em calote**

Forma representada por numerosos exemplares completos (Fig. 41, n.º 1 a 14), de bordo simples (não espessado), cujas de dimensões variam entre cerca de 30 mm e 135 mm. A descoberta de alguns destes recipientes, no decurso da escavação, encontra-se relatada na correspondência enviada por Bernardo de

Sá a Leite de Vasconcelos, acima transcrita.

Estes recipientes, possuem, como é sabido, larga diacronia, sendo já comuns no Neolítico Médio, prolongando-se a sua presença até pelo menos o Bronze Pleno.

Reconheceram-se, nas taças de maiores dimensões, variantes no perfil e na geometria do bordo. Assim, este pode apresentar-se levemente espessado do lado externo, como se verifica no maior exemplar, de transição para a categoria dos esféricos baixos (Fig. 43, nº. 1) ou com reentrância, espessada ou não, para o lado interno, aspecto particular dos exemplares mais baixos (Fig. 44, nº. 1 a 3). Uma grande taça baixa possui, em ambos os fragmentos que a integram, furos de suspensão, de secção bitroncocónica, feitos após a cozedura.

### **Pratos**

Os pratos estão apenas representados por um fragmento, de bordo espessado e lábio convexo, forma comum no Calcolítico do Sudoeste, mas escassa no Calcolítico da Estremadura (Fig. 44, nº. 4).

### **Esféricos**

Os vasos esféricos estão igualmente presentes, com morfologias e tamanhos muito diversos (Fig. 42, nº. 1, 2, 4, 5 e 7). Um dos esféricos possui, sob o bordo, um pequeno mamilo perfurado obliquamente (Fig. 42, nº. 5).

### **Lucerna**

Um pequeno vaso carenado, encontra-se munido de um mamilo, sobre a carena, com perfuração vertical (Fig. 42, nº. 6). Pela morfologia, pode integrar-se no grupo das lucernas, pequenos vasos fechados com furos de suspensão, cujas formas são reportáveis a dois tipos principais. O presente exemplar integra-se no grupo dos vasos de carena média, com representantes em diversos monumentos funerários como Torre de Frades, Aljezur, Monte Velho (Ourique), Folha das Barradas (Sintra), Carenque (Amadora) e Eira Pedrinha (Condeixa-a-Nova) (CARDOSO, 2002: 284). Em uma das grutas de Palmela, foi encontrado exemplar deste tipo, amplamente reproduzido desde há muito, em obras hoje clássicas (CARTAILHAC, 1886, Fig. 170, 171; ABERG, 1921, Fig. 65).

### **Copo com base constituída por cordão em relevo**

Trata-se de pequeno recipiente (Fig. 43, nº. 11), cujo paralelo mais próximo corresponde a um recipiente, de maiores dimensões, recolhido no Algar de João Ramos, Turquel, Alcobaça (CARDOSO & CARREIRA, 1991, Fig. 2, nº. 2), a que foi atribuído cronologia neolítica.

### **Recipientes com asas verticais**

Apenas um fragmento se inscreve nesta categoria. Na área estremenha, os recipientes munidos de asas deste tipo são característicos do Neolítico Antigo, rareando significativamente no Neolítico Final e no Calcolítico, onde são excepcionais. Este exemplar poderá inscrever-se neste último caso (Fig. 42, n.º 3).

### **Recipientes de grandes dimensões, de bordo espessado ou em aba**

Na Fig. 43, n.º 2 a 10, representam-se bordos de grandes recipientes, de paredes quase verticais, todos eles comuns em contextos calcolíticos estremenhos, embora alguns deles, como os vasos de bordo em aba sejam frequente no Neolítico Final, como se comprovou em Leceia (CARDOSO; SOARES & SILVA, 1996).

### **Recipientes esféricos de parede reentrante e bocal côncavo**

Esta designação reporta-se a uma forma de vaso peculiar, com a zona em torno da abertura côncava, por vezes decorada. O único exemplar liso possui, em torno do bordo, um conjunto de pequenas perfurações, feitas na pasta fresca, com carácter decorativo (Fig. 43, n.º 12).

### **2.6.2 - Cerâmicas decoradas**

As cerâmicas calcolíticas da Estremadura portuguesa apresentam variado rol de motivos decorativos, que reforçam a sua importância como elementos potenciadores de cronologias finas. A classificação tipológica das cerâmicas decoradas atendeu, simultaneamente, às técnicas, aos motivos decorativos, e à forma dos correspondentes recipientes; com efeito, crê-se que tais realidades, tratadas de forma desligada, não poderiam conduzir a uma classificação coerente e operativa, tal a multiplicidade de variantes a que forçosamente se seria levado a considerar.

### **Cerâmicas decoradas do tipo "folha de acácia" e "crucífera" e motivos associados, a ponta romba e incisos**

Uma das decorações mais características do Calcolítico estremenho são os foliculos elipsoidais, mais ou menos alongados, executados por impressão oblíqua a punção rombo, que nalguns casos é arrastada, a qual, em rearranjos diversos produziu estruturas decorativas das quais se destacam as "crucíferas" e a denominada "folha de acácia". Estes motivos encontram-se associados a outros, constituindo um grupo homogéneo, amplamente representado no Outeiro de São Mamede (Fig. 45, n.º 1 a 12; Fig. 46, n.º 1 a 8; Fig. 47, n.º 1 a 9; Fig. 48, n.º 1 a 9; Fig. 49, n.º 1 a 7; Fig. 50, n.º 1, 5 a 8, 10 e 12; Fig. 54, n.º 1 a 5. Esta

designação já em 1958 foi utilizada por E. Cunha Serrão e E. Prescott Vicente, a propósito de fragmentos neolíticos encontrados no povoado de Olelas, Sintra (SERRÃO & VICENTE, 1958), os quais vieram mais tarde a ser incluídos por O. da Veiga Ferreira num outro grupo, o da “falsa folha de acácia”, pelo facto de as decorações, corresponderem a curtas incisões e não a impressões (FERREIRA, 1970 a). Em geral, trata-se de decorações onde os folículos – que podem ter comprimento, largura e profundidade variáveis – se organizam em linhas como as folhas de um ramo, dispostas em oposição (daí o nome de “folha de acácia”, por lembrarem os ramos desse arbusto). Tais ramos, sobrepostos em bandas horizontais sucessivas, dão origem a um motivo mais complexo, lembrando zigue-zagues, em que os folículos do lado de um desses ramos são comuns ao do ramo adjacente. Noutras vezes, a disposição dos folículos corresponde a linhas oblíquas, cruzando-se a 45 graus, constituindo padrão decorativo cujo elemento nodal é um quadrifólio em X, chamado por isso de “crucífera”. Estes dois motivos podem ocorrer associados, no mesmo recipiente, em geral grandes vasos esféricos, ditos “vasos de provisões”, desenvolvendo-se em painéis em torno da abertura e até cerca do diâmetro máximo dos mesmos, separados por bandas de caneluras largas e pouco profundas, realizadas com punção rombo, o mesmo artefacto cuja extremidade terá produzido as impressões foliculares em apreço. Tais caneluras distribuem-se também em torno da abertura e podem, mesmo, constituir decorações geométricas, das quais as mais comuns são grandes triângulos, com o vértice apontado para cima (“dentes de lobo”), preenchidos interiormente por segmentos oblíquos simples e paralelos. Nos estádios mais evoluídos destas decorações, os motivos em “folhas de acácia” e em “crucífera” desaparecem quase por completo, dando lugar, nos mesmos tipos de recipientes, a decorações geométricas feitas a incisão fina, em reticulados oblíquos, feitos por incisão, sendo comuns os losangos preenchidos interiormente, dispostos em xadrez, que por serem muito comuns no povoado da Penha Verde, Sintra, corporizam a cerâmica denominada “tipo Penha Verde” (FERREIRA & SILVA, 1970: 216).

A cronologia relativa destas cerâmicas, adentro o faseamento fino do Calcolítico da Estremadura foi possível, pela primeira vez, no povoado pré-histórico da Rotura; ali, a estratigrafia definida por C. Tavares da Silva, era clara a tal respeito: “A “folha de acácia” e a “crucífera” surgem em maior abundância nos níveis médios, decrescendo nos superiores. O nível 6 não forneceu cerâmica com esta decoração” (SILVA, 1971: 185). O nível 6, que é o mais antigo, é reportável aos últimos estádios do Calcolítico Inicial, enquanto que os níveis superiores correspondem à eclosão das cerâmicas campaniformes, dominadas no povoado em apreço, pela técnica a pontilhado. Pode, pois, concluir-se que existiu uma época de coexistência, já numa fase muito adiantada do Calcolítico da Estremadura, das cerâmicas campaniformes com cerâmicas decoradas de tradição local, em “folha de acácia” e em “crucífera”. Esta conclusão foi corroborada, no mesmo sítio, de forma independente, por Victor S. Gonçalves (GONÇALVES, 1971: 77, 78) e, mais tarde, em Leceia, mercê das escavações ali dirigidas por um de nós desde 1983 (CARDOSO, SOARES & SILVA, 1983/1984, 1987; CARDOSO, 1989, 1994, 1997, 2000). Com efeito, a cerâmica em “folha de acácia” e “crucífera” é característica da Camada 2, que representa o Calcolítico Pleno, estando completamente ausente da Camada 3, imediatamente subjacente, que corresponde ao Calcolítico Inicial. Na

área intramuros, as cerâmicas campaniformes circunscrevem-se à parte superior da Camada 2, onde se encontram associadas às supra mencionadas.

No Zambujal, a distribuição estratigráfica das cerâmicas em “folha de acácia” e em “crucífera” é concordante, nos seus traços gerais, com o quadro descrito em Leceia e na Rotura: com efeito, a sua incidência máxima ocorre nas fases mais tardias da vida do povoado, tal como as cerâmicas campaniformes e ao contrário do grupo dos “copos” com decoração canelada, que se acantonam nas fases mais antigas da ocupação (KUNST, 1996, Fig. 6).

É interessante registar a evidente distribuição de carácter geográfico desta cerâmica: muito comum na região do estuário do Sado (Rotura e Chibanes) e, a norte do Tejo, até à região de Torres Vedras, a sua rarefacção para latitudes superiores e para o interior do País é rápida e notória; sendo ainda comum no Outeiro de São Mamede, desaparece logo a seguir, para Norte, do mesmo modo que, para o interior, é igualmente notório o seu desaparecimento rápido: muito comum no povoado da Pedra do Ouro, Alenquer (PAÇO, 1966; LEISNER & SCHUBART, 1966), em Vila Nova de São Pedro, Azambuja a sua ocorrência é muito escassa, face à importância do povoado. O evidente ar de família que tais cerâmicas detêm faz pensar numa difusão, de sul para norte, a partir do estuário do Tejo, com base na troca de mulheres, partindo do princípio que competiria a estas tal tarefa. A ocorrência de alguns esparsos fragmentos em sítios do Baixo Alentejo, como o povoado do Monte da Tumba (SILVA & SOARES, 1987, Fig. 25, n.º 8 a 10), pode explicar-se facilmente por transacções comerciais a partir dos povoados situados sobre a embocadura do rio Sado.

Os dois motivos “nodais” – a “folha de acácia” e a “crucífera” – além de grandes esféricos, ocorrem em vasos de menor volume, taças em calote (Fig. 47, n.º 1 e 2) ou “copos” de paredes verticais e cuidado acabamento, que podem ser considerados como os sucedâneos dos seus homólogos canelados, característicos do Calcolítico Inicial da Estremadura, associados a complexos e variados motivos incisos (Fig. 54, n.º 1 a 5). Nalguns, é frequente a disposição na vertical da “folha de acácia”, sem paralelo nos grandes esféricos, onde surge apenas na horizontal, bem como a existência de ressaltos, a demarcar o campo decorado (Est. 47, n.º 8). De referir que, no limite, as impressões de folículos estreitos e pouco fundos, presentes nestes pequenos recipientes, pode ser substituída por finas incisões, ou impressões de estilete, mas respeitando o mesmo modelo decorativo.

Como já em trabalho anterior se tinha salientado (CARDOSO, 1982), este grupo de cerâmicas decoradas não faz parte dos mobiliários das necrópoles coevas, excepção feita aos materiais encontrados em uma das *tholoi* de São Martinho de Sintra (APOLINÁRIO, 1896, Fig. 3; LEISNER, 1965, Tf. 32, n.º 54 a 56) os quais constituem, ao que se saiba, as únicas ocorrências destas cerâmicas em contextos funerários calcolíticos, indicando carácter exclusivamente funcional.

### **Outros recipientes com decorações incisas**

Importa referir a existência de uma forma fechada muito rara, caracterizada por possuir uma abertura

estreita, delimitada por inflexão do bojo, formando carena (Fig. 47, n.º 9; Fig. 52, n.º 11). A decoração desenvolve-se de um e outro lado da referida inflexão, constituindo espinhados incisos e triângulos ou losangos, preenchidos interiormente.

Esta forma é afim de uma outra, caracterizada por inflexão côncava em torno do bordo, a qual se encontra separada do bojo, que é convexo, por carena muito bem marcada, como a do exemplar liso já anteriormente referido (Fig. 43, n.º 12), forma que também ocorre com ornamentação (Fig. 51, n.º 1), tal como se observa em exemplares do povoado da Penha Verde, Sintra (ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1958).

### **Copos canelados e outros recipientes com decoração canelada**

O restritivo deste parágrafo apenas se reportar aos copos com decoração canelada, exclui os homólogos decorados pela técnica incisa e impressa, tratados no grupo anterior. Com efeito, tal distinção justifica-se: de entre as diversas produções decoradas do Calcolítico estremenho, os copos com decoração canelada, pela problemática que lhes está associada merecem um lugar de relevo. Característicos do Calcolítico Inicial, distinguem-se das restantes produções calcolíticas pela sua superior qualidade de acabamento, com superfície alisada e brunida, conferindo-lhe nalguns casos aspecto brilhante e toque quase metálico e assinalável dureza e compacidade, que fazem deles uma evidente produção de excepção. Têm, todavia, equivalente em outras produções cerâmicas, como as taças em calote, decoradas com caneluras abaixo do bordo. O carácter de marcador crono-cultural que possuem, decorre tanto da homogeneidade da forma e da qualidade do acabamento, como da monotonia decorativa: podendo apresentar-se lisos, ostentam, em geral, uma banda de caneluras, feitas a punção rombo, largas e pouco profundas, abaixo do bordo e na base do corpo do vaso, imediatamente acima da carena que o separa do fundo, que é sempre levemente convexo. O bojo, direito ou levemente côncavo, que caracteriza estes recipientes, encontra-se delimitado superior e inferiormente por aquela dupla faixa e pode apresentar-se liso ou decorado; neste último caso, trata-se sempre de motivos geométricos (dominando os reticulados e os espinhados), que podem ocupar a totalidade do bojo, com ornatos brunidos produzidos por finíssimas caneluras muito semelhantes às que ostentam exemplares do Bronze Final.

No conjunto das cerâmicas decoradas do Outeiro de São Mamede, os copos com decoração canelada encontram-se apenas representados por dois exemplares, um deles com reserva, por se encontrar muito incompleto (Fig. 53, n.º 9; Fig. 53, n.º 2). A este poder-se-iam juntar dois esféricos, igualmente com decoração canelada sob o bordo (Fig. 53, n.º 4, 5), constituída por duas ténues caneluras paralelas.

O copo supra-referido ostenta a característica banda de caneluras horizontais abaixo do bordo, sendo o bojo do recipiente, até o fundo, decorado por finas caneluras brunidas, organizadas em métopas verticais. A presença deste recipiente vem colocar a questão de a ocupação pré-histórica poder ser recuada até o Calcolítico Inicial. Esta hipótese parece ser de reter, não obstante a curta cronologia indicada globalmente pelo espólio, compatível com uma fase adiantada do Calcolítico Pleno, dada a presença de outras cerâmicas decoradas pela técnica canelada, reportáveis a fase de transição do Calcolítico Inicial



para o Calcolítico Pleno. É o caso para além dos dois esféricos já referidos, de dois outros exemplares, decorados por caneluras serpenteantes (Fig. 53, n.º 7; Fig. 52, n.º 12). O paralelo mais próximo conhecido é um esférico recolhido na Camada 3 (Calcolítico Inicial) do povoado pré-histórico de Leceia (CARDOSO, 1994, Fig. 120, n.º 1). É de assinalar, igualmente, outro paralelo, representado por um copo da Lapa do Bugio, Sesimbra (CARDOSO, 1992, Est. 13, 52), para além de um conjunto de fragmentos decorados com caneluras, ou sulcos muito ténues que parecem corresponder a uma fase de transição das cerâmicas do Calcolítico Inicial para as do Calcolítico Pleno (Fig. 52, n.º 1 a 10). A estas, poder-se-ia ainda juntar o conjunto de copos decorados por linhas incisivas, já anteriormente referidos (Fig. 54, n.º 1 a 5) no que se refere à eventual ocupação do Calcolítico Inicial do Outeiro de São Mamede.

### **Cerâmicas não campaniformes decoradas a pontilhado e a penteado**

A presença de cerâmicas decoradas a pontilhado, de tradição não campaniforme, é conhecida desde há muito: N. Aberg (ABERG, 1921, Fig. 123) reproduz, por exemplo, o fragmento decorado de Fig. 51, n.º 1. Trata-se de recipiente cujas particularidades tipológicas já foram devidamente salientadas anteriormente, a propósito de exemplar liso (Fig. 43, n.º 12), com paralelos em exemplares com decoração incisa do povoado calcolítico da Penha Verde, Sintra (ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1958, Est. X, n.º 78). No entanto, apesar de há muito conhecidas, até época recente não se lhes tinha dado a devida atenção: com efeito, corporizam um fácies regional cuja distribuição geográfica evidencia concentração na região do Outeiro de São Mamede/Pragança, sítios que forneceram os mais importantes exemplares, já devidamente valorizados (GONÇALVES, 1991). Com efeito, mais para sul, a sua presença esmorece notavelmente, a ponto de serem excepcionais na baixa Estremadura, onde se encontram apenas representadas por escassos exemplares em Leceia, Oeiras e Penha Verde, Sintra, em ambos os casos conectáveis com o cupações do Calcolítico Pleno/Final (CARDOSO, 1995 b), condizentes com a cronologia da ocupação dominante no Outeiro de São Mamede. O pontilhado foi produzido com uma matriz em forma de pente, a qual era impressa na pasta mole, dando origem aos alinhamentos organizados em diversos padrões decorativos, especialmente espinhados horizontais ou verticais (Fig. 50, n.º 2 a 4; Fig. 51, n.º 1 a 3 e 5; Fig. 52, n.º 1 e 6; Fig. 56, n.º 1 e 2; Fig. 61, n.º 1) presentes em recipientes de tipologia e dimensões muito diversas, dominando os esféricos e as taças em calote, cujos paralelos mais evidentes provêm do vizinho povoado de Pragança, Cadaval (GONÇALVES, 1991, Fig. 4, n.º 1 a 6).

Esta técnica encontra-se estreitamente associada, por vezes no mesmo exemplar, à técnica incisa (Fig. 51, n.º 4; Fig. 56, n.º 3), a qual, noutros casos, deu origem aos clássicos motivos “penteados”, obtidos pela mesma matriz, pormenor que já foi devidamente salientado (CARDOSO, 1995 b): ou seja, a mesma matriz produziu por impressão, os motivos a ponteado e, por arrastamento, as linhas incisivas, correspondentes a sulcos contínuos e paralelos abertos na pasta fresca (penteados). Esta coexistência de técnicas e de padrões decorativos distintos encontra-se particularmente ilustrada em dois recipientes (Fig. 50, n.º 9; Fig. 55, n.º 2), dos quais o último foi já objecto de reprodução anterior (GONÇALVES, 1991, Fig. 6, n.º 1).

Nalguns casos, torna-se difícil a destrição deste grupo de recipientes, das cerâmicas campaniformes decoradas pela mesma técnica. Tal dificuldade é acrescida pela semelhança de padrões decorativos, a qual sublinha a possibilidade de ambas as produções terem coexistido. É o caso do fragmento de grande esférico da Fig. 50, n.º 11, decorado com profundas impressões feitas com pente, que poderá sem dificuldade integrar-se nas produções campaniformes, aliás representadas no povoado. Da mesma forma, os recipientes da Fig. 56, n.º 1 e 2, têm afinidades com exemplares seus homólogos campaniformes, por exemplo com os oriundos de uma das cabanas campaniformes de Leceia (CARDOSO, 1997/1998, Fig. 1, 2). As estreitas analogias entre os dois grupos são ainda evidenciadas pela existência de porção de caçoila de ombro, com decoração a ponteados geométrico, em zigue-zagues no bojo e em reticulado oblíquo sob o bordo, como muitas caçoilas campaniformes, exactamente com a mesma tipologia (Fig. 56, n.º 4), a ponto de ser admissível a sua inclusão nestas últimas.

Pelo exposto, é evidente ter existido coexistência no Outeiro de São Mamede, entre as produções das cerâmicas em apreço e as campaniformes, de tal modo é discutível, nalguns casos, a destrição entre ambas.

Por consequência, as cerâmicas decoradas por linhas incisivas, por arrastamento do pente/matriz, devem igualmente reportar-se a essa fase de coexistência do final do Calcolítico Pleno, em que produções de carácter local se mesclaram com as campaniformes. Nalguns casos, as incisões penteadas desenvolvem-se sob o bordo de taças ou, sobretudo, esféricos, evocando uma tradição anterior, das decorações caneladas (Fig. 53, n.º 8), cujos melhores paralelos provêm do já referido povoado pré-histórico de Pragança, Cadaval (GONÇALVES, 1991, Fig. 3, n.º 1 a 5) ; noutros casos, ocupam toda a superfície do recipiente (Fig. 53, n.º 10), ou desenvolvem-se em bandas paralelas, separadas por espaços não decorados, ocupando o bojo dos recipientes, dominando nestes os esféricos (Fig. 58, n.º 1 a 10; Fig. 59, n.º 1 a 9). Em ambos os casos, podem vislumbrar-se analogias com as organizações dos campos decorativos dos recipientes campaniformes: no primeiro caso, ter-se-ia o equivalente da variante linear do grupo AOO (“All Over Ornamented”), do mesmo modo que o segundo corresponderia à variante de faixas preenchidas interiormente, dita “herringbone”. A existência de alguns exemplares com ondulados (Fig. 58, n.º 9 e 10), é uma variante comum noutras áreas geográficas, muito mais setentrionais (região de Chaves-Vila Pouca de Aguiar) (JORGE, 1986). Nalguns casos, foram consideradas como imitações de cerâmicas campaniformes, como se verificou no castro de Palheiros, Murça e em outras estações com ocupação calcolítica do norte de Portugal, como o Buraco da Pala, Mirandela (SANCHES, 1997).

A cerâmica penteada comparte, pois, com a cerâmica campaniforme, a utilização de pente ou matriz na execução de motivos decorativos, sendo este um elemento de reforço em defesa da produção coeva de ambas, embora a sua origem seja claramente reportável ao Neolítico Antigo, com paralelos em estações dessa época a norte do Douro, bem como no litoral baixo alentejano, como se refere em síntese recente, a propósito dos exemplares da gruta da Casa da Moura, Óbidos (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002).

A crescente presença de cerâmicas incisivas por arrastamento de pente/matriz (ditas por isso penteadas), de sul para norte, dentro da Estremadura, evidencia a influência de grupos calcolíticos

beirões, até latitudes como as correspondentes às estações referidas, influência que se estendeu, também a estações do interior do Alto Alentejo, como o povoado de Pombais, Monforte, onde a sua ocorrência é, igualmente, muito esporádica (BOAVENTURA, 2001, Fig. 37, nº. 2).

### **Cerâmicas decoradas interiormente**

Representadas por dois fragmentos de taças baixas (Fig. 57, nº. 3 e 5), com decoração feita a punção rombo, correspondendo à técnica presente nos copos canelados, com os quais ocorre em associação. Com efeito, a sua incidência máxima observa-se, em Leceia, no Calcolítico Inicial (CARDOSO, 1994, Fig. 119, nº. 3 e 4), com prolongamento pelo Calcolítico Pleno (CARDOSO, 1989, Fig. 119, nº. 6).

### **Cerâmicas campaniformes**

Os materiais campaniformes exumados no Outeiro de São Mamede, embora não muito abundantes, apresentam algumas características dignas de registo. Como em nenhum outro sítio estremenho, nele se evidenciam peças que evocam uma estreita analogia com uma série de produções de tradição não campaniforme, aspecto já anteriormente valorizado, sem prejuízo de se tratar de conjunto de cronologia recuada dentro do faseamento que é uso fazer-se das cerâmicas campaniformes. Com efeito, não só a decoração a ponteadado é quase exclusiva, como os vasos marítimos clássicos, de tipo AOO com decoração de bandas preenchidas interiormente (tipo “herringbone”) estão presentes (Fig. 57, nº. 2; Fig. 60, nº. 1; Fig. 61, nº. 4). A existência de caçoilas de ombro com decoração geométrica a ponteadado (Fig. 55, nº. 1; Fig. 60, nº. 5, 6 e 7), a que se poderão juntar outros fragmentos, de classificação tipológica discutível, dada a sua fragmentação, mas pertencentes provavelmente também a caçoilas (Fig. 57, nº. 4; Fig. 60, nº. 2 a 4 e 8; Fig. 61, nº. 2, 3 e 5), é coerente com a presença dos vasos marítimos, configurando um momento precoce, que se insere no chamado “Grupo Internacional”, de J. Soares e C. Tavares da Silva, que desenvolveram ensaio de faseamento das cerâmicas campaniformes da Baixa Estremadura, ainda hoje válido, nas suas linhas gerais (SOARES & SILVA, 1974/1977) e ao mesmo tempo, de forma independente, por outros autores (HARRISON, 1977).

A já mencionada existência de peças híbridas, entre a tradição das produções locais, e os cânones das peças campaniformes, vem reforçar a conclusão destas últimas corresponderem, de facto, a etapa antiga da sua afirmação regional.

Trata-se, por conseguinte, de um conjunto homogéneo, com excepção de dois fragmentos com decoração incisa, de difícil classificação (Fig. 61, nº. 6 e 7), sendo de destacar a ausência de qualquer taça Palmela, forma concentrada na região das embocaduras do Tejo e do Sado, rareando à medida que nos afastamos destas regiões, caminhando para norte do Tejo (CARDOSO & CARREIRA, 1996; CARDOSO, 2002). Desta forma, a sua ausência deste, como de outros contextos calcolíticos da mesma região, não terá incidência cronológica.

É interessante registrar a coexistência de duas técnicas decorativas na caçoila de ombro (Fig. 55, n.º 1): com efeito, para além da técnica a ponteados, esta peça encontra-se decorada por sucessivas linhas horizontais de impressões em forma de coroa circular; executado com um pequeno caule oco: trata-se um motivo que, apesar de pouco frequente está longe de poder ser considerado raro. Peças calcólíticas, campaniformes ou não, com a aplicação da mesma técnica, foram documentadas nos povoados do Penedo, Torres Vedras (SPINDLER & TRINDADE, 1970, Est. XXX, n.º 723), Montes Claros (PAÇO & BÁRTHOLO, 1961, Fig. 1; HARRISON, 1977, fig. 47, n.º 257), Rotura (Id., ib., fig. 103, n.º 20), num prato de Vila Nova de S. Pedro (LEISNER, 1961, Tf. 2, 3). Na fachada atlântica, fora do território português, encontram-se referenciadas na Galiza, no túmulo de Roupar (CRIADO BOADO & VÁZQUEZ VARELA, 1982: 29, fig. 12), em vários exemplares dos silos funerários de El Acebuchal, Sevilha (HARRISON, BUBNER & HIBBS, 1976) e em Marrocos, na Gruta de Dar-es-Soltan, Rabat (RUHLMAN, 1951, Fig. 58, n.º 1 e Fig. 61, n.º 1). Esta técnica decorativa, vista isoladamente, remonta ao Neolítico Antigo, estando presente em diversos sítios desta época do território português. A sua presença em recipientes campaniformes é mais uma prova da filiação destas produções em tradições cerâmicas mais antigas, localmente representadas.

### **Recipientes com decorações figurativas ou simbólicas**

Outro exemplar que importa valorizar é um pequeno vaso de tendência esférica, decorado na parte inferior, por um corpo radiado, a partir de um círculo central (Fig. 53, n.º 3). Ser-se-ia levado a considerar uma representação de um simples olho radiado, como os que usualmente ocorrem aos pares na cerâmica simbólica calcólítica – de que existem diversos exemplos na área estremenha – associados frequente a outros atributos faciais (sobrancelhas, “tatuagens”, etc.). No entanto, no caso em apreço, esta hipótese não é admissível, porque de um dos lados do referido círculo, se desenvolvem duas linhas divergentes, a partir das quais, de ambos os lados, novas linhas irradiam. Parece inquestionável tratar-se da representação de um cometa, ou de uma estrela cadente. É a única peça, no seu género, de que há conhecimento: a sua excepcional importância iconográfica deve ser por isso devidamente sublinhada.

### **2.6.3 - Cerâmicas industriais**

#### **Cinchos**

Exemplares desprovidos de fundo, uniformemente perfurados, conhecem-se desde o IV milénio a.C., em conjuntos do Neolítico Médio e recente da Europa Oriental e, mais perto de nós, no Chasseense francês. A sua presença na Península Ibérica parece associada ao Calcólítico; no território português, centra-se em fase já avançada do Calcólítico: com efeito, na Estremadura, é ao Calcólítico Pleno que deverão ser reportadas as ocorrências conhecidas, como indicam os raros casos em que se dispõe de indicações estratigráficas, como no povoado pré-histórico de Leceia. Ali, tais peças circunscrevem-se à

Camada 2, representativa daquela fase crono-cultural, indicando que a melhoria do aproveitamento das matérias-primas, revelando uma crescente especialização das produções, continuou, em pleno III milénio a.C., através da obtenção de produtos lácteos, como o queijo, cujo fabrico se tem relacionado com estes exemplares de paredes perfuradas (Fig. 57, n.º 7 a 11).

Frequentes no Calcolítico da Estremadura, são mais raros no do Sudoeste, o que parece indicar uma economia agro-pastoril, baseada na exploração secundária das espécies domésticas, mais aperfeiçoada na primeira daquelas áreas culturais.

Ocorrem formas análogas em vários contextos proto-históricos do Sudoeste peninsular, com funcionalidades distintas, associadas a actividades metalúrgicas, designadamente à copelação da prata (FERNÁNDEZ JURADO, 1989, Fig. 4). Exemplares parecidos encontram-se representados em baixos relevos aztecas, representando actividades de combustão. Seja como for, na Estremadura não é crível que estas peças tivessem tal finalidade, por jamais se ter encontrado em nenhuma delas restos de metal fundido, ao contrário do observado nas supra-citadas peças proto-históricas, ou dos verdadeiros cadinhos, frequentes nos povoados calcolíticos da Estremadura, também representados no Outeiro de São Mamede por um exemplar, adiante estudado.

Com base em vários paralelos etnográficos europeus, é possível defender a utilização destas peças, quer no processo de fabricação do queijo e do requeijão, quer na operação de separação do soro do leite, quer ainda como recipiente para dar forma à massa. Diversamente, uma função alternativa, como filtros destinados à obtenção de água ou de sucos foi considerada por outros autores. Outras possibilidades serão ainda certamente possíveis; bastaria ter presente o diminuto diâmetro de muitas destas peças para se concluir que o fabrico do queijo não será, nalguns casos, a melhor alternativa (SCHÜLE & PELLICER, 1966: 7).

### **Cadinhos de fundição**

Um fragmento de recipiente de contorno sub-rectangular, espesso, com uma cavidade aberta numa das faces, corresponde a esta categoria de artefactos, os quais, frequentemente, conservam no interior da depressão, restos de cobre ou de produtos oxidados aderentes, o que não deixa dúvidas quanto à sua finalidade (Fig.70, n.º 3). Esta peça possui, contudo, uma particularidade digna de registo, correspondente a uma perfuração cilíndrica que a atravessa em toda a sua espessura, junto ao único vértice conservado.

A massa argilosa de que são feitas tais peças, aliás bem representadas em diversos povoados estremenhos, encontra-se, por seu turno, frequentemente calcinada, de coloração cinzento-esbranquiçada ou esverdeada, pela impregnação de óxidos cupríferos, e por vezes esboroável, em resultado de repetidos sobre-aquecimentos. Nalguns casos, os restos de escória aderentes foram suficientes para efectuar análise química por simples recolha mecânica de uma amostra como aconteceu em exemplar de Vila Nova de São Pedro, Azambuja (PAÇO, 1955), tendo revelado 95 % de cobre.

A simples presença desta peça no Outeiro de São Mamede, chegaria para demonstrar, à falta de

outras evidências, já antes devidamente valorizadas, a existência da prática metalúrgica no povoado, como em muitos outros da baixa Estremadura, onde era praticada com carácter artesanal, destinada a prover em geral necessidades locais e necessariamente limitadas, sem excessivo impacto nas actividades produtivas; por isso, a metalurgia calcolítica da Estremadura, poderá ser simplesmente encarada como mais uma manifestação da especialização das produções, verificada no decurso do III milénio a.C. No respeitante ao Outeiro de São Mamede, porém, a abundância dos restos metalúrgicos, leva a considerar como plausível a sobre-produção, destinada à permuta, como já anteriormente se referiu.

### Elementos de tear

Aos elementos de tear paralelepípedicos munidos de quatro perfurações em cada um dos vértices, é usual dar a designação de pesos de tear, já utilizada por Vergílio Correia, a propósito das centenas de exemplares por si encontrados no Castelo de Pavia, Mora (CORREIA, 1921, Fig. 14).

Na generalidade dos casos, as perfurações são cilíndricas, feitas na pasta fresca.

A. I. Marques da Costa, referiu-se-lhes, simplesmente, por tijolos de suspensão (COSTA, 1906: 50), tendência simplificadora também expressa na designação de “placas de barro”, adoptada muito mais tarde por Afonso do Paço (PAÇO, 1940); anos antes, Leite de Vasconcelos, referindo exemplar do Outeiro de São Mamede, que ostenta a representação de um possível machado encabado, chamou-lhe, simplesmente, “quadrângulo de barro” (VASCONCELOS, 1922: 295); porém, o mesmo autor, anteriormente, tinha designado vários exemplares homólogos, lisos ou decorados, desta mesma estação, como “pesos de tear” (VASCONCELOS, 1915, Est. V) antecedendo, deste modo, outros autores, que depois a adoptaram.

Com efeito, mercê da extraordinária abundância destas peças no Outeiro de São Mamede, algumas das quais ostentam decoração, as mesmas foram, pouco tempo depois de ingressadas no Museu dirigido por Leite de Vasconcelos, devidamente valorizadas e publicadas pelo próprio.

Trata-se de artefactos cerâmicos característicos dos contextos domésticos da Idade do Cobre do Baixo Tejo, que evidenciam a importância da tecelagem na economia de então: em Vila Nova de São Pedro, Azambuja, encontraram-se sementes de linho (PAÇO & ARTHUR, 1953), que atestam a produção local de tecidos, os quais se encontram exemplificados pela porção de linho que embrulhava ritualmente um machado de cobre calcolítico, encontrado no interior de uma das cistas da necrópole de Belle France, Monchique (FORMOSINHO, FERREIRA & VIANA, 1953/1954, Est. XVII, n.º 2).

A atribuição funcional dominante que tem sido atribuída a estas placas de barro perfuradas nos quatro cantos, é a de pesos de tear, destinados a esticar as fibras da trama na vertical. Nessa perspectiva, compreende-se que algumas delas possuam apenas dois furos, situados de um dos lados, que seriam bastantes para manterem esticados os fios a tecer, como já há muito foi assinalado por Afonso do Paço, a propósito de exemplares deste tipo recolhidos em Vila Nova de São Pedro (PAÇO, 1940), também presentes no Outeiro de São Mamede (Fig. 62, n.º 1 e 2; Fig. 70, n.º 1). Em abono desta hipótese, um de nós assinalou, entre os exemplares com quatro furos recolhidos em Leceia, um que possuía

desgaste em apenas dois furos de um dos lados, sugerindo tal utilização (CARDOSO, 1997: 89). Outras possibilidades de utilização destas peças foram apresentadas, ao longo do tempo, por outros autores. Sem discutir aquelas que a própria evolução das investigações se encarregou de demonstrar erróneas, como a de serem elementos de fornos de fundição, defendida por L. Siret (*in* CORREIA, 1921: 22), importa sublinhar que todas as outras alternativas apontam, senão para pesos de tear, ao menos para elementos relacionados com a fição. Poderiam, nesta perspectiva, ser utilizadas para torcer fios, dando origem ao fabrico de cordões de linho ou de outras fibras vegetais ou animais, ou ainda em técnica de fição recorrendo a “pranchetas de tecelagem”, hipótese que, em Portugal, foi primeiramente defendida por K. Spindler, ao estudar o espólio calcolítico do povoado do Penedo, Torres Vedras (SPINDLER & TRINDADE, 1970: 141). R. Boaventura, a propósito dos elementos análogos recolhidos no povoado calcolítico do Pombal, Monforte (BOAVENTURA, 2001), sem inviabilizar a hipótese de pesos de tear de teares verticais, valorizou outras alternativas, nas quais as placas de barro seriam utilizadas em paralelo, tanto em teares horizontais (*op. cit.*, Fig. 18, n.º 1), como manuseados directamente pela tecedeira, que cruzaria os fios que passavam pelas perfurações das placas (*op. cit.*, Fig. 17). Estas, no caso vertente, seriam de barro; mas usualmente, eram de osso, madeira, e mesmo em couro ou cartão (N.A., 1993); fica, deste modo, por confirmar a utilização destas peças em teares de placas, os quais correspondem a uma técnica conhecida em diversas épocas e civilizações: no antigo Egipto, no Japão, na China, na Europa, América, Austrália, mas sempre sem a utilização do barro como matéria-prima das placas.

Deste modo, ainda que o modo de utilização destas peças, que evidenciam uma marcada homogeneidade na Estremadura, não esteja cabalmente demonstrado, sem ignorar que poderiam ser utilizadas como placas em teares horizontais, ou como pesos propriamente ditos em dispositivos de tecelagem verticais, será mais adequado a sua designação como elementos de tear, em vez de pesos de tear, muito embora esta continue ainda em voga, por certo devido ao forte peso da tradição: veja-se, por exemplo, recente ensaio de M. Diniz: não obstante a cuidada discussão apresentada, persiste a designação tradicional (DINIZ, 1994). De qualquer modo, dever-se-á ter em consideração, na discussão desta questão, as marcas de uso como elemento indispensável de análise. Da ponderação deste aspecto, parece resultar uma maior probabilidade de estas placas serem utilizadas na vertical, suspensas por dois orifícios, como atrás ficou dito, apesar de a larga maioria não denunciar qualquer desgaste, ao nível das perfurações.

Enfim, como caracter peculiar, talvez relacionado com o uso, deve referir-se que um dos exemplares lisos apresenta uma concavidade bem marcada no centro de uma das faces (Fig. 67, n.º 5); por ser única, não poderá conotar-se com qualquer particularidade de ordem funcional, como a destinada a conservar uma reserva de engordurante que se tornaria necessário nas pontas dos dedos ao fiar e ao tecer (SPINDLER & TRINDADE, 1970: 142).

Como em todos os povoados estremenhos, os elementos de tear correspondem a peças paralelipédicas, mais ou menos achatadas, por via de regra com quatro perfurações, uma em cada canto. Lisos, ou mais raramente decorados, constituem um artefacto de cronologia centrada no Calcolítico Pleno: tal é a conclusão que se retira da distribuição estratigráfica registada em Leceia. Assim, pode admitir-se que, à

semelhança de outros indicadores, também a actividade especializada que era, à época, a tecelagem, conheceu um acréscimo do Calcolítico Inicial para o Calcolítico Pleno, correspondendo à intensificação e diversificação das produções que caracterizou o III milénio a.C. na Estremadura, como em outras áreas do actual território português. Por outro lado, não pode ignorar-se o evidente contraste entre a importância de certos povoados pré-históricos da Estremadura e a escassez relativa de elementos de tear que neles foram encontrados (caso de Leceia e, talvez do Zambujal), por oposição às centenas de elementos homólogos encontrados por V. Correia (CORREIA, 1921) em outros sítios do Alentejo, como o “castelo” de Pavia, para já não falar na cerca de um milhar de exemplares recolhidos até 1945 em Vila Nova de São Pedro (JALHAY & PAÇO, 1945: 64), onde as escavações prosseguiram até finais da década seguinte. No centro interior e no norte, o panorama é ainda mais contrastante, visto tais elementos, embora conhecidos, serem escassos. Esta situação indicia uma actividade de tecelagem muito desigual entre povoados – sugerindo maior especialização nuns do que noutros – e, de modo geral muito mais intensa na Estremadura e sudoeste do que no norte de Portugal, durante o Calcolítico.

Em Vila Nova de São Pedro, os elementos de tear apresentam-se tanto lisos como decorados, sendo as respectivas quantidades desconhecidas. No que toca aos exemplares decorados, por incisão, avultam os motivos zoomórficos e os astrais, a que não será difícil atribuir significado simbólico, a par de motivos geométricos (zigue-zagues, espinhados, cruciformes, reticulados), feitos também por incisão, a que se associa, excepcionalmente, o ponteadado e a impressão de coroas circulares, como numa caçoila campaniforme de ombro atrás estudada. Os exemplares do Outeiro de São Mamede evidenciam estreitas analogias, com os de Vila Nova de São Pedro, tanto nos motivos, como na técnica com que foram produzidos (Fig. 66, n.º 2; Fig. 67, n.º 6; Fig. 68, n.º 1 a 4; Fig. 69, n.º 1 a 7; Fig. 70, n.º 1). Importa salientar que, de 14 exemplares decorados, quatro ostentam decoração nas duas faces, com paralelos em Vila Nova de São Pedro. Por outro lado, existem particularidades que importa salientar: é o caso de um exemplar decorado, em ambos os topos, por linhas paralelas verticais, feitas a ponteadado (Fig. 66, n.º 2), que lembram a técnica campaniforme; neste aspecto, merece ser referido um cadinho de fundição recolhido no povoado calcolítico do Moinho da Fonte do Sol, Palmela (SOARES; BARBIERI & SILVA, 1972) o qual, pela raridade da presença de tal técnica, em peça de índole industrial, como os elementos de tear em análise, merece ser mencionada como paralelo. Outro exemplar digno de registo é o decorado por um par de arcos de circunferência (tatuagens faciais), tão comuns em ideofactos do Calcolítico da Estremadura e do Sudoeste (Fig. 70, n.º 1), o único, dentre os exemplares decorados, que possui apenas dois orifícios. Tem paralelo em pelo menos um exemplar de Vila Nova de São Pedro (PAÇO, 1940, Fig. 3, n.º 20), e talvez num outro, do Outeiro de São Mamede, com ambas as faces assim decoradas (ALVES, 1956/1957, p. 135), o qual não foi localizado.

No concernente aos exemplares lisos que, em Vila Nova de São Pedro correspondem exclusivamente aos de quatro orifícios (PAÇO, 1940: 249), estão representados por trinta exemplares (Fig. 62, n.º 1 a 6; Fig. 63, n.º 1 a 6; Fig. 64, n.º 1 a 6; Fig. 65, n.º 1 a 6; Fig. 66, n.º 1; Fig. 67, n.º 1 a 5), dos quais apenas dois com dois orifícios, vinte e seis com quatro e dois com número indeterminado, por se encontrarem incompletos.



Apenas um exemplar é figurativo, embora esquemático (Fig. 68, n.º 4), ostentando numa das faces um cruciforme e na outra, igualmente por incisão, uma figura que Leite de Vasconcelos interpretou, como já antes se referiu, como a representação de um machado encabado (VASCONCELOS, 1922: 295). Tomando como lado útil do machado aquele que fica para a direita do observador, que é o oposto ao considerado pelo referido autor, estaríamos, mais provavelmente, perante a representação de uma enxó encabada, artefacto cujo simbolismo, aliás, se encontra expressivamente registado pelas numerosas peças calcolíticas de calcário conhecidas na área estremenha, representando, identicamente, peças encabadas.

Segundo observações de H. N. Savory relativas ao corte estratigráfico realizado pelo próprio em 1959 na muralha da fortificação interna de Vila Nova de São Pedro (SAVORY, 1970), todos os níveis do Período I (correspondente ao Calcólítico Inicial da Estremadura) deram fragmentos de placas lisas, predominando as decoradas no Período II (conotável com o Calcólítico Pleno da Estremadura).

As decorações que, de forma insistente, se observam nas placas de barro do Outeiro de São Mamede, tal como nas de outros sítios estremenhos, com destaque para o tantas vezes mencionado povoado de Vila Nova de São Pedro – a que não faltam os motivos sexuais, como o triângulo púbico feminino, ou mesmo, a silhueta do rosto humano (JALHAY & PAÇO, 1945, Fig. 11, n.º 7 e 9) – encerram um estranho e acentuado simbolismo, ausente da restante cerâmica decorada de carácter utilitário. Torna-se difícil vislumbrar as razões que levaram algumas destas peças a receber tais decorações; em todos os casos, a simplicidade e esquematismo sugerem mais do que uma função decorativa, uma marca de posse ou função apotropaica relacionada com a própria prática da tecelagem; como há muito foi assinalado por um de nós, a propósito de um exemplar profusamente decorado encontrado em Leceia (CARDOSO, 1982: 31), “é lícito admitir que as múltiplas actividades ligadas ao fabrico de tecidos, estivessem de qualquer forma expressas nos próprios artefactos utilizados: o Sol, que fazia crescer o linho, representado pelos círculos radiados ou não, a água que o alimentava e era utilizada na sua lavagem (...), representada pelas linhas onduladas, etc.”

A terminar, é de salientar que estas peças, sendo de carácter indiscutivelmente utilitário, poderiam assumir, em situações especiais, certa carga simbólica, difícil de avaliar: é o caso, recentemente assinalado, no sítio do Castelo Velho, Vila Nova de Foz Coa, de um depósito ritual situado no exterior do recinto muralhado, onde restos humanos se associavam a pesos de tear, de formato análogo aos da Estremadura (JORGE, 2002). Outro exemplo da manipulação ritual destas peças é relatado por Vergílio Correia ao estudar o Neolítico da região de Pavia, Mora (CORREIA, 1921: 23): “(...) en el fondo de un dolmen de la región encontré un exemplar que indicaba estar en su sitio originario”. Esta peça, bem como os elementos de tear homólogos do Calcólítico do Sudoeste, em forma de crescentes com duas perfurações em cada extremo, recolhidos por Estácio da Veiga na necrópole de *tholoi* de Alcalar, Portimão e também mencionados por V. Correia, “tal vez indiquen el sexo femenino de las personas enterradas”, interpretação que é perfeitamente aceitável: a deposição funerária de um desses elementos, que a defunta utilizou em vida, seria um testemunho para a posterioridade da sua actividade artesanal preferida.

## 2.6.4 - Diversos

### Asa de recipiente (?)

Uma dos artefactos cerâmicos mais singulares de S. Mamede é um elemento de secção circular arqueado (Fig. 70, n.º 2), que recorda os crescentes do calcolítico do Sudoeste, mas que difere destes pela ausência de perfurações nas extremidades, bem assim como maior robustez. De funcionalidade não evidente, recorda estreitamente uma peça proveniente do povoado do Bronze Médio do Catujal, Loures. Poderá, no entanto, não passar de uma asa que se tenha descolado do bojo do correspondente recipiente, não diferindo significativamente do exemplar da Fig. 42, n.º 3. Ainda que muito raras no Calcolítico da Estremadura, foi recolhido na *tholos* de Pai Mogo um recipiente munido de uma asa semelhante (SPINDLER & GALLAY, 1972, Abb. 19, n.º 22).

### Esferas perfuradas diametralmente

Três exemplares, de dimensões próximas (Fig. 70, n.º 4 a 6), representam provavelmente contas de colar, integrando-se, nesta hipótese, no grupo das peças de adorno.

No Neolítico Final e/ou no Calcolítico da Estremadura conhecem-se três exemplares de contas de cerâmica, embora de morfologia distinta, de corpo bicónico, provenientes da necrópole da lapa do Bugio, Sesimbra, registadas respectivamente nas sepulturas 5 e 9 e ainda nas colecções do Museu de Sesimbra (CARDOSO, 1992). Também no nível campaniforme do dólmen de Montum, Melides, se encontraram idênticos exemplares (FERREIRA *et al.*, 1975). Poderá parecer estranho que objectos de adorno de tamanha raridade ocorram em uma área habitada, quando é certo se concentrarem tais objectos nas necrópoles, onde peças desta tipologia são, contudo, desconhecidas; por isso, é preferível atribuir-lhes uma designação estritamente morfológica.

### Discos de cerâmica

Dois exemplares discoidais, de secção lenticular, de cerâmica grosseira (Fig. 70, n.º 7 e 8) correspondem provavelmente a malhas ou a peças de jogo, com paralelo num exemplar recolhido no povoado de Leceia, Oeiras, em nível do Calcolítico Pleno, ainda inédito.

## 2.7 - Artefactos mágico-religiosos

### Placas de xisto

No grupo dos artefactos ligados às actividades mágico-religiosas há a registar a presença de duas

placas de xisto decoradas. A primeira (Fig. 71, n.º 1), apresenta-se decorada com faixas de triângulos dispostas horizontalmente, e reporta-se a um tipo comum. Diversamente, a morfologia pouco comum da segunda (Fig. 71, n.º 2), com um assinalável estreitamento, leva a admitir a alternativa de reaproveitamento de uma placa de maiores dimensões, não invalidando, por outro lado, a hipótese de estarmos perante a parte inferior (cabo) de um báculo. Contudo, o facto de apenas uma das faces se apresentar decorada regularmente, leva a tornar menos provável tal possibilidade. Em abono da reutilização, podem invocar-se diversos exemplos: os mais conhecidos são exemplar das grutas de Cascais, já referido por Leite de Vasconcelos (PAÇO, 1941, p. 35, Est. 39 a) e um outro das grutas artificiais de Palmela, recentemente reapreciado (SOARES, 2003, Fig. 118), para além de muitos outros inventariados por um de nós em outro lugar (CARDOSO, 2003). Mas a irregularidade patenteada pela geometria decorativa que ostenta, é condizente com a sua ocorrência em um contexto calcolítico, época em que muitas placas de xisto foram ainda produzidas: segundo hipótese recentemente defendida (GONÇALVES, 2002), tais placas seriam caracterizadas por uma crescente desorganização da decoração, tal qual se observa no presente exemplar. Deve ainda referir-se o motivo reticulado patenteado no reverso, com paralelos em outras placas ou pendentes decorados de xisto, como o exemplar recolhido na lapa do Bugio, Sesimbra (CARDOSO, 1992, Est. 46, n.º 5), neste caso em ambas as faces, com figuras antropomórficas.

A presença de placas de xisto em contextos domésticos estremenhos calcolíticos, constitui uma ocorrência pouco frequente, encontrando-se porém registada, entre outros, nos povoados de Vila Nova de S. Pedro, Azambuja (JALHAY & PAÇO, 1945, Fig. 5, n.º 1, 2 e 4), e no de Pedrão, Setúbal, onde se encontrou uma placa inteira quase (SOARES & SILVA, 1975, Est. 17, n.º 231). Também em sepulcros calcolíticos da Estremadura se têm recolhido, esporadicamente, placas de xisto decoradas: é o caso, entre outros, da *tholos* de Tituaria, Mafra (CARDOSO *et al.*, 1996, Fig. 41, n.º 1).

A presença das placas de xisto ardosiano e, em muito menor quantidade, de báculos, na região estremenha, onde não são conhecidos afloramentos desta matéria-prima, levanta de imediato uma questão, que respeita ao modo como seriam importadas. O mais certo é que tal importação se desse já com os objectos prontos a serem utilizados, hipótese sublinhada pela semelhança que os motivos decorativos que ostentam exibem com os alentejanos seus homólogos. Tal facto mostra a existência de uma estreita conexão cultural entre o Alto Alentejo e a Estremadura, no decurso do Neolítico Final, que se terá esbatido no Calcolítico, visto então as placas de xisto escassearem na Estremadura, mas não no Alto Alentejo. A decifração desta rica gramática decorativa constitui um atraente campo, que ainda não suscitou significativo empenho da parte dos investigadores, mas que constitui um desafio pleno de sentido: recente contribuição, devida a K. Lillios evidencia o desconhecimento, por parte desta autora, da realidade social, económica e cultural que caracterizou a transição do IV para o III milénio a.C. nas duas regiões supracitadas, campo no qual os arqueólogos portugueses – e sobretudo aqueles que lhe têm dedicado décadas de trabalhos de campo e de gabinete – reconhecem serem mais as dúvidas que as certezas (sobretudo as que se pretendem “sensacionais”). No caso concreto, faltam quase totalmente à partida (salvaguardando algumas excepções), dados de escavação relevantes sobre estes exemplares,

nomeadamente associações artefactuais e antropológicas seguras e significativas entre placa e os inumados (como sexo ou a idade), que dificultam irremediavelmente o avanço dos conhecimentos naquele âmbito. Caso excepcional é o que foi recentemente publicado, em modelar monografia, dedicada à anta 3 de Santa Margarida, Reguengos de Monsaraz, em que se definiu uma relação directa entre um inumado e a placa que o acompanhava (GONÇALVES, 2003), pendurada ao peito.

### **Cilindros de calcário**

Constituem o grupo de artefactos simbólicos mais frequentes em contextos domésticos calcolíticos, tanto da Estremadura, como do Sudoeste.

Do conjunto de seis exemplares lisos de calcário (Fig. 72, n.º 1 a 6), um ostenta, num dos topos, depressão intencional (Fig. 72, n.º 4), sem que, contudo, se possa atribuir a tal pormenor qualquer significado específico. A maioria apresenta-se fracturada e incompleta, denotando pelo menos dois deles reutilização como pilão, tal como já tinha sido observado em um exemplar de Leceia (CARDOSO, 1989, Fig. 110, n.º 8): tal facto conduz à admissão de terem tais peças perdido em algum momento a sua carga simbólica, transformando-se em simples artefactos de uso comum, enquanto que outras, suas homólogas, conservariam o seu estatuto simbólico e cultural. Com efeito, em algumas outras associações funerárias do final do Calcolítico, de que se destaca a encontrada na gruta de Verdelha dos Ruivos, Vila Franca de Xira (LEITÃO *et al.*, 1984) que corresponde a um conjunto homogéneo campaniforme, a ocorrência de cilindros de calcário mostra que a sua utilização ritual continuou até àquela época. O sétimo exemplar liso apresenta uma depressão punctiforme no centro de ambos os topos (Fig. 72, n.º 9): trata-se de um fóssil de pedúnculo de crinóide, tal como outros recolhidos em Vila Nova de São Pedro, e aproveitados directamente como pequenos ídolos. Em Leceia, também se colheram alguns destes exemplares. Esta realidade reforça a convicção de o homem pré-histórico possuir curiosidade e sentido de observação suficientes para dar atenção aos fósseis, sobretudo aos ostentando formas suas conhecidas, que poderia utilizar de diversos modos, ou simplesmente conservar como “curiosidades”.

Os três cilindros decorados recolhidos no Outeiro de São Mamede increvem-se nos tipos mais comuns (Fig. 71, n.º 3 a 5): trata-se de exemplares que, num dos topos, ostentam duas linhas simétricas incisadas arqueadas (consideradas como “tatuagens faciais”); um deles (Fig. 71, n.º 3), possui uma depressão cuja posição, face àquelas duas linhas, é intencional; outro exemplar (Fig. 71, n.º 4) possui os olhos assinalados por duas depressões punctiformes, também frequentes em peças suas congéneres da Estremadura. Importa referir, no entanto, que o exemplar mais perfeito (Fig. 71, n.º 5) não é mencionado no trabalho de S. D. Alves.

### **Cilindro de calcite**

Anote-se a presença de um pequeno cristal de calcite, cujas arestas foram boleadas por polimento, que

o transformou num pequeno ídolo, muito regular (não figurado). Possui a forma de um paralelepípedo. Conhecem-se diversos paralelos para estes pequenos cilindros de calcite: em Leceia, ocorreram diversos, estando publicado um, do Calcolítico Pleno (CARDOSO, 1989, Fig. 110, n.º 3). No povoado pré-histórico do Pedrão, recolheu-se outro, incompleto, de maiores dimensões, reportável ao Calcolítico Inicial (SOARES & SILVA, 1975, n.º 232). Enfim, de Vila Nova de São Pedro, provém um terceiro exemplar, também fracturado e de pequenas dimensões, considerado de cristal de rocha (JALHAY & PAÇO, 1945, Fig. 4, n.º 10), mas que deverá ser também de calcite, sendo munido de um sulco periférico destinado talvez a suspensão.

### ***Phallus (?)***

Trata-se de um objecto de osso maciço, totalmente afeiçoado por polimento, o qual exhibe, na parte central de uma das extremidades, a mais proeminente, um sulco linear, sugerindo a abertura do canal uretral (Fig. 32, n.º 5). Tratar-se-ia, deste modo, de um ídolo fálico, com paralelos cerâmicos no povoado pré-histórico de Leceia; em particular, uma das peças ali encontradas, mostra uma depressão de tendência linear muito semelhante à do presente exemplar, sublinhada por duas protuberâncias laterais (CARDOSO, 1995 c, Fig.1).

## **2.8 - Fauna**

A proximidade do Outeiro de São Mamede da lagoa de Óbidos explica a ocorrência de valvas de amêijoas (*Ruditapes decussatus*) recolhidas por S. D. Alves (ALVES, 1956/1957, p. 171). O mesmo autor refere ter encontrado restos de mamíferos que foram classificados por O. da Veiga Ferreira e H. Breuil; revelando predomínio de cervídeos, encontravam-se presentes ainda bovinos e suínos (javali). Os restos faunísticos, que apareceram em grande abundância nas escavações de Bernardo de Sá (como transparece das cartas de 18 e 24/2/1905 enviadas a Leite de Vasconcelos e acima transcritas), não foram por este recolhidos, como era costume na época, limitando-se apenas aos que evidenciavam nítida intervenção humana.

## **3 - SÍNTESE E CONCLUSÕES**

O estudo do espólio do povoado pré-histórico do Outeiro de São Mamede, permitiu as seguintes conclusões gerais:

1 - Trata-se de materiais que, conquanto de posição estratigráfica e de localização no terreno imprecisas, parecem provir essencialmente de uma única camada arqueológica e de uma zona circunscrita do povoado

pré-histórico, como decorre da análise da documentação existente: com efeito, tanto o esboço estratigráfico realizado por Leite de Vasconcelos na sua visita de 30 de Junho de 1906, como os cortes efectuados por Bernardo de Sá, indiciam a existência de uma única camada arqueológica, particularmente evidente no interior de um recinto de planta rectangular considerado como fundo da cabana, o qual forneceu grande quantidade de espólio; por isso, foi considerado como a zona nuclear do antigo assentamento humano; é de reter, ainda, ter Bernardo de Sá assinalado vários muros rectilíneos, de contenção de terras, os quais deram origem a plataformas cuja sucessão de estratos arqueológicos parecem encostar-se ao lado interno das referidas estruturas; a ser assim, tratar-se-iam de estruturas pré-históricas, com equivalente em muro do Neolítico Final, construído exactamente com o mesmo propósito, posto a descoberto por um de nós (J. L. C.) no povoado do Neolítico Final do Carrascal, Oeiras, em Agosto de 2003 e ainda inédito. Ainda no respeitante à distribuição diferencial de espólio arqueológico, deve assinalar-se a existência de um “tesouro” de pontas de seta, recolhido na “cabana”, enquanto que outro sector circunscrito da estação forneceu cerca de sessenta machados de pedra polida, sendo por isso designado pelos trabalhadores rurais como “mina dos raios”;

2 - do espólio recolhido por Bernardo de Sá, parte significativa ter-se-á extraviado; disso é prova a falta de algumas peças notáveis, entre as agora observadas no Museu Nacional de Arqueologia: basta referir que, só pontas de seta, existiam cerca de trezentas, número muito além do actual. De qualquer modo, os materiais conservados, com assinalável coerência cronológica e cultural, indicam tratar-se de uma ocupação calcolítica. Com efeito, as tipologias das classes de espólio consideradas mais discriminantes, são concordantes em apontarem uma presença dominante no Calcolítico Pleno: para tal conclusão, pode invocar-se a tipologia do espólio lítico (com notável predomínio das pontas de seta de tipo mitriforme); a abundância de vestígios de metalurgia, prática que, como é sabido, só se generalizou a partir daquela fase cultural; e, sobretudo, as características do conjunto cerâmico.

No entanto, para além de alguns recipientes cerâmicos poderem pertencer ao Calcolítico Inicial, como a seu tempo foi referido, outros há, referidos na bibliografia mas não localizados, como um fragmento de vaso de bordo denteado, que poderão indicar uma ocupação pouco importante do Neolítico Final. A este exemplar, poder-se-iam associar ainda algumas pontas de seta de base pedunculada ou bicôncava (também não localizadas); a tal propósito, é de reter a observação de Bernardo de Sá de, nalguns sectores, a camada mais funda conter abundante espólio arqueológico, que lhe parecia mais primitivo, por dele não fazer parte as cerâmicas decoradas; tal situação condiz, com efeito, com a larga predominância de cerâmicas lisas no Neolítico Final, ao contrário do observado no Calcolítico; mas a presença de apenas um bordo denteado e a ausência de taças carenadas neolíticas – apenas um exemplar se encontra desenhado por S. D. Alves, mas com perfil que sugere a sua inclusão na Idade do Bronze (ALVES, 1956/1957, Fig. 6, nº. 3) – não permite aceitar tal possibilidade: só novas escavações, que aliás o referido autor considerava justificáveis, recentemente empreendidas, poderão esclarecer esta e outras questões;

3 - a evidente prosperidade dos habitantes calcólicos do Outeiro de São Mamede decorria da conjugação de diversos factores favoráveis: por um lado, do sucesso da economia agro-pastoril, propiciado pelo aproveitamento dos férteis solos agrícolas adjacentes ao povoado, os quais, nos princípios do século XX continuavam a ser intensamente cultivados, como se conclui da correspondência de Bernardo de Sá para Leite de Vasconcelos; por outro lado, da proximidade da lagoa de Óbidos e do rio Real, que corre a Oeste, desde sempre fontes relevantes de recursos (peixe, marisco); enfim, a existência de cobre (sob a forma nativa ou carbonatos) nas proximidades, explica a existência de numerosas provas de metalurgia, que por si só é bem demonstrativa da pujança económica do povoado. A presença de um rico espólio de pedra lascada explica-se, igualmente, pela existência de sílex nos calcários mesozóicos da região, o qual, conjuntamente com o cobre, seria por certo permutado com anfíbolitos, cujo abastecimento, oriundo do Alto Alentejo ou do Alto Ribatejo se encontra expressivamente registado através da presença de dezenas de machados. A especialização e diversificação das actividades, a par da acumulação de bens, em zonas diferenciadas do espaço habitado – um dos indícios da formação de sociedades complexas – encontra-se aliás bem expresso pela abundância registada por Bernardo de Sá de pontas de seta e de machados em áreas adjacentes, mas distintas, a que se poderia também somar a invulgar acumulação de elementos de tear, em outra das áreas escavadas.

As pontas de seta merecem comentário particular: ao serem na sua esmagadora maioria de um tipo particular (mitriforme) denunciam uma tradição própria, produção intensiva e por certo durante um bem delimitado intervalo cronológico. Com efeito, não se conhece outro caso de uma especialização tão evidente, por certo obra de um muito limitado número de artífices, mesmo tendo em conta a falta de muitos dos exemplares recolhidos por Bernardo de Sá.

4 - Enfim, a tipologia das cerâmicas – sem dúvida o melhor marcador crono-cultural do Calcólico da Estremadura – evidencia ligações estreitas com os povoados coevos situados mais a sul. É o caso das cerâmicas do grupo “folha de acácia/crucíferas”, cuja abundância se afigura algo inesperada, dado constituir, a par do Outeiro da Assenta, a ocorrência significativa mais setentrional deste grupo. A referida presença vem mostrar que a ocupação do Outeiro de São Mamede terá correspondido a um curto período de tempo, no Calcólico Pleno. Por outro lado, a presença de cerâmicas calcólicas penteadas e impressas a matriz, por vezes coexistindo ambas as técnicas no mesmo exemplar, indício de que a matriz utilizada era a mesma, exprime outro vector cultural, de influências setentrionais, fortemente implantado na região, como se conclui pela abundância de tais exemplares tanto aqui como em Pragança, povoado pré-histórico do vizinho concelho do Cadaval. Ao observar-se o conjunto das cerâmicas pertencentes a este grupo, sem dúvida coevo das cerâmicas do grupo anterior, reconhecem-se exemplares influenciados pelos clássicos “copos” do Calcólico Inicial da Estremadura, nos quais a decoração canelada foi em parte ou no todo substituída por motivos decorados a pente. O conjunto cerâmico em apreço revela, por outro lado, elementos comuns com a olaria campaniforme, também presente no Outeiro de São Mamede. Deste modo, as produções decoradas a pente (incisas e impressas) preencheram um tempo e um espaço

geográfico específicos, cuja importância importa deixar bem registada.

Entre as produções cerâmicas mais relevantes, uma merece destaque especial: trata-se de pequena taça em calote, com decoração incisa, no lado externo, do que não parece oferecer dúvidas ser um cometa, com todos os elementos que constituem tais corpos celestes: a ser assim, é a primeira representação conhecida do género de que se tem conhecimento, devendo, assim, ser devidamente salientada.

## BIBLIOGRAFIA

ABERG, N. (1921) – *La civilisation énéolithique dans la Péninsule Ibérique*. Uppsala: A. - B. Akademiska Bokhandeln.

ALVES, S. D. (1956/1957) – *O Outeiro de S. Mamede*. Dissertação para licenciatura em Ciências Históricas e Filosóficas na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (policopiada), 214 p.

APOLINÁRIO, M. (1896) – Necrópole neolítica do vale de São Martinho. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 2, p. 210-221.

BLAS CORTINA, M. A. de (1989) – *La minería prehistórica del cobre en las montañas astur-leonesas. Minería y metalurgia en las antiguas civilizaciones mediterráneas y europeas (Madrid, 1985)*. Madrid: Instituto de Conservación y Restauración de Bienes Culturales, 1, p. 143-155.

BOAVENTURA, R. (2001) – *O sítio calcolítico do Pombal (Monforte). Uma recuperação possível de velhos e novos dados*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia, 20).

CARDOSO, J. L. (1982) – *O castro de Leceia*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 57 p.

CARDOSO, J. L. (1989) – *Leceia, resultados das escavações realizadas 1983-1988*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.

CARDOSO, J. L. (1990) – A Lapa do Bugio (Sesimbra), *Sesimbra Cultural*. Sesimbra. 50, p. 15-34.

CARDOSO, J. L. (1992) – A Lapa do Bugio. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9/10, p. 89-225.

CARDOSO, J. L. (1994) – *Leceia 1983-1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico*. Estudos Arqueológicos de Oeiras. Oeiras. (Número Especial).

CARDOSO, J. L. (1995 a) – Possíveis pontas de seta calcolíticas de osso do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 233-241.

CARDOSO, J. L. (1995 b) – Cerâmicas decoradas a pente, do Calcolítico Pleno de Leceia (Oeiras) e da Penha Verde (Sintra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 243-249.

CARDOSO, J. L. (1995 c) – Símbolos sexuais do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 251-261.

CARDOSO, J. L. (1997) – *O povoado pré-histórico de Leceia sentinela do Tejo no terceiro milénio antes de Cristo*. Lisboa/Oeiras: Museu Nacional de Arqueologia/Câmara Municipal de Oeiras.



- CARDOSO, J. L. (1997/1998) – A ocupação campaniforme do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7, p. 89-153.
- CARDOSO, J. L. (1999/2000) – Os artefactos de pedra polida do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 8, p. 241-323.
- CARDOSO, J. L. (2000) – The fortified site of Leceia (Oeiras) in the context of the Chalcolithic in Portuguese Estremadura. *Oxford Journal of Archaeology*. Oxford. 19 (1), p. 37-55.
- CARDOSO, J. L. (2002) – *Pré-História de Portugal*. Lisboa: Verbo.
- CARDOSO, J. L. (2003) – A gruta do Correio-Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 11 (neste volume).
- CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (1991) – O espólio arqueológico do Algar de João Ramos ou Gruta das Redondas, Turquel - Alcobaça. *Actas das IV Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1990). Lisboa, p. 277-285.
- CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (1996) – Materiais campaniformes e da Idade do Bronze do concelho de Sintra. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 317-340.
- CARDOSO, J. L. & FERNANDES, F. B. (1995) – Estudo arqueometalúrgico de um lingote de cobre de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 5, p. 153-164.
- CARDOSO, J. L. & GUERRA, M. F. (1997/1998) – Análises químicas não destrutivas do espólio metálico do povoado pré-histórico de Leceia, Oeiras e seu significado no quadro da intensificação económica calcolítica da Estremadura portuguesa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7, p. 61-87.
- CARDOSO, J. L. & SOARES, A. M. M. (1996) – Chronologie absolue pour le Néolithique et le Chalcolithique de l'Estremadura portugaise - la contribution de Leceia. *Révue d'Archéométrie*. Rennes. Supplément, p. 45-50.
- CARDOSO, J. L.; CANINAS, J. C. & HENRIQUES, F. (1997) – A anta 2 do Couto da Espanhola (Rosmaninhal, Idanha-a-Nova). *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 5, p. 9-28.
- CARDOSO, J. L.; FERREIRA, O. da Veiga & CARREIRA, J. R. (1996) – O espólio arqueológico das grutas naturais da Senhora da Luz (Rio Maior). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 195-256.
- CARDOSO, J. L.; SOARES, A. M. Monge & ARAÚJO, M. F. (2002) – O espólio metálico do Outeiro de S. Bernardo (Moura): uma reapreciação à luz de velhos documentos e de outros achados. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 20, p. 77-114.
- CARDOSO, J. L.; SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1983/1984) – O povoado calcolítico de Leceia (Oeiras). 1ª e 2ª campanhas de escavação. *Clio/Arqueologia*. Lisboa. 1, p. 41-68.
- CARDOSO, J. L.; SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1987) – *Oeiras há 5000 anos. Monografia de Leceia*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L.; SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1996) – A ocupação neolítica de Leceia (Oeiras). Materiais recolhidos em 1987 e 1988. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 47-89.
- CARDOSO, J. L.; LEITÃO, M.; FERREIRA, O. da Veiga; NORTH, C. T.; NORTON, J.; MEDEIROS, J. & SOUSA, P. Fialho de (1996) – O monumento pré-histórico de Tituarria, Moinhos da Casela (Mafra).

- Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 135-193.
- CARREIRA, J. R. (1998) – A ocupação da Pré-História recente do Alto de Chibanes (Palmela), Setúbal. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. 3 / 4, p. 123-213.
- CARREIRA, J. R. & CARDOSO, J. L. (2001/2002) – A gruta da Casa da Moura (Cesareda Óbidos) e sua ocupação pós-paleolítica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 10, p. 249-361.
- CARREIRA, J. R. & LOPES, F. P. (1994) – A ocupação pré-histórica de Casas Velhas (Mafra). *Actas das V Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1993). Lisboa. 2, p. 137-146.
- CARTAILHAC, E. (1886) – *Les âges préhistoriques de l’Espagne et du Portugal*. Paris: Ch. Reinwald.
- CORREIA, A. A. Mendes (1928) – *A Lusitânia pre-romana*. História de Portugal (Direcção de Damião Peres). Barcelos: Portucalense Editora. 1, p. 79-214.
- CORREIA, V. (1921) – *El Neolítico de Pavia*. Madrid: Museo Nacional de Ciencias Naturales (Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistoricas, memoria n.º. 27).
- COSTA, A. I. Marques da (1903) – Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 8, p. 47-52, 137-148, 266-274.
- COSTA, A. I. Marques da (1906) – Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 11, p. 41-50.
- COSTA, A. I. Marques da (1907) – Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 12, p. 206-217; 320-338.
- COSTA, A. I. Marques da (1908) – Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 13, p. 270-283.
- CRIADO, BOADO, F. & VÁZQUEZ VARELA, J. M. (1982) – *La cerámica campaniforme en Galicia*. Cuadernos do Seminario de Sargadelos, 42.
- DELIBES de CASTRO, G. (1977) – *La cultura del vaso campaniforme en la Meseta Norte española*. Valladolid. (Studia Archaeologica, 46).
- DINIZ, M. (1994) – Pesos de tear e tecelagem no Calcolítico em Portugal. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 34 (3/4), p. 133-149.
- DINIZ, M. (1999) – Povoado neolítico da Foz do Enxoé (Serpa): primeiros resultados. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2 (1), p. 95-126.
- EDO, M.; VILLALBA, J. & BLASCO, A. (1995) – La calaita en la Península Ibérica. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 35 (2), p.127-167.
- FERNÁNDEZ JURADO, J. (1989) – Aspectos de la minería y la metalurgia en la Protohistoria de Huelva. *Huelva Arqueologica*. Huelva. 10/11 (3), p. 179-214.
- FERREIRA, O. da Veiga (1957) – Tipos de punhal lítico da colecção dos Serviços Geológicos de Portugal. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 67 (1/2), p. 185-191.
- FERREIRA, O. da Veiga (1970) – La metallurgie primitive au Portugal pendant l’époque chalcolithique. *VI Congreso Internacional de Minería* (Leon, 1970). Actas, 1, p. 99-116.
- FERREIRA, O. da Veiga & SILVA, C. Tavares da (1970) – A estratigrafia do povoado pré-histórico da Rotura

- (Setúbal). Nota preliminar. *Actas das I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1969). Lisboa. 1, p. 203-225.
- FORMOSINHO, J.; FERREIRA, O. da Veiga & VIANA, A. (1953/1954) – Estudos arqueológicos nas Caldas de Monchique. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 14 (1/4), p. 66-225.
- FORTES, J. (1905/1908) – A sepultura da Quinta da Agua Branca (Idade do Cobre). *Portugalia*. Porto. 2, p. 241-252.
- GALLAY, G.; SPINDLER, K.; TRINDADE, L. & FERREIRA, O. da V. (1973) – *O monumento pré-histórico do Paimogo (Lourinhã)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- GOMES, J. P. (1896/1898) – Mineraes descobertos em Portugal. *Comunicações da Direcção dos Trabalhos Geológicos de Portugal*. Lisboa. 3 (2), p. 199-209.
- GONÇALVES, J. L. M. (1991) – Cerâmica calcolítica da Estremadura. *Actas das IV Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1990). Lisboa, p. 215-226.
- GONÇALVES, V. S. (1971) – *O castro da Rotura e o vaso campaniforme*. Setúbal: Junta Distrital de Setúbal.
- GONÇALVES, V. S. (2002) – Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente peninsular: 4. A “síndrome das placas loucas”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6 (1), p. 131-157.
- GONÇALVES, V. S. (2003) – *STAM-3, a anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia, 25)
- GONÇALVES, V. S.; CARVALHO, A. & POMBAL, S. (2003) – A ocupação pré-histórica da Quinta das Longas (S. Vicente e Ventosa, Elvas). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6 (2), p. 109-142.
- GÓNGORA Y MARTINEZ, M. de (1868) – *Antigüedades prehistóricas de Andalucía*. Madrid: C. Moro.
- HARRISON, R. J. (1977) – *The Bell Beaker Cultures of Spain and Portugal*, American School of Prehistoric Research. Peabody Museum. Harvard University. Bulletin 35. Cambridge-Massachusetts.
- HARRISON, R. J.; BÜBNER, T. & HIBBS, V. A. (1976) – The beaker pottery from El Acebuchal, Carmona (Prov. Sevilla). *Madrid Mitteilungen*. Heidelberg. 17, p. 79-141.
- HELENO, M. (1935) – Jóias pré-romanas. *Ethnos*. Lisboa. 1, p. 229-257.
- JALHAY, E. (1947) - A alabarda de sílex do Casal da Barba Pouca (Mação) e a expansão das lanças e alabardas líticas em Portugal. *Brotéria*. Lisboa. 44 (1), p. 36-56.
- JALHAY, E. & PAÇO, A. do (1941) – A Gruta II da necrópole de Alapraia. *Anais da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. 4, p. 107-140.
- JALHAY, E. & PAÇO, A. do (1945) – El Castro de Vilanova de San Pedro. *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria*. Madrid. 20, p. 55-141.
- JORGE, S. Oliveira (1986) – *Povoados da pré-história recente da região de Chaves-Vila Pouca de Aguiar* (2 vols.). Porto: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras do Porto.
- JORGE, S. Oliveira (2002) – Castelo Velho de Freixo de Numão: um recinto monumental pré-histórico do Norte de Portugal. *Património - Estudos*. Lisboa. 3, p. 145-164.
- JUNGHANS, S.; SANGMEISTER, E. & SCHRÖDER, M. (1960) – *Metallanalysen Kupferzeitlicher und frühbronzezeitlicher Bodenfunden aus Europa*, S. A. M.

- KALB, P. & HÖCK, M. (1980) – Cabeço da Bruxa, Alpiarça (Distrito Santarém) vorbericht über die Grabung im Januar und Februar 1979. *Madrider Mitteilungen*. Heidelberg. 21, p. 91-104.
- KUNST, M. (1996) – As cerâmicas decoradas do Zambujal e o faseamento do Calcolítico da Estremadura portuguesa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 257-287.
- LEISNER, V. (1961) – Innenverzierte schalen der Kupferzeit auf der Iberischen Halbinsel, *Madrider Mitteilungen*. Heidelberg. 2, p. 79- 131.
- LEISNER, V. (1965) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel*. Berlin: Walter de Gruyter (Madrider Forschungen, Band 1/3 - Tafeln).
- LEISNER, V. & SCHUBART, H. (1966) – Die kupferzeitliche befestigung von Pedra do Ouro/Portugal. *Madrider Mitteilungen*. Heidelberg. 7, p. 9-47.
- LEISNER, V.; PAÇO, A. do & RIBEIRO, L. (1964) – *Grutas artificiais de S. Pedro do Estoril*. Lisboa.
- LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga (1961) – *Les grottes artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la culture du vase campaniforme*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal (Memória nº. 8 - Nova Série).
- LEITÃO, M.; NORTH, C. T.; NORTON, J.; FERREIRA, O. da V. & ZBYSZEWSKI, G. (1984) – The prehistoric burial cave at Verdelha dos Ruivos (Vialonga), Portugal, in J. Guilaine (dir.), *L'age du Cuivre européen*. Paris: CNRS, p. 221-239.
- MEIRELES, C.; FERREIRA, N. & REIS, M. L. (1987) – Variscite occurrence in Silurian formations from northern Portugal. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 75 (1/2), p. 21-27.
- N/A (1993) – *Corso di tessitura (Neolitico - Età del Rame)*. Trento: Ufficio Beni Archeologici.
- NOCETE, F. (2001) – *Tercer milenio antes de nuestra era. Relaciones y contradiciones centro/periferia en el valle del Guadalquivir*. Barcelona.
- PAÇO, A. do (1940) – Placas de barro de Vila Nova de S. Pedro. *Congresso do Mundo Português: Memórias e comunicações apresentadas ao Congresso de Pré e Proto-História* (I Congresso, Lisboa, 1940). Lisboa. 1, p. 235-251.
- PAÇO, A. do (1941) – As grutas do Poço Velho ou de Cascais. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 22, p. 45-84.
- PAÇO, A. do (1954) – Castro de Vila Nova de S. Pedro. VI - campanhas arqueológicas de 1943 a 1950 (nº. 7 a nº. 14). *Arqueologia e História*. Série VIII, 3, p. 31-80.
- PAÇO, A. do (1955) – Castro de Vila Nova de S. Pedro. VII. Considerações sobre o problema da metalurgia. *Zephyrus*. Salamanca. 6, p. 27-40.
- PAÇO, A. do (1956) – Castelo da Pedra de Ouro. *Anais da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. Série II, 16, p. 117-152.
- PAÇO, A. do (1959) – Castro de Vila Nova de San Pedro. XI - Nota sobre un tipo de cerámica del estrato Vila Nova I. *Ampurias*. Barcelona. 21, p. 252-260.
- PAÇO, A. do (1960) – Castro de Vila Nova de S. Pedro. XII - Alguns objectos de osso e marfim. *Zephyrus*. Salamanca. 11, p. 105-117.

- PAÇO, A. do (1966) – Castelo da pedra de Ouro. *Anais da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. Série II, 16, p. 117-152.
- PAÇO, A. do & ARTHUR, M. L. C. (1953) – Castro de Vila Nova de San Pedro. IV - Sementes pré-históricas de linho. *Archivo de Prehistoria Levantina*. Valencia. 4, p. 151-157.
- PAÇO, A. do & BÁRTHOLO, M. L. (1961) – Nota acerca de uma escudela do povoado do Bronze I de Montes Claros (Monsanto - Lisboa). *Zephyrus*. Salamanca. 12, p. 230-233.
- PEREIRA, F. Alves (1914) – Estação arqueológica do Outeiro da Assenta (Óbidos). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 19, p. 135-146.
- PEREIRA, F. A. (1915) – Estação arqueológica do Outeiro da Assenta (Óbidos). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 20, p. 107-155.
- PEREZ ARRONDO, C. & CALLE CAMARA, C. L. (1986) – *Aportaciones al estudio de las culturas eneolíticas en el valle del Ebro. II*: Los orígenes de la Metalurgia. Logroño.
- RIBEIRO, M. (1973) – *O Arqueólogo Português. Índices dos volumes I-XXX (1895-1938)*, 1. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia.
- ROTHENBERG, B.; GARCÍA PALOMERO, F.; BACHMANN, H.-G. & GOETHE, J. W. (1989) – *The Rio Tinto enigma. Minería y metalurgia en las antiguas civilizaciones mediterráneas y europeas (Madrid, 1985)*. Madrid: Instituto de Conservación y Restauración de Bienes Culturales, 1, p. 57-70.
- RUHLMAN, A. (1951) – *La grotte préhistorique de Dar es-Soltan*. Paris: Institut des Hautes Études Marocaines. (Collection Hespéris, 11).
- SANCHES, M. J. (1997) – *Pré-História recente de Trás-os-Montes e Alto Douro* (2 vols.). Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.
- SANGMEISTER, E. (1995) – *Zambujal. Kupferfunde aus den grabungen 1964 bis 1973*. Madrider Beiträge. Band 5, p. 4-153.
- SANTOS, M. Farinha dos & FERREIRA, O. da Veiga (1969) – O monumento eneolítico de Santiago do Escoural. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 3, p. 37-62.
- SAVORY, H. (1970) – A section through the innermost rampart at the chalcolithic castro of Vila Nova de S. Pedro. *Actas das I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1969). Lisboa, 1, p. 135-162.
- SCHUBART, H. & SANGMEISTER, E. (1987) – *Zambujal*. Torres Vedras - Portugal. Torres Vedras: Câmara Municipal de Torres Vedras.
- SCHÜLE, W. & PELLICER, M. (1966) – *El Cerro de la Virgen - Orce (Granada) I*. Madrid: Servicio Nacional de Excavaciones Arqueológicas (Excavaciones Arqueológicas en España, 46).
- SERRÃO, E. da Cunha & VICENTE, E. Prescott (1958) – O castro eneolítico de Olelas. Primeiras escavações. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 39, p. 87-125.
- SERRÃO, E. da Cunha & VICENTE, E. Prescott (1980) – *Lâminas de sílex ovóides e sub-retangulares. Interpretação funcional*. Porto: Trabalhos do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, n.º 4.
- SILVA, C. Tavares da (1971) – O povoado pré-histórico da Rotura. Notas sobre a cerâmica. *Actas do II*

- Congresso Nacional de Arqueologia* (Coimbra, 1970). Coimbra: Junta Nacional da Educação, 1, p. 175-192.
- SOARES, A. M. M. & CARDOSO, J. L. (1995) – Cronologia absoluta para as ocupações do Neolítico Final e do Calcolítico Inicial do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 263-276.
- SOARES, J. & SILVA, C. T. (1974/1977) – O Grupo de Palmela no quadro da cerâmica campaniforme em Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 7/9, p. 101-112.
- SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1975) – A ocupação pré-histórica do Pedrão e o Calcolítico da região de Setúbal. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal, 1, p. 53-173.
- SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1987) – O povoado fortificado calcolítico do Monte da Tumba. I - Escavações Arqueológicas. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 8, p. 29-79.
- SOARES, J. (2001) – O povoado pré-histórico da Ponta da Passadeira: economia ribeirinha dos IV/III milénios a.C. *Arqueologia e História regional da Península de Setúbal* (Seixal, 1999). Lisboa: Universidade Aberta, p. 101-127.
- SOARES, J. (2003) – *Os hipogeus pré-históricos da Quinta do Anjo (Palmela) e as economias do simbólico*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia da Assembleia Distrital de Setúbal.
- SOARES, J.; BARBIERI, N. & SILVA, C. Tavares da (1972) – Povoado calcolítico do Moinho da Fonte do Sol (Quinta do Anjo - Palmela). *Arqueologia e História*. Lisboa. Série IX, 4, p. 235-268.
- SPINDLER, K. & GALLAY, G. (1972) – Die Tholos von Pai Mogo/Portugal. *Madrider Mitteilungen*. Heidelberg. 13, p. 38-108.
- SPINDLER, K. & GALLAY, G. (1973) – *Kupferzeitliche Siedlung und Begräbnisstätten von Matacães in Portugal*. Mainz am Rhein: Verlag Philipp von Zabern (Madrider Beiträge, 1).
- SPINDLER, K. & TRINDADE, L. (1970) – A povoação eneolítica do Penedo - Torres Vedras. *Actas das I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1969). Lisboa. 1, p. 59-157.
- THADEU, D. (1965) - *Carta mineira de Portugal na escala de 1/500 000*. Notícia explicativa. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1895) – Aquisições do Museu Etnográfico Português. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 1, p. 218-222.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1915) – *História do Museu Etnológico Português*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1922) – Encabamento de instrumentos de pedra prehistoricos. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 22, p. 288-298.
- VEIGA, S. P. M. Estácio da (1889, 1891) – *Antiguidades Monumentais do Algarve. Tempos Pré-Históricos* (vols. 3 e 4). Lisboa: Imprensa Nacional.
- ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. da V. (1958) – Estação pré-histórica da Penha Verde (Sintra), *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 39, p. 37-57.
- ZILHÃO, J. (1992) – *Gruta do Caldeirão. O Neolítico Antigo*. Lisboa: IPPAR (Trabalhos de Arqueologia, 6).

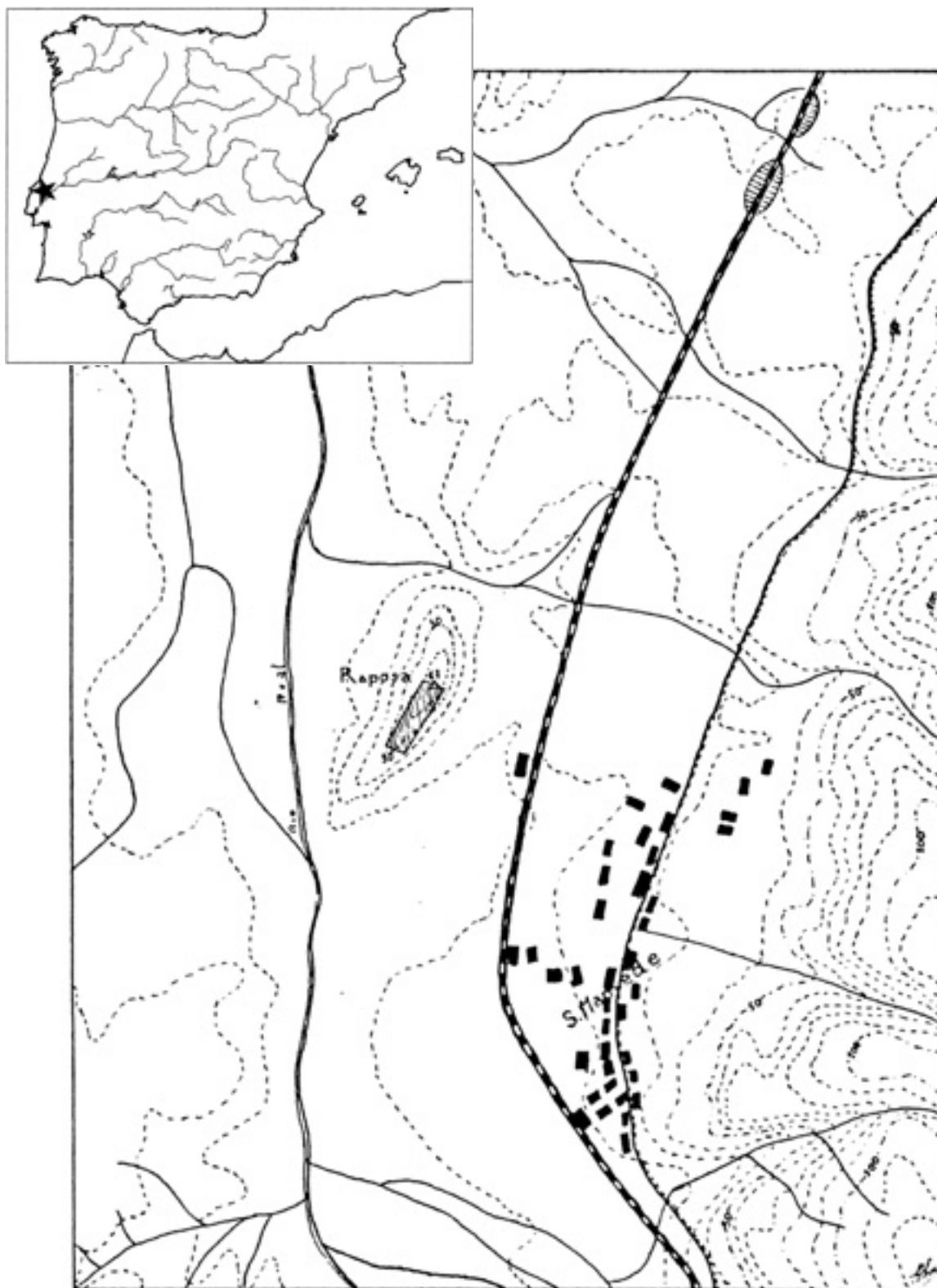


Fig. 1 - Localização do Outeiro de São Mamede, com a delimitação a tracejado, da zona de colheita do espólio arqueológico (segundo S. D. ALVES, 1956/1957), à escala de 1/25 000 e na Península Ibérica.

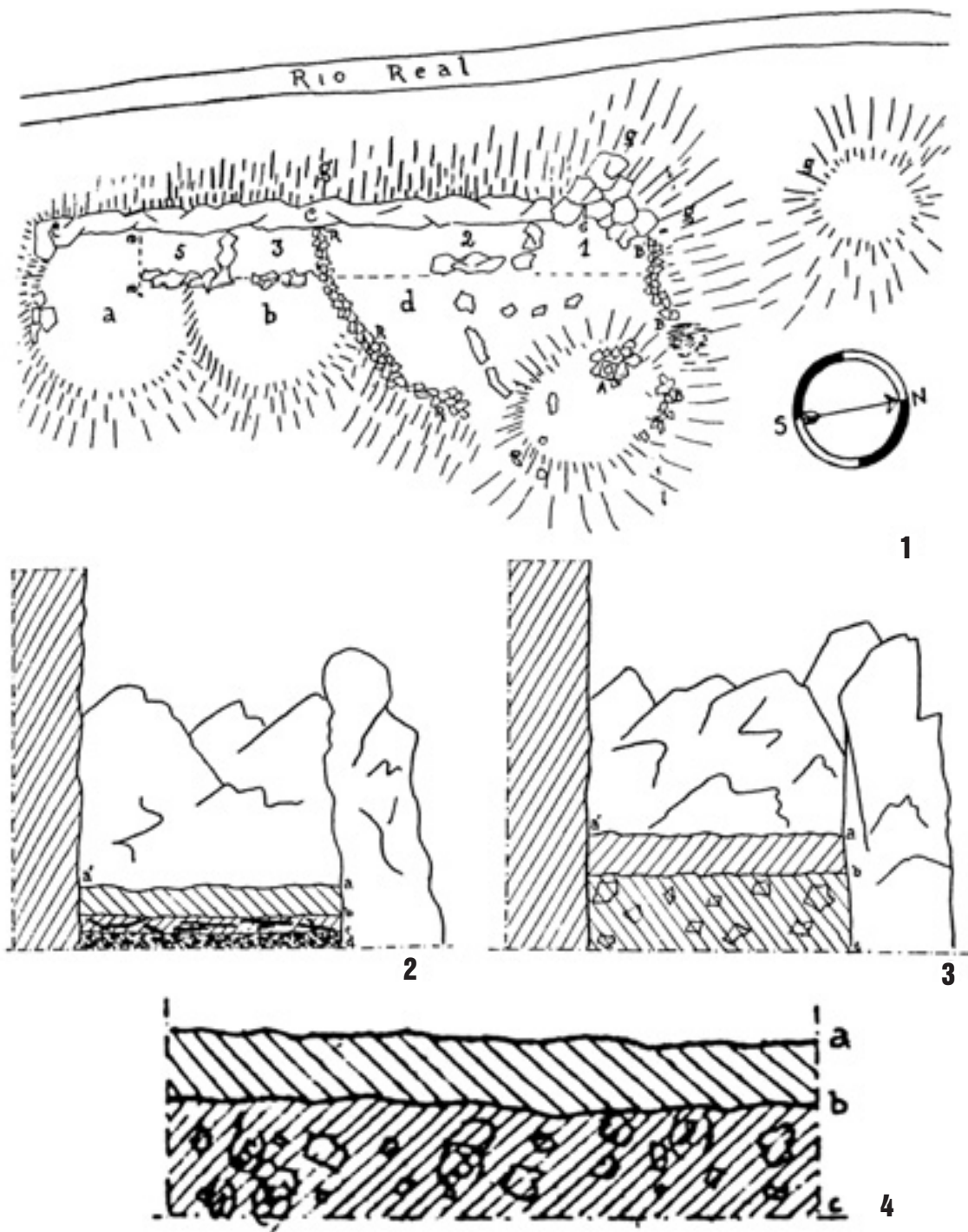


Fig. 2 - n.º 1, planta esquemática e respectivos cortes, segundo as “Notas de Exploração de Bernardo de Sá da zona por si explorada no Outeiro de São Mamede. A : marco geodésico ; BBB e RRR : muros pré-históricos (?) ; CCC : contraforte de penedos ; 2 : ver Fig. 2, n.º 3 ; 3 : “mina dos raios” ; 5 : “cabana” ; n.º 2, corte estratigráfico do interior da “cabana” : a’a (3,50 m), largura do recinto ; ab (0,50 m), terra arável ; bc (1,00 m), entulho arqueológico ; n.º 3, corte estratigráfico executado no sector 2 da planta reproduzida acima : aa’ (3,50 m), largura do recinto ; ab (0,50 m), terra arável ; bc (1,00 m), entulho arqueológico ; n.º 4, corte estratigráfico executado a 30 de Junho de 1906 em sector indeterminado da estação : ab (0,43 m), solo arável ; bc (0,65 m), camada arqueológica ; 1 martelo ; 2 diadema de ouro ; 3 - caco ornamentado ; 4 - ponta de seta ; 5 - fragmento de machado de pedra (segundo apontamento de J. Leite de Vasconcelos, publicado por S. D. ALVES, 1956/1957).



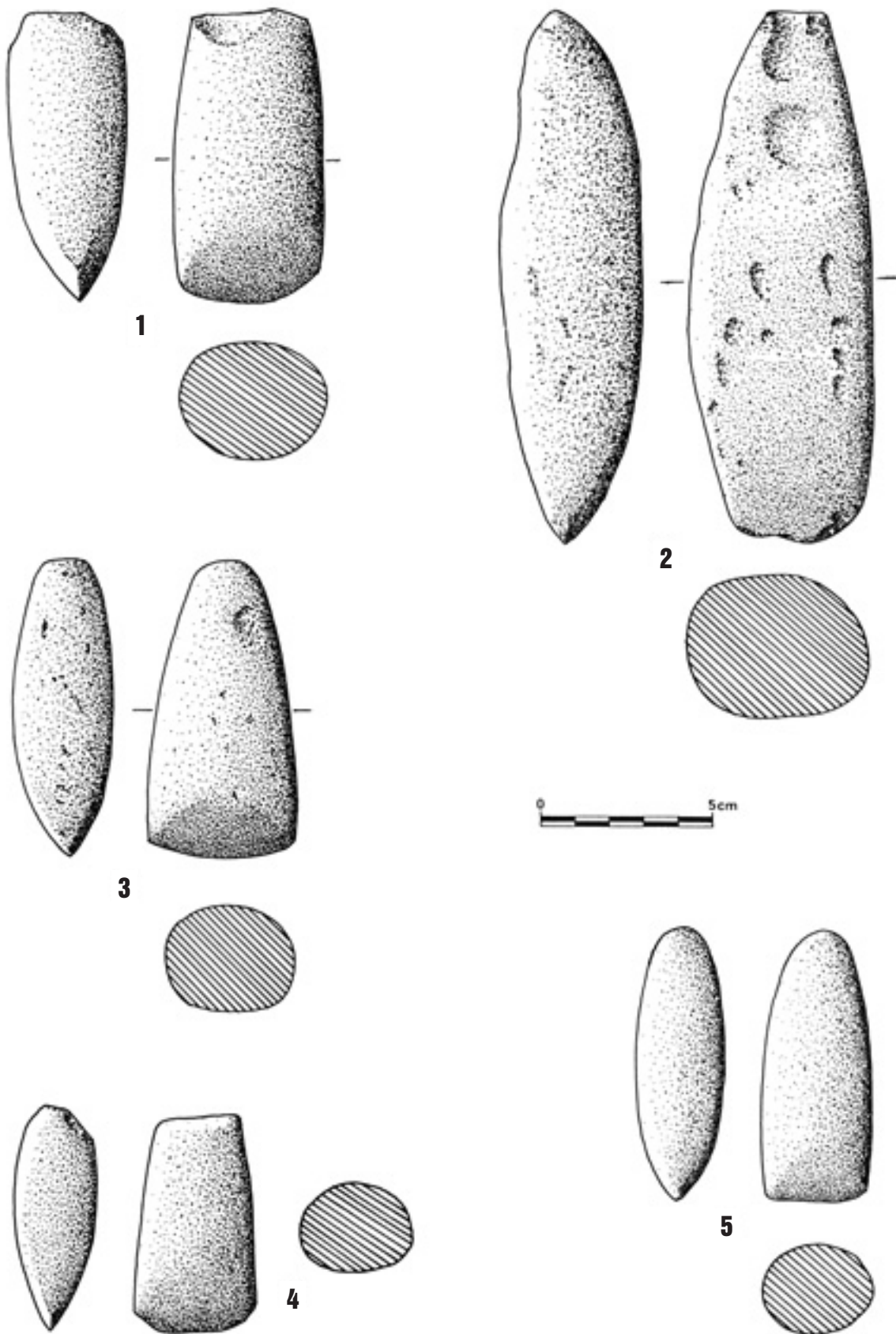


Fig. 3 - Outeiro de São Mamede: indústria de pedra polida.

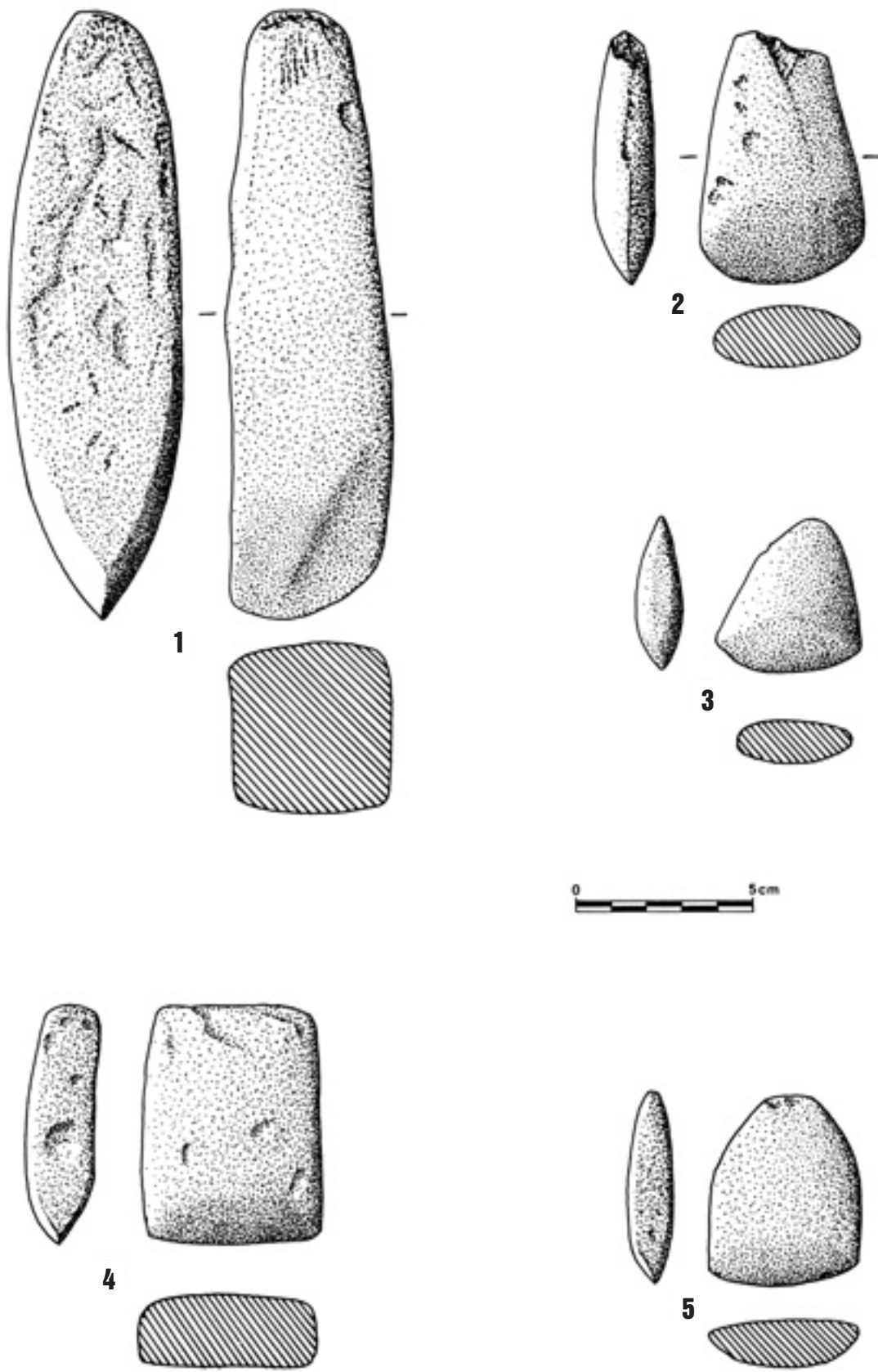


Fig. 4 - Outeiro de São Mamede: indústria de pedra polida.

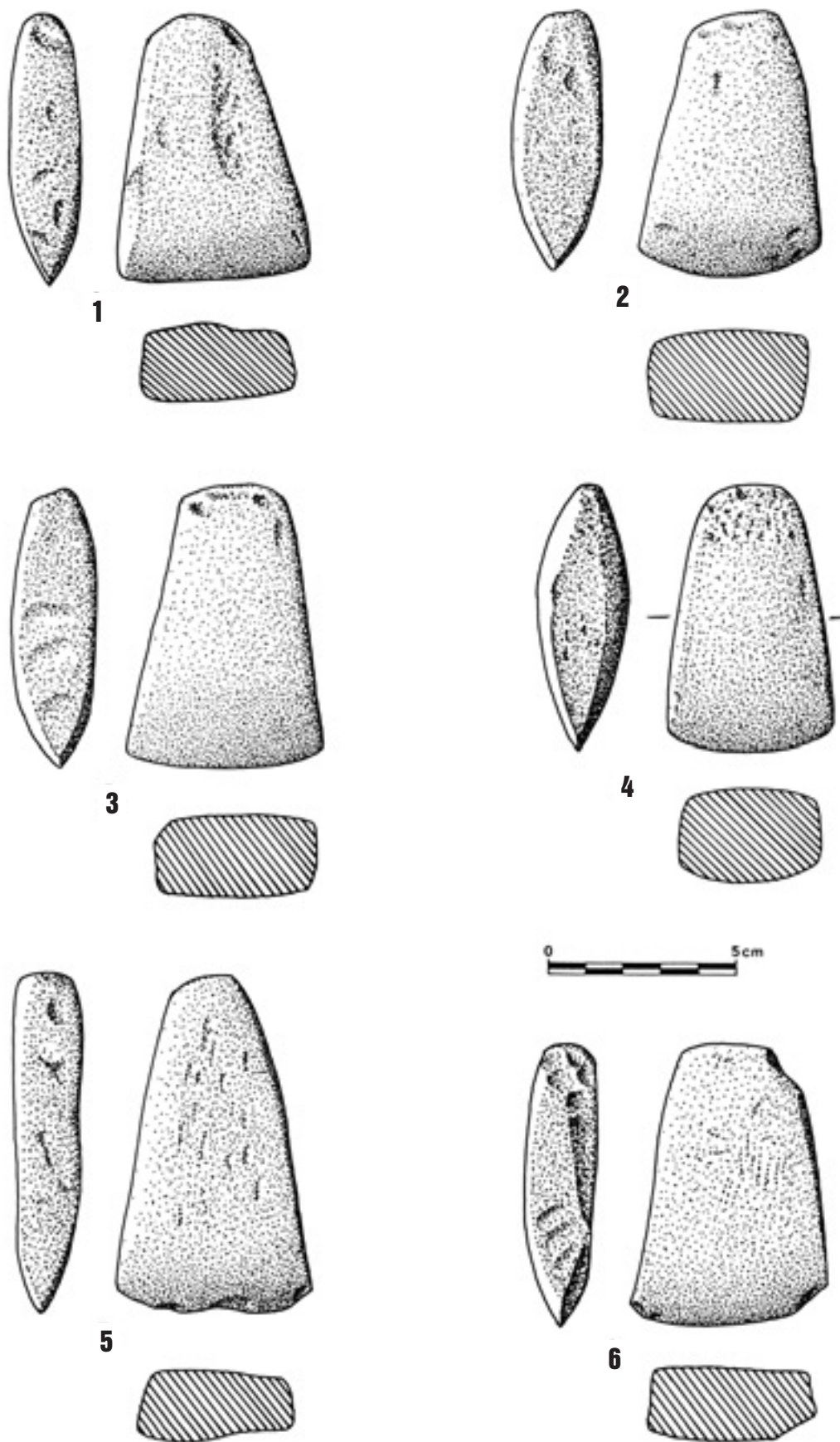


Fig. 5 - Outeiro de São Mamede: indústria de pedra polida.

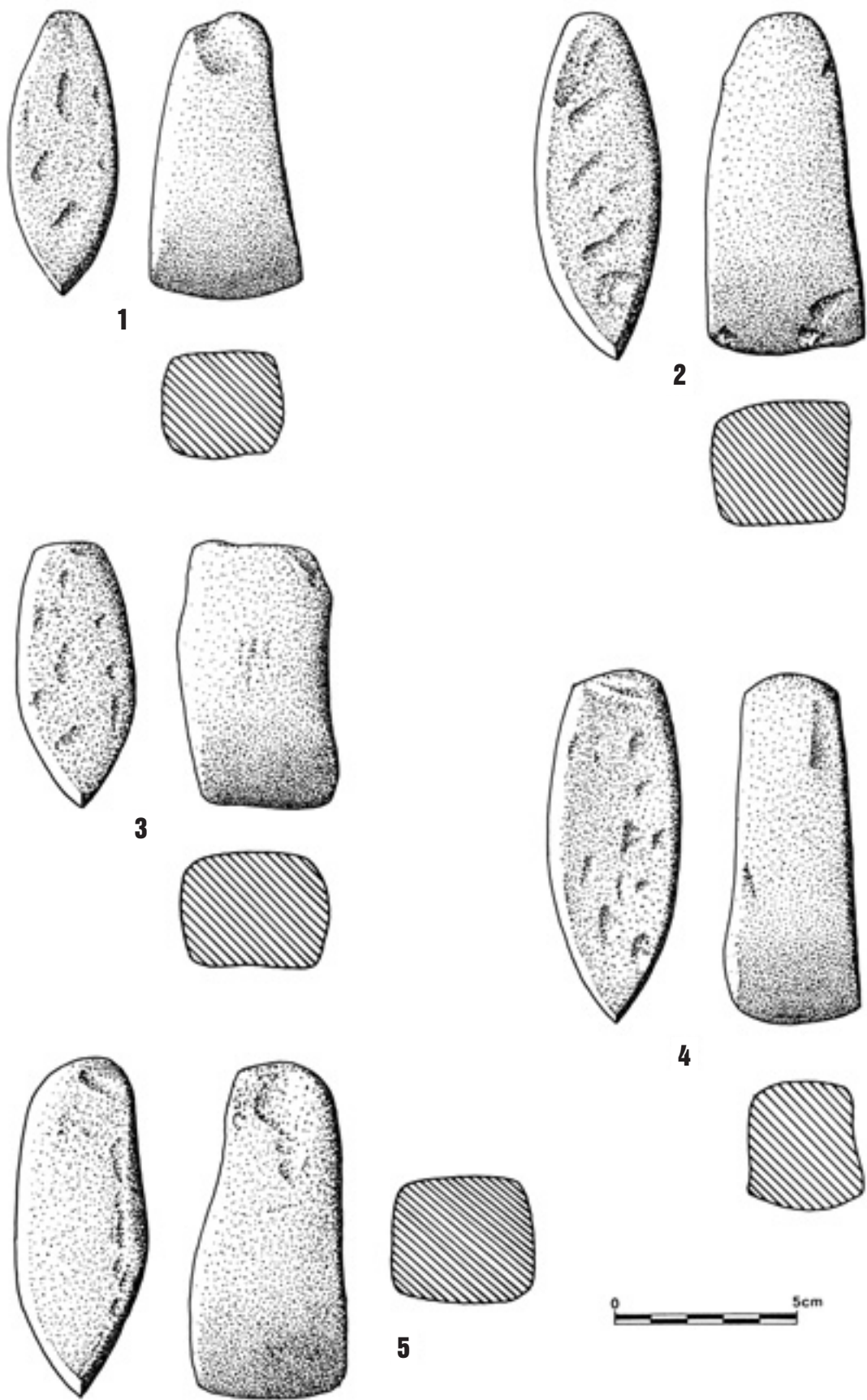


Fig. 6 - Outeiro de São Mamede: indústria de pedra polida.

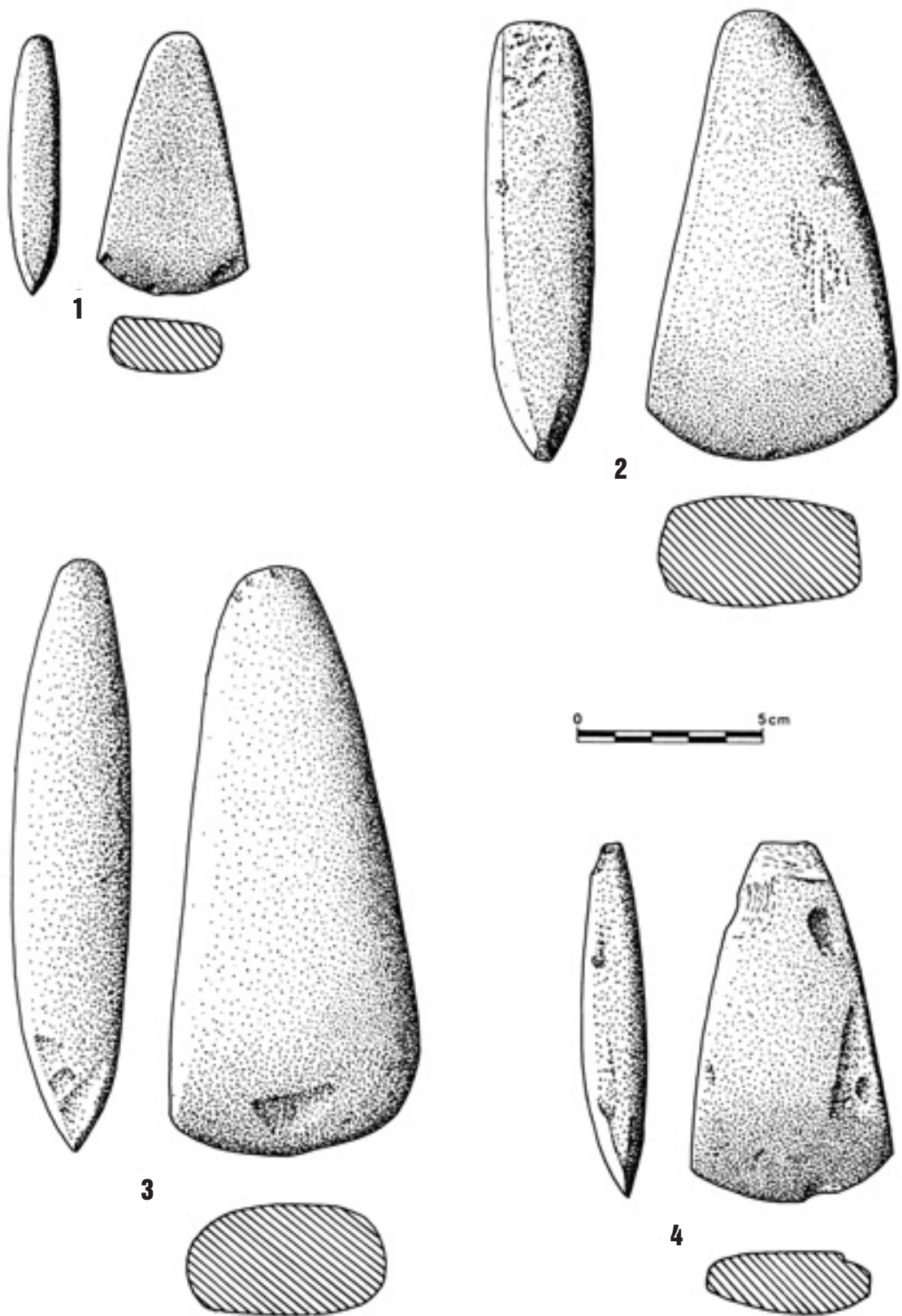


Fig. 7 - Outeiro de São Mamede: indústria de pedra polida.

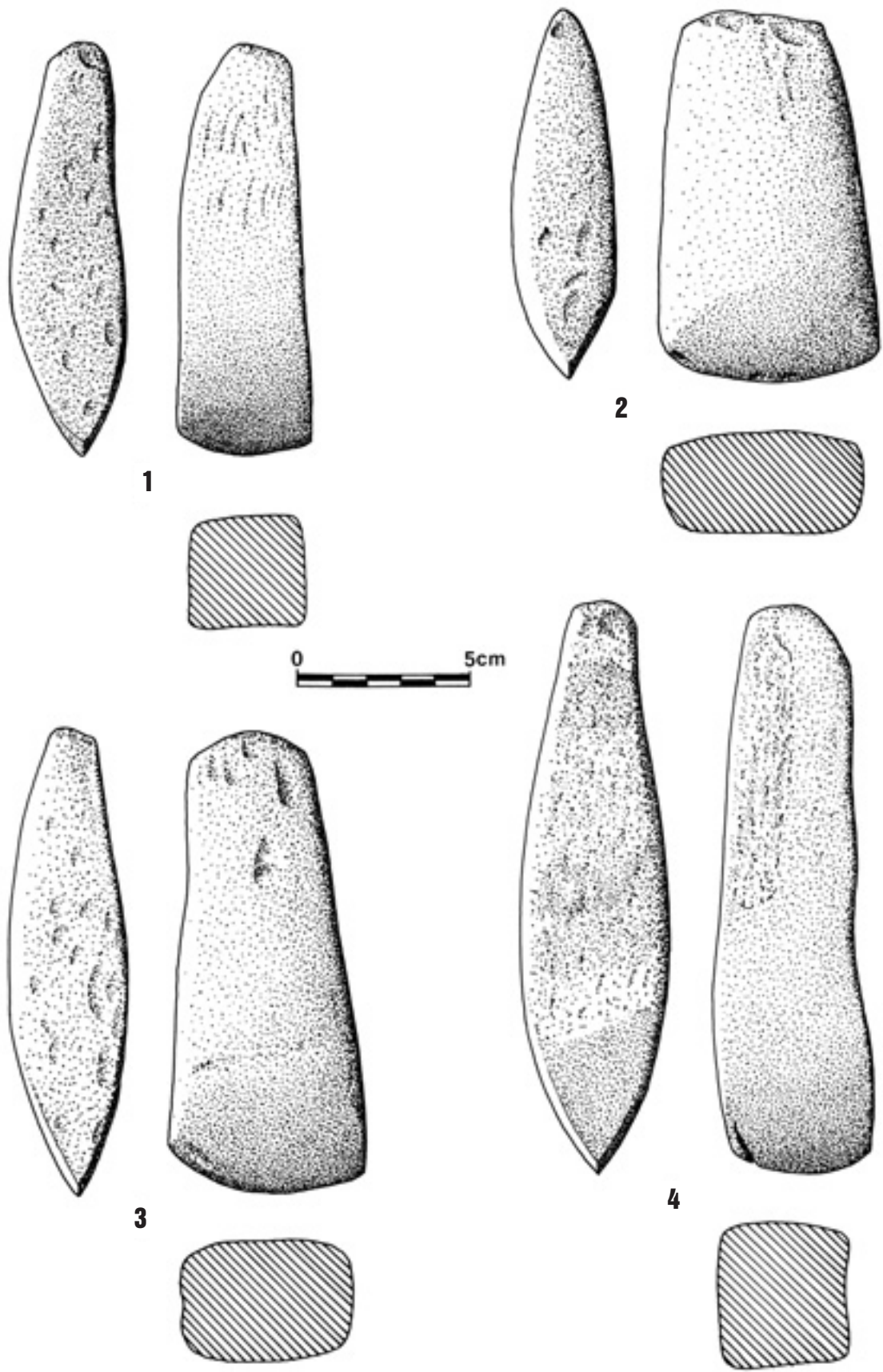


Fig. 8 - Outeiro de São Mamede: indústria de pedra polida.

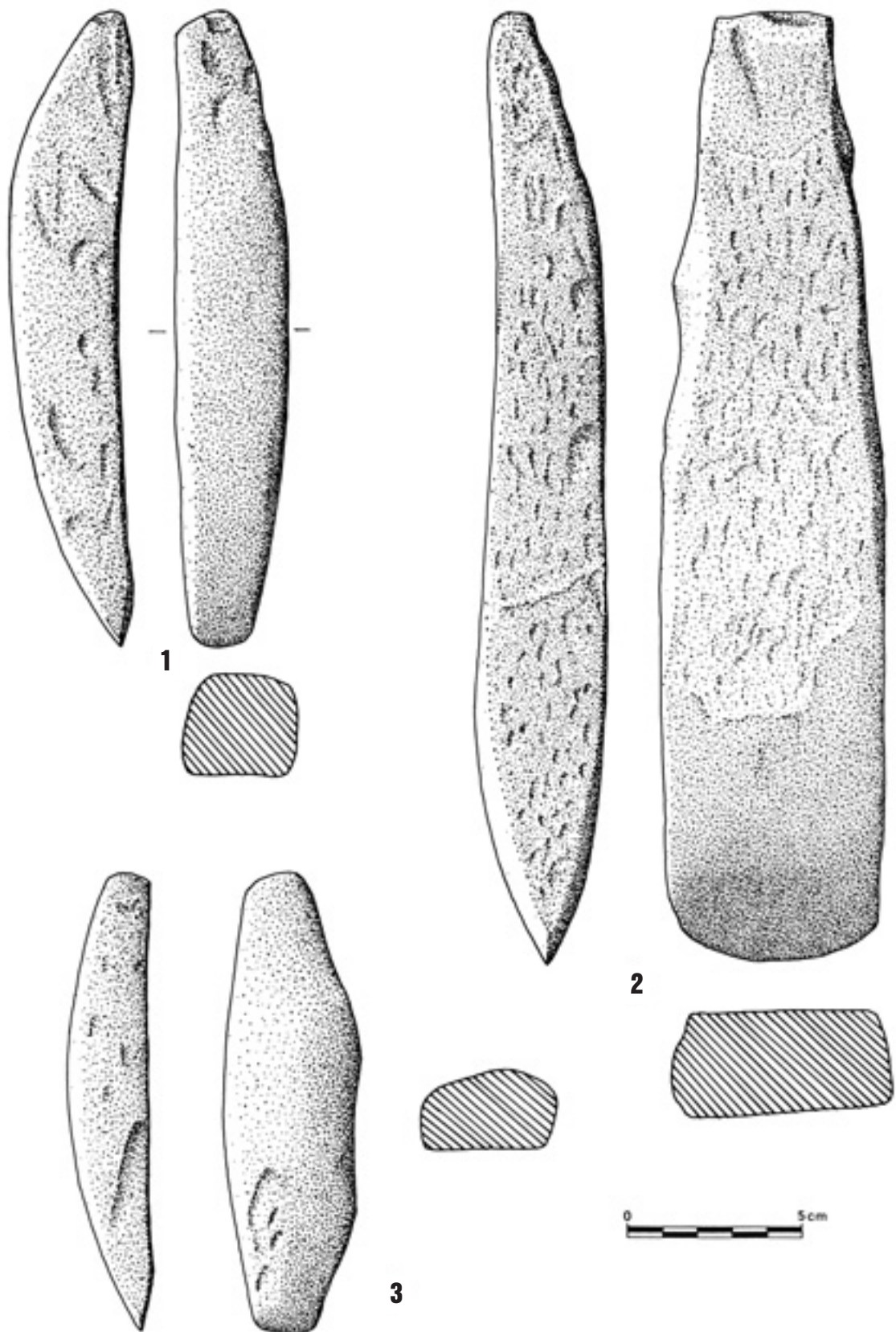


Fig. 9 - Outeiro de São Mamede: indústria de pedra polida.

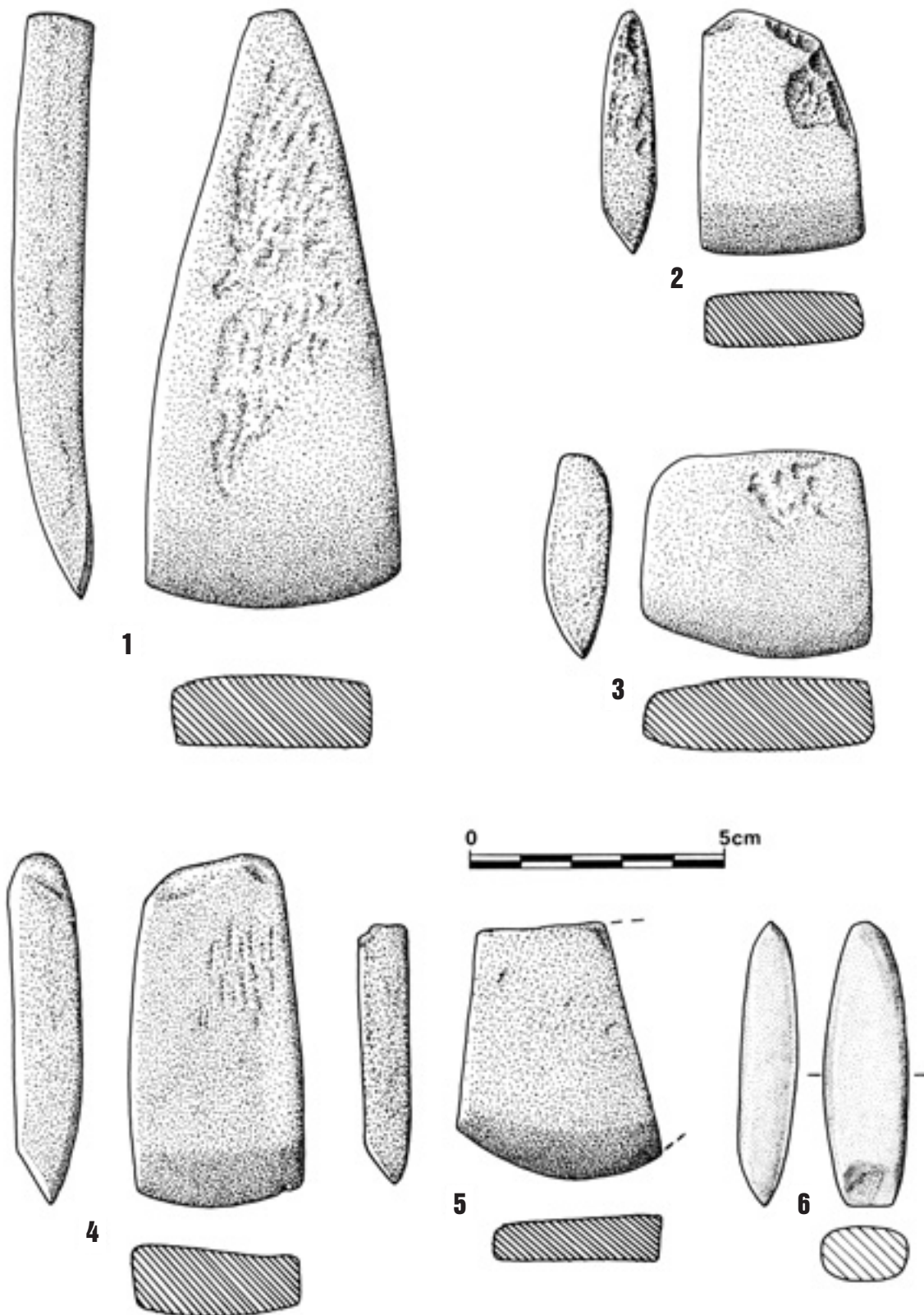


Fig. 10 – Outeiro de São Mamede: indústria de pedra polida.



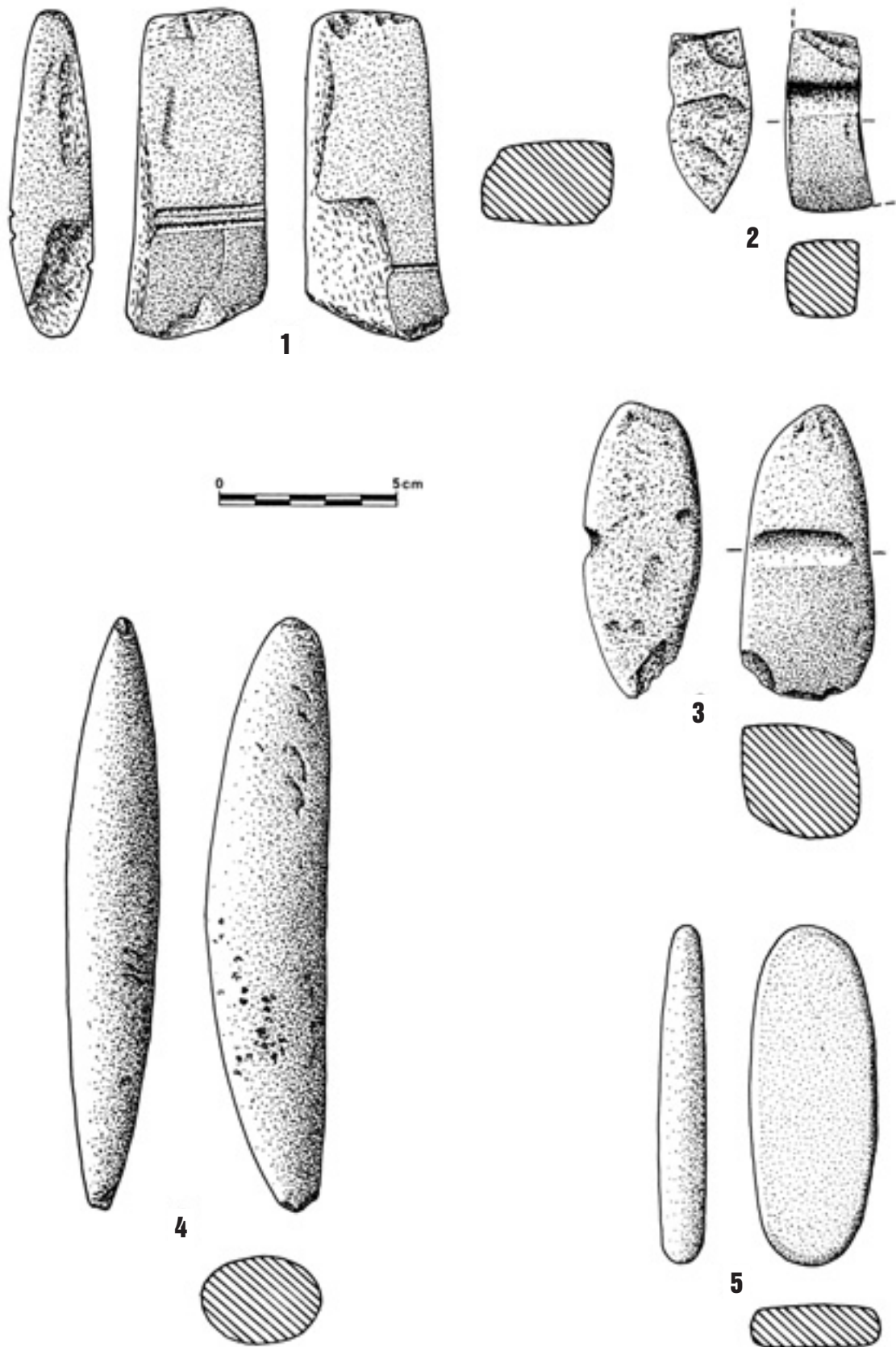


Fig. 11 – Outeiro de São Mamede: indústria de pedra polida.

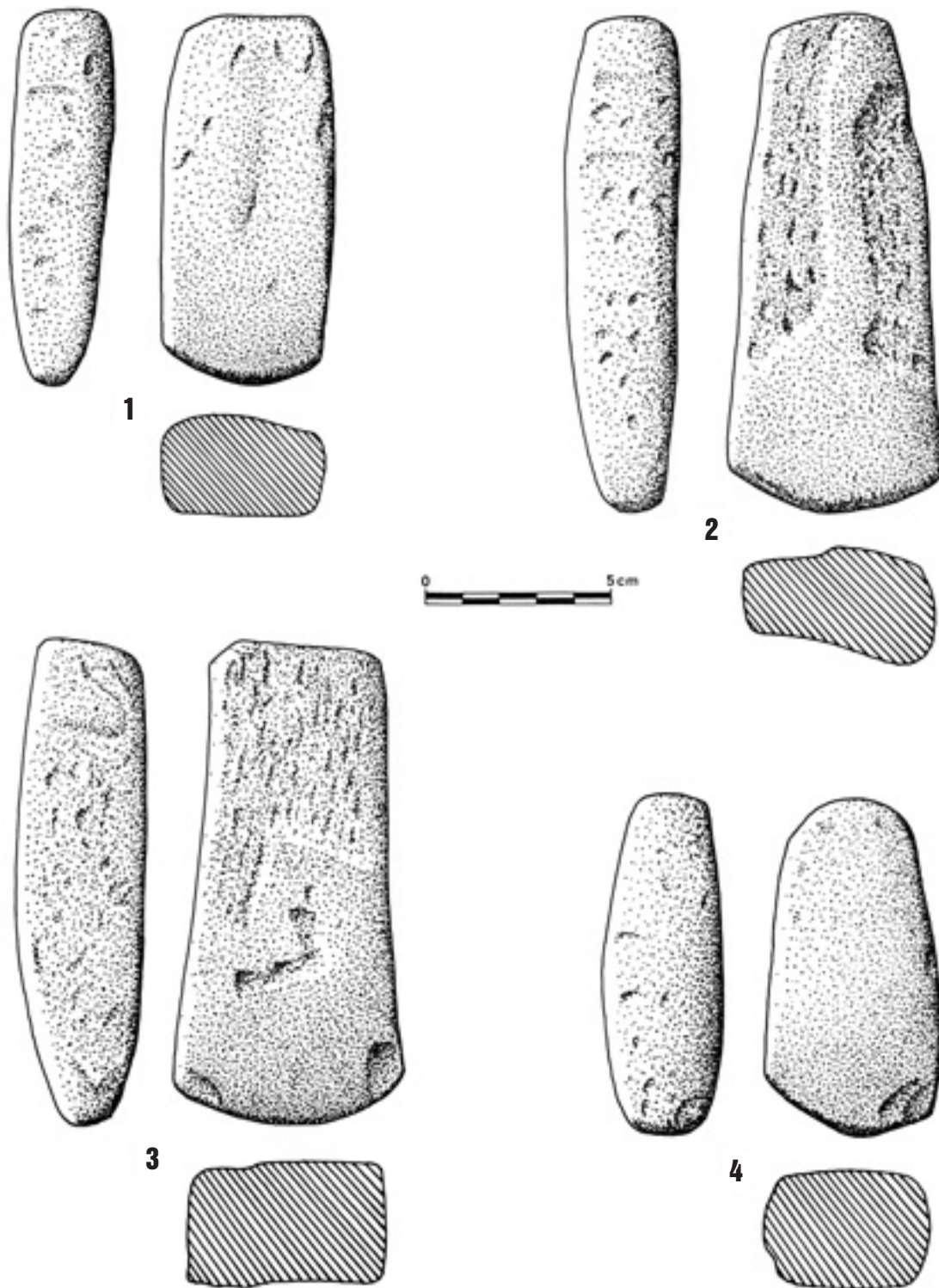


Fig. 12 – Outeiro de São Mamede: indústria de pedra polida.

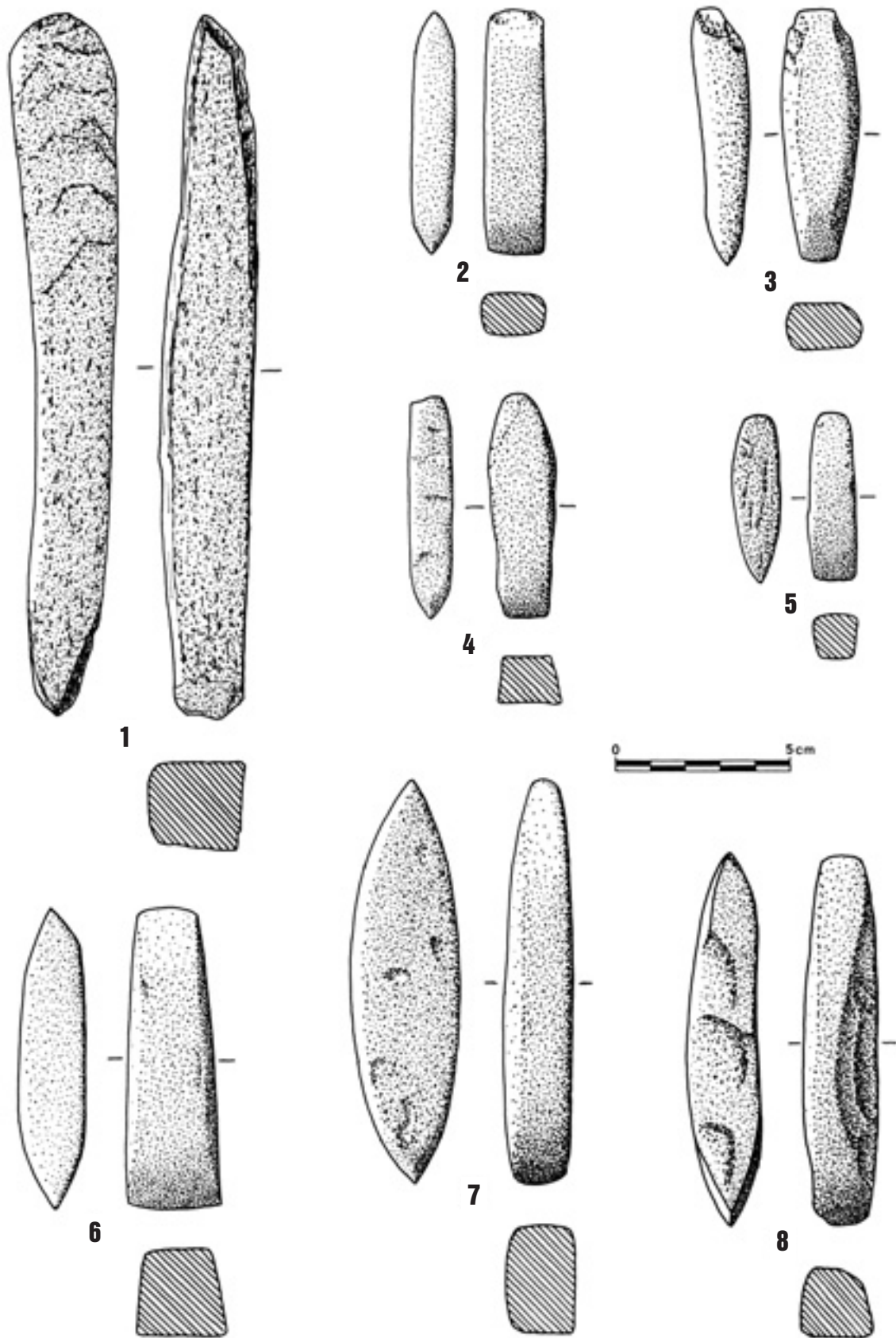


Fig. 13 - Outeiro de São Mamede: indústria de pedra polida.

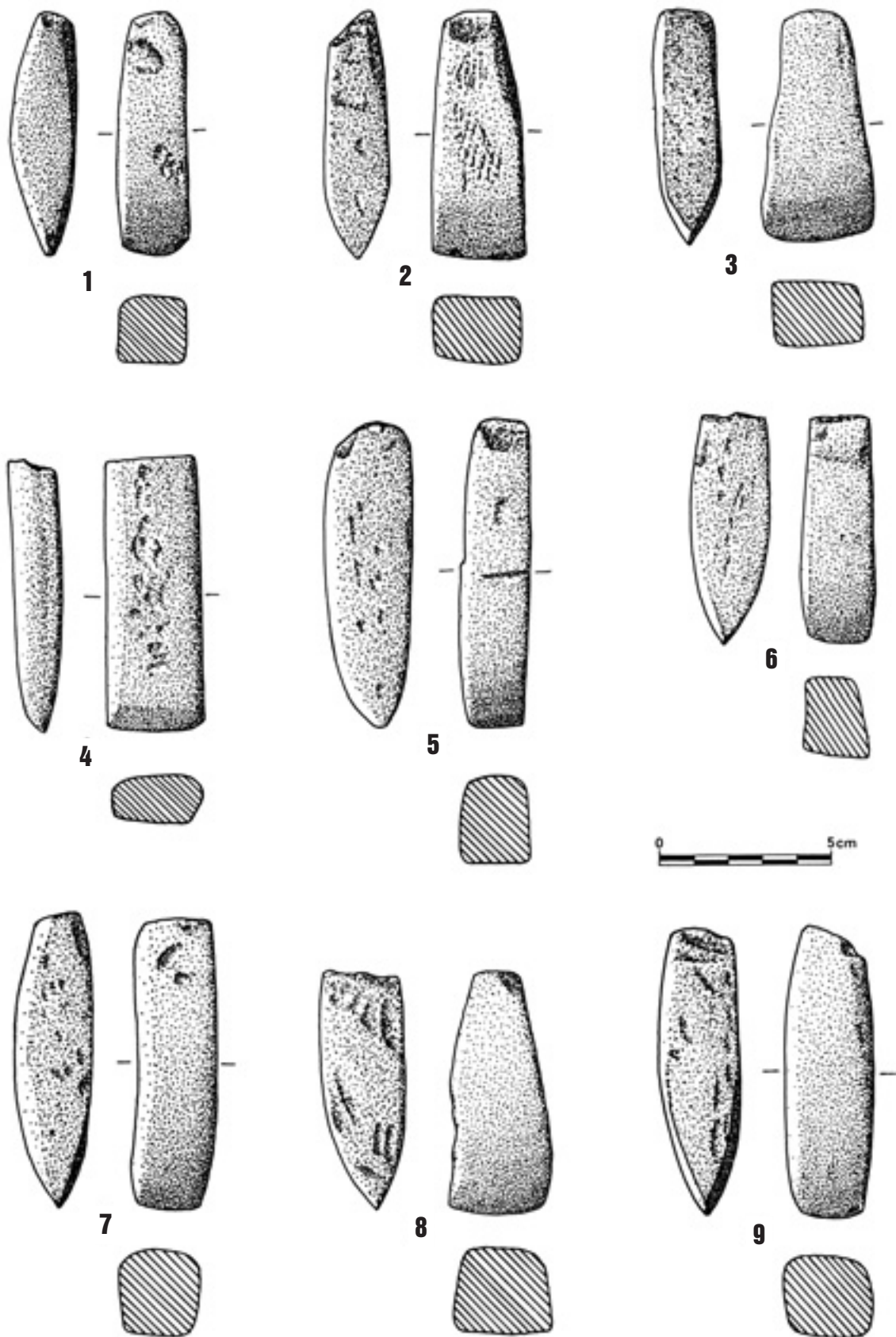


Fig. 14 – Outeiro de São Mamede: indústria de pedra polida.

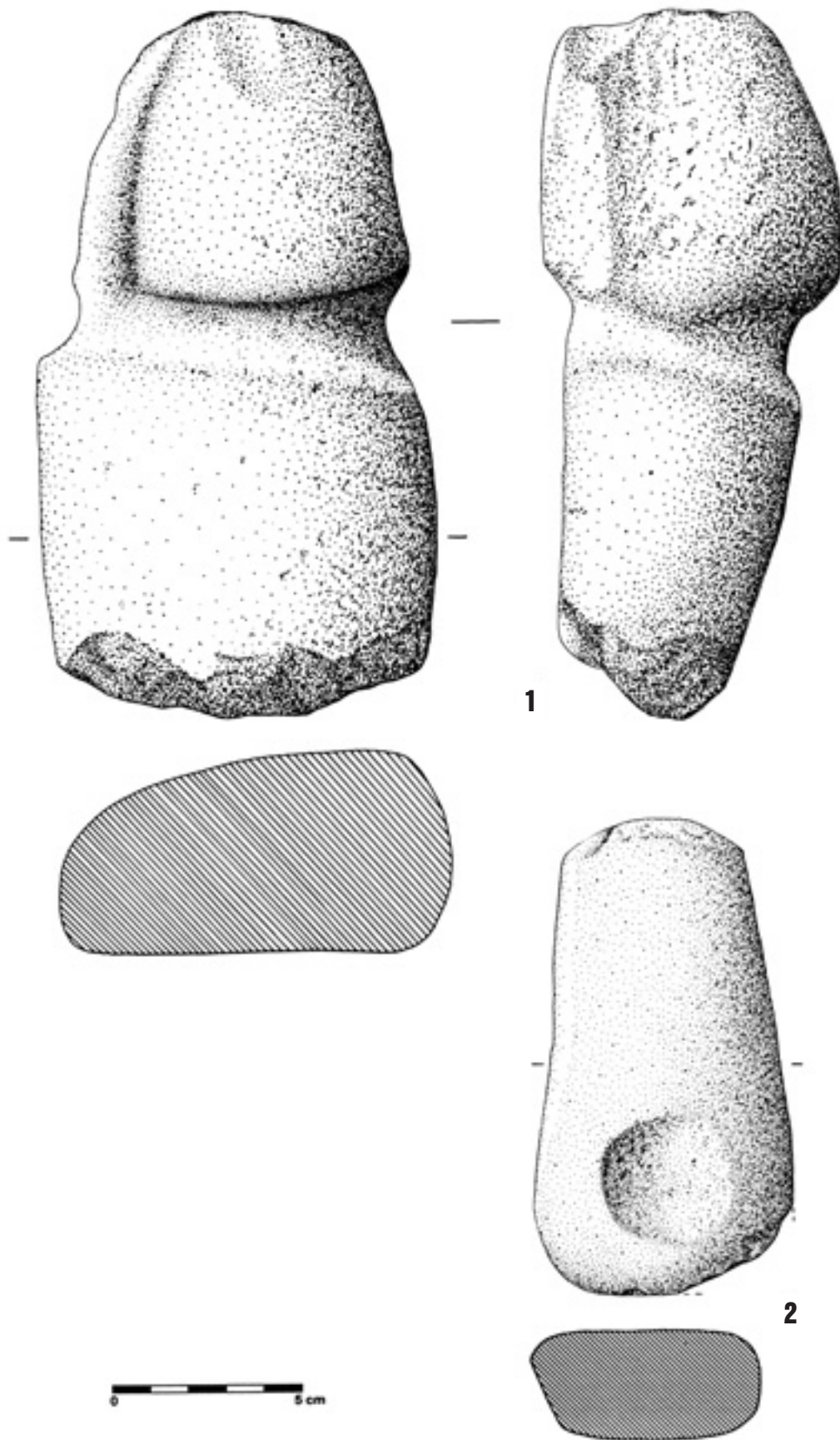


Fig. 15 – Outeiro de São Mamede: indústria de pedra afeiçãoada por picotagem.

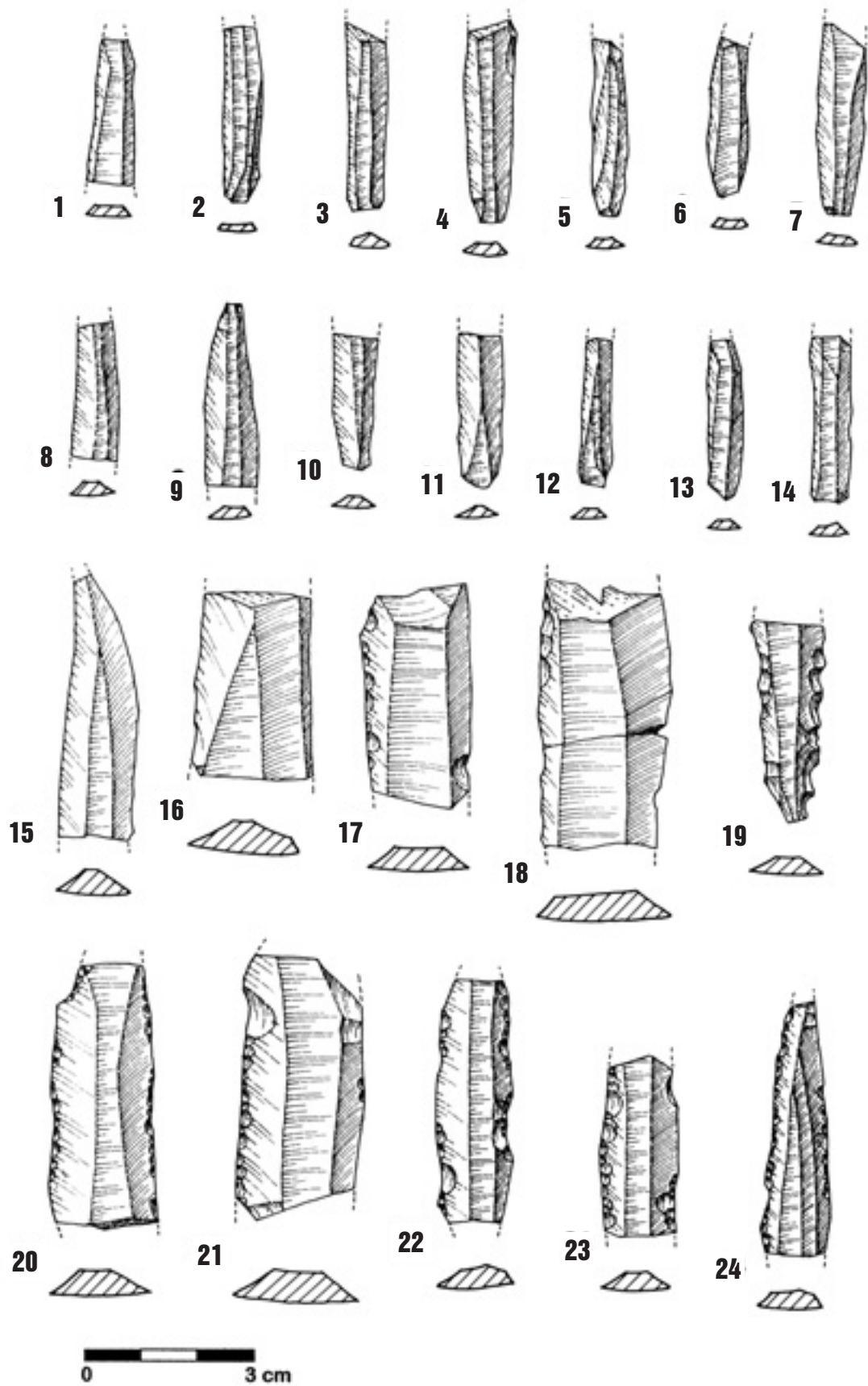


Fig. 16 – Outeiro de São Mamede: lâminas e lamelas de sílex não retocadas ou com retoque parcial.

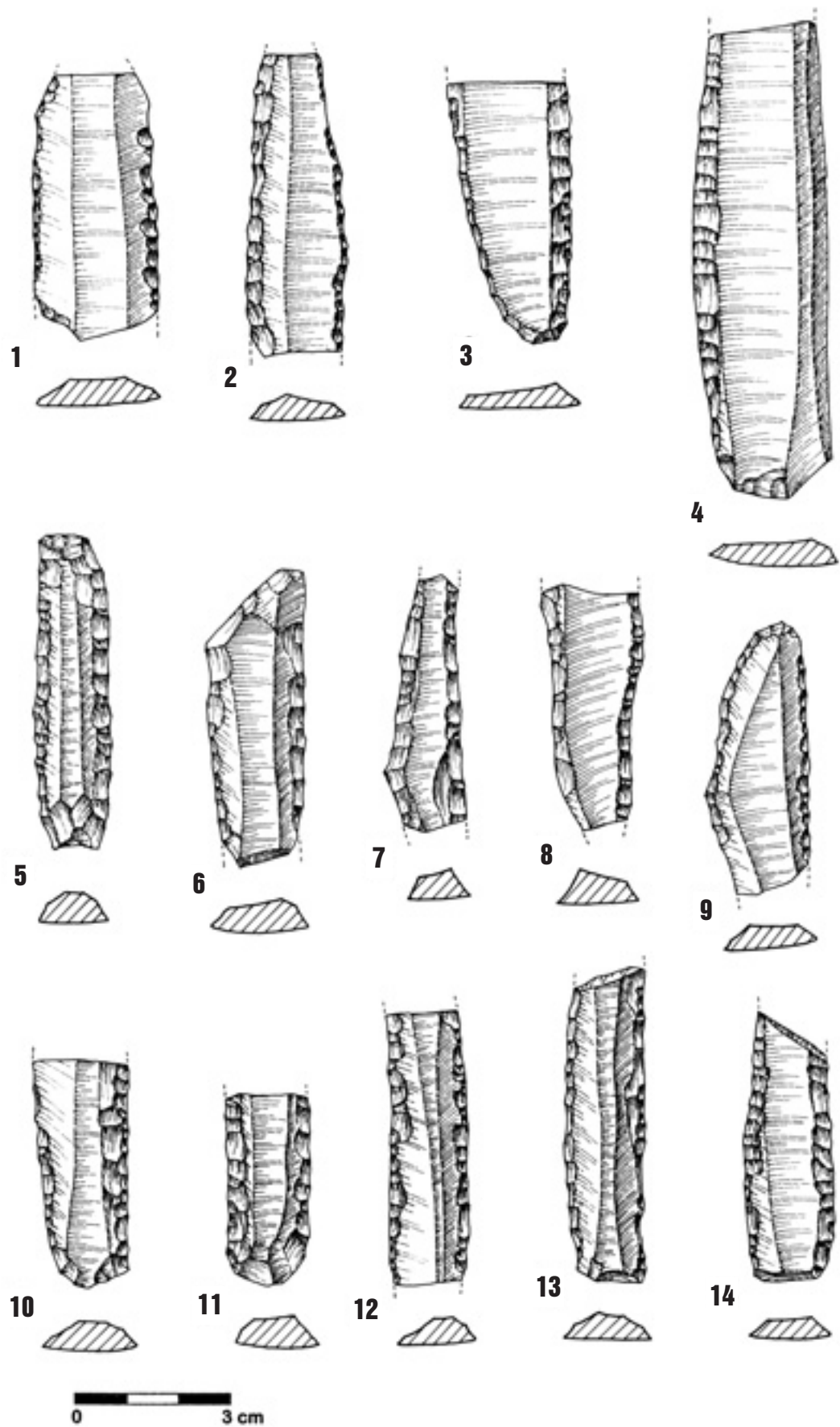


Fig. 17 - Outeiro de São Mamede: lâminas de sílex com retoque contínuo, total ou parcial.

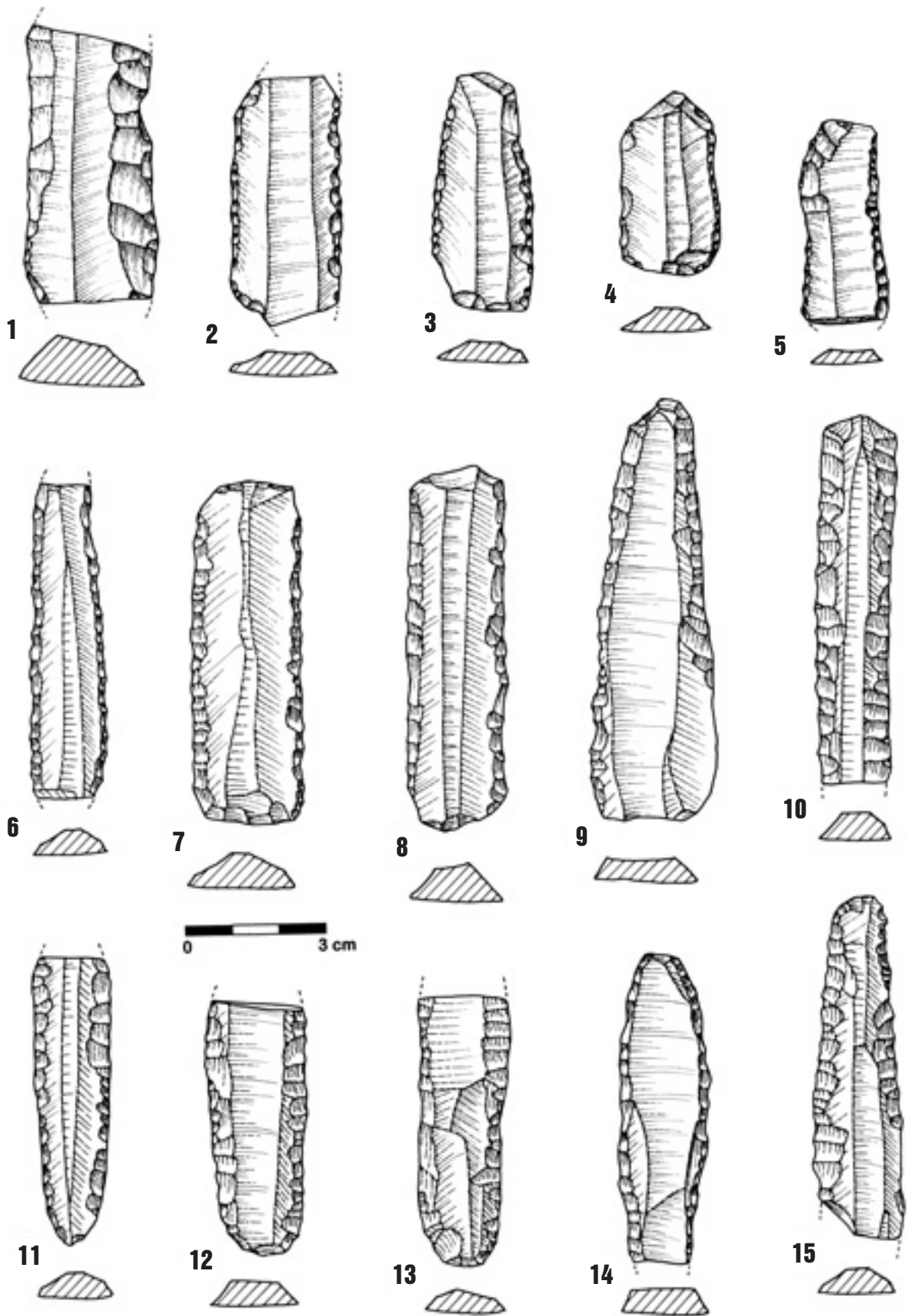


Fig. 18 - Outeiro de São Mamede: lâminas de sílex com retoque contínuo total, alguns casos com extremidade em raspadeira.



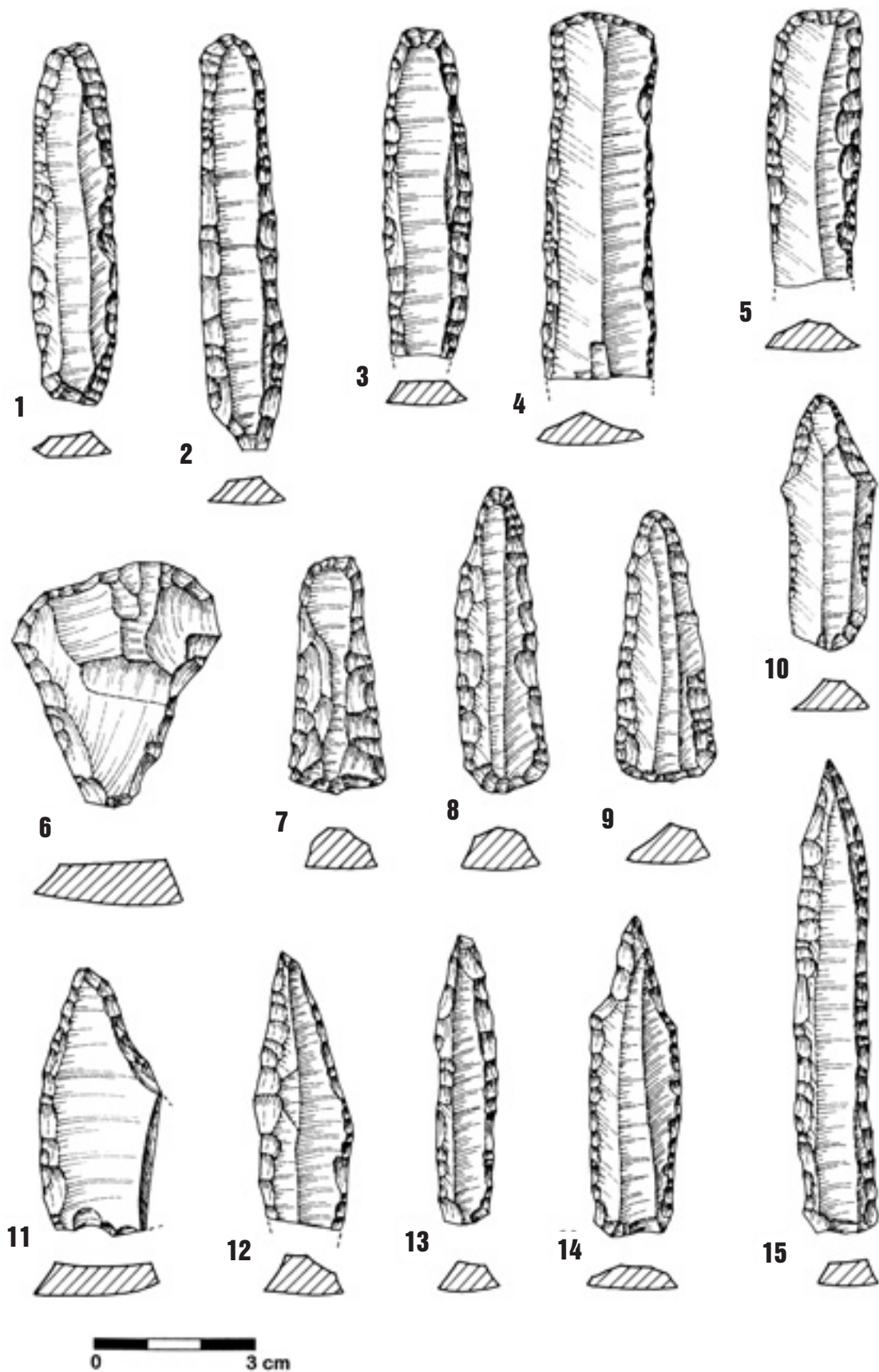


Fig. 19 - Outeiro de São Mamede: lâminas de sílex e lascas (n.º 6) com retoque contínuo total, com extremidade afeçoada em raspadeira ou em furador.

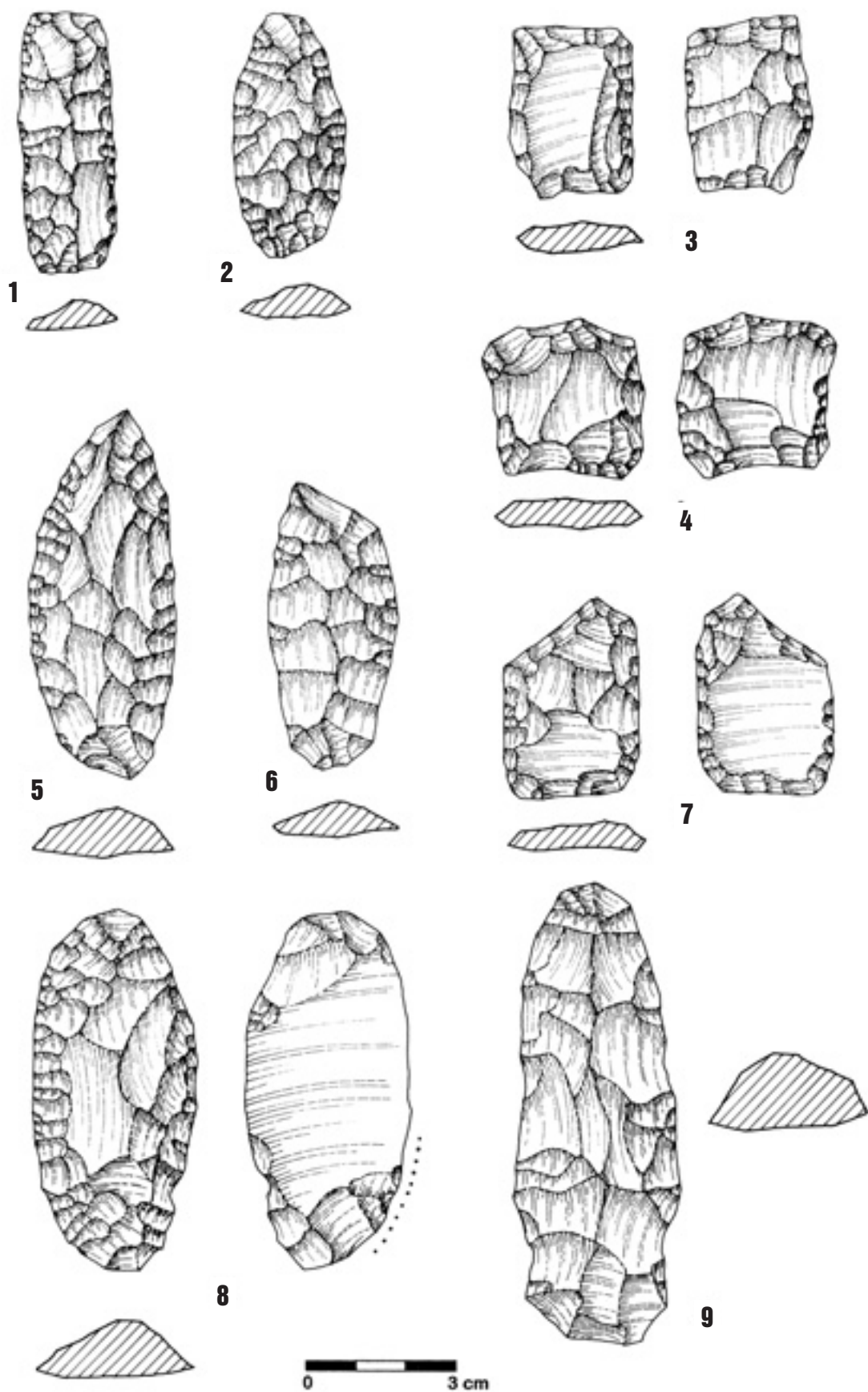


Fig. 20 – Outeiro de São Mamede: elementos de sílex de trabalho bifacial, total ou parcial.

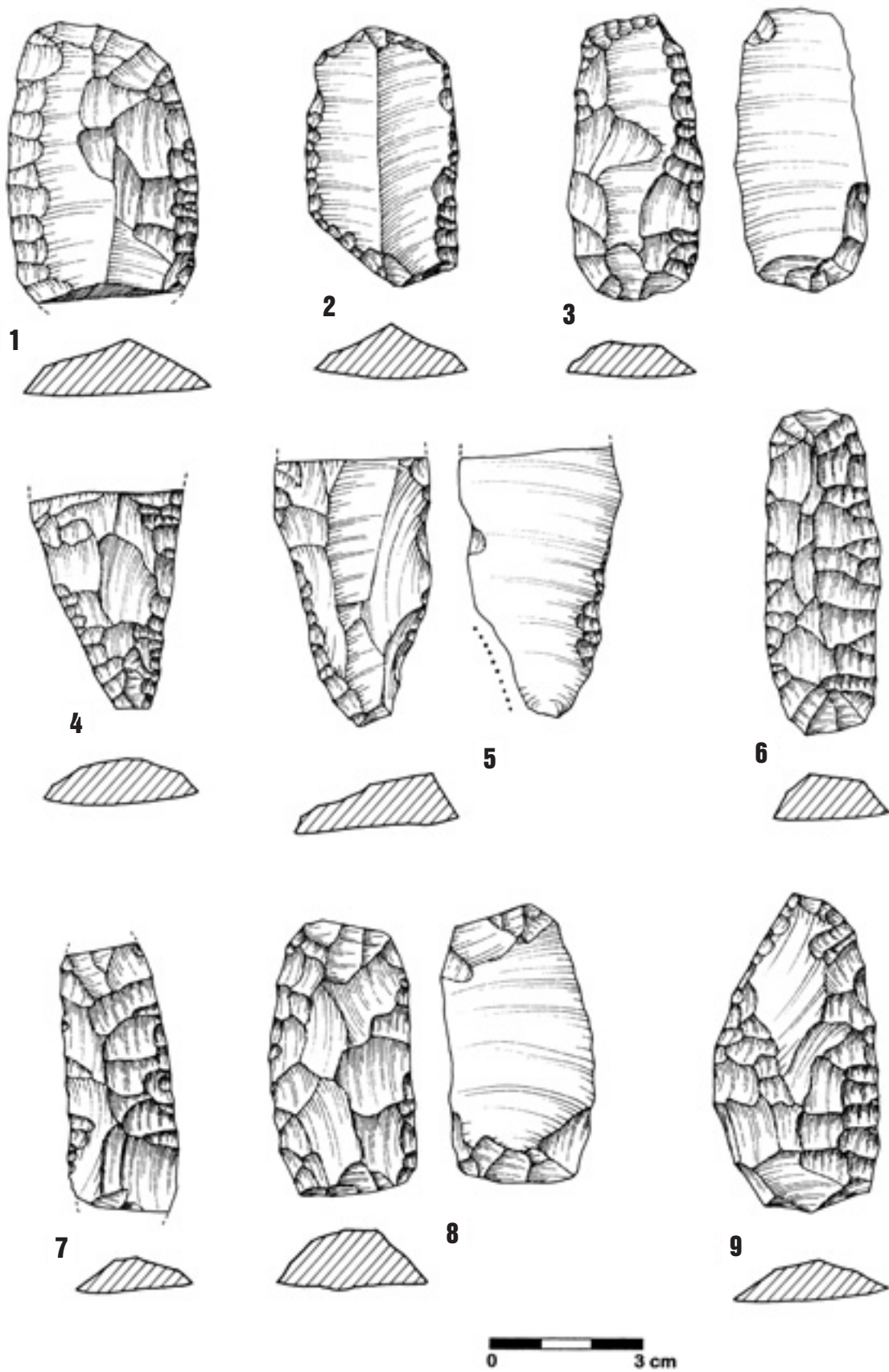


Fig. 21 – Outeiro de São Mamede: elementos de sílex de trabalho bifacial, total ou parcial (o n.º 2 é um segmento de grande lâmina retocada).

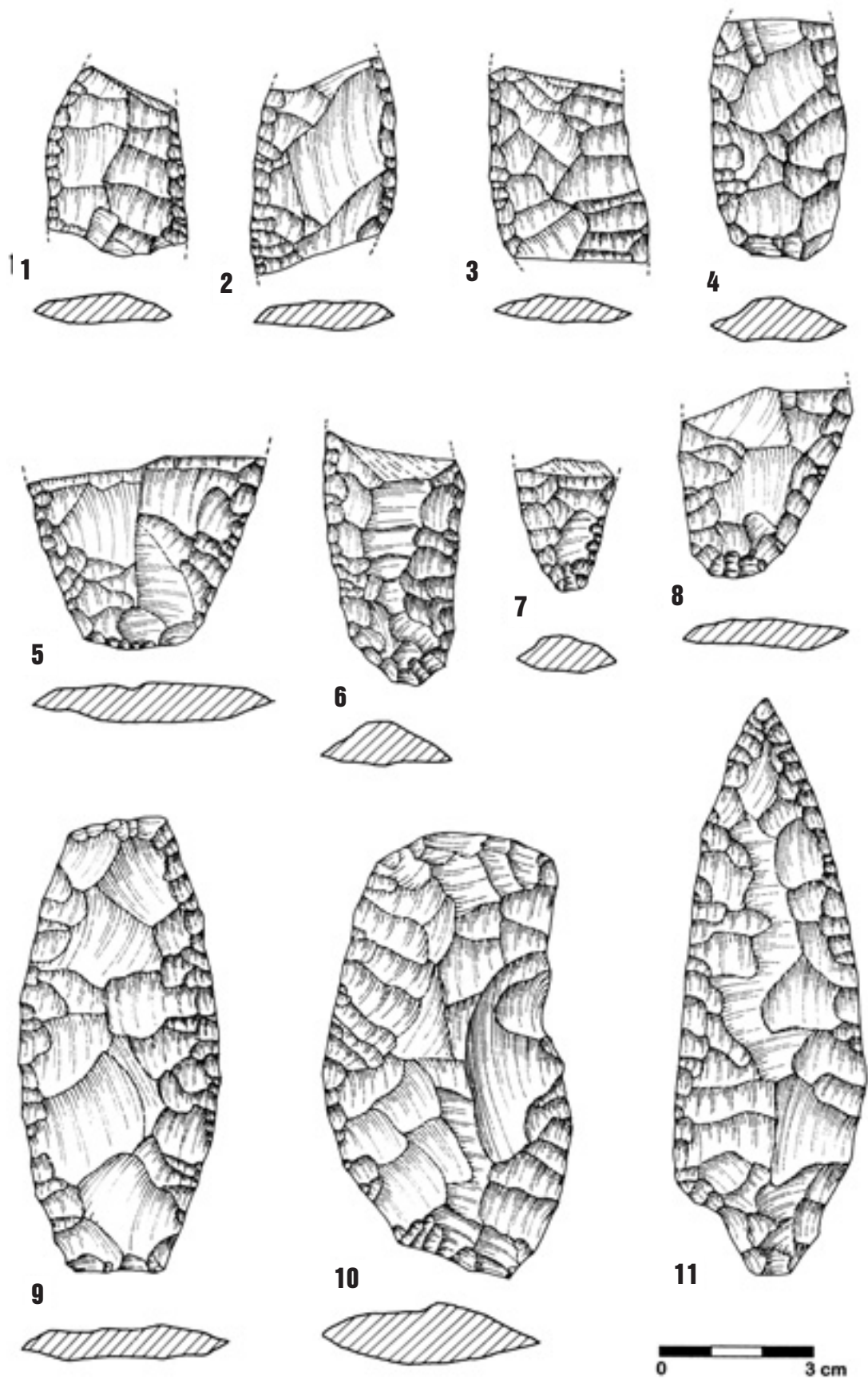


Fig. 22 - Outeiro de São Mamede: elementos de sílex de trabalho bifacial, total ou parcial (n.ºs 1 a 10) e punhal de sílex com lingueta para encabamento (n.º 11).

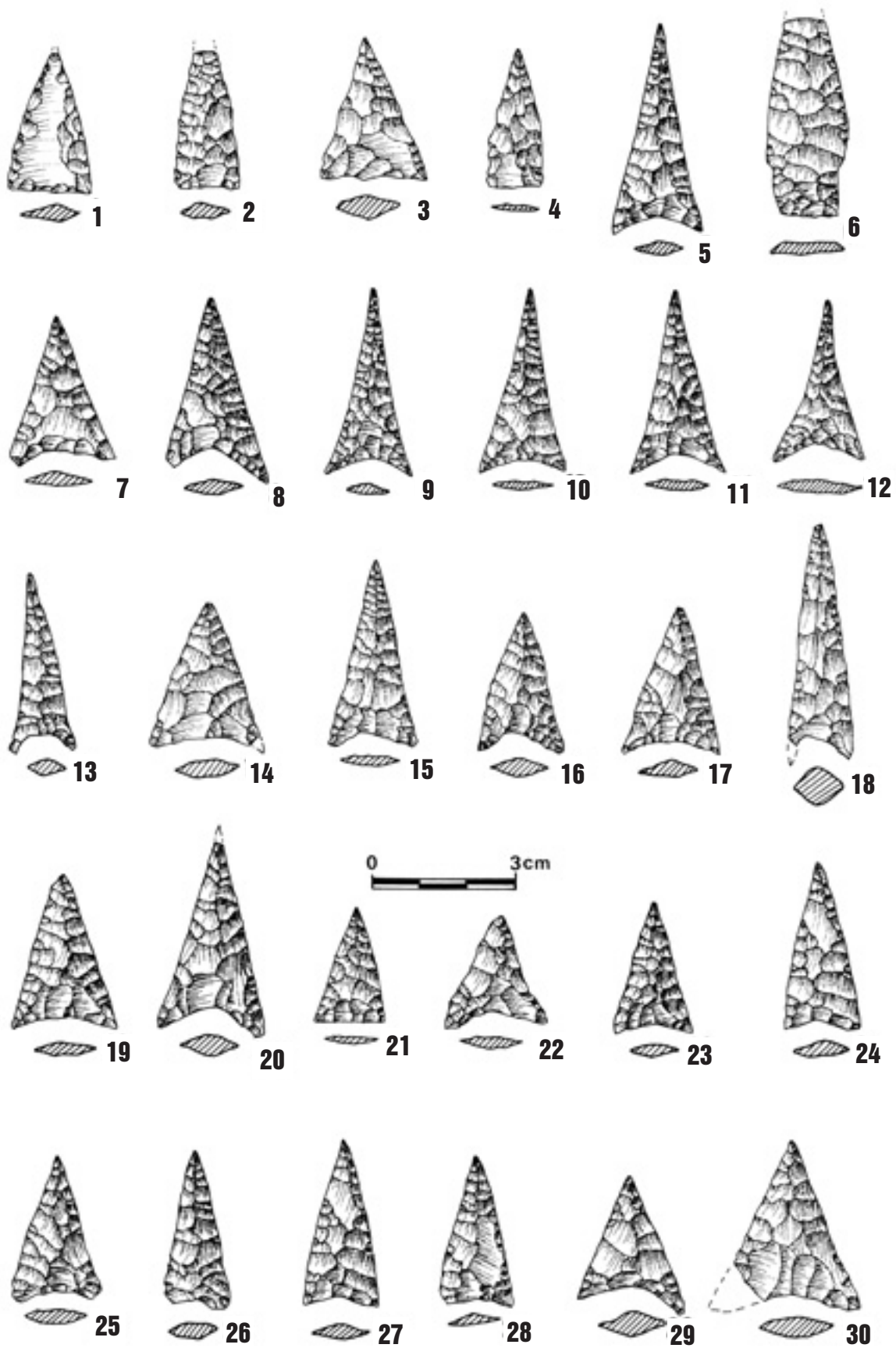


Fig. 23 – Outeiro de São Mamede: pontas de seta, de sílex.

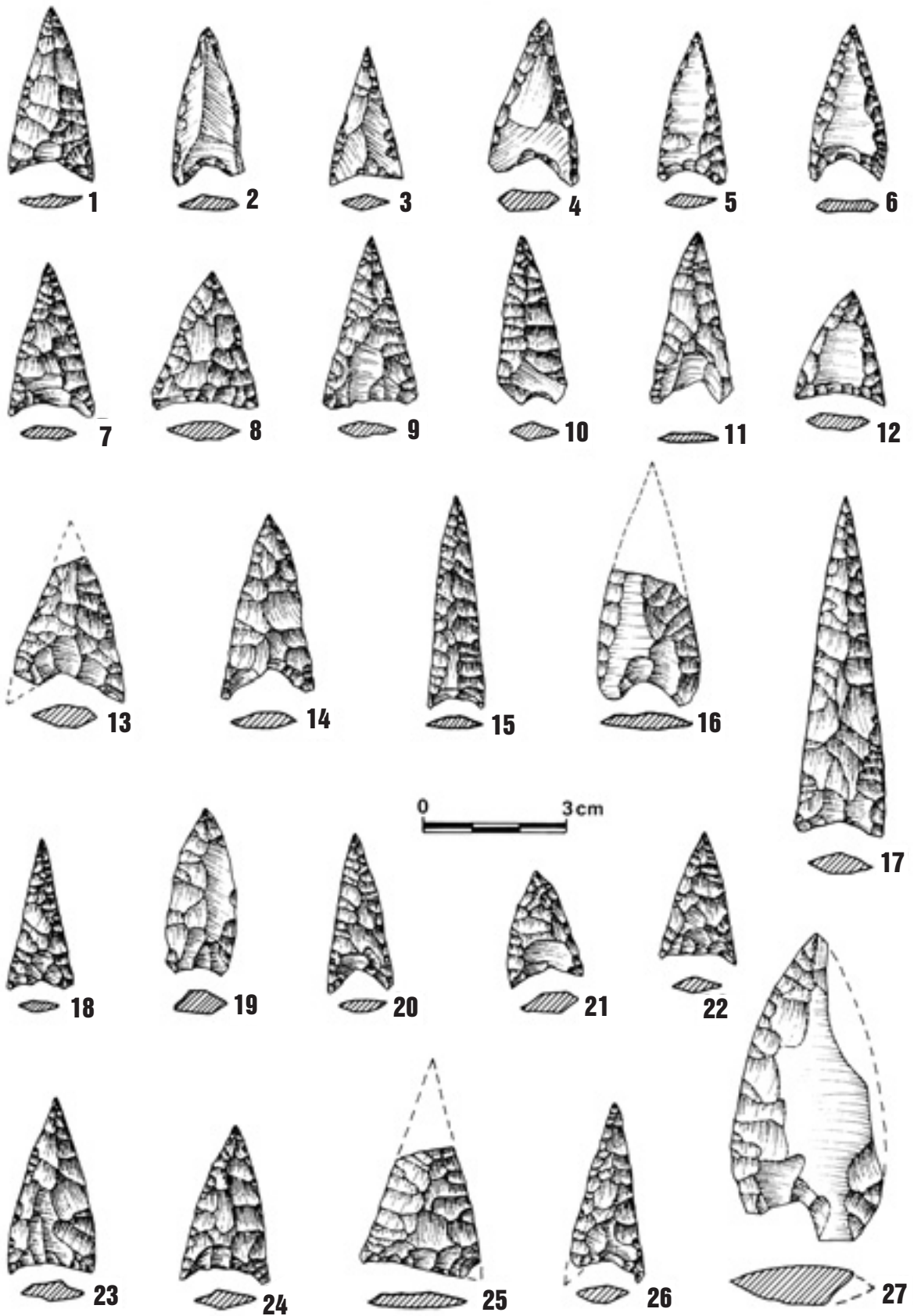


Fig. 24 – Outeiro de São Mamede: pontas de seta, de sílex.

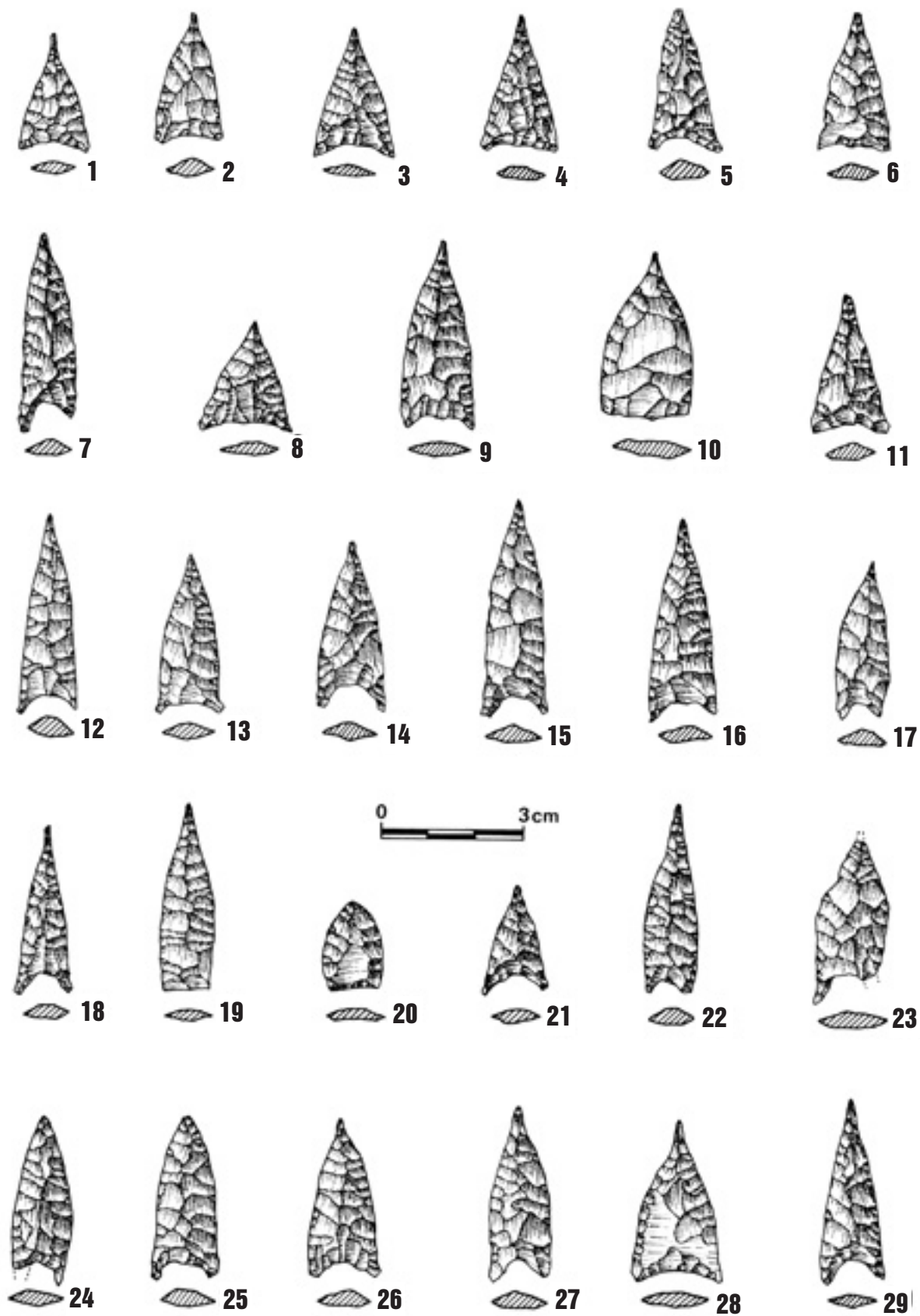


Fig. 25 – Outeiro de São Mamede: pontas de seta, de sílex.

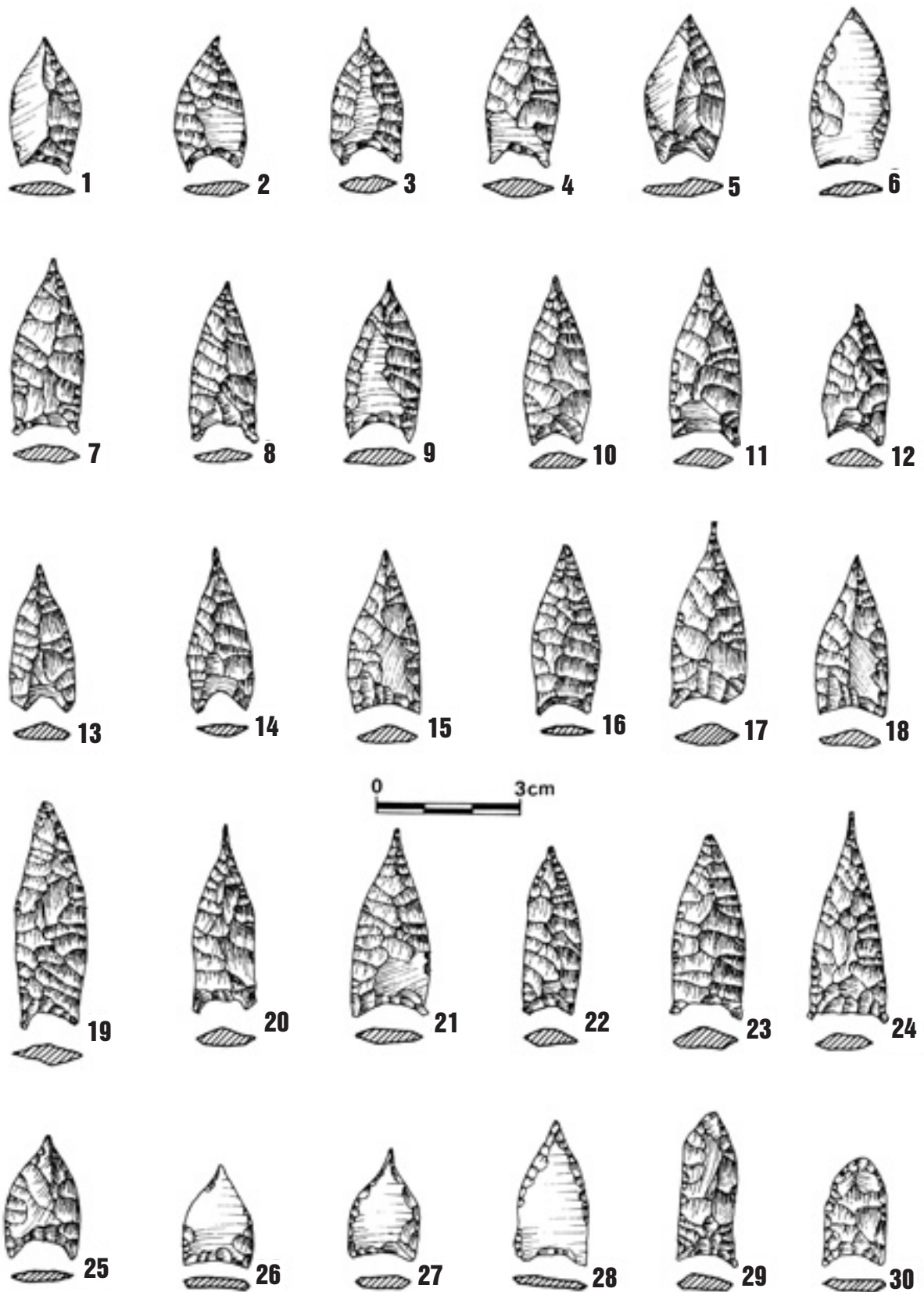


Fig. 26 – Outeiro de São Mamede: pontas de seta, de sílex.



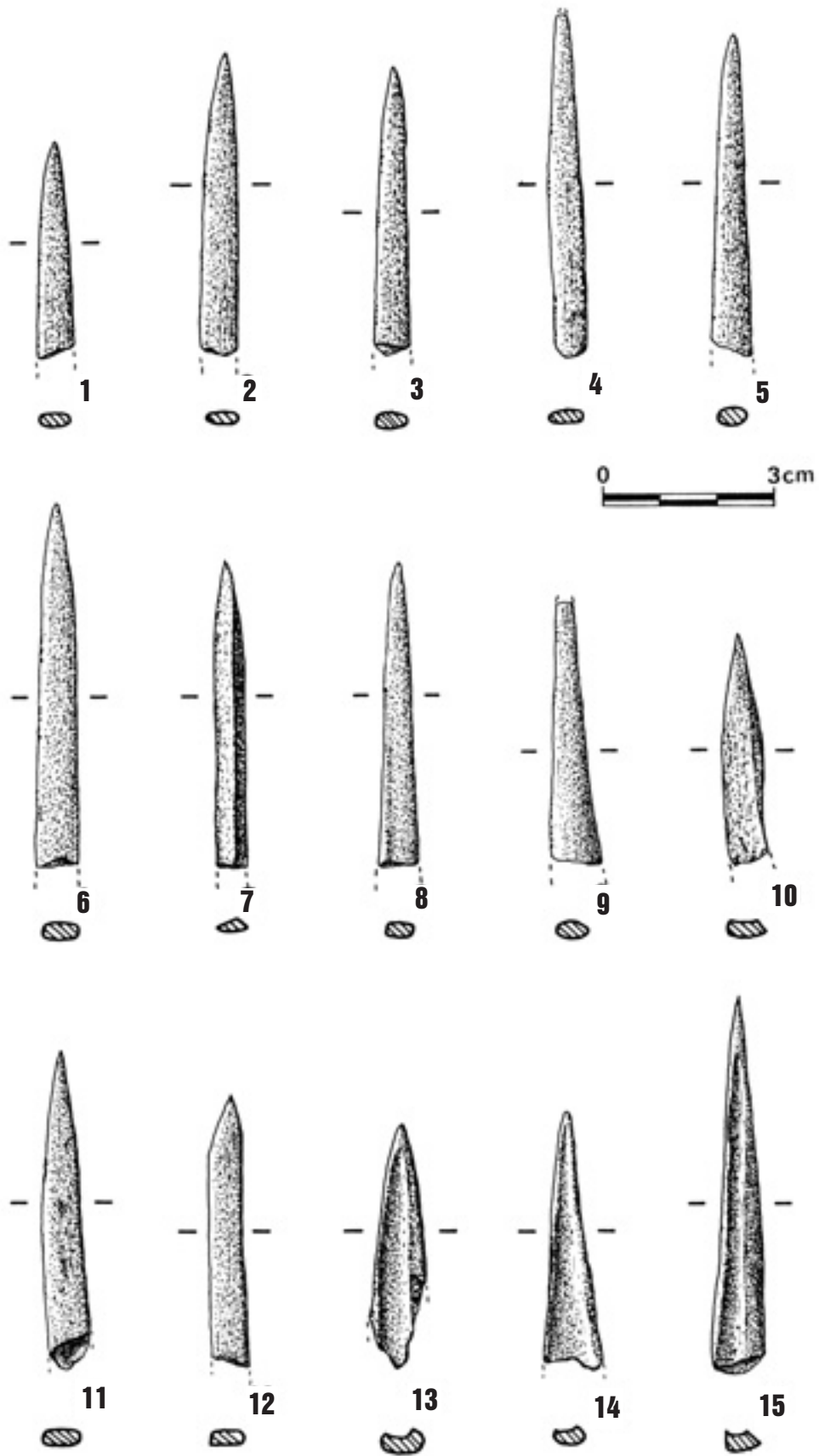


Fig. 27 - Outeiro de São Mamede: indústria óssea.

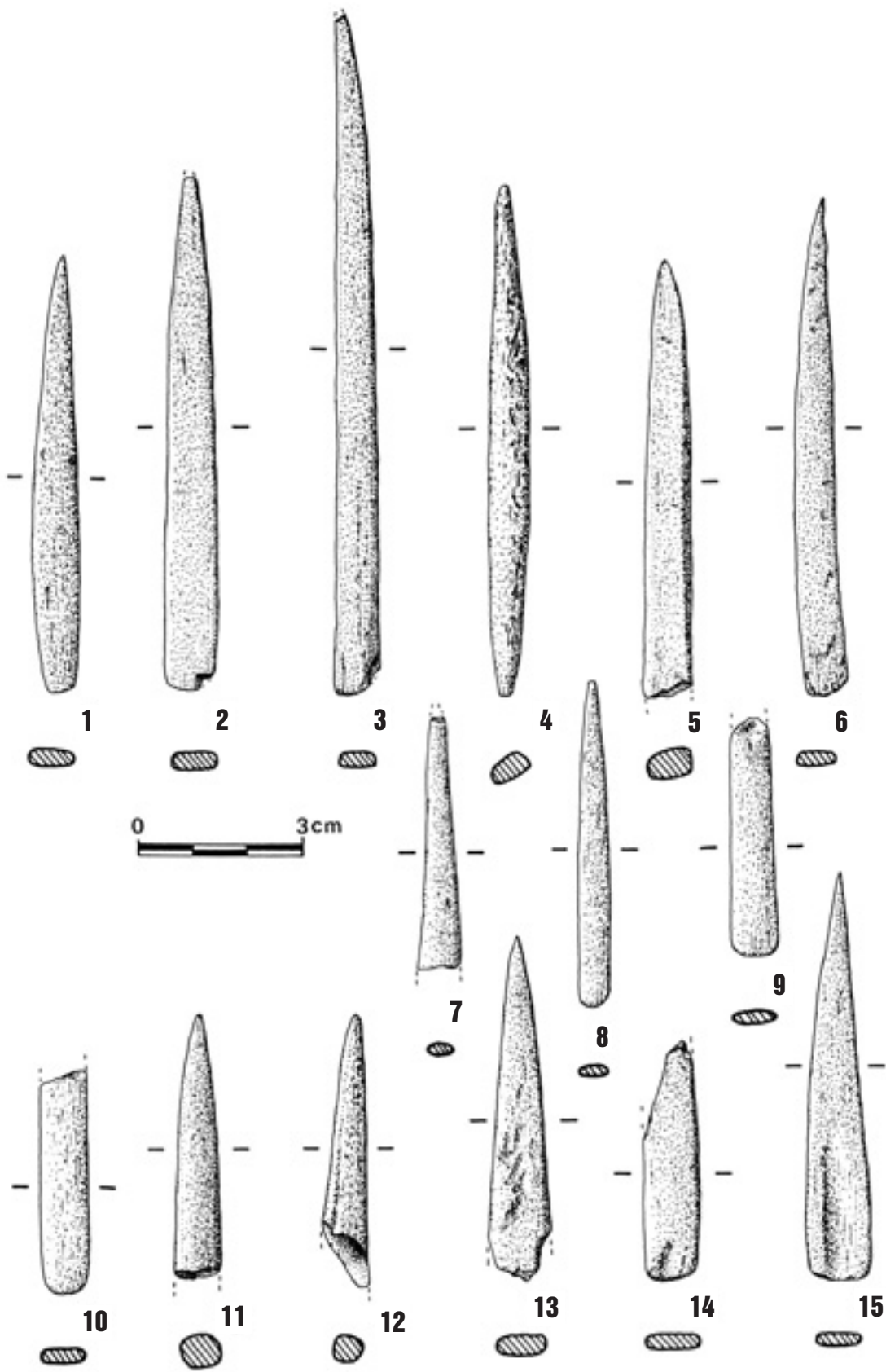


Fig. 28 - Outeiro de São Mamede: indústria óssea.

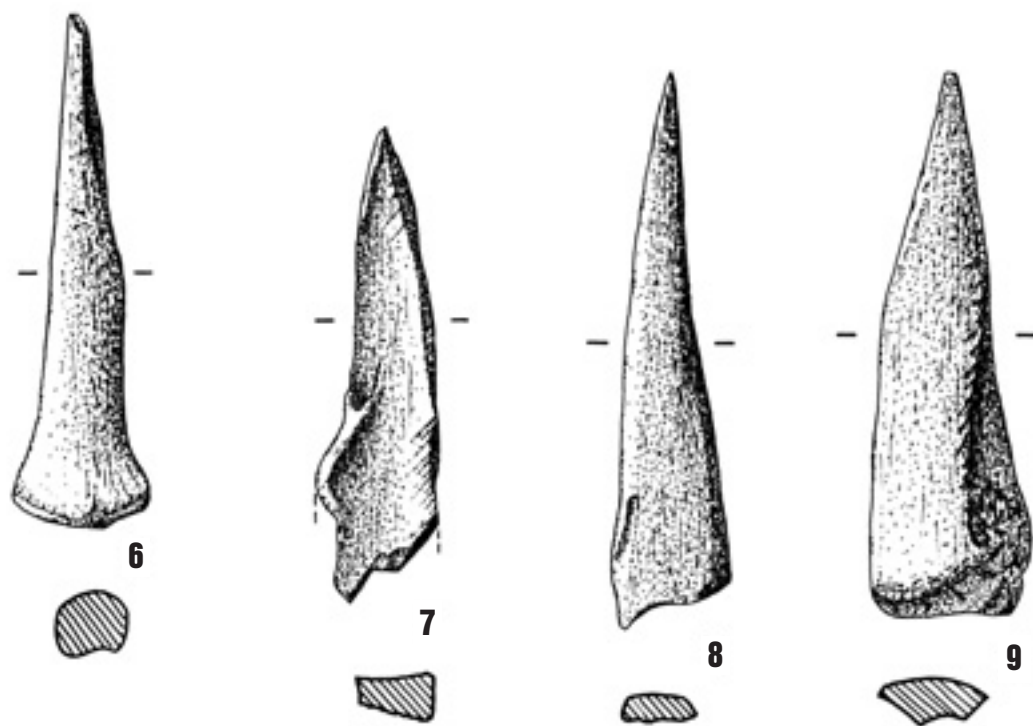
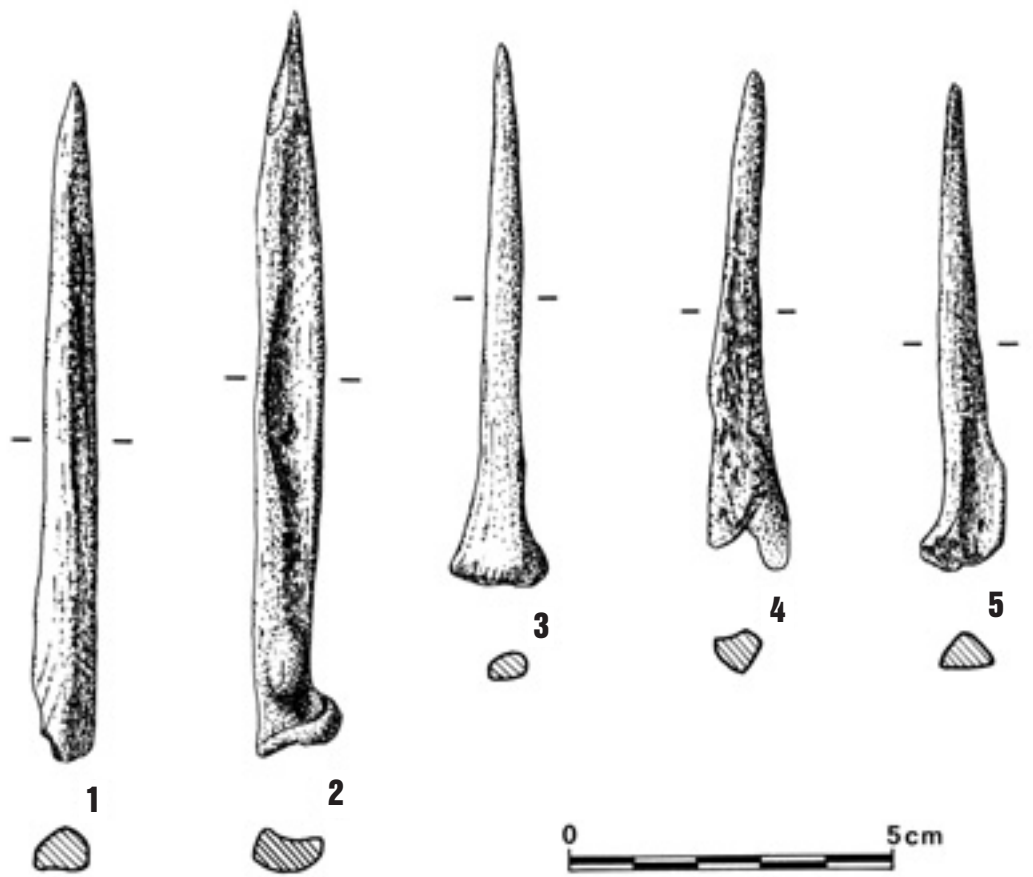


Fig. 29 - Outeiro de São Mamede: indústria óssea.

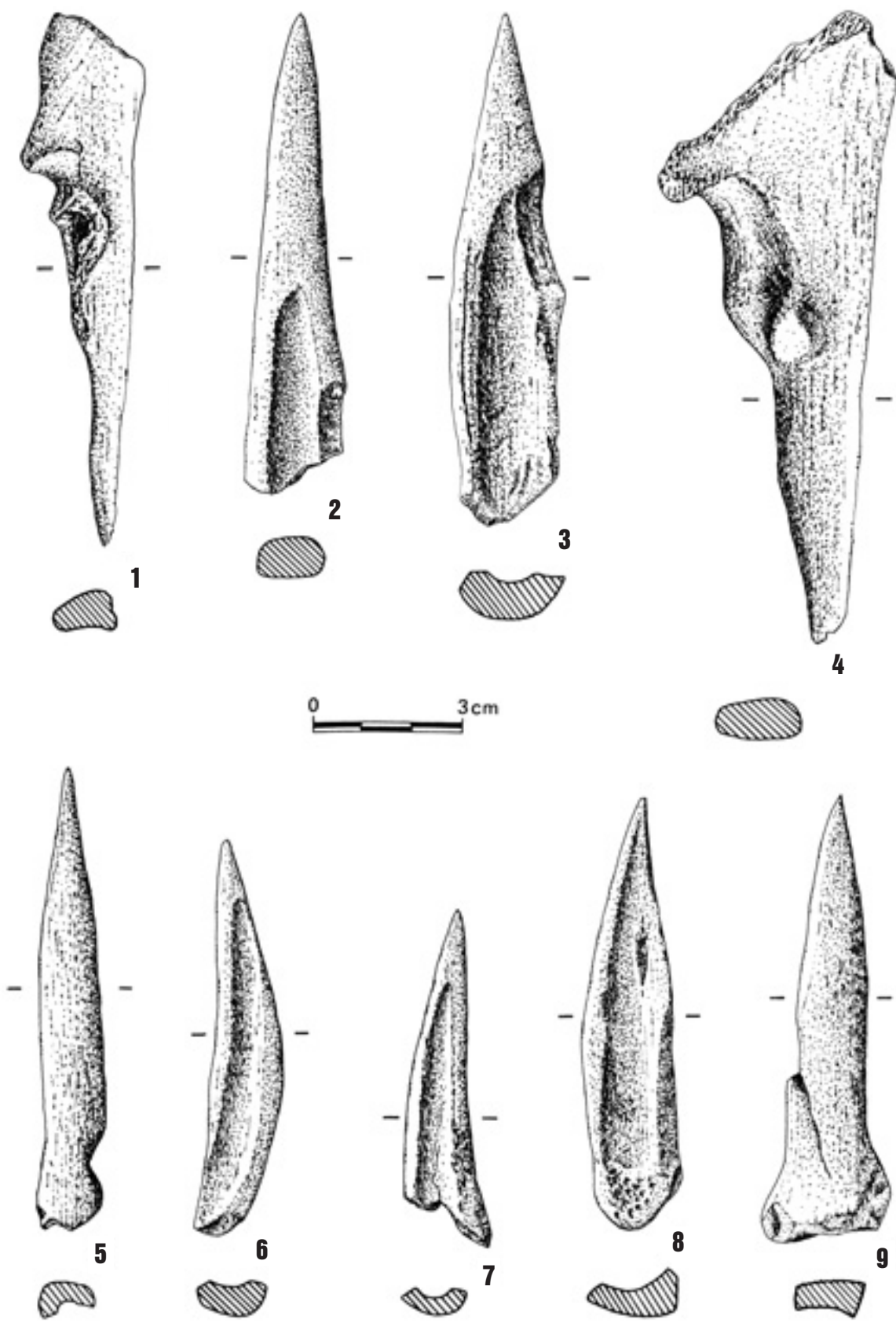


Fig. 30 - Outeiro de São Mamede: indústria óssea.

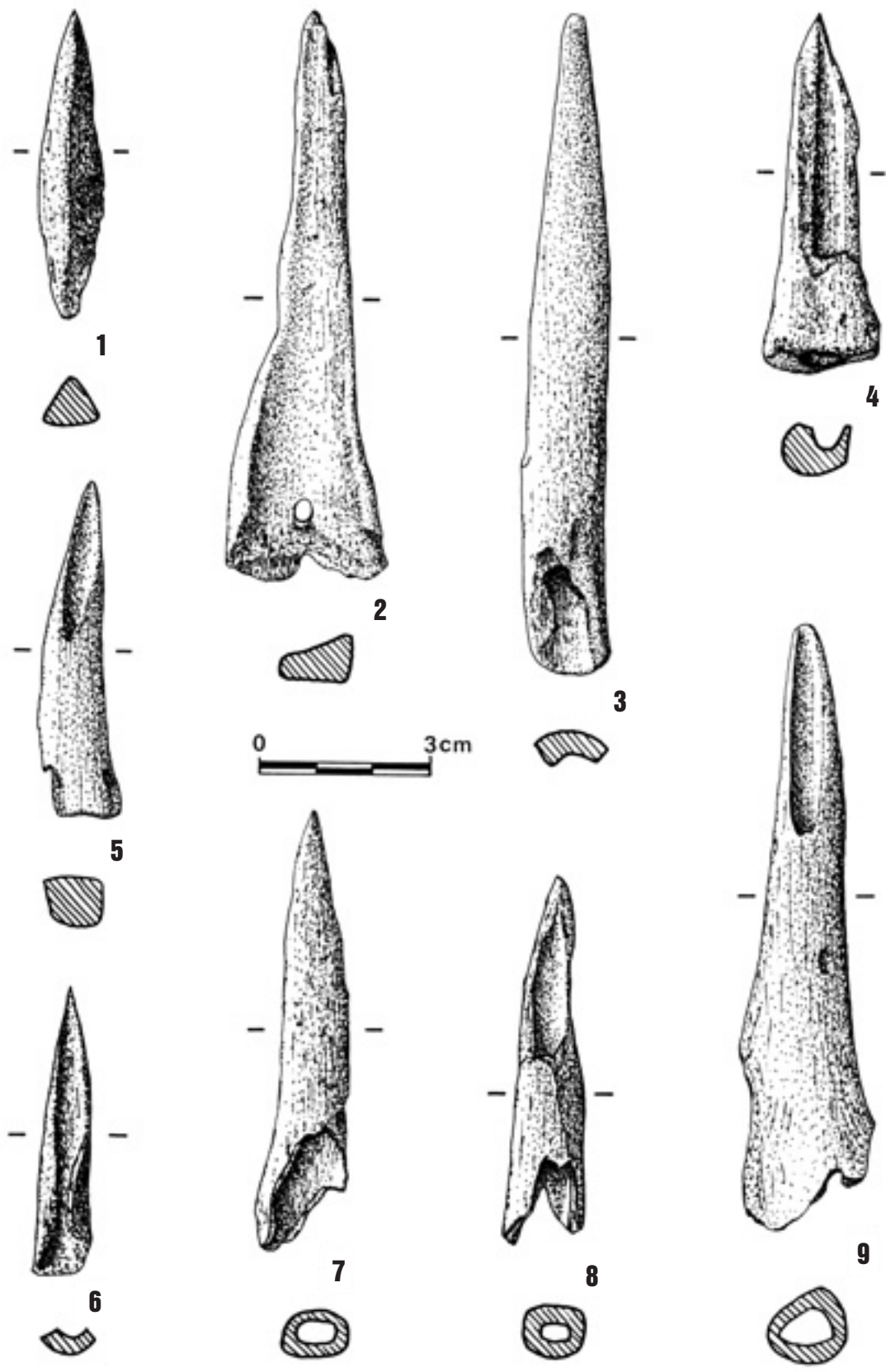


Fig. 31 – Outeiro de São Mamede: indústria óssea.

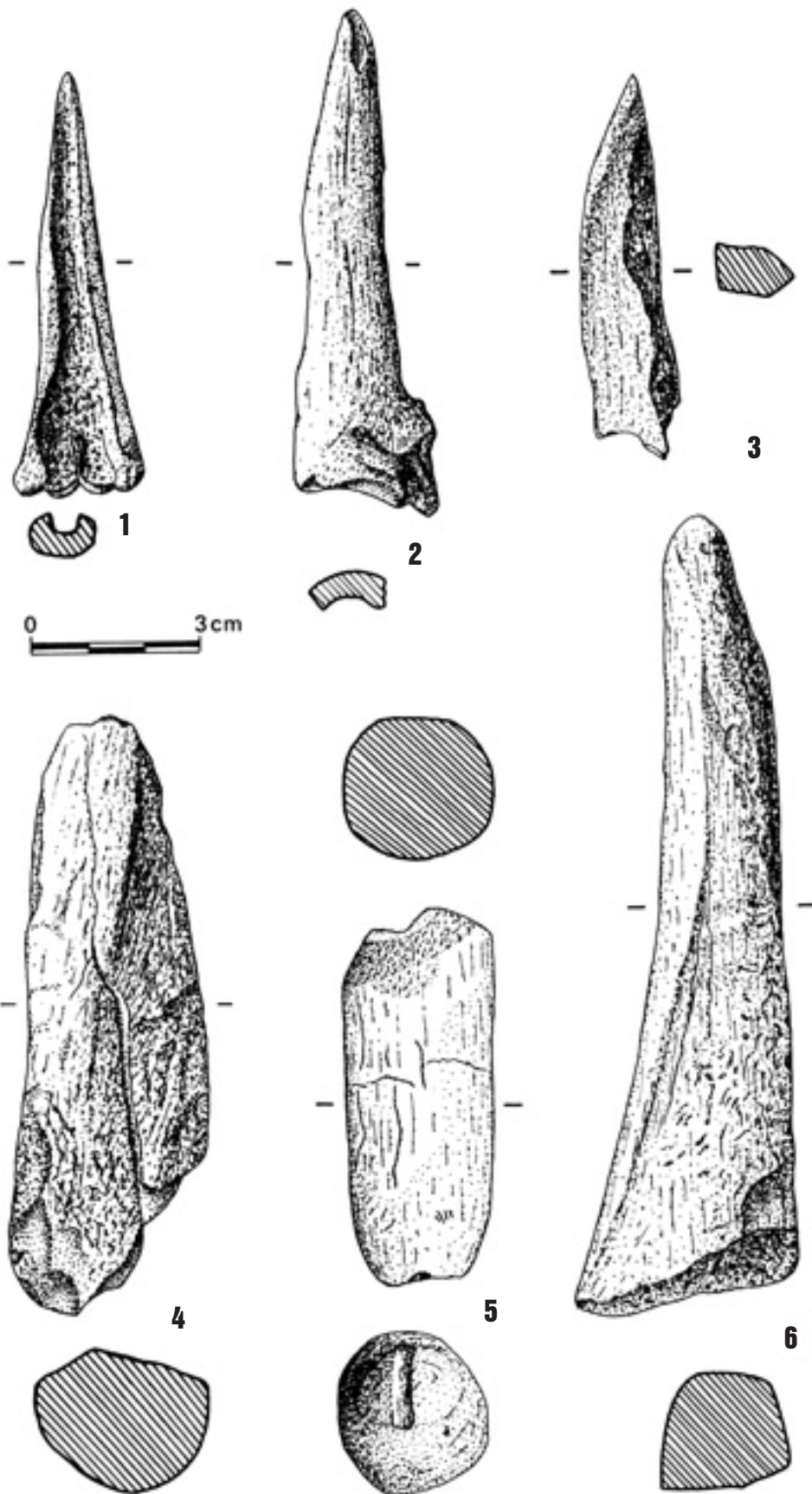


Fig. 32 – Outeiro de São Mamede: indústria óssea (o n.º 5 é, provavelmente, um ídolo fálico, observando-se a abertura do canal uretral num dos topos).

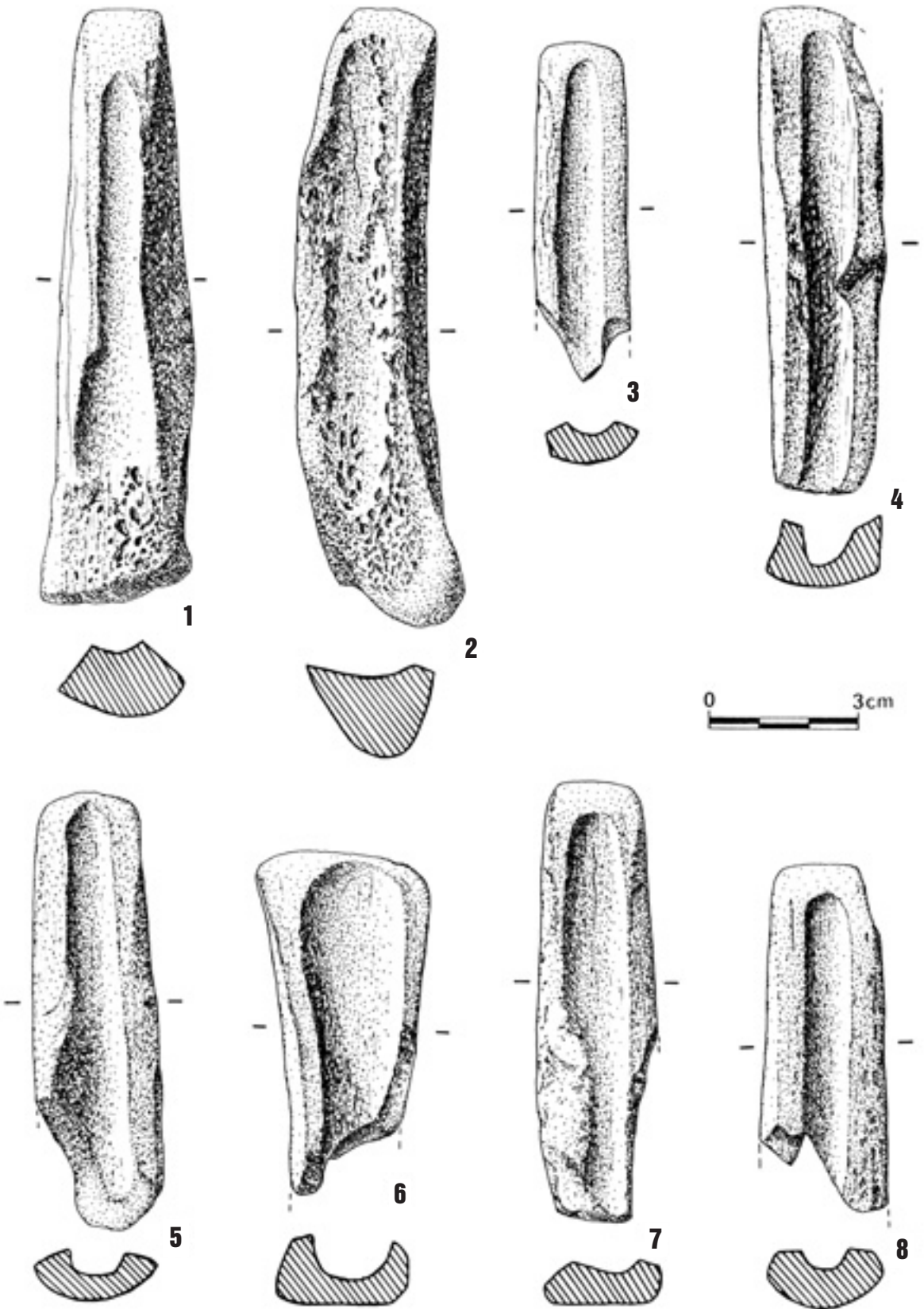


Fig. 33 - Outeiro de São Mamede: indústria óssea.

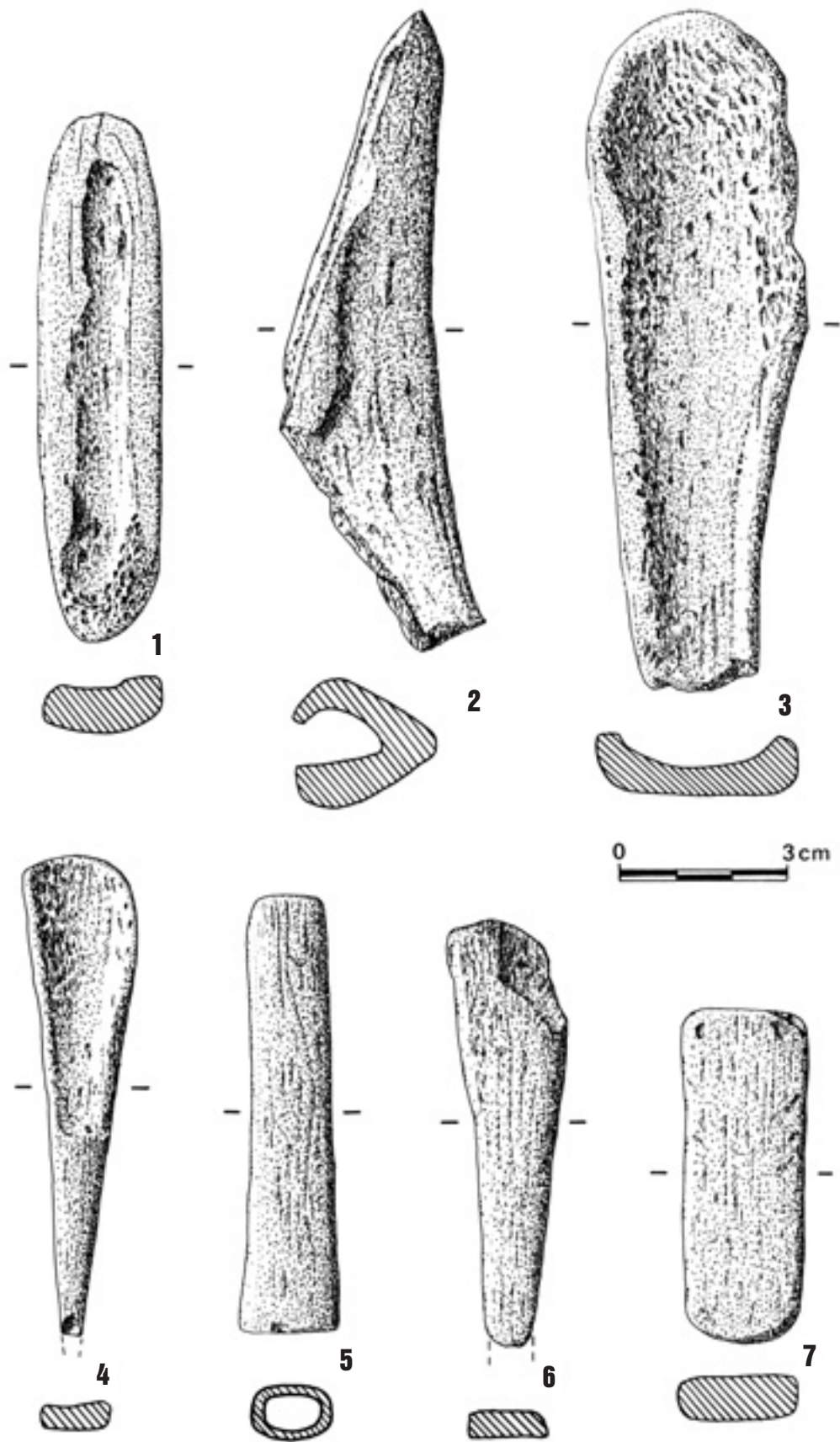


Fig. 34 – Outeiro de São Mamede: indústria óssea.



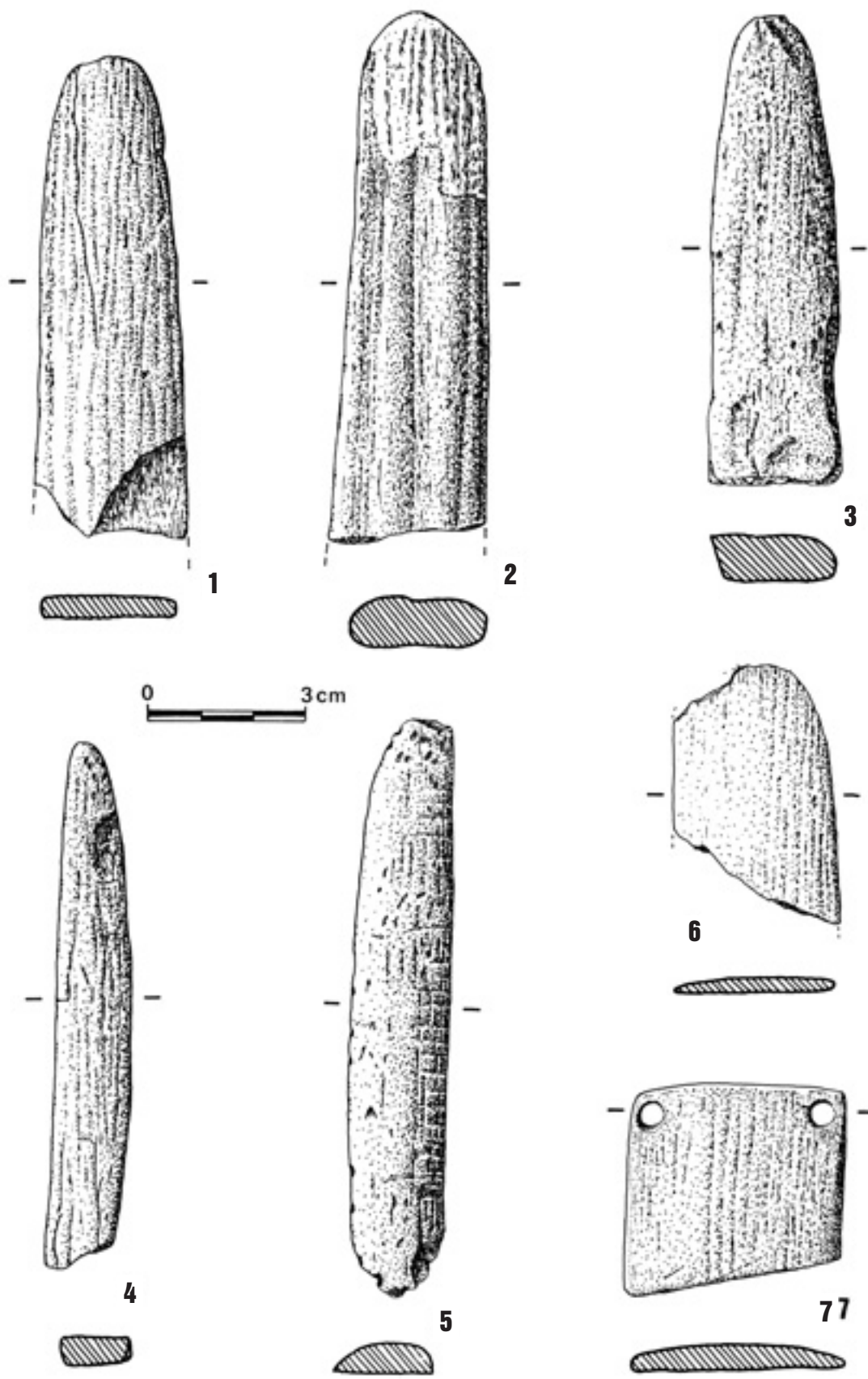


Fig. 35 - Outeiro de São Mamede: indústria óssea.

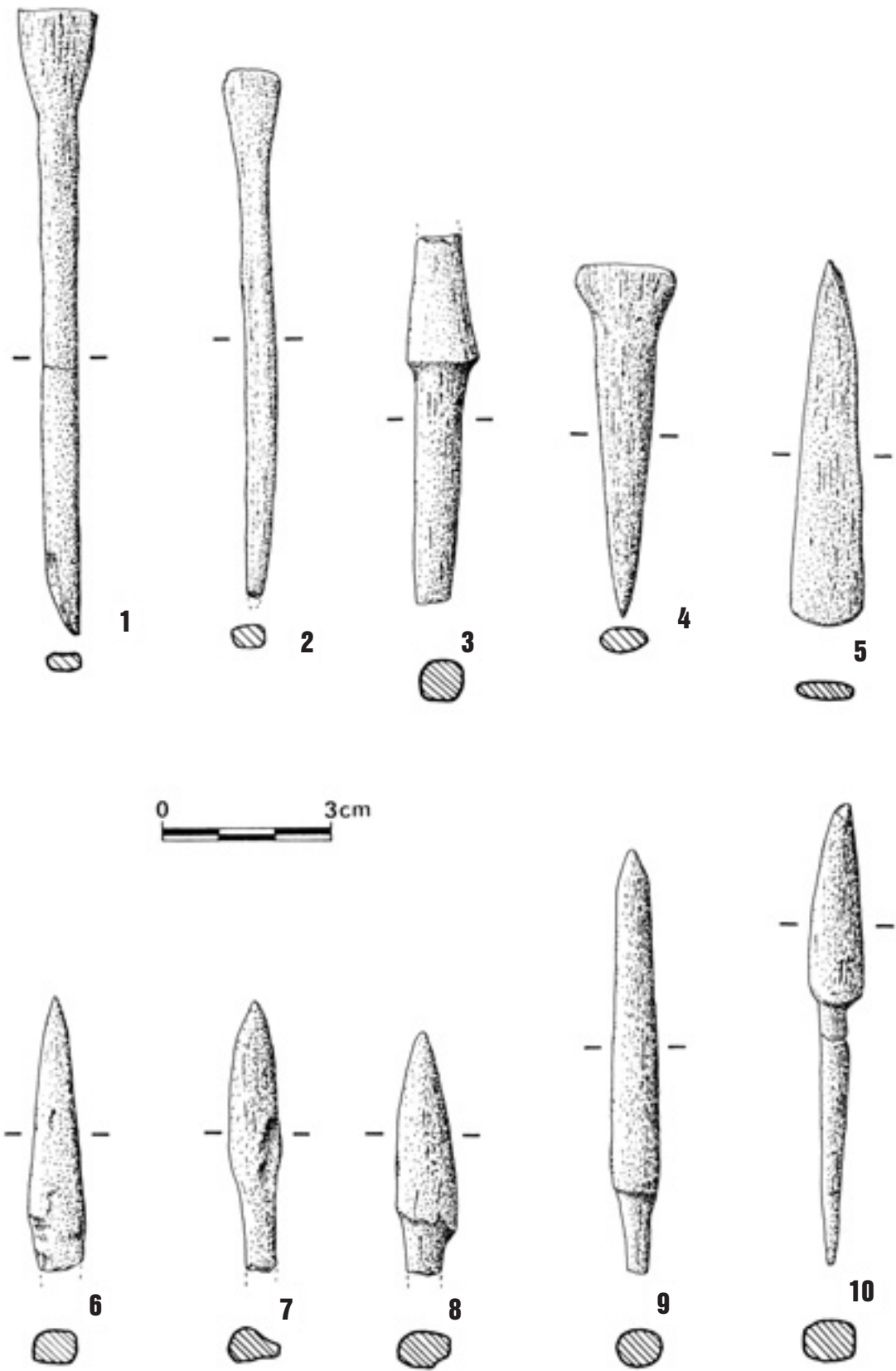


Fig. 36 – Outeiro de São Mamede: indústria óssea.

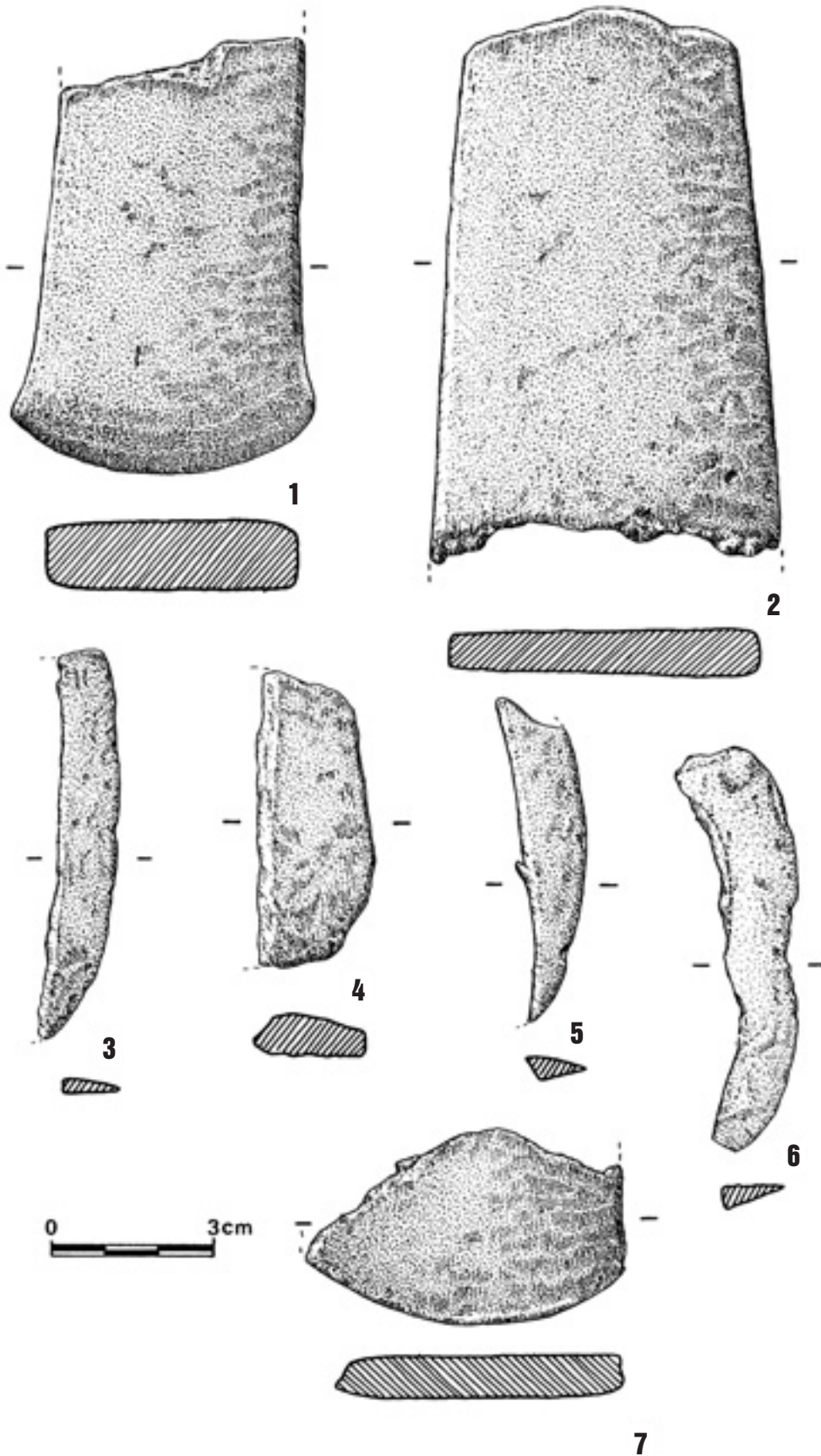


Fig. 37 – Outeiro de São Mamede: artefactos de cobre.

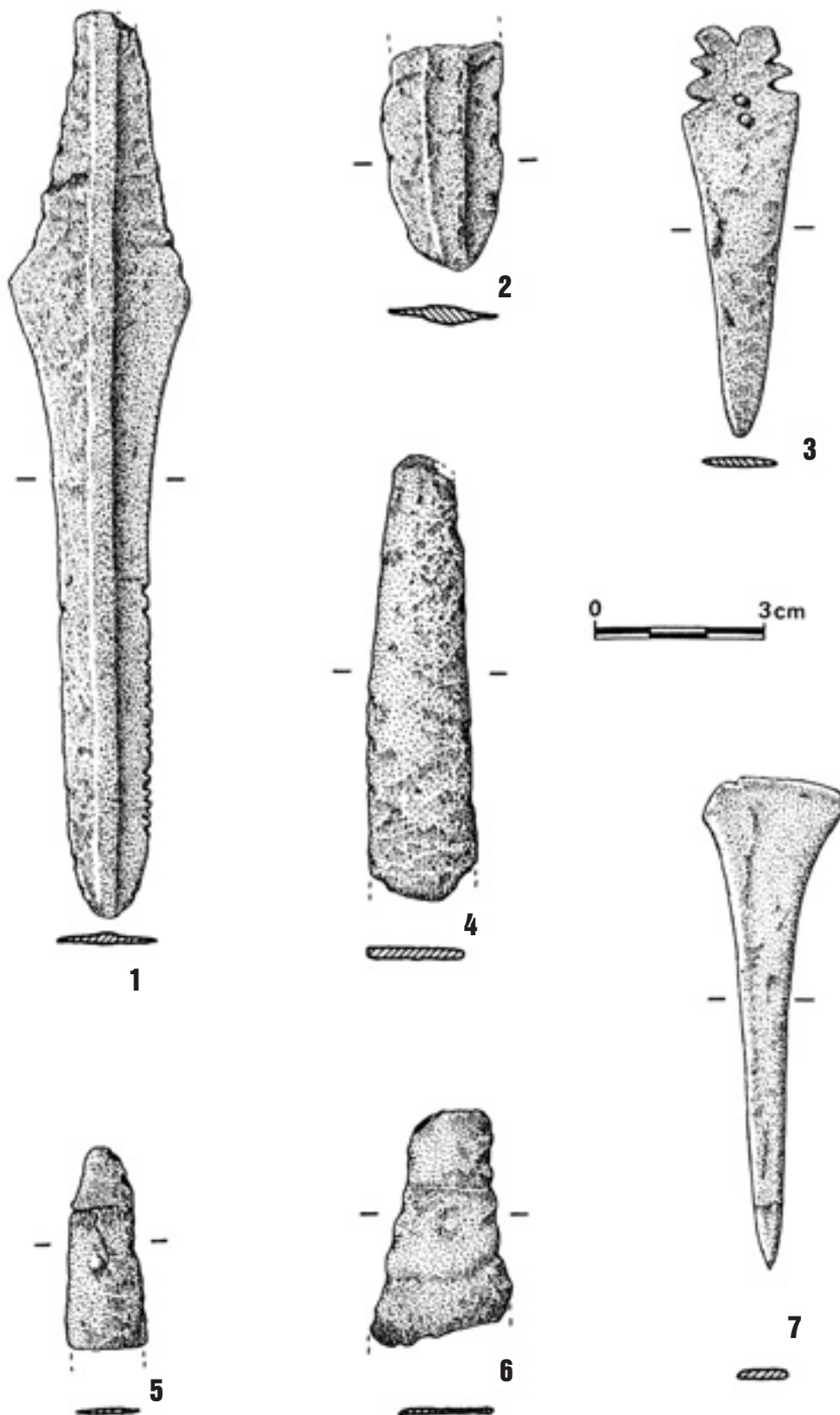


Fig. 38 – Outeiro de São Mamede: artefactos de cobre.

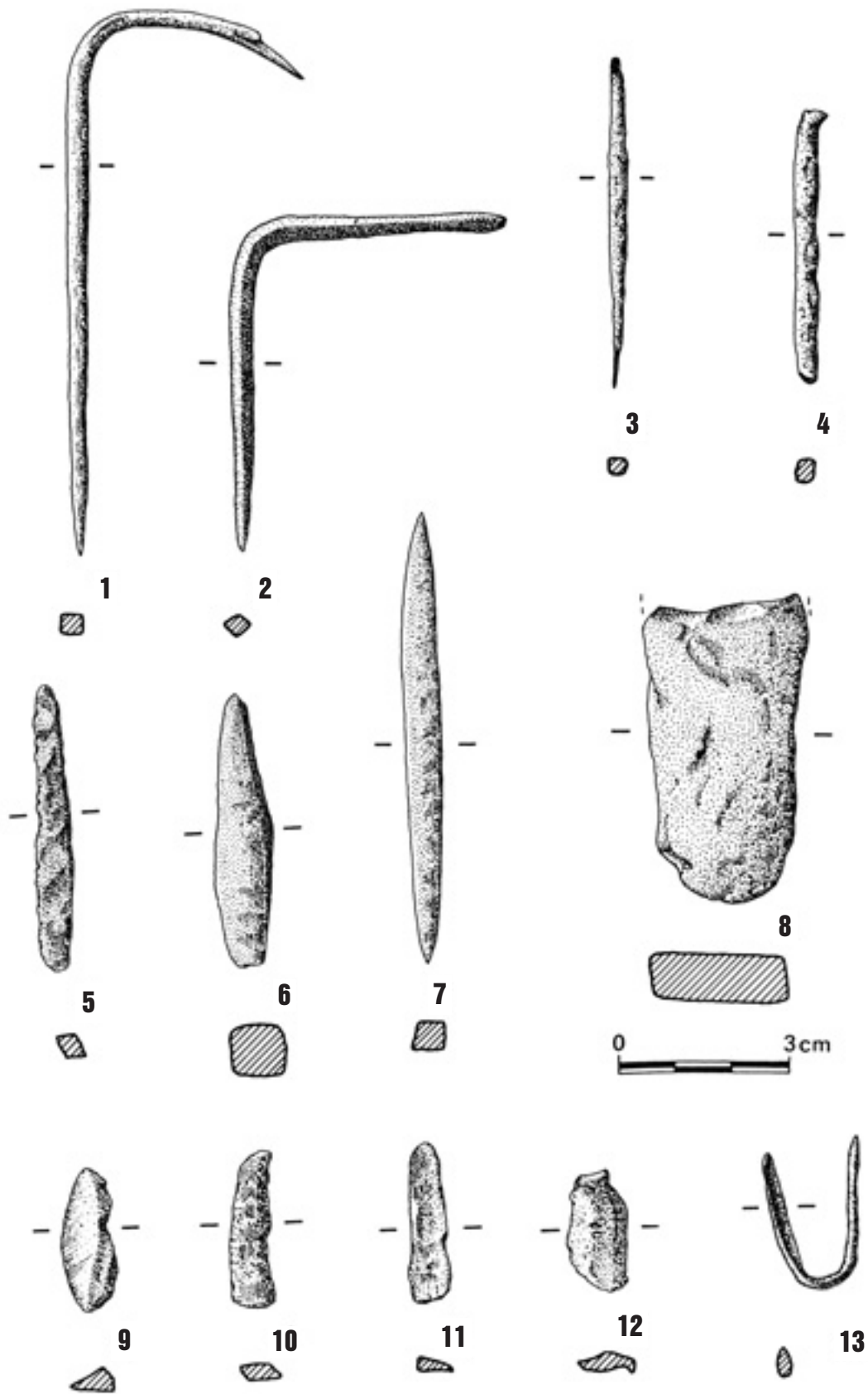


Fig. 39 – Outeiro de São Mamede: artefactos de cobre.

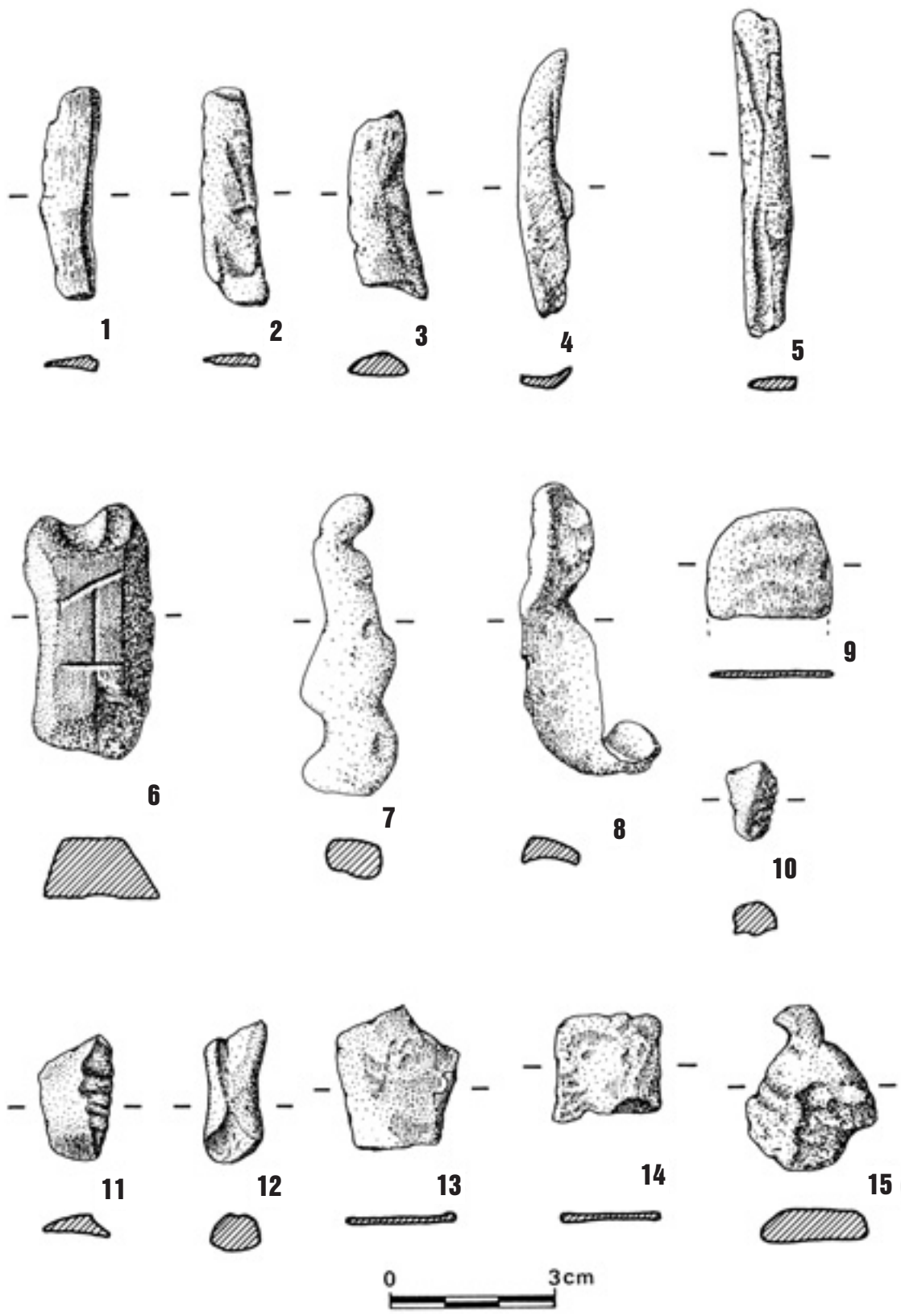


Fig. 40 – Outeiro de São Mamede: artefactos de cobre.

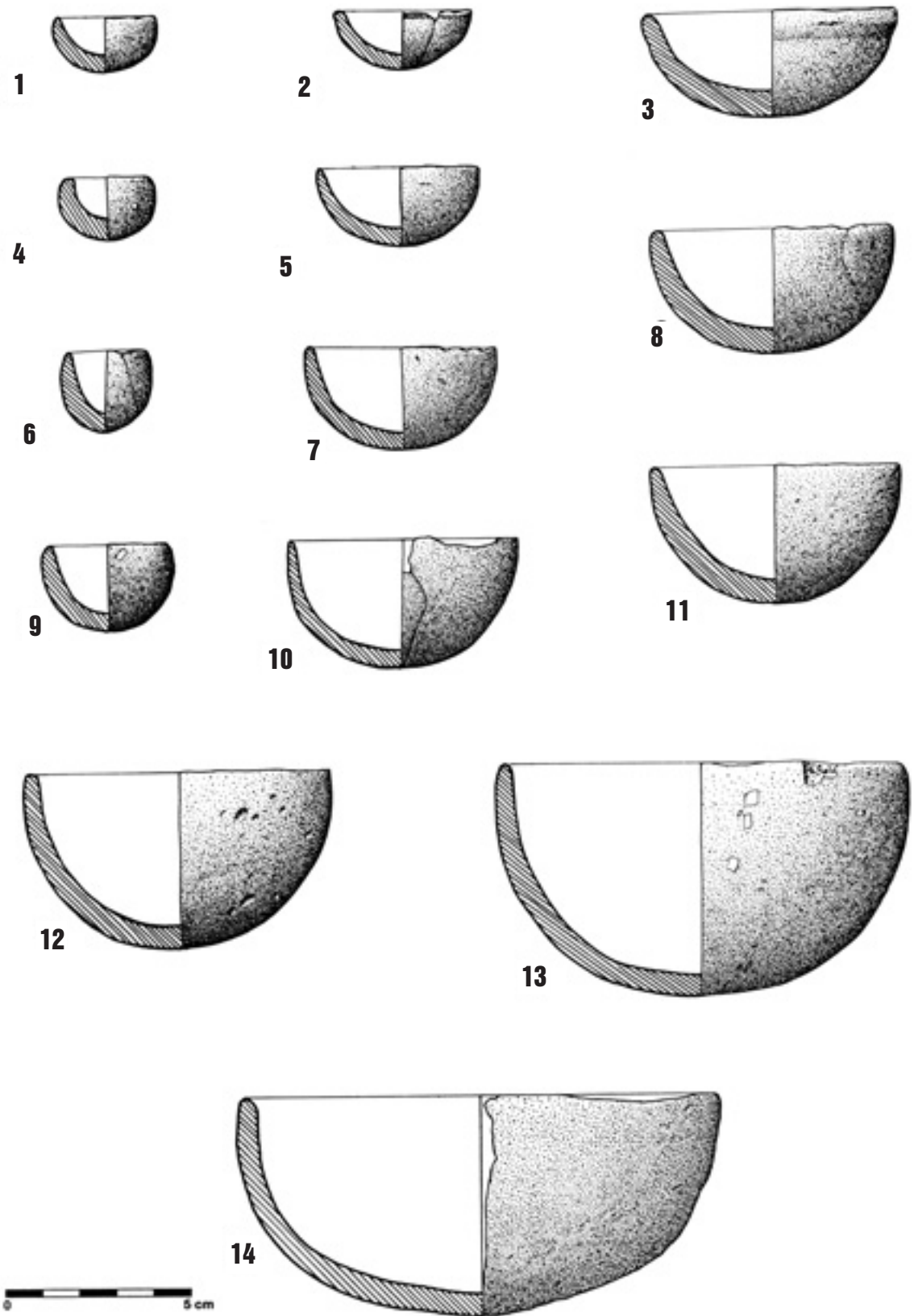


Fig. 41 – Outeiro de São Mamede: cerâmicas lisas.

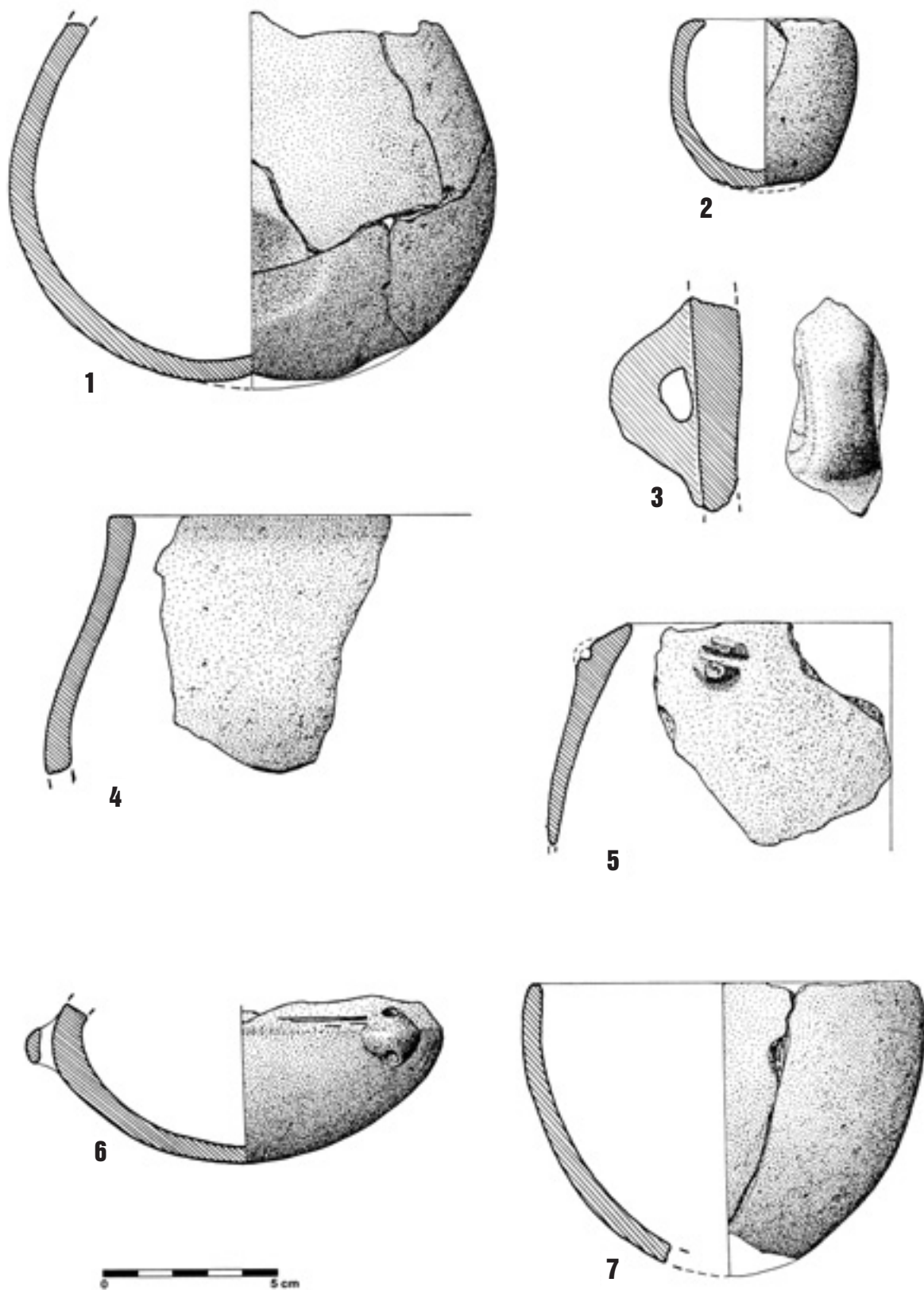


Fig. 42 – Outeiro de São Mamede: cerâmicas lisas, com ou sem elementos de prensão.



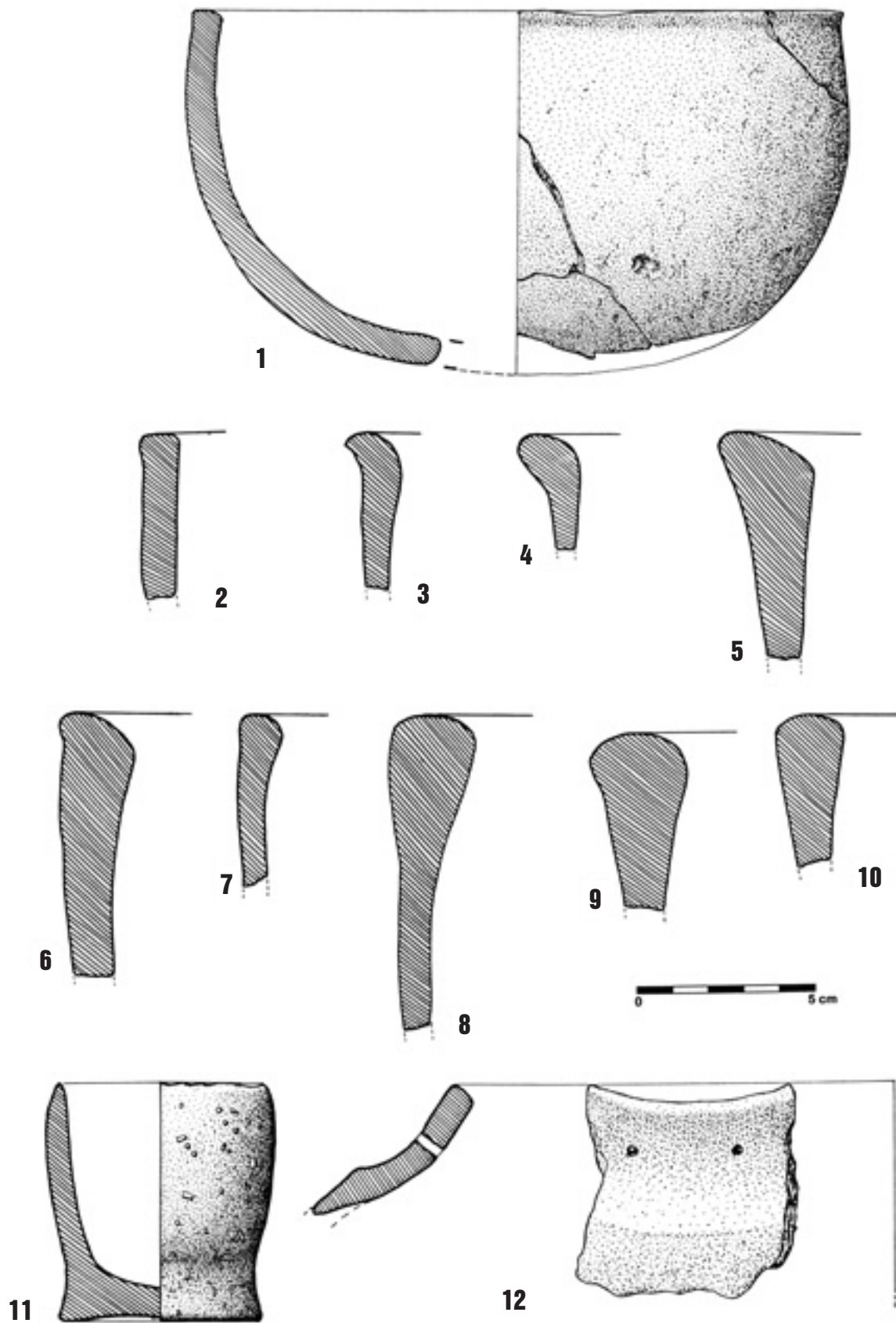


Fig. 43 – Outeiro de São Mamede: cerâmicas lisas.

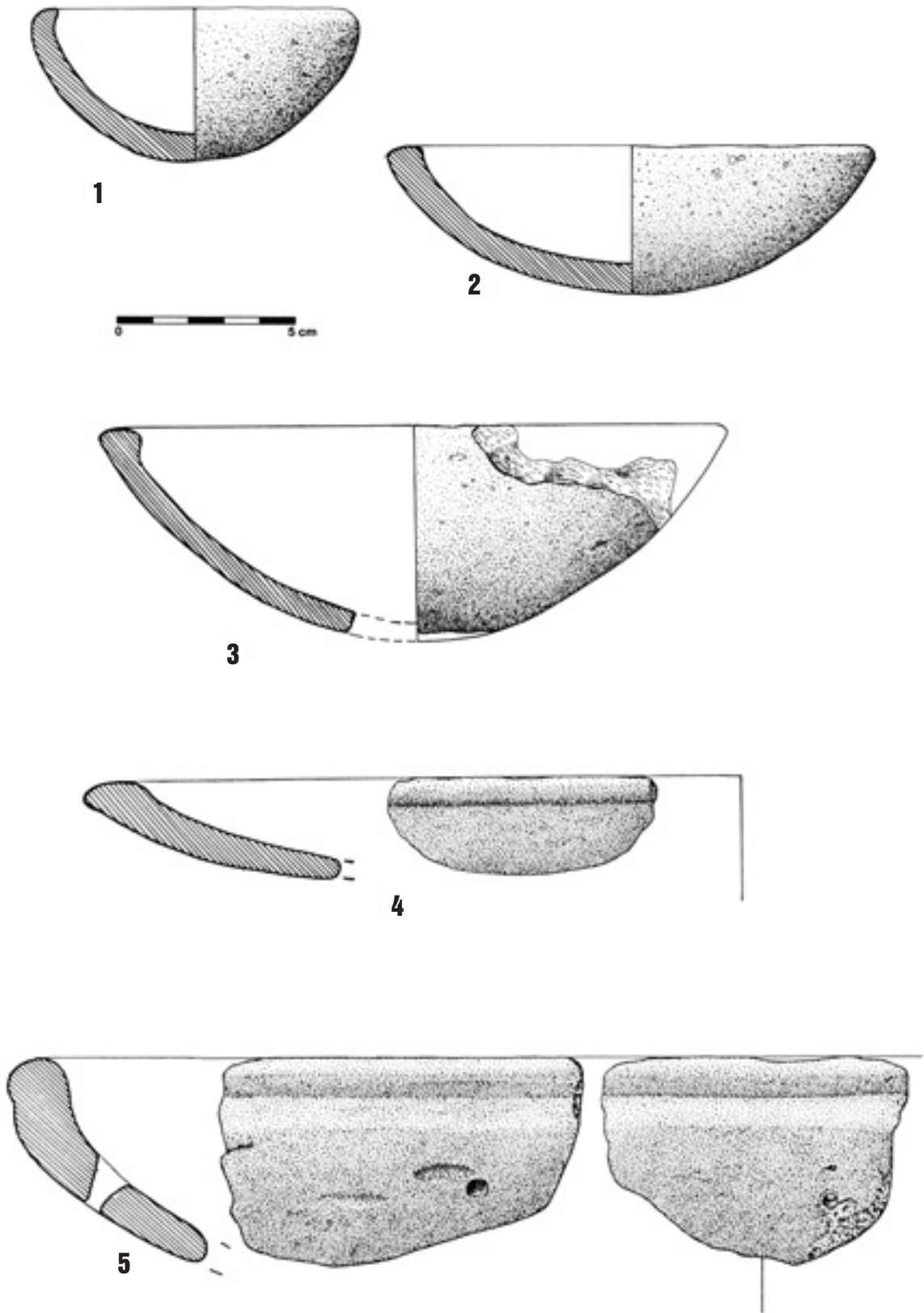


Fig. 44 – Outeiro de São Mamede: cerâmicas lisas.

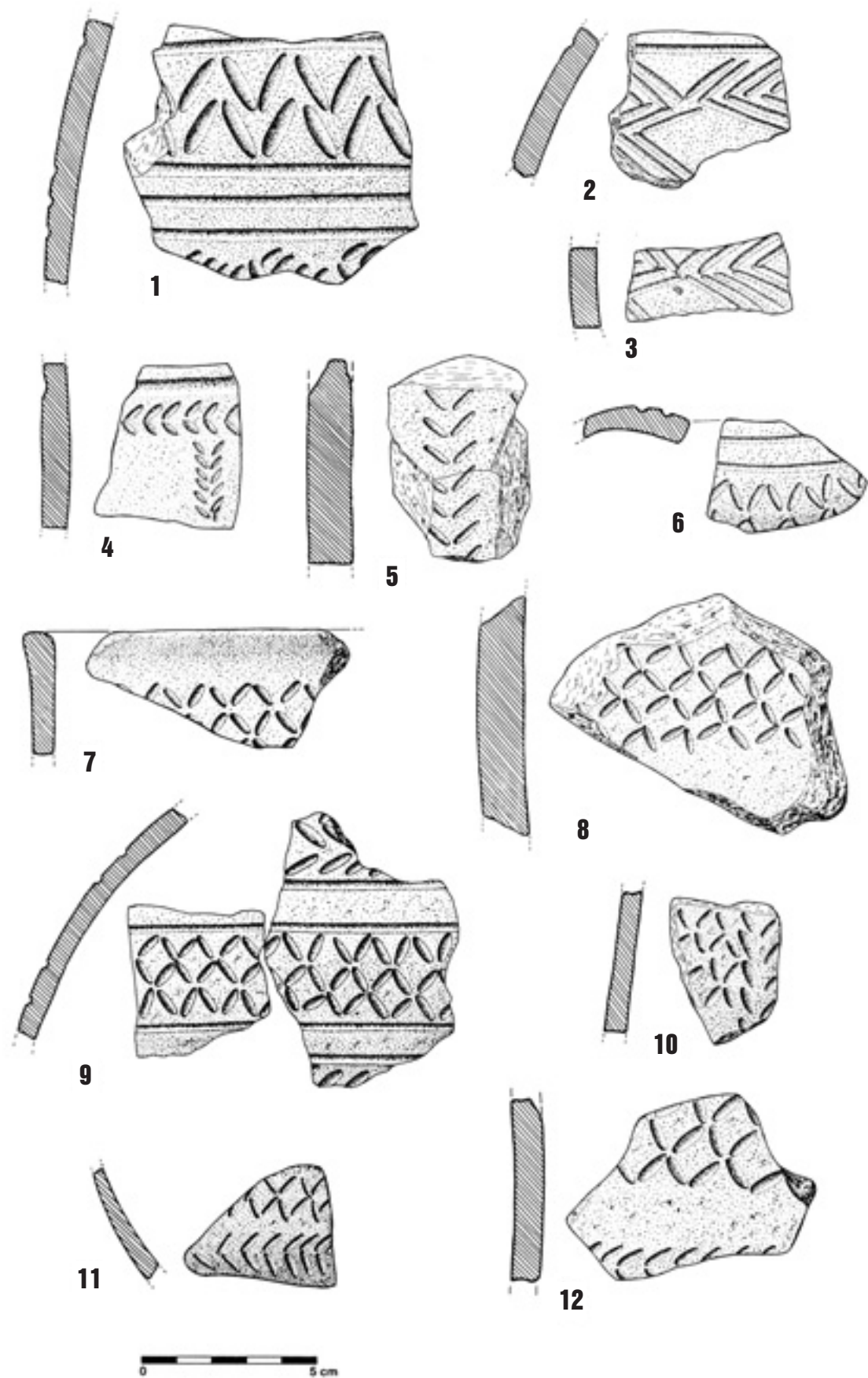


Fig. 45 – Outeiro de São Mamede: cerâmicas decoradas.

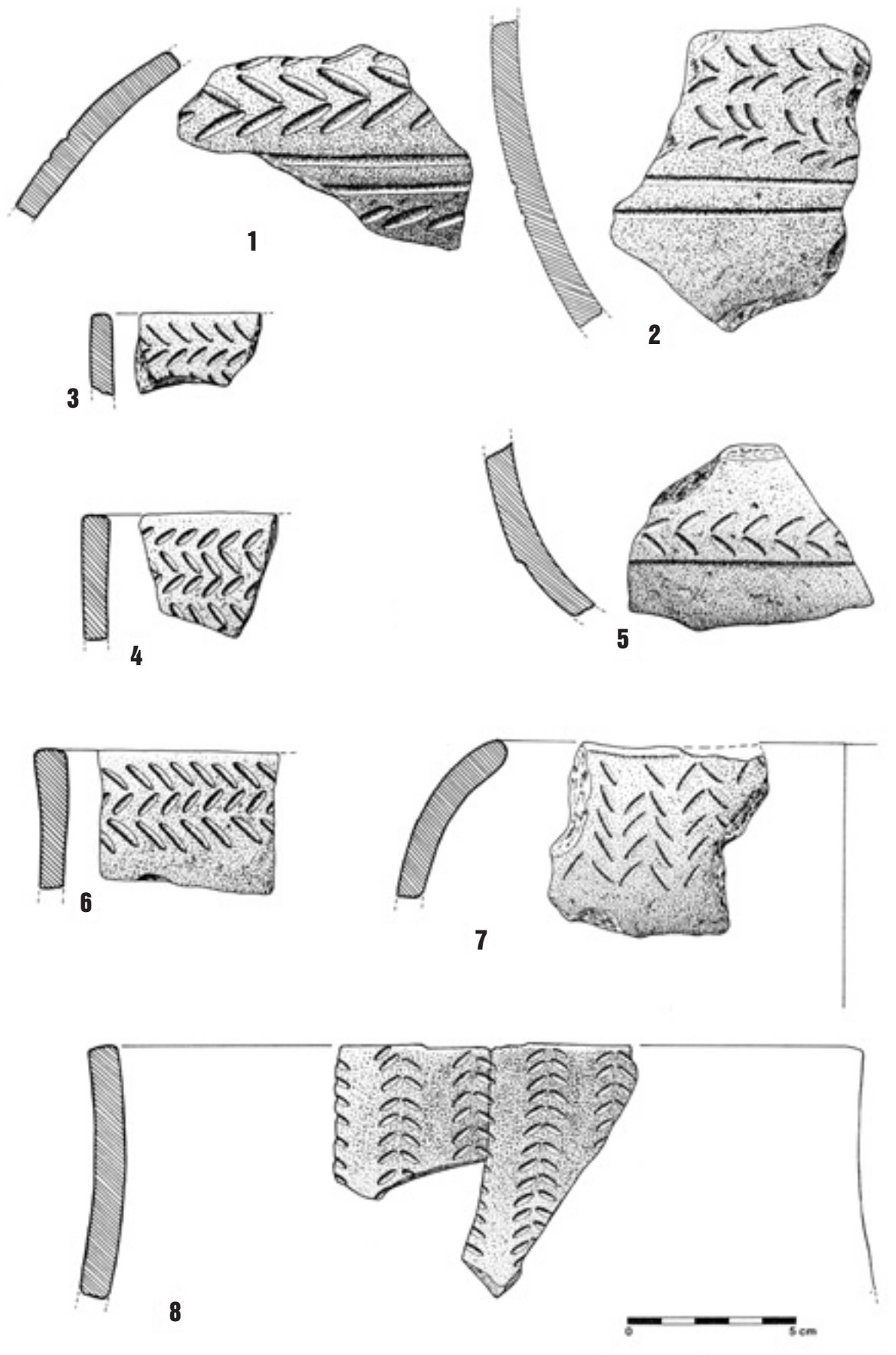


Fig. 46 – Outeiro de São Mamede: cerâmicas decoradas.

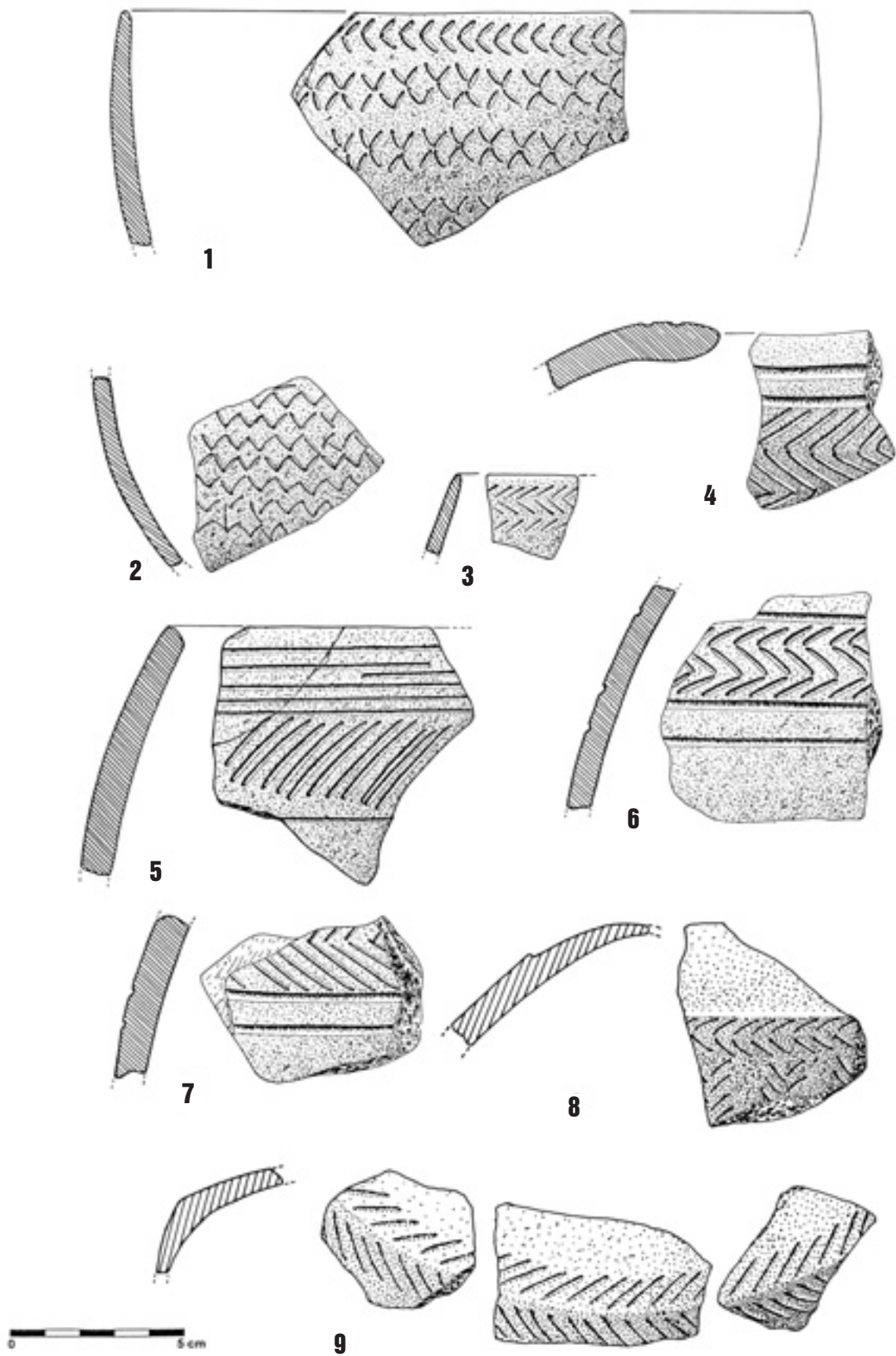


Fig. 47 - Outeiro de São Mamede: cerâmicas decoradas.

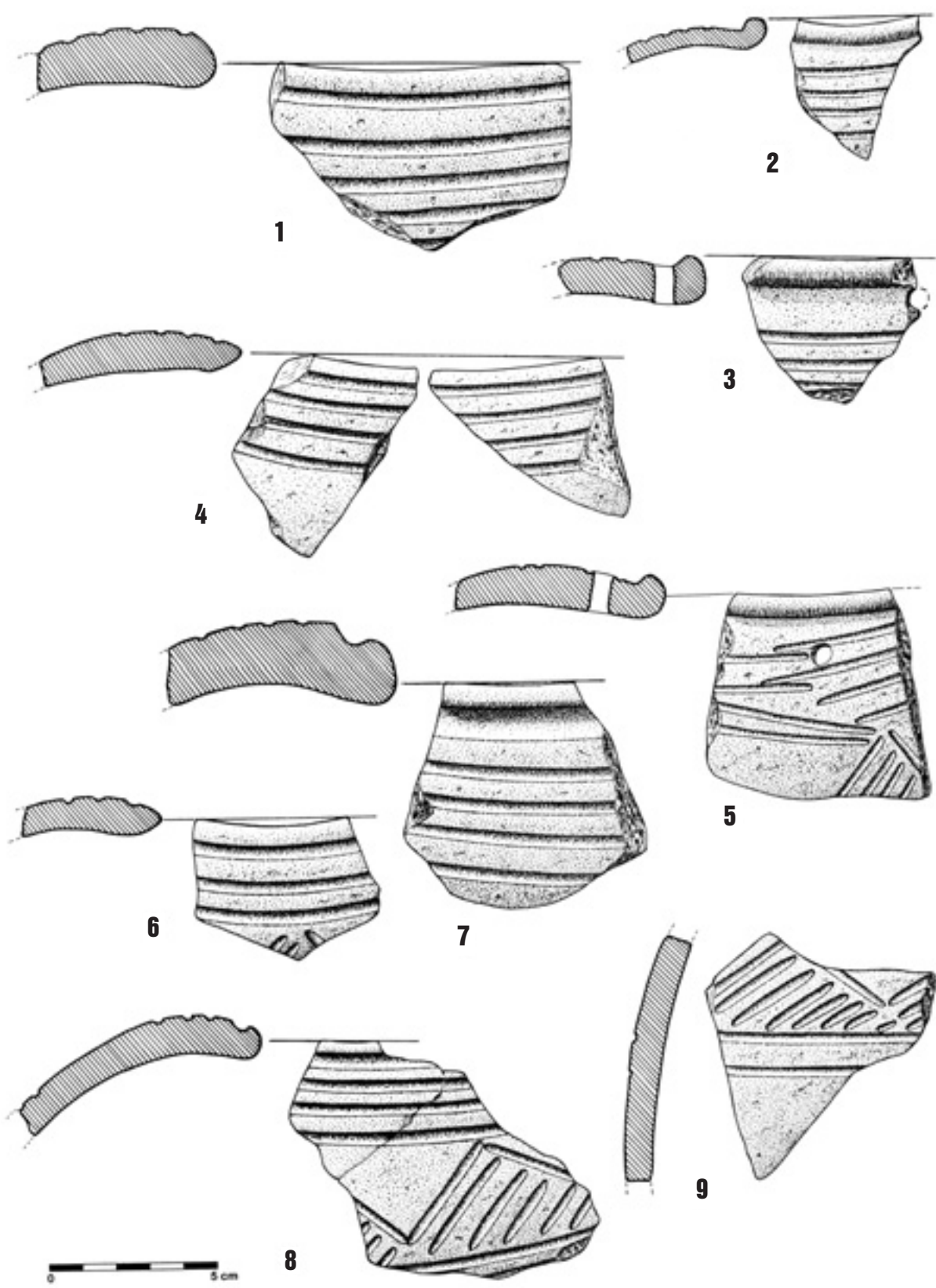


Fig. 48 – Outeiro de São Mamede: cerâmicas decoradas.

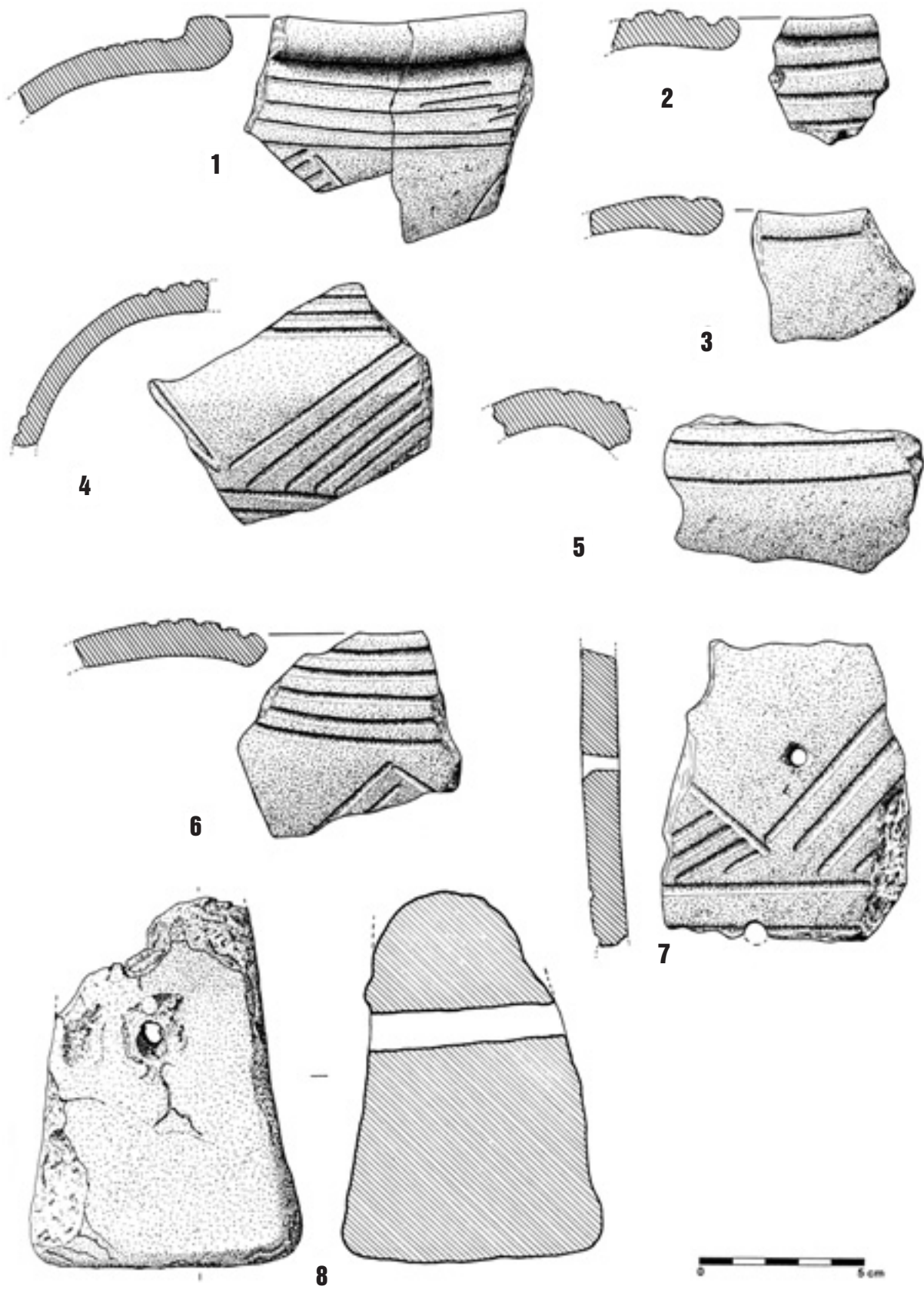


Fig. 49 – Outeiro de São Mamede: cerâmicas decoradas e peso de tear romano (n.º 8).

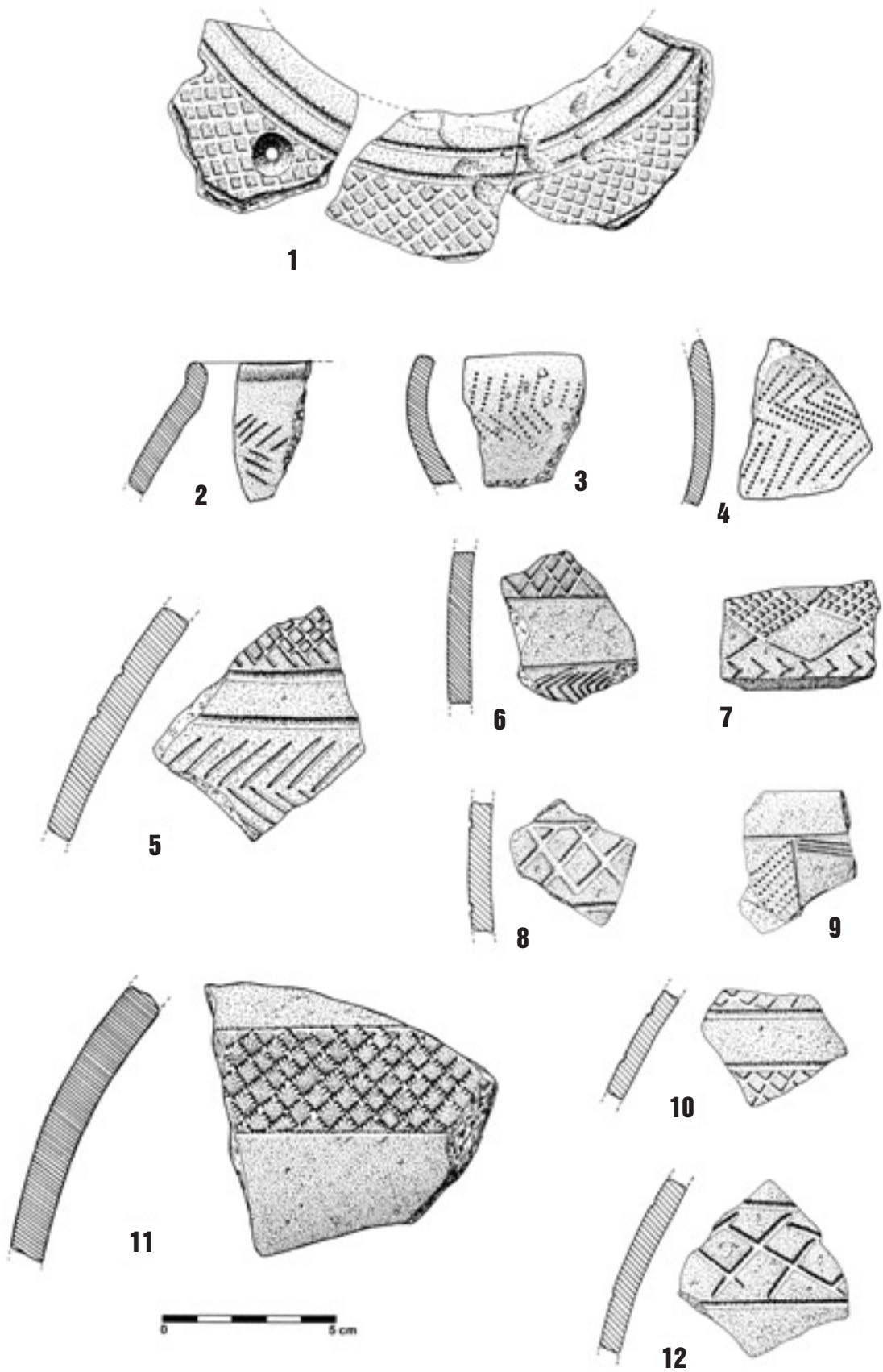


Fig. 50 – Outeiro de São Mamede: cerâmicas decoradas.



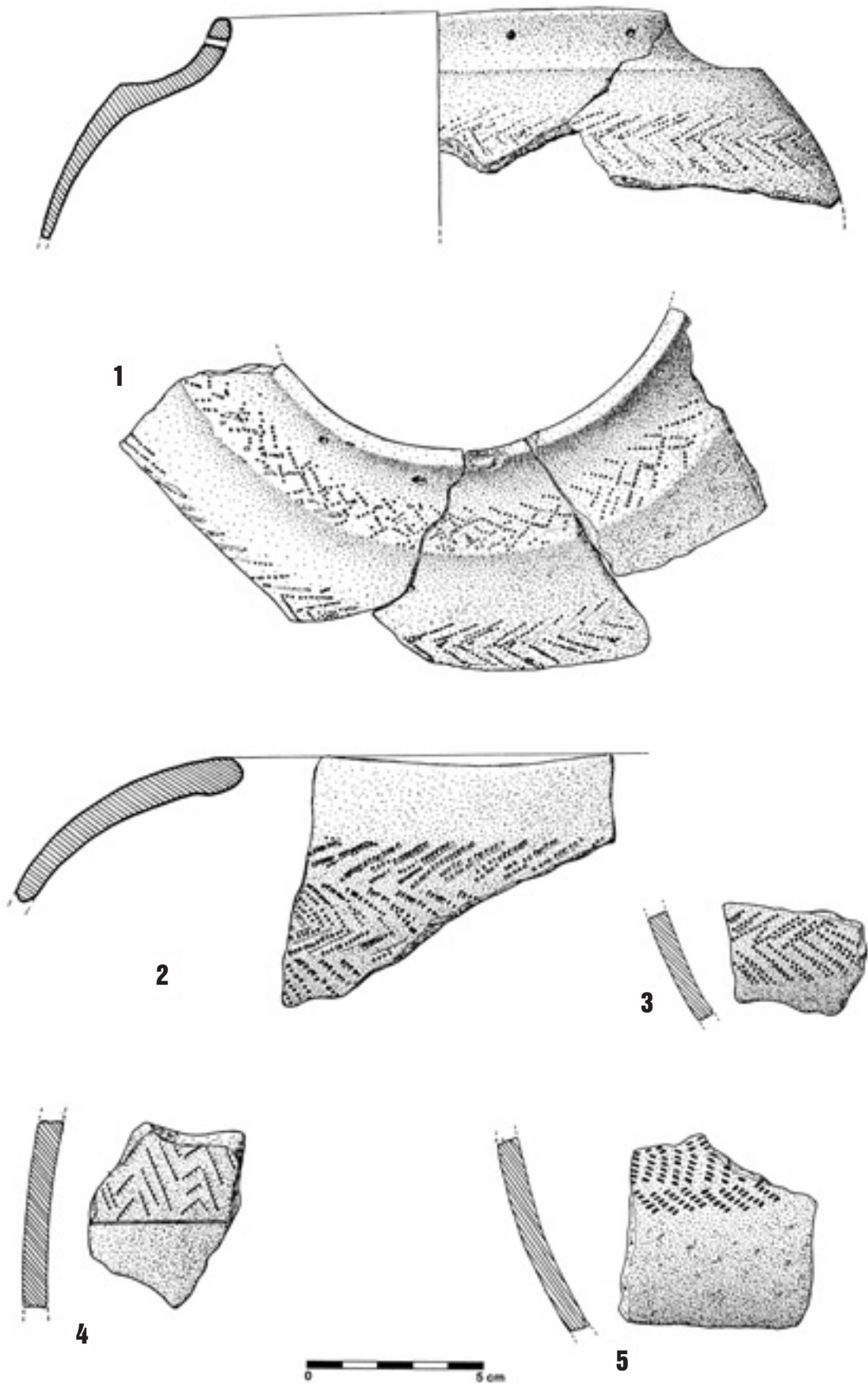


Fig. 51 – Outeiro de São Mamede: cerâmicas decoradas.

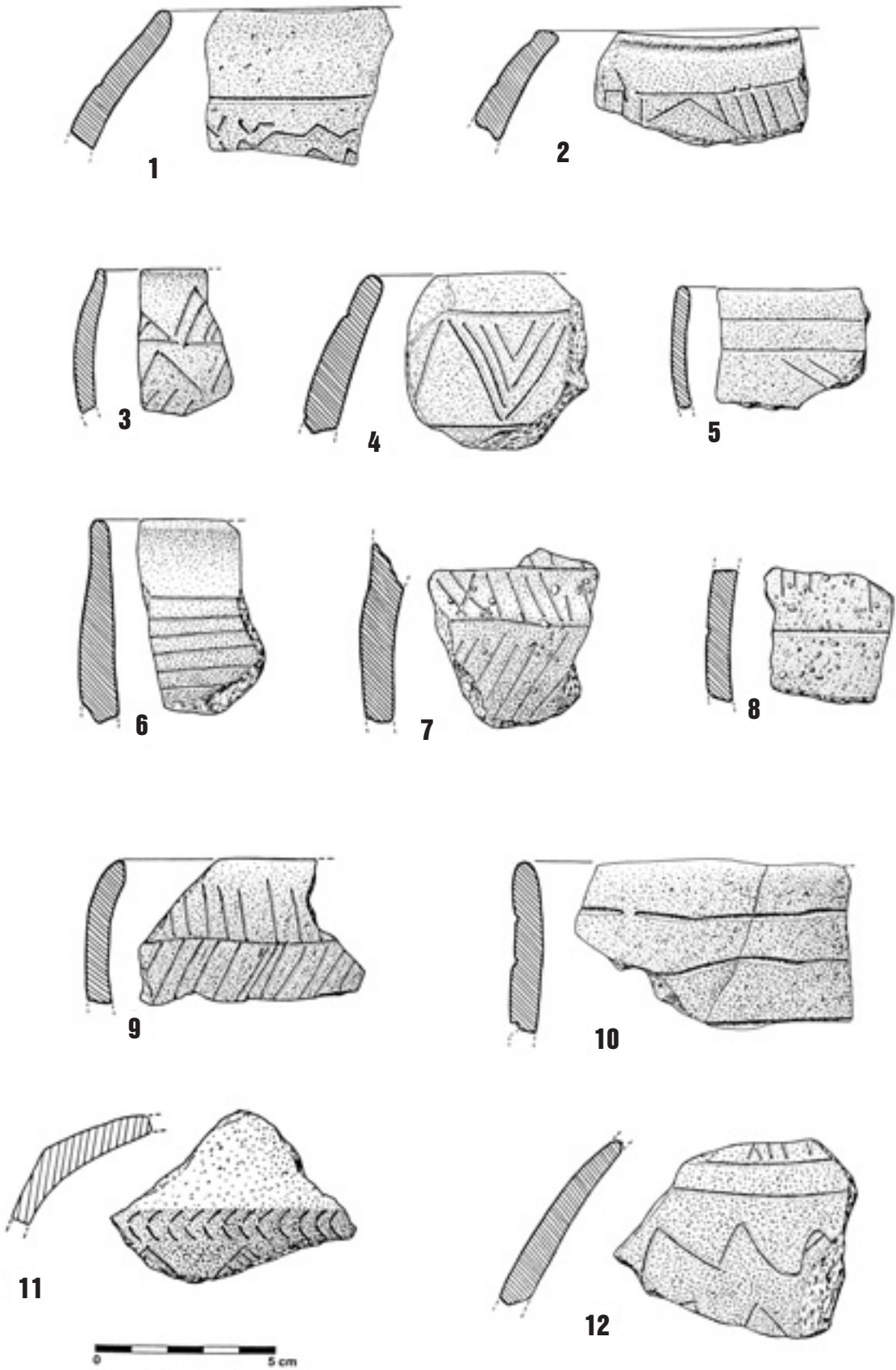


Fig. 52 – Outeiro de São Mamede: cerâmicas decoradas.

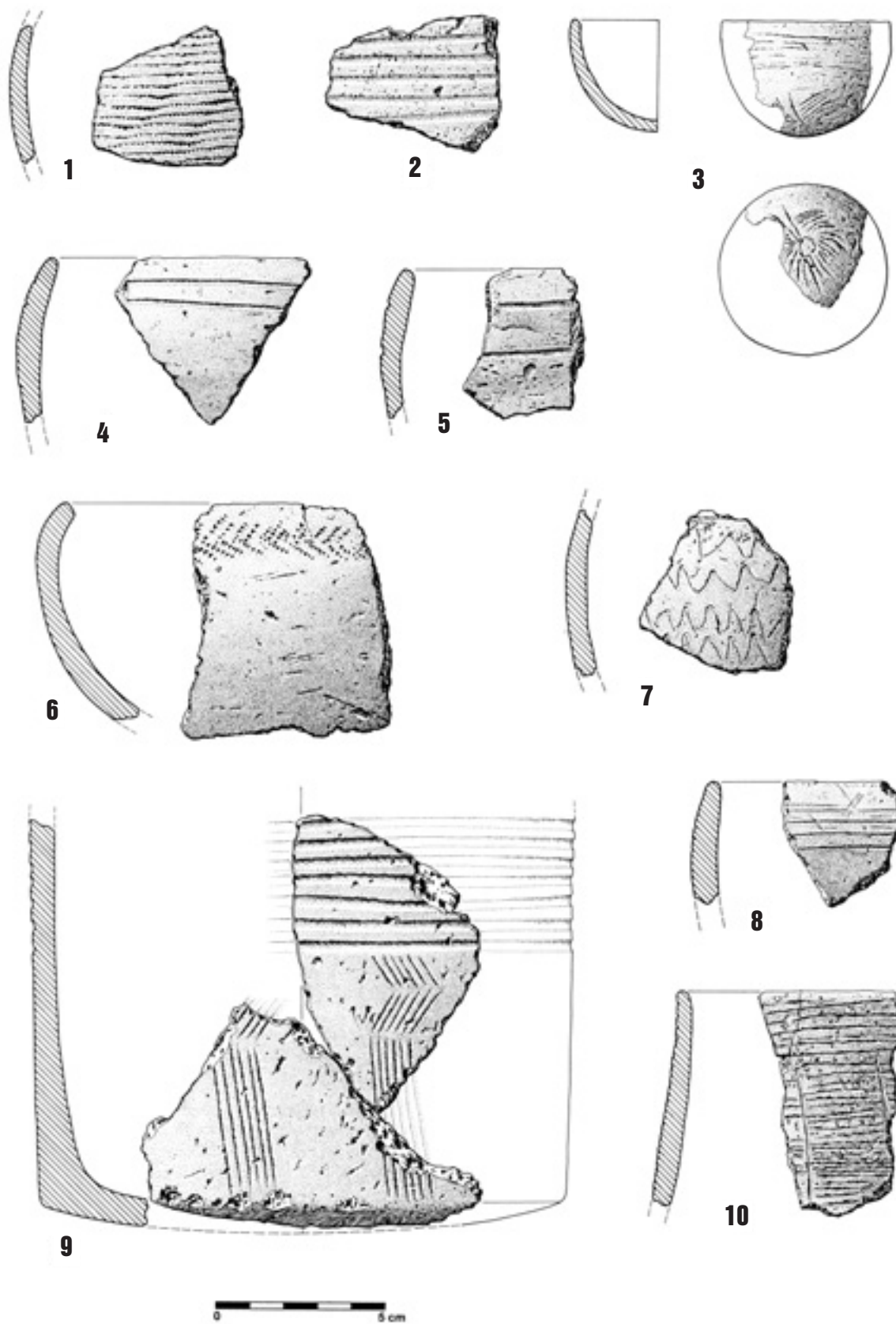


Fig. 53 – Outeiro de São Mamede: cerâmicas decoradas.

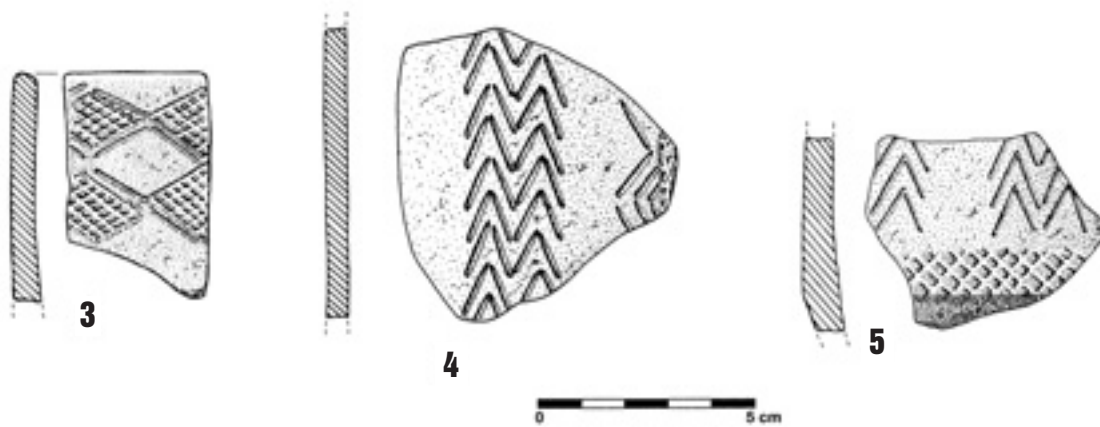
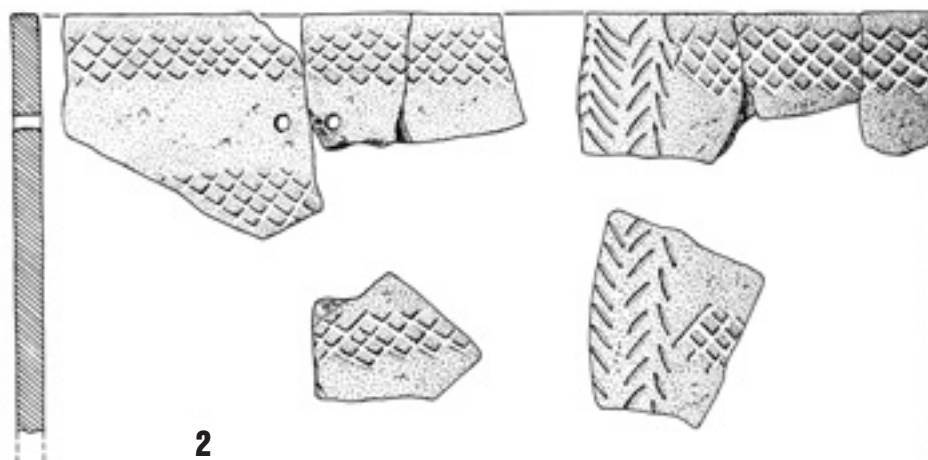


Fig. 54 – Outeiro de São Mamede: cerâmicas decoradas.

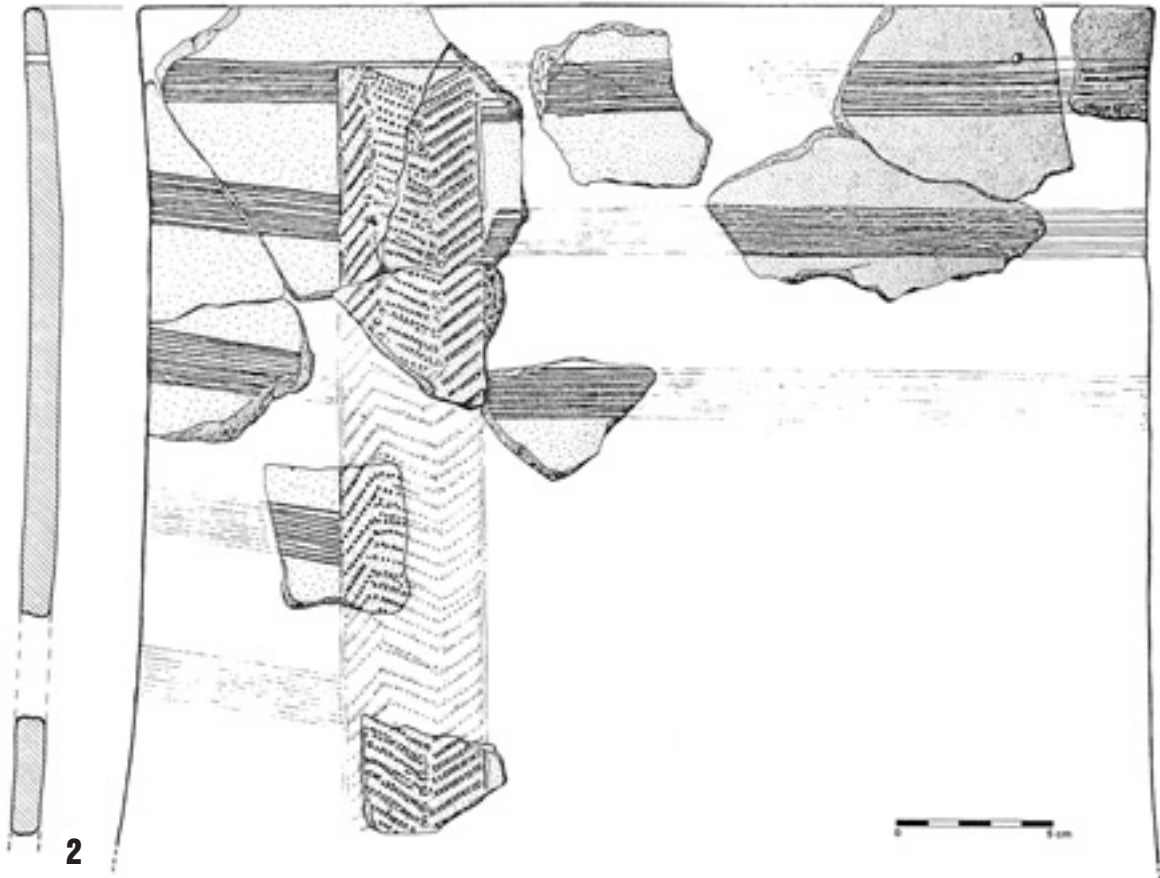
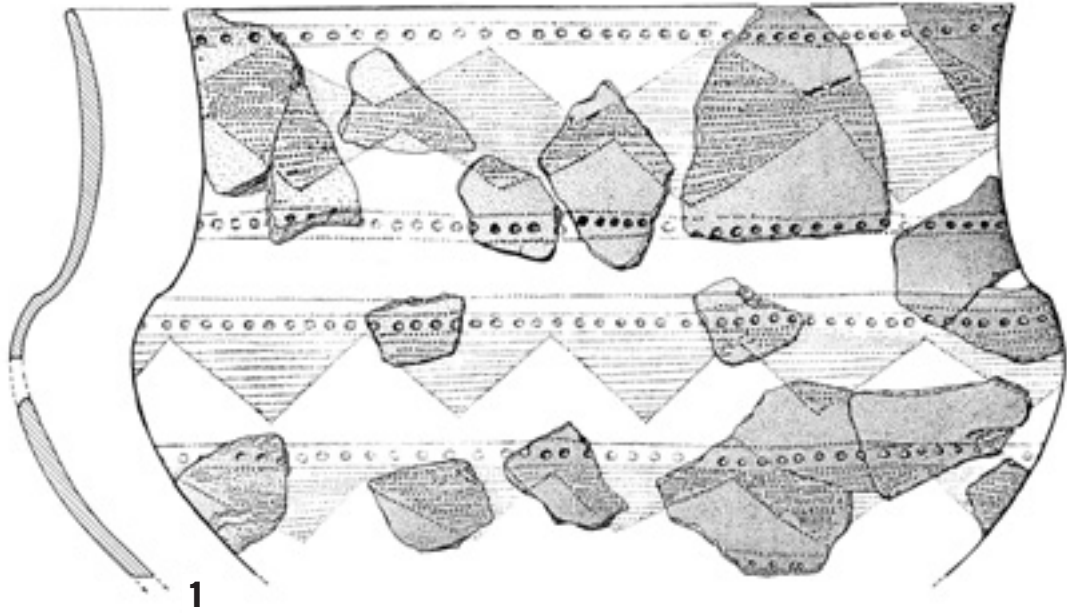


Fig. 55 – Outeiro de São Mamede: cerâmicas decoradas (n.º 2, cf. GONÇALVES, 1991, fig. 6, n.º 1).

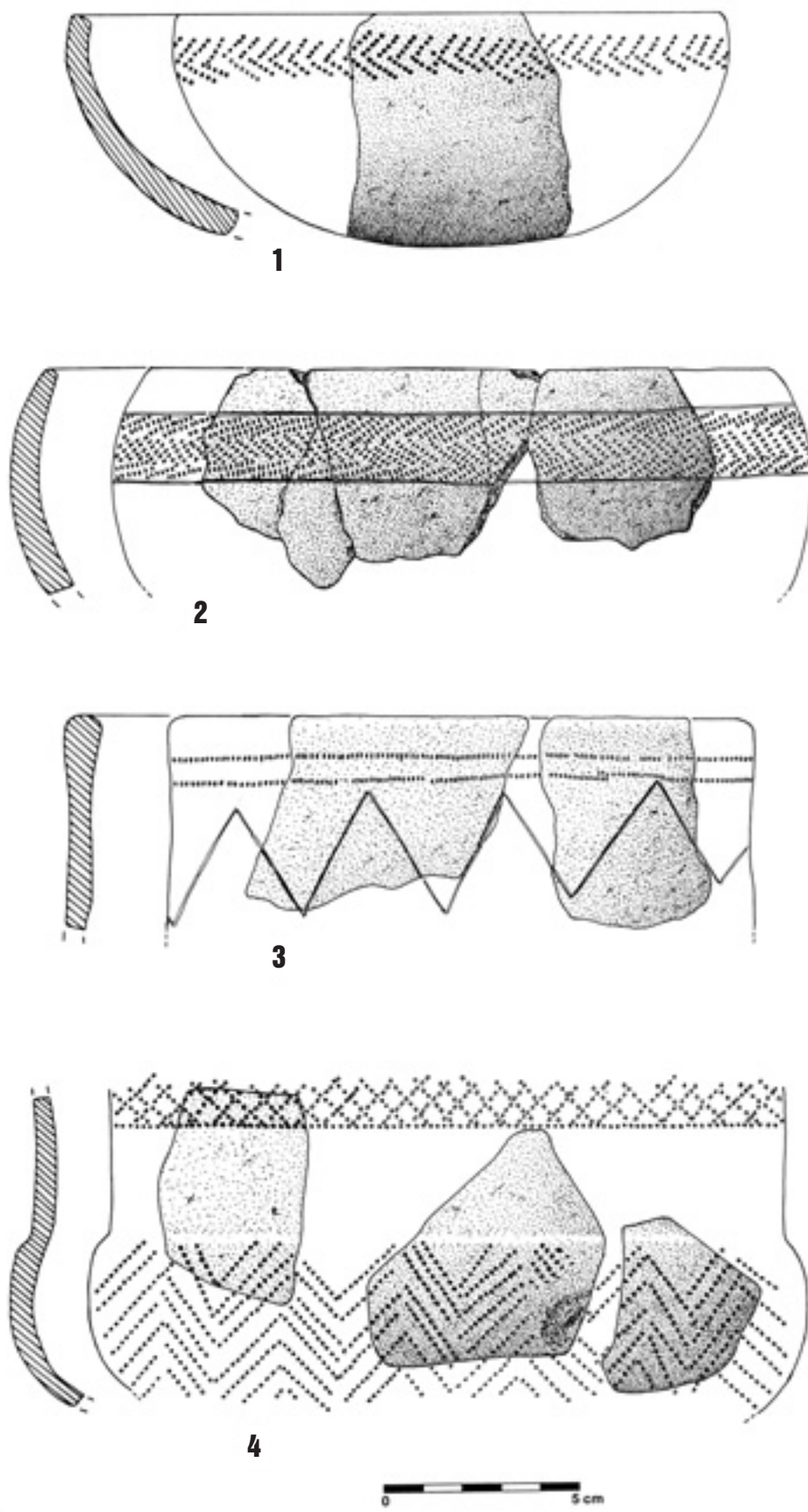


Fig. 56 – Outeiro de São Mamede: cerâmicas decoradas.

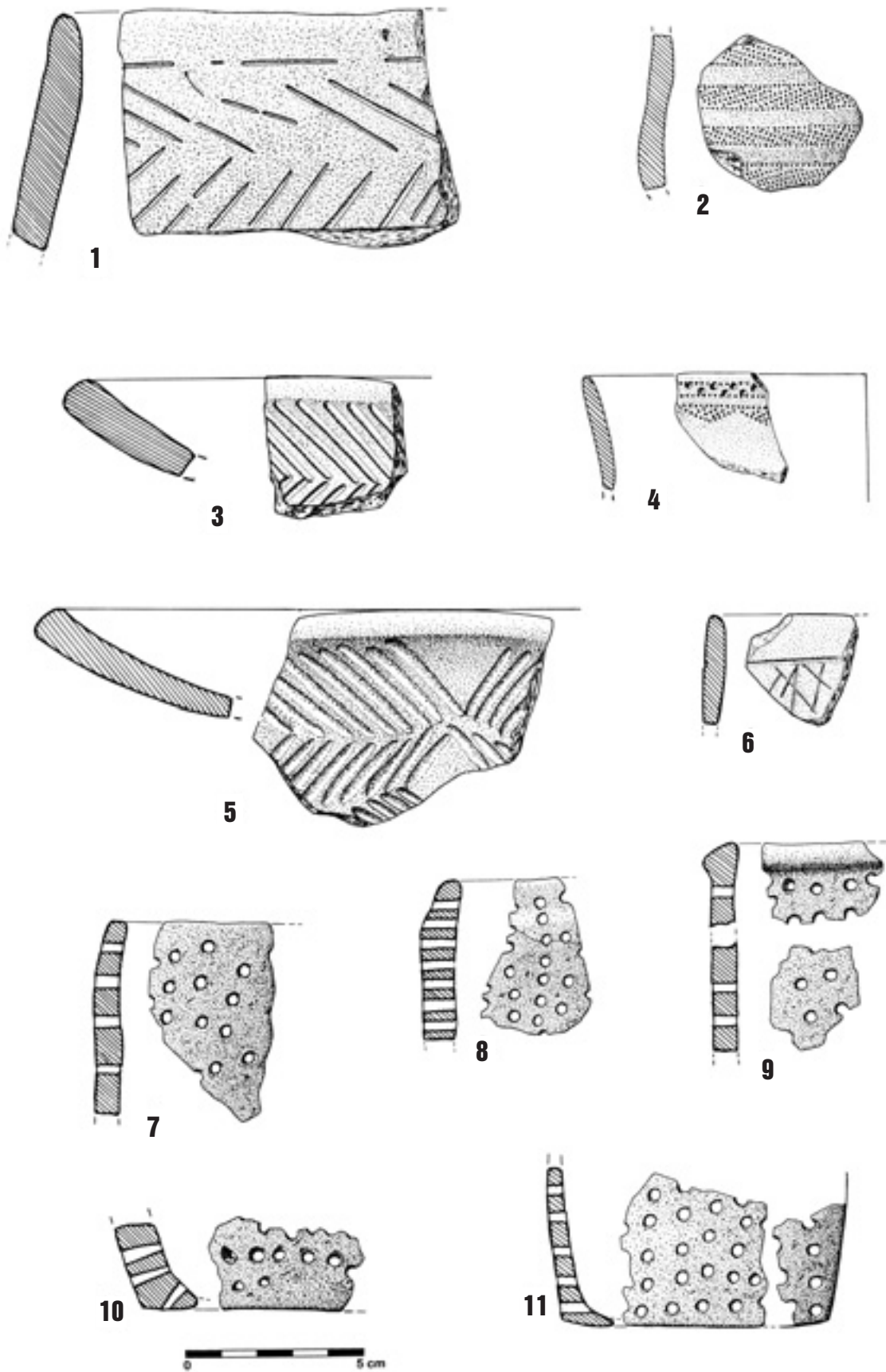


Fig. 57 – Outeiro de São Mamede: cerâmicas decoradas e cerâmicas industriais.

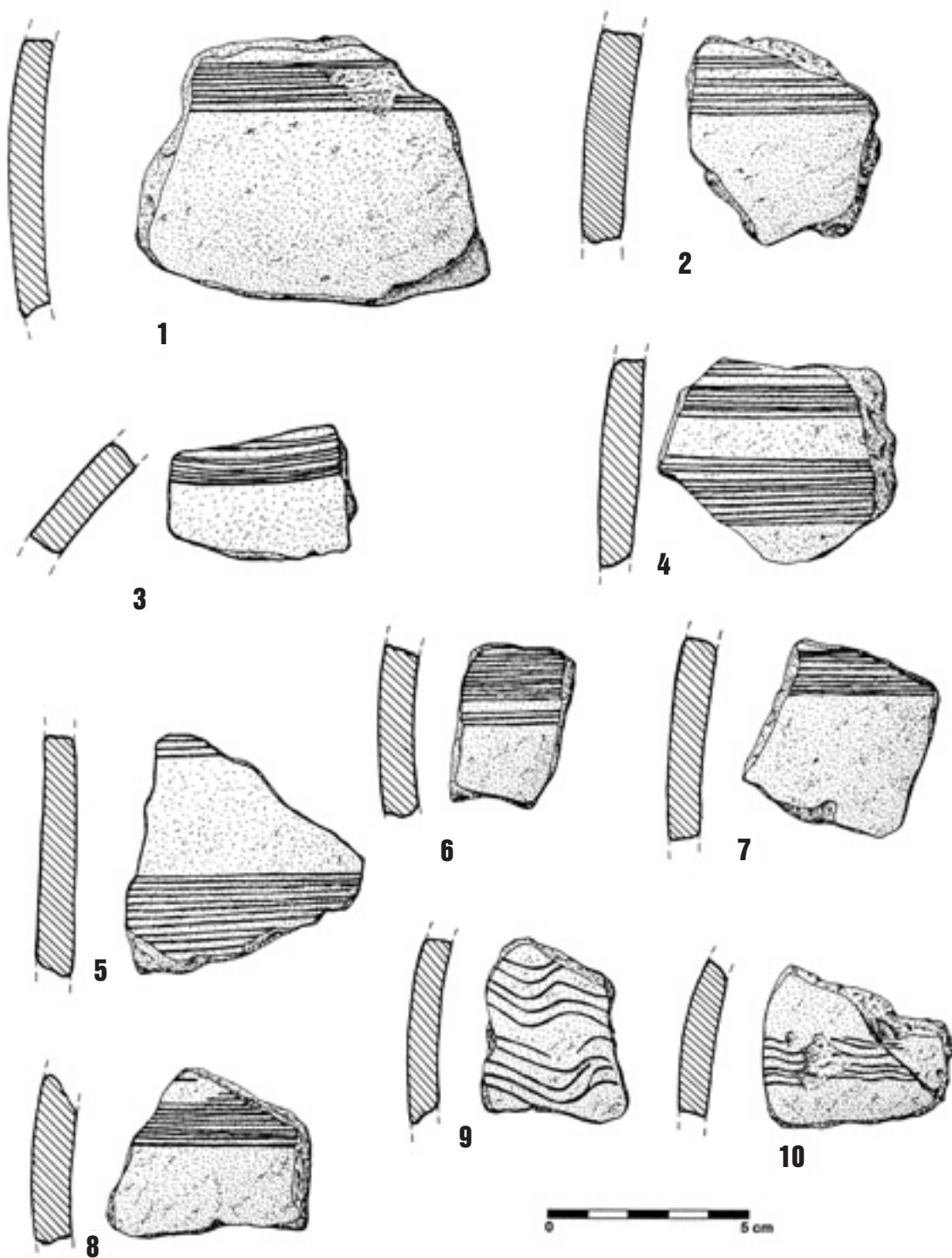


Fig. 58 – Outeiro de São Mamede: cerâmicas decoradas.



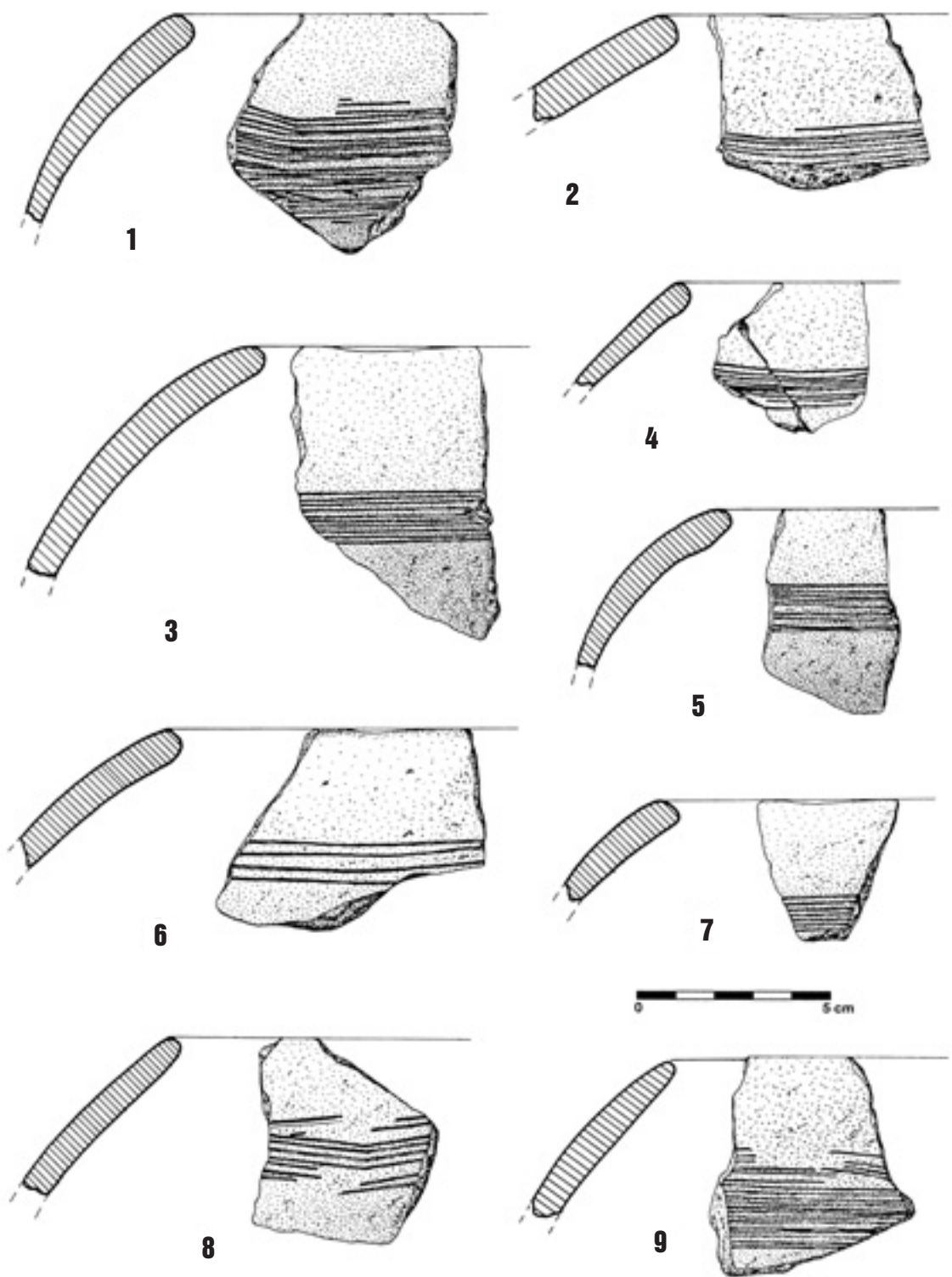


Fig. 59 – Outeiro de São Mamede: cerâmicas decoradas.

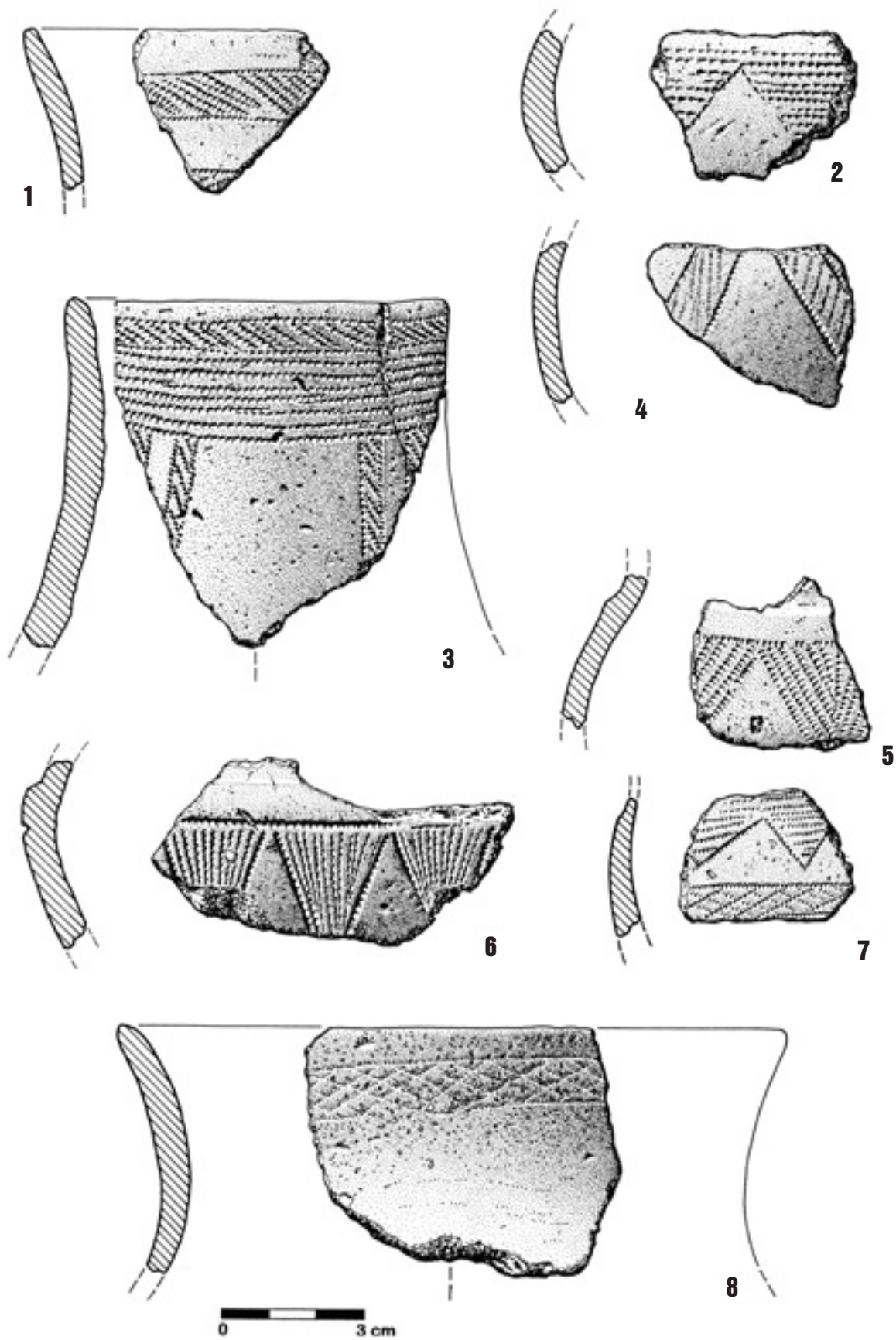


Fig. 60 – Outeiro de São Mamede: cerâmicas decoradas.

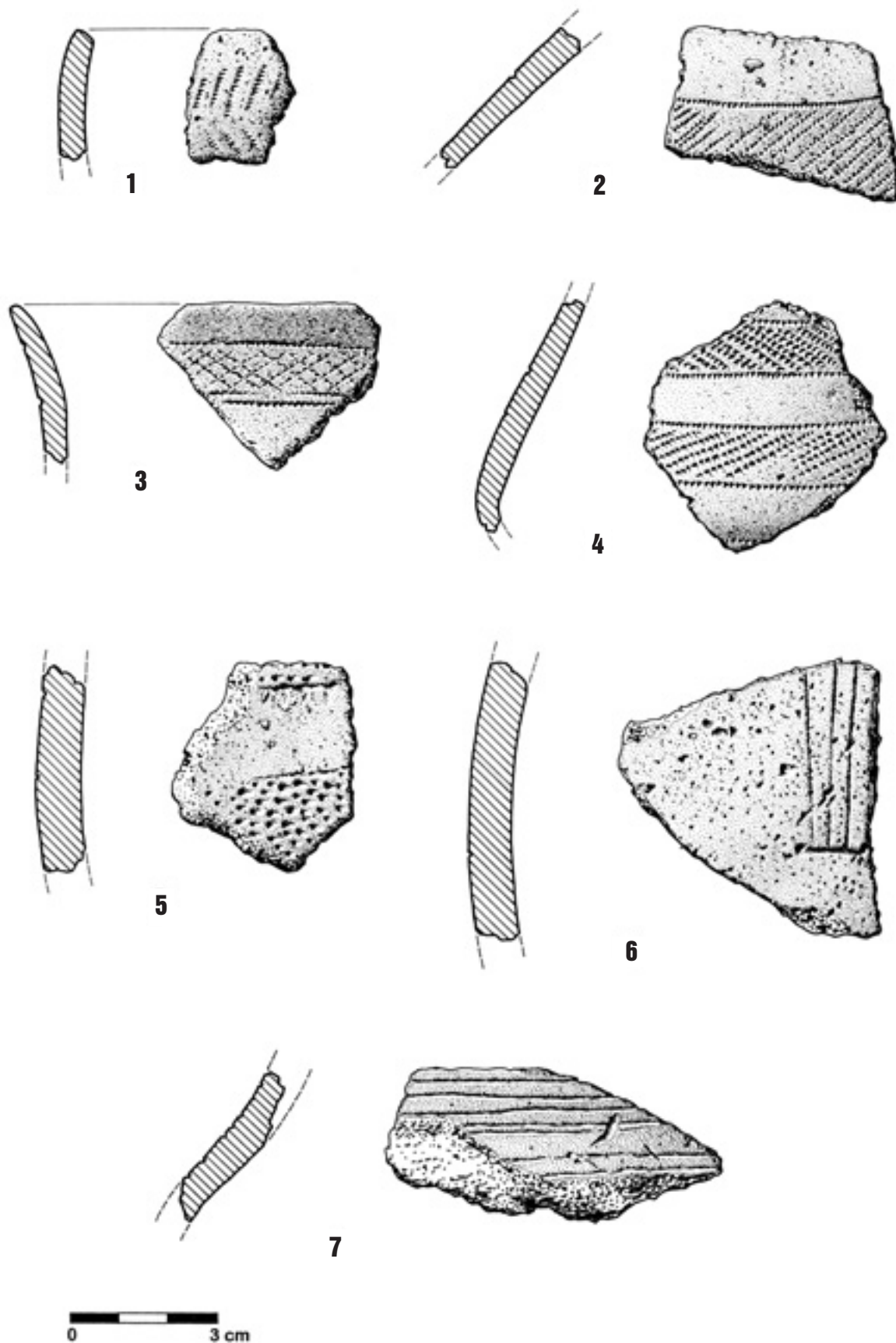


Fig. 61 – Outeiro de São Mamede: cerâmicas decoradas.

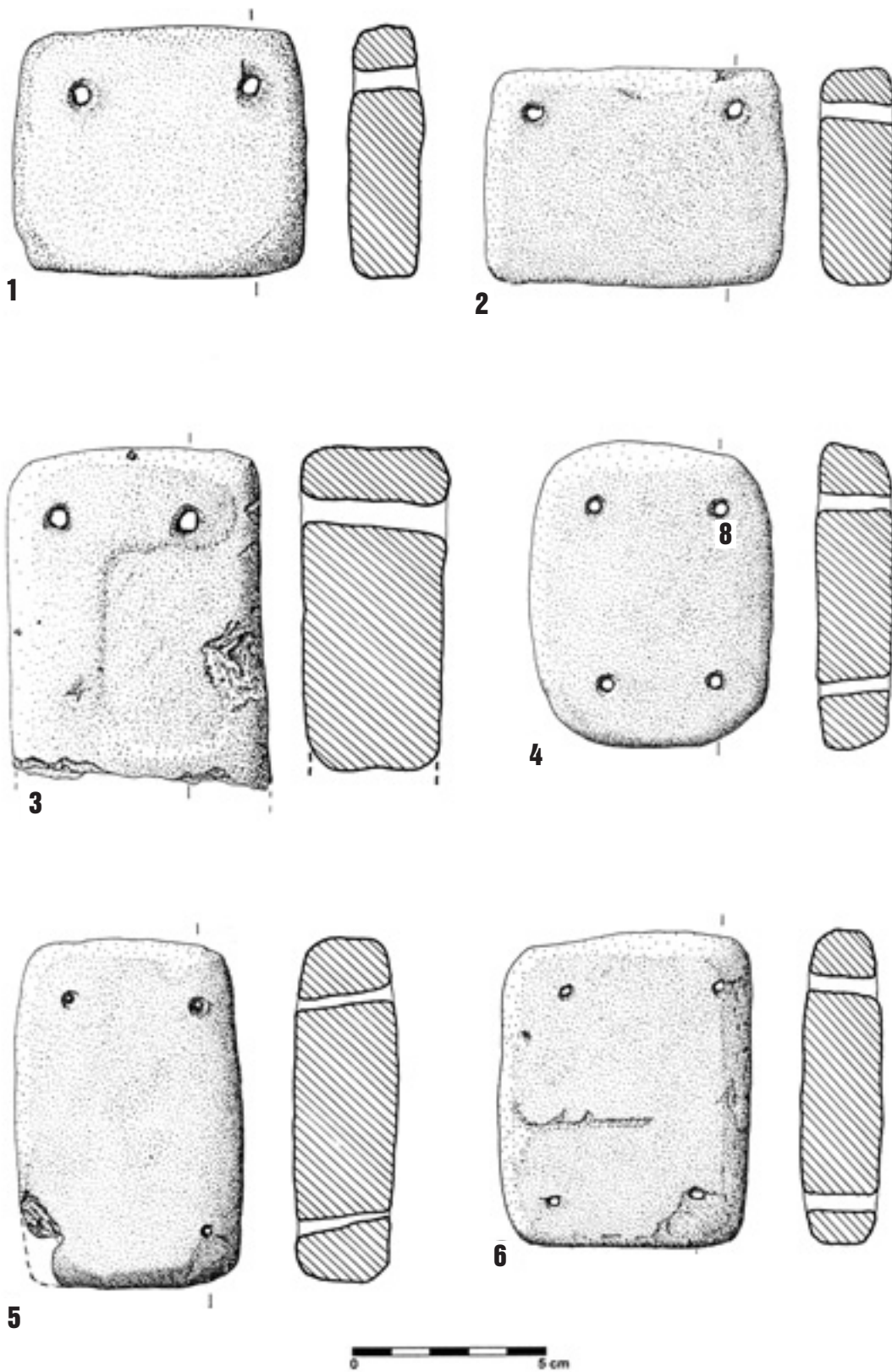


Fig. 62 – Outeiro de São Mamede: elementos de tear, de cerâmica.

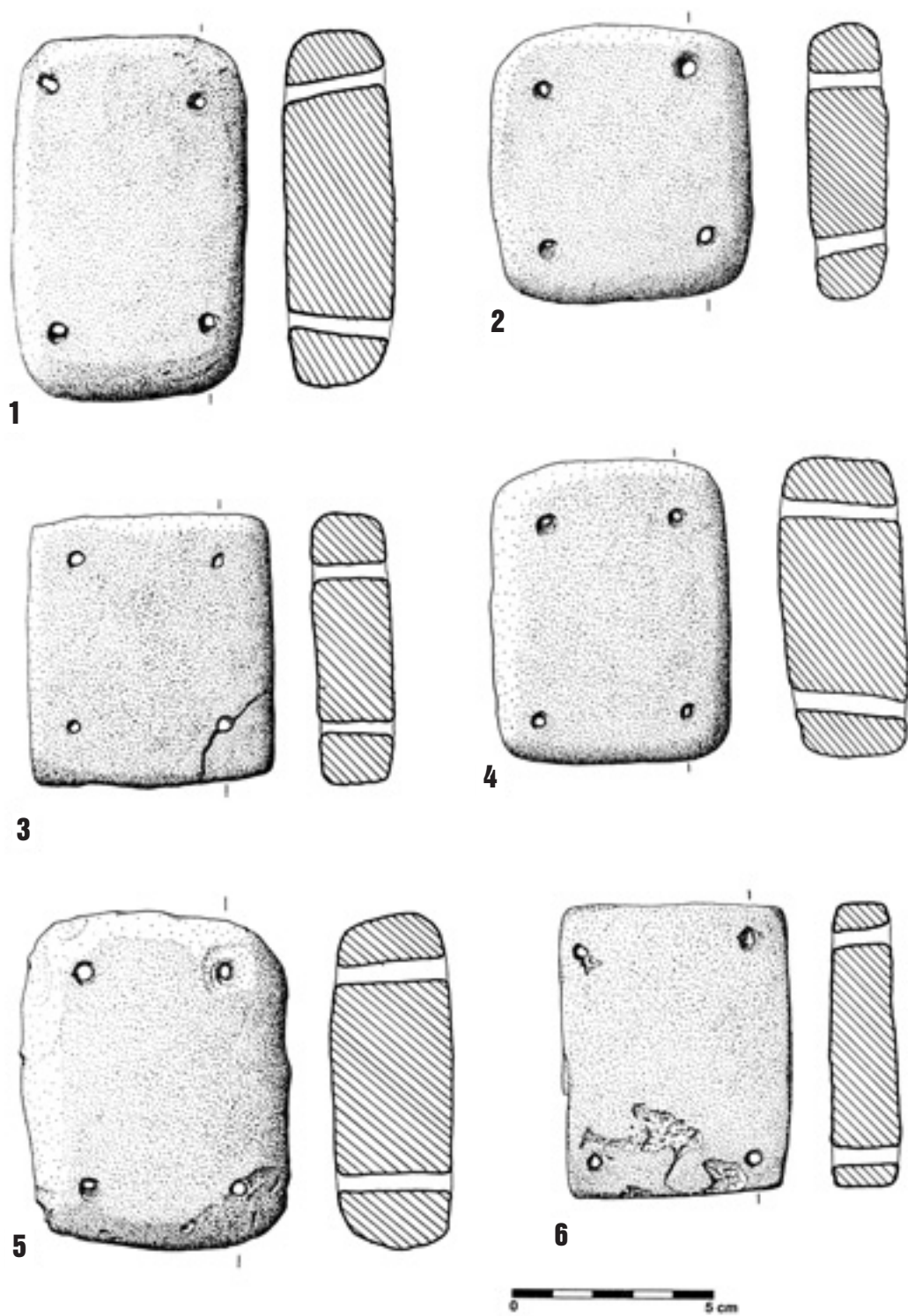


Fig. 63 – Outeiro de São Mamede: elementos de tear, de cerâmica.

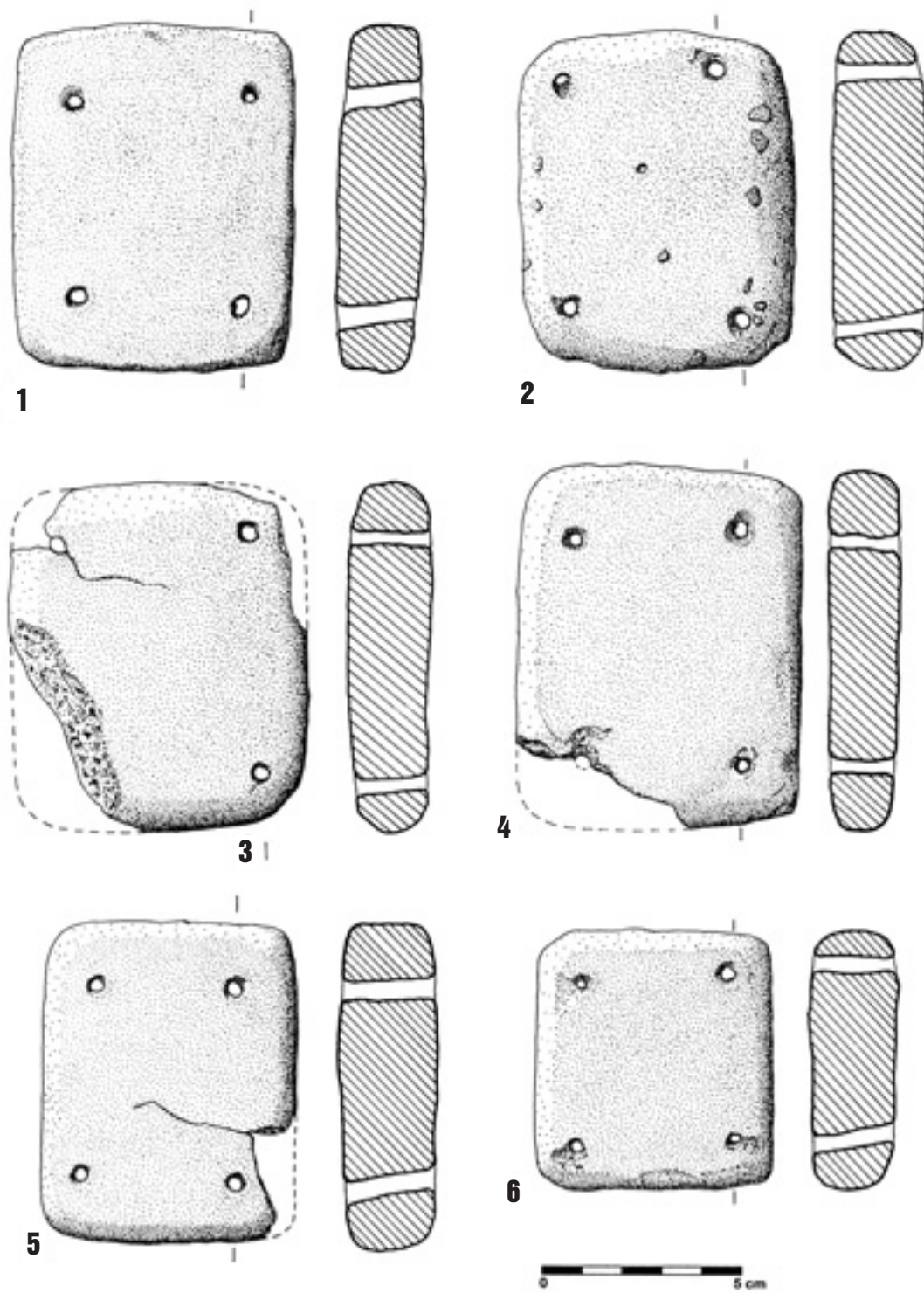


Fig. 64 – Outeiro de São Mamede: elementos de tear, de cerâmica.

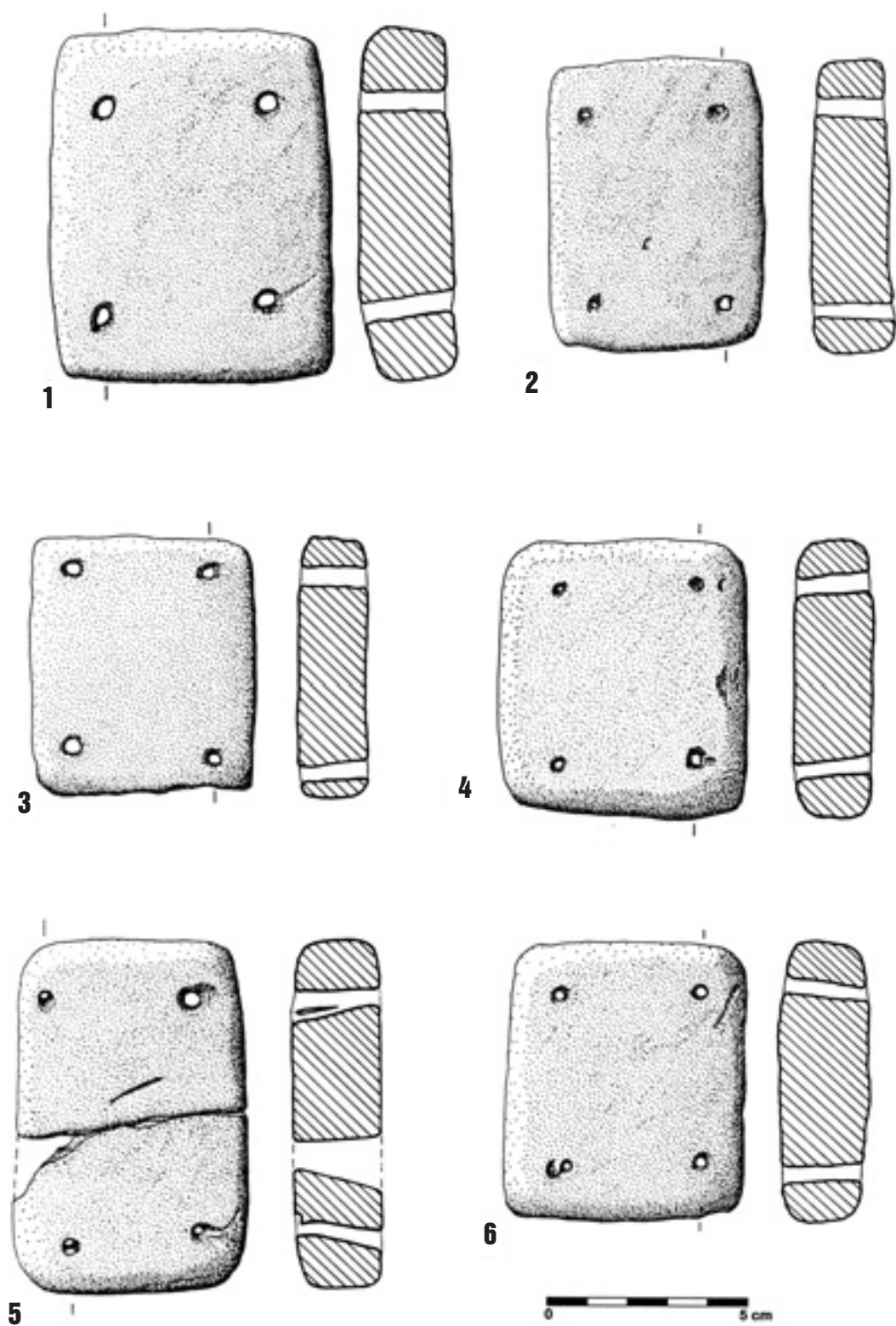


Fig. 65 – Outeiro de São Mamede: elementos de tear, de cerâmica.

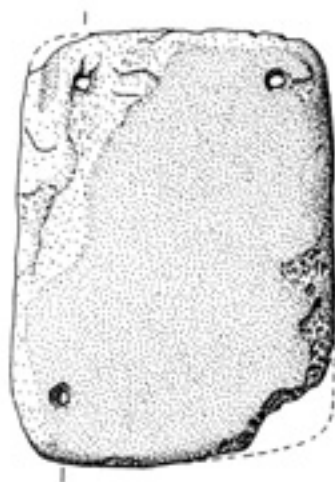
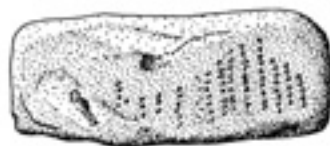
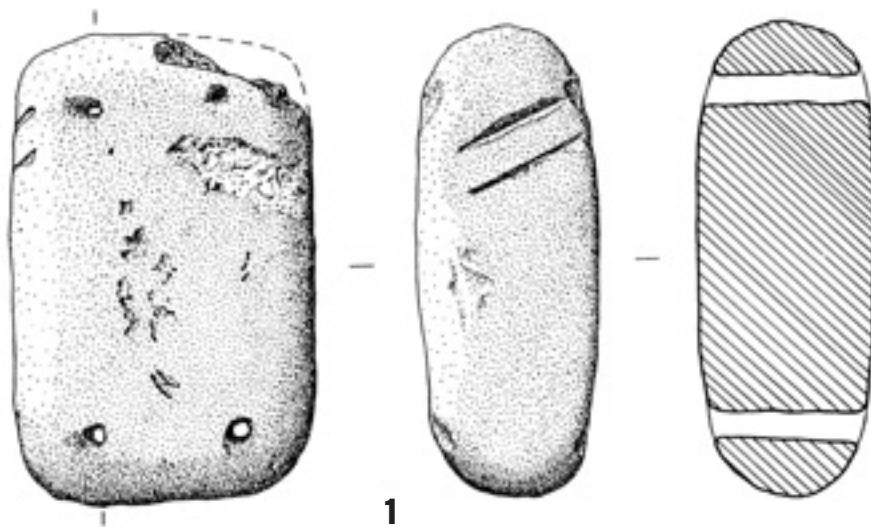


Fig. 66 – Outeiro de São Mamede: elementos de tear, de cerâmica.



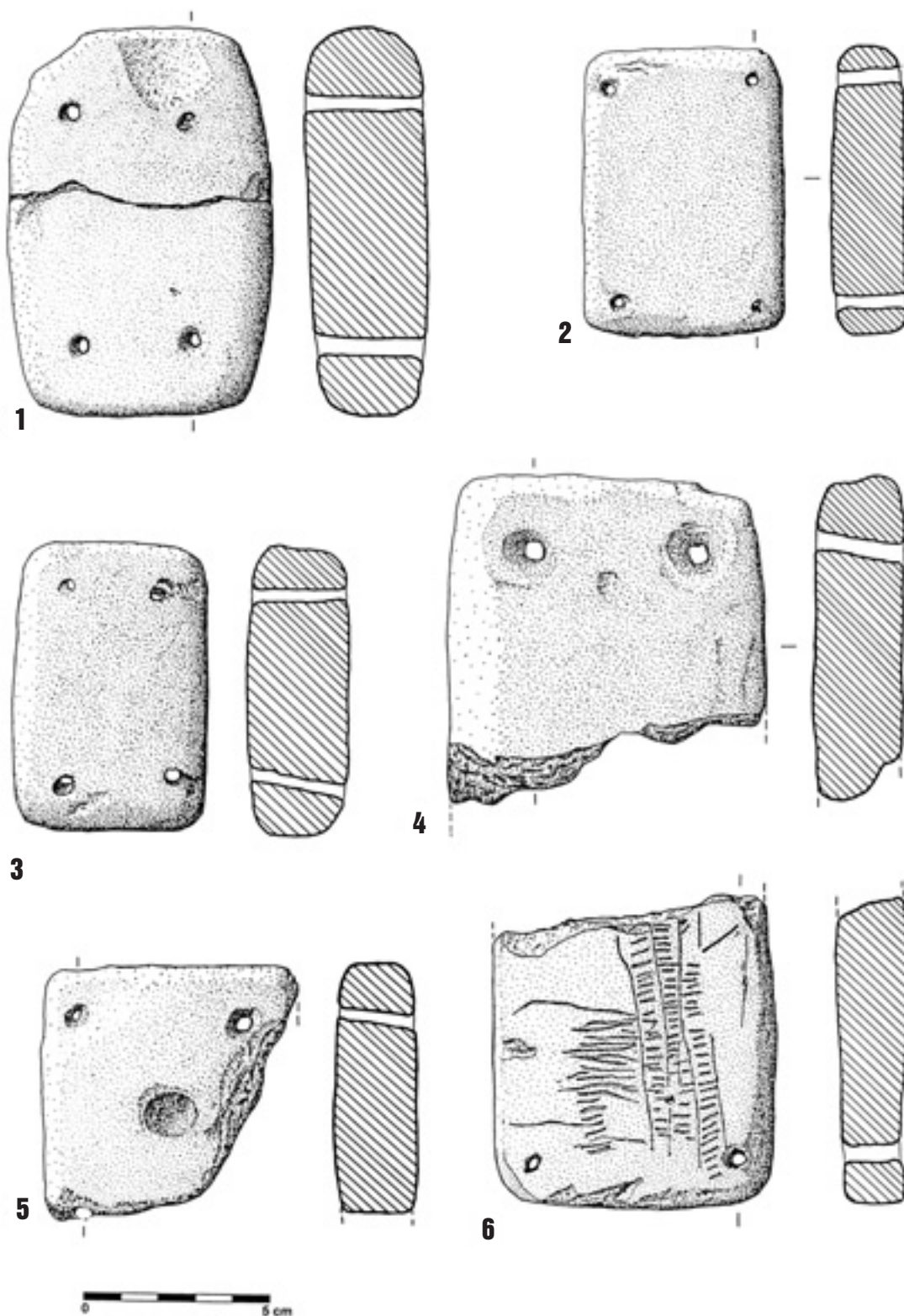


Fig. 67 – Outeiro de São Mamede: elementos de tear, de cerâmica.

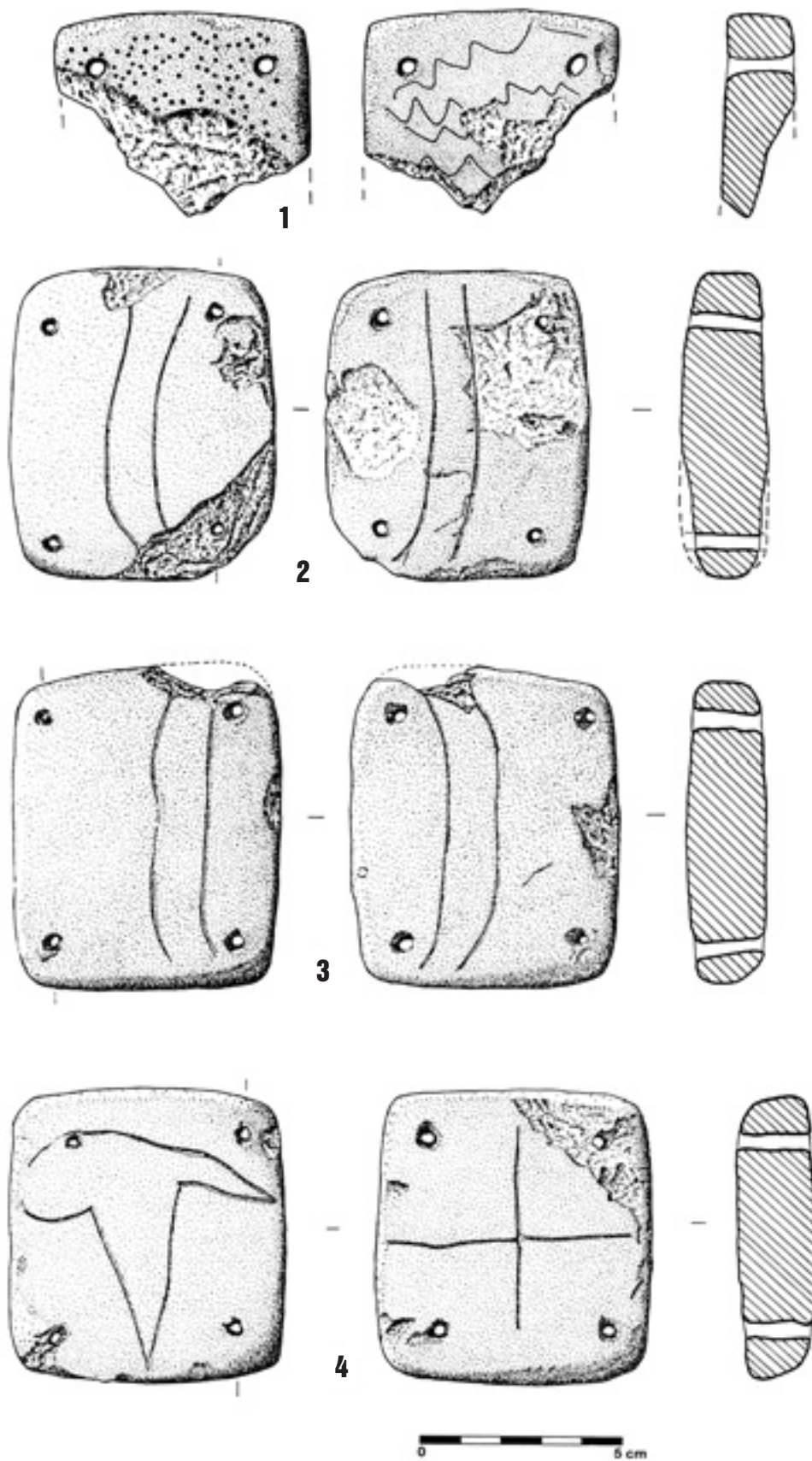


Fig. 68 – Outeiro de São Mamede: elementos de tear, de cerâmica. O n.º 4 ostenta numa das faces, representação estilizada de um machado ou enxó (cf. VASCONCELOS, 1992).

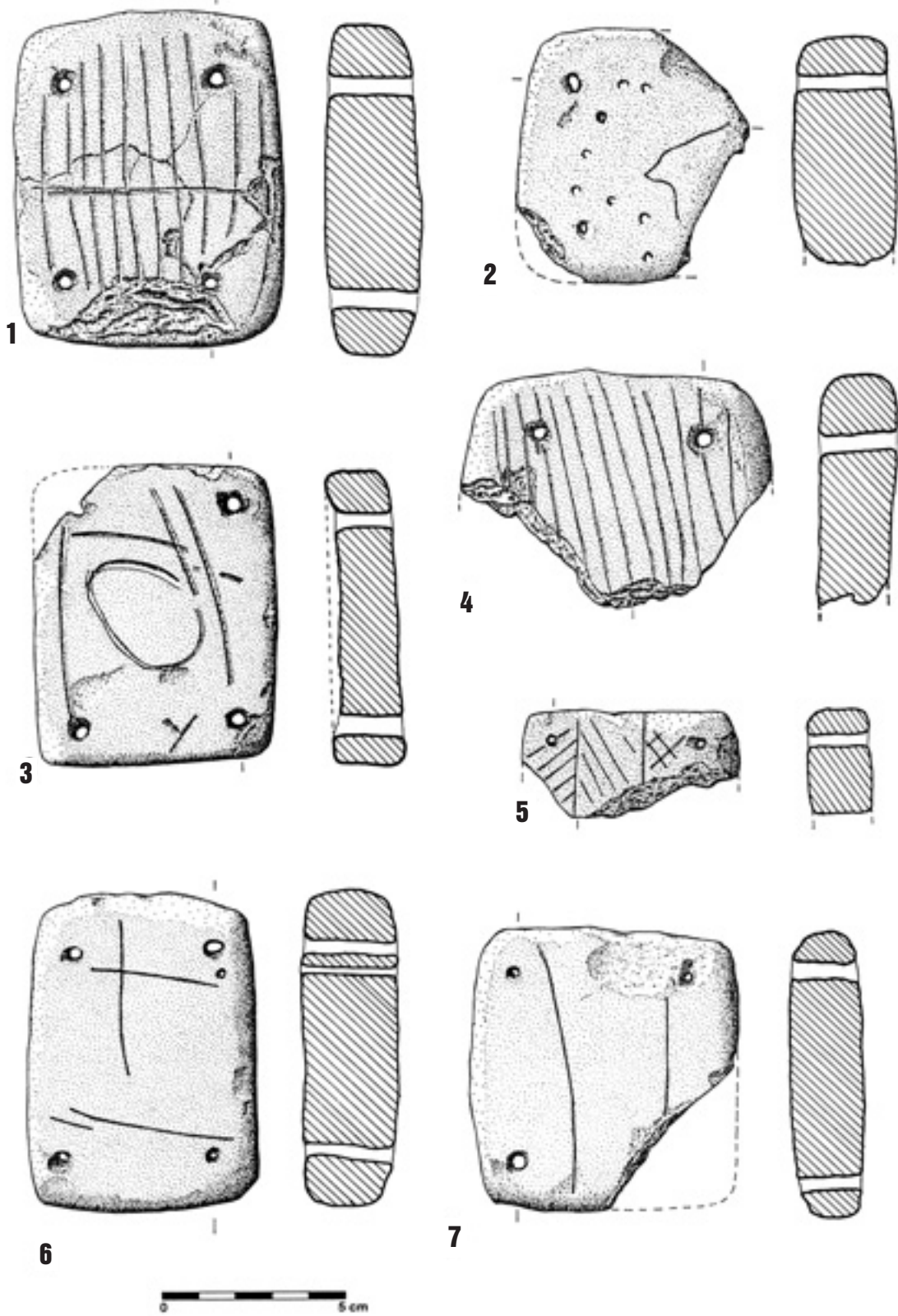


Fig. 69 – Outeiro de São Mamede: elementos de tear, de cerâmica.

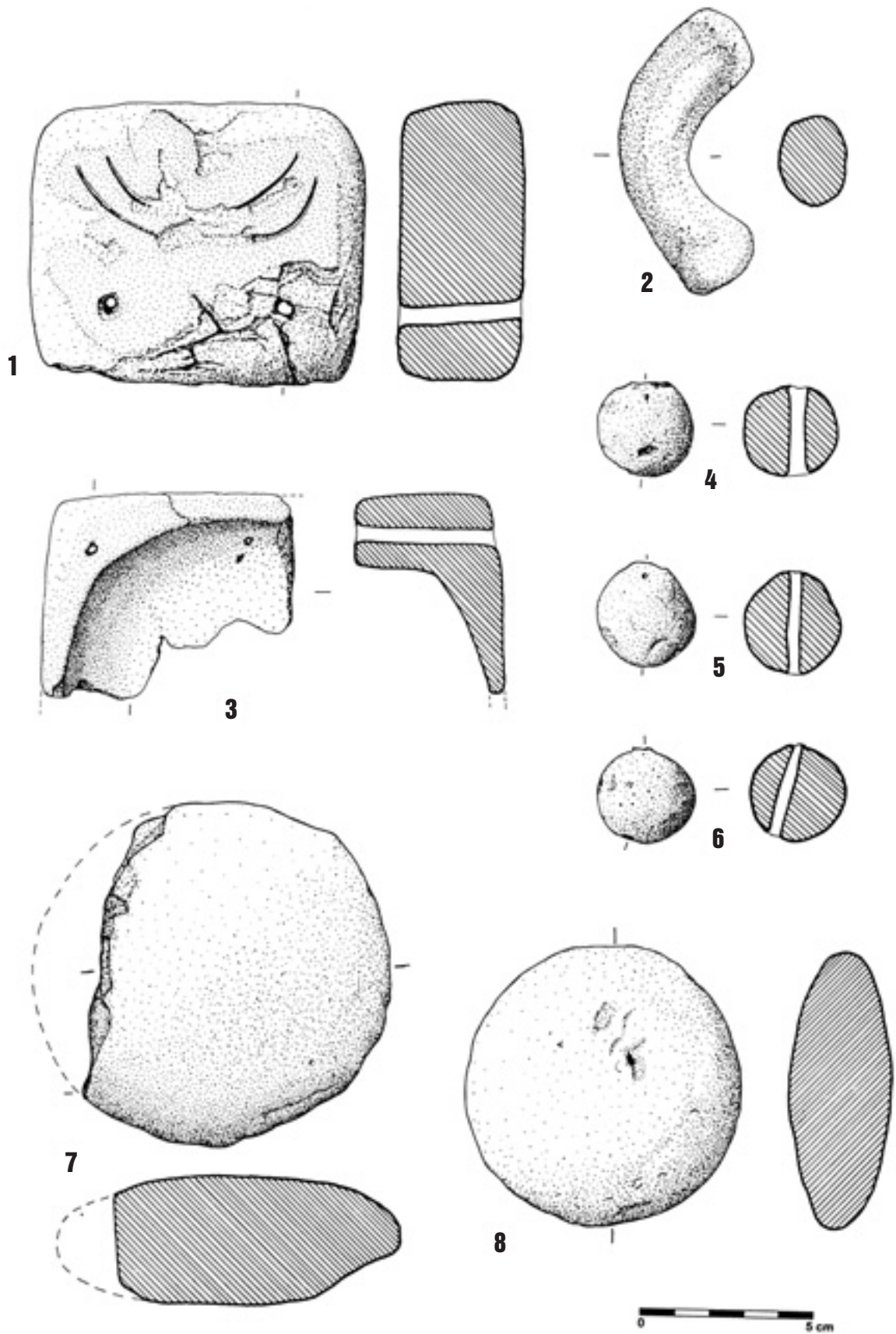


Fig. 70 – Outeiro de São Mamede: artefactos diversos de cerâmica.

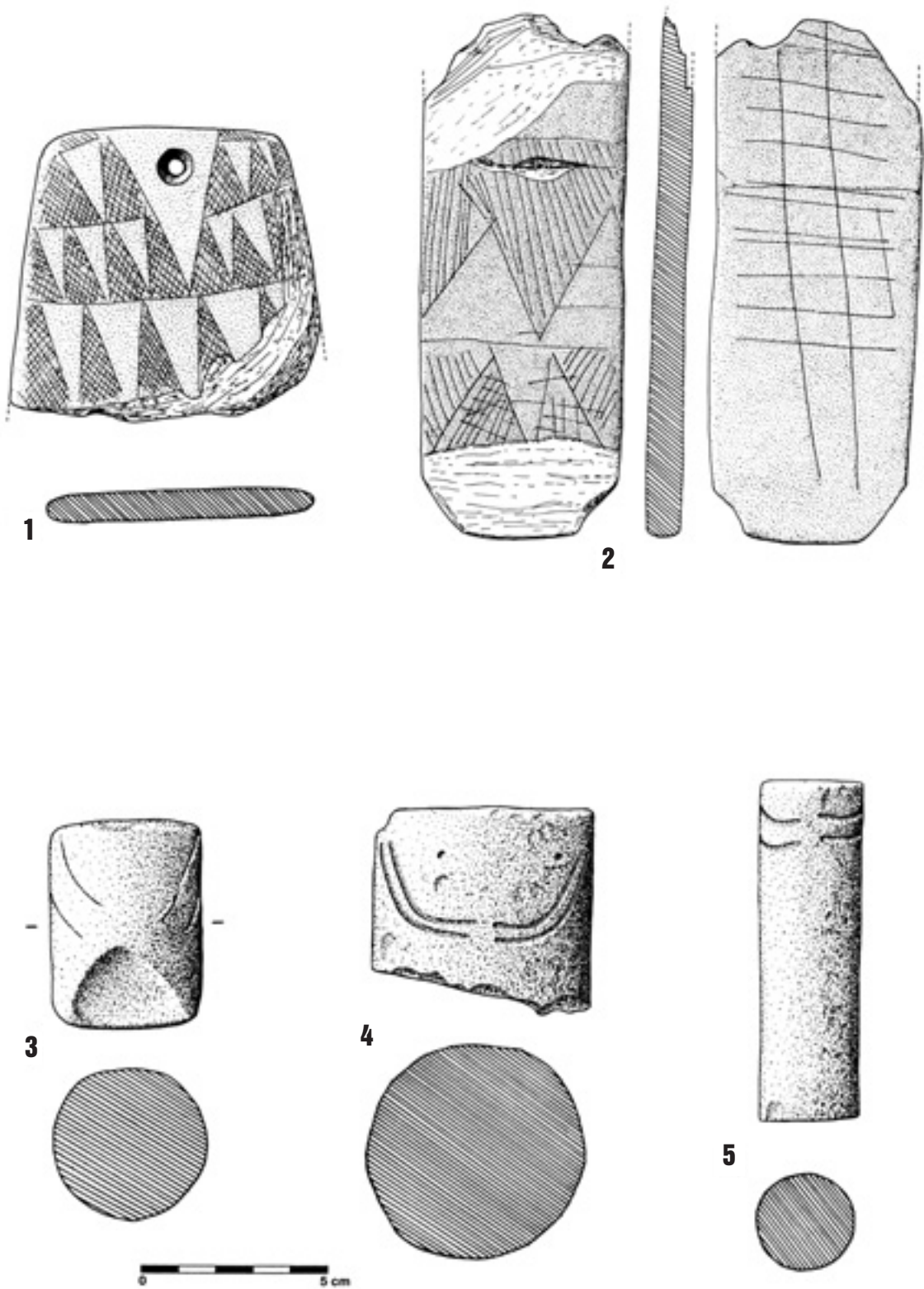


Fig. 71 – Outeiro de São Mamede: artefactos de carácter simbólico, de xisto (n.ºs 1 e 2) e calcário (n.ºs 3 a 5).

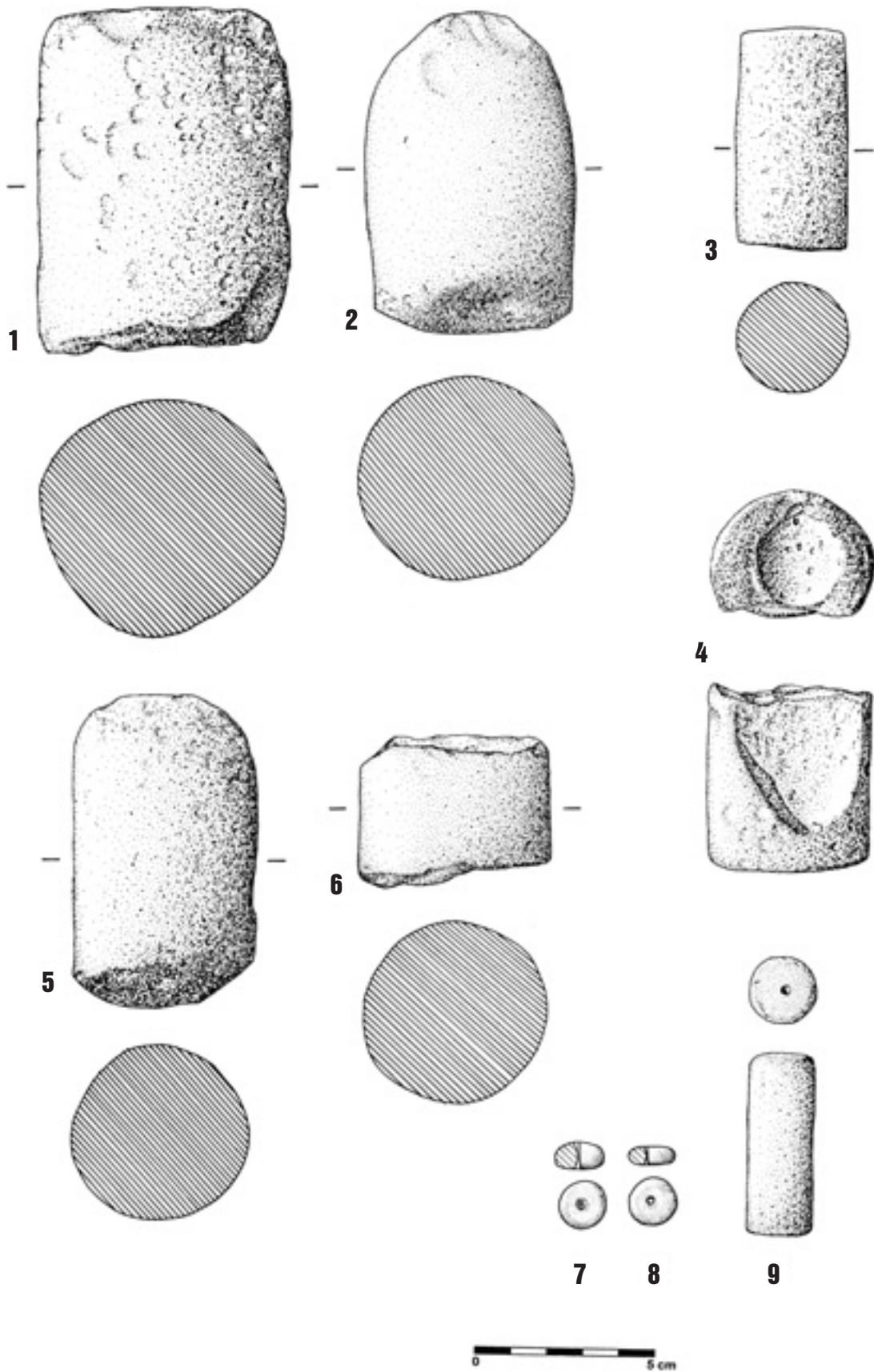


Fig. 72 - Outeiro de São Mamede: artefactos de carácter simbólico (o n.º 9 é o fósil de um caule de crimóide utilizado com escassa transformação) e de adorno (n.ºs 7 e 8).